

Ignácio de Loyola Brandão

RUTH  
CARDOSO  
fragmentos  
de uma vida

posfácio de Manuel Castells

**GZOBOLIVROS**

Ruth Cardoso

Ignácio de Loyola Brandão

Ruth Cardoso

*Fragmentos de uma vida*

posfácio:  
Manuel Castells



Copyright © 2010 texto by Ignácio de Loyola Brandão  
Copyright © 2010 fotos by Instituto Fernando Henrique Cardoso

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

*Entrevistas e pesquisas em acervos de Araraquara:* João Bosco Brandão

*Preparação:* Beatriz de Freitas Moreira

*Revisão:* Otacílio Nunes e Maria Sílvia Mourão Neto

*Capa:* Paula Astiz

*Imagem de capa:* Valéria Gonçalves/AE

*Degração:* Mariana Wolff

*Diagramação para ebook:* Xeriph

1ª edição, 2010

ISBN: 978-85-250-5106-6

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil  
adquiridos por Editora Globo s.a.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – sp

[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio

Ruth Cardoso e Araraquara

1 Lua minguante no céu de Araraquara

Retalhos da vida cotidiana I: Pinheirão

2 Vestir-se de senhora para dar aulas

Retalhos da vida cotidiana II: Seis vestidos diferentes

3 O despertar para uma nova Antropologia

4 Tudo pode, desde que haja informação

Retalhos da vida cotidiana III: Como complicar uma simples sopa de mandioquinha

5 O golpe de 1964 e o exílio

6 Ruth não viu o Maio de 68 em Paris

Retalhos da vida cotidiana IV: A teimosia e a tese de Mariquita

7 Interesse pelos movimentos sociais urbanos

[Retalhos da vida cotidiana V: Ruth, mulher de televisão](#)

[8 Prezando a autonomia dos filhos](#)

[Retalhos da vida cotidiana VI: O dia em que Ruth foi reprovada](#)

[9 Mergulhando no movimento feminino](#)

[Retalhos da vida cotidiana VII: Não dou recados a Fernando Henrique](#)

[10 Anotar tudo: gestos, objetos, a atmosfera](#)

[11 Ibiúna, memória de uma vida](#)

[12 A mulher que não queria ir para Brasília](#)

[13 Cena farfalhante de um musical](#)

[14 Isto é para o ser ou para o poder?](#)

[15 Mulher, a promotora da mudança no mundo](#)

[Retalhos da vida cotidiana VIII: A leitora](#)

[16 A volta ao cotidiano](#)

[Retalhos da vida cotidiana IX: Quero fazer só o que gosto](#)

[17 Nunca se viu tanta unanimidade](#)

[Posfácio Ruth Leite Cardoso, minha mestra, minha colega, minha amiga](#)

[Lista de depoentes](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Índice Onomástico](#)

[Caderno de Fotos](#)

*Aquilo que terás feito de tua vida,  
veremos no momento em que a perderás.*

Sêneca, *Cartas a Lucílio*, iii, 26, 6

## Prefácio

Cara Ruth Cardoso,

Em 1999, a revista *Vogue* decidiu produzir um número especial dedicado a você. Se uso o “você” é porque, no nosso primeiro encontro, fui advertido de que não deveria, nunca, chamá-la de “senhora”. Professora universitária, doutora, mulher internacionalmente respeitada, você era uma primeira-dama diferenciada de todas até então. O número foi preparado com ensaios a seu respeito, sua carreira acadêmica, seus trabalhos, escritos por pessoas que a conheceram e com quem você conviveu. Faltava o essencial, uma entrevista. Todos os contatos da Carta Editorial em Brasília davam em negativas. Você se recusava a dar uma entrevista como “primeira-dama”.

“Se querem ouvir sobre política e economia, falem com o presidente”, alegava, despachando os intermediários. Tentativas e mais tentativas, insistências, espera, muita ansiedade. Novos pedidos, aproximações, havia um muro, e você, fechada, irremovível. Depois descobri que esse “fechamento” fazia parte de seu temperamento, era sua famosa reserva. Estávamos quase desistindo quando a guarda foi aberta: “Conversemos. Mas venha você, um araraquarense, que conhece minha família, meus amigos, meus lugares. Vamos falar só de Araraquara”.

Marcou-se o encontro para certa tarde, entre 14 e 16 horas — não mais do que isso, foi ressaltado —, no apartamento da rua Maranhão. Cheguei pontualmente, afinal vivi em Berlim, você sorriu e se admirou. Mais tarde eu saberia que a pontualidade nunca foi seu forte, e talvez esta seja uma das heranças que você legou a José Serra, um de seus mais queridos e fiéis admiradores. Começamos a conversar, era uma tarde amena, a Maranhão é uma rua quieta, em torno de nós o apartamento que tinha a sua cara, afinal, cada móvel, quadro, vaso, flor, xícara, toalhinha de centro (detalhe araraquarense), bibelô — como se diz lá — foi escolhido e colocado por você no ambiente. Fui aluno de Ciências Naturais, hoje Biologia, de sua mãe Mariquita, no Instituto de Educação Bento de Abreu, o mesmo colégio em que você e seu pai estudaram. Conheci José, seu pai, nos anos 1950, na redação do jornal *O Imparcial*, onde trabalhei desde os dezesseis anos. José, caladão, era o contador da casa, o guarda-livros. Conheci seus amigos de juventude, o segundo namorado, a turma com quem você saía e dançava, os clubes, o *footing*, os cinemas. Sabia das tias beatas. A conversa se estendeu por horas, readquirimos o sotaque de nossa terra. Terezinha, a empregada, chegou com o café, você ficou frustrada, “eu queria passar o café, aprendi com minha mãe, sei fazer duas xícaras, se preciso, ou três, coisas de minha mãe”. A expressão da cidade é essa, passar o café, ou coar o café. A conversa ultrapassou, entre risos, as quatro da tarde, as cinco, as seis. Despedimo-nos às sete. Daquele dia em diante, tivemos contatos irregulares, mas carinhosos, quando nos víamos.

Quando a Editora Globo se propôs a publicar a sua biografia, foi em busca do autor para escrevê-la.

Jorge Caldeira seria um candidato natural e prioritário, ótimo autor, tinha convivido com a família Cardoso desde a adolescência. No entanto, Jorge tinha outro projeto, junto com sua irmã Teresa — quer resgatar seu trabalho acadêmico. Nomes foram sendo eliminados, até Fernando Henrique Cardoso chegar ao meu. “Ela gostava dele, o perfil que a *Vogue* publicou a emocionou e a fez sorrir, por meio dele recuperou a cidade que lhe parecia perdida.”

Fiquei com a “incumbência”. Assustou-me, porém adverti, será mais um perfil do que uma biografia. Na verdade, esta é uma crônica sobre vida. De momentos, fragmentos. Um livro com muitos claros a preencher. Quando fizemos uma lista preliminar de nomes a serem entrevistados, chegamos a quase duzentos no Brasil, no Chile, nos Estados Unidos, na França, pelo mundo. Isso levaria anos, e eu tinha prazo de revista, digamos. À medida que fui trabalhando, ouvindo pessoas, fatos se repetiam, fui eliminando nomes. Alguns perguntarão: e eu? Ainda é cedo para se ter acesso a documentos íntimos, a cartas privadas. Pessoas da família se emocionaram enormemente diante de lembranças.

Ruth, não é uma biografia extensa, em que a veremos no dia a dia. Não a segui passo a passo, nem a interpretei. Há saltos, vácuos. Uma grande colagem de como as pessoas a viram. Retrato alongado, com detalhes que a maioria desconhece. A Ruth dos bastidores, a mulher por trás da catedrática, da doutora, da primeira-dama, da feminista. Escrevi o tempo todo com uma frase de Bibia Gregori na mente: “Ruth detestaria que coisas pessoais dela viessem a público, ela era muito reservada sobre a privacidade”. Se de repente der com um segmento que parece uma crônica (calcada em fatos reais), tenha certeza, é uma crônica. Este livro é uma carta pessoal. Súbito, entro na narrativa, comento. Historiadores e biógrafos ortodoxos podem se horrorizar. Ouso dizer que é pré-biografia com lacunas, despreocupada de cronologias (há o período, não a data, dia e hora exatos), um roteiro para outras que virão, mais profundas, percucientes. Este é o retrato de uma araraquarense por um araraquarense. Deu-me imenso prazer escrever. Espero que o leitor sinta o mesmo. Iniciemos.

Ignácio de Loyola Brandão

## Ruth Cardoso e Araraquara

Certa vez, nos anos 1980, indo a Araraquara participar de uma banca de mestrado, Ruth Cardoso ficou hospedada no Hotel Eldorado, em pleno centro. Mal entrou no apartamento, correu à janela. Atônita, teve a sensação de estar em outra cidade, não a sua. Os referenciais estavam transtornados. A velha igreja matriz, com seu avermelhado que lembrava a cor de Roma, e o Teatro Municipal tinham desaparecido, assim como o Cine Paratodos, as árvores da rua São Bento, a casa dos Mendonça e a dos Sampaio. Ah, a casa dos Mendonça!

“De repente, me senti só. No lugar daquele hotel tinha existido a Gráfica Lia, que fazia os calendários que todos tínhamos na parede. Certa época, assim que deixei a cidade, os Lia passaram a fabricar meias, porém competiram com a maior fábrica de meias da América Latina, fundada por outra família da cidade, os Lupo. Olhando o largo lá embaixo, meus olhos deram com o chafariz. Não, a cidade não estava inteira desaparecida. Aquele chafariz era o mesmo, eu tinha passado por ele centenas de vezes. Na calçada oposta os negros faziam o *footing*, segregados. As árvores também estavam ali, uma das marcas da cidade. E o monumento ao primeiro batizado, realizado em 1817, igualmente existia, ainda que tivesse mudado de lugar, tinha avançado, porque a igreja nova, e muito feia, tinha ocupado um espaço enorme. Eu sabia que a rua atrás do hotel era a Dom Pedro ii, onde nasci. De minha janela eu a via, me lembro de como era arborizada, subia do córrego da Servidão em direção ao Carmo, passando pelo Jardim Público, onde brinquei na infância e na adolescência, lá íamos estudar nas vésperas de provas. À esquerda, atrás do hotel, estava a rua Cinco vista do alto, túnel de árvores, oitis, uma das áreas mais frescas da cidade, um corredor ameno naquelas tardes quentes, quando saíamos das sorveterias ou do Jardim Público. Comecei a telefonar. Já não conhecia tanta gente. Descobri, então, de uma chamada para outra, que muitos amigos ainda estavam lá, e a cidade passou a ser reencontrada. Também, desde que tinha me formado, casado e passado a trabalhar, voltara pouco, em geral eram a minha mãe e o meu pai que me visitavam em São Paulo. Naqueles telefonemas do hotel, fui redescobrimo amigos e alguns parentes. A cidade começou a me ser devolvida.”

Essa cidade Ruth Cardoso levou dentro dela a vida inteira. Disseram todos que quando presenciava uma situação na qual a boa educação e a ética eram agredidas, ou, melhor dizendo, estavam ausentes, Ruth tinha uma frase recorrente: “Isso não está de acordo com os nossos padrões araraquarenses”. Como uma leve cortina a flutuar no fundo de um aposento, Araraquara sempre reaparecia como um referencial, presença atuante, farol, memória necessária.

## Lua minguante no céu de Araraquara

*O sr. José Corrêa Leite, hábil guarda-livros aqui residente, e sua exma. consorte, d. Maria Villaça Corrêa Leite, têm o seu lar em festa com o advento de sua primogênita, Ruth. Felicitando os dignos progenitores, auguramos perenes felicidades à recém-nata.*

Notícia na página 2 do diário *O Popular*,  
Araraquara, 21 de setembro de 1930

José dobrou a certidão, colocou-a num envelope, junto com o recorte do jornal, enfiou no bolso, desceu para casa. Quinta-feira quente, dia 25 de setembro de 1930. Ele caminhou pela rua Quatro, a Padre Duarte, passou pelo Colégio Progresso e, por um momento, pensou que sua filha Ruth certamente não estudaria ali. Mariquita, uma agnóstica, não gostaria de matricular a filha num colégio católico, ainda que, em seis anos de vida, o Progresso já tivesse reputação de escola de primeira. A religião talvez não fosse o empecilho maior, a mensalidade sim seria problema, a vida era vivida no cortado.

José registrou a filha com uma semana de atraso, pois a menina tinha nascido na sexta-feira anterior, dia 19, às 6h45, quando a lua minguante ainda estava no céu de Araraquara.<sup>[1]</sup> O tempo mostrava-se ameaçador nesse dia 19, com nuvens negras e baixas. No dia seguinte, uma tempestade caiu sobre a cidade, tanto que a esperada Prova Ciclística Silvânia-Araraquara foi adiada. No dia do registro, já era a lua nova, o que, garantiam os antigos, era sinal de bom agouro, certeza de um grande futuro.

A vida toda a mãe de Ruth, que nasceu em São Roque, foi chamada de Mariquita. Filha de Antonio Ferraz Villaça e de Maria Petrina Villaça, seu pai foi um educador, professor de matemática, que adorava lecionar e estava sempre procurando novas maneiras de ensinar. Terminou a carreira como diretor de grupo escolar. Quando Mariquita tinha sete anos, a mãe morreu. Logo Antonio casou-se outra vez, com Ignez, também uma professora, que, segundo Circe Boueri, hoje com 91 anos, irmã de Mariquita deste segundo casamento, foi uma pessoa que passou a vida a incentivar as mulheres a conduzir o próprio destino, tendo uma carreira que as sustentasse, libertando-as de dependências. Antonio e Ignez moraram em várias cidades, por conta do magistério, até se fixarem em Campinas. Mariquita foi fazer o curso de farmácia em Itapetininga, morando com um tio, irmão do pai. Ali começou a namorar um primo, mas na época isso era inadmissível, contrariava a moral e a religião, havia medo e enorme preconceito. Casamento, nem pensar. A oposição foi enorme, levando à separação. Ela sonhava fazer o curso de medicina, mas nenhuma das cidades pelas quais a família de Antonio Ferraz Villaça passou possuía faculdade. Acabou fazendo farmácia.

Foi quando Mariquita conheceu José Corrêa Leite e começaram a namorar à distância. Noivado e casamento demoraram, até que finalmente ele a foi buscar, casaram-se em São Roque e fixaram-se em Araraquara. Quando Ruth nasceu, sua mãe estava com 26 anos. Circe lembra-se de que, criança ainda, os

pais a embarcavam no vagão Pullman da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e ela ia sozinha até Araraquara, onde era esperada por José e Mariquita. Uma ousadia para a época, liberalismo. Guarda a imagem de uma irmã atarefada o tempo todo, ativa, não parava, sempre bem-humorada, com uma piada na ponta da língua, uma frase mordaz, e um profundo senso do ridículo.

No livro dos santos, o 19 de setembro é dedicado a São Januário e seus mártires. São Januário é o santo da firmeza e da coragem. Ele e seus seis irmãos, filhos de santa Felicidade, foram martirizados no ano de 110, por determinação do imperador Antonino, por se recusarem a abjurar a fé católica. No dia em que Ruth Corrêa Leite nasceu, o Teatro São Bento exibia o filme *Revista colorida*, que tinha como “espetacular chamariz alguns rolos em cores”. A seguir, o filme principal, *O beijo*, com Greta Garbo e Conrad Nagel. Por outro lado, o Cine Central, que garantia “onde soa o melhor som”, em sessão das moças apresentava *O circo da morte*. O cinema marcou a adolescência e a juventude de Ruth, aliás, esteve presente a vida toda como um de seus maiores divertimentos.

Não existem lembranças da infância passada na avenida Dom Pedro ii, 51-a, no centro. Em 1930, Araraquara, a 315 quilômetros de São Paulo por rodovia (hoje são 278) ou 306 por ferrovia, era uma cidade pequena, apesar de já ter 98 anos, e contava com uma população estimada entre 30 e 32 mil habitantes, os registros são imprecisos. A agricultura sempre foi sua base econômica. Quando Ruth nasceu, havia na região quatrocentas propriedades agrícolas registradas, com fazendeiros cuidando de milhões de cafeeiros.

Pode-se imaginar a cidade circundada por um cinturão verde de cafeeiros, cujo produto alimentava as ferrovias. Pode-se imaginar, igualmente, o tamanho da catástrofe gerada com a crise de 1929, a debacle do café, que levou fortunas de roldão e provocou mudanças radicais na estrutura de uma sociedade arrogante e pernóstica, moldando o espírito de uma população encerrada em si mesma, portas fechadas, arredia aos que chegavam. O café começou a ser substituído por cana, laranja, algodão e gêneros alimentícios, ao mesmo tempo em que se implantava uma pecuária incipiente e um parque industrial que, todavia, só se desenvolveu após 1960. Cidade conservadora, fechada.

Cidade plana, a 664 metros de altitude, clima tropical, frio em junho e julho, quente, abrasante no verão, com os termômetros chegando aos 37 °C e, não raro, aos 40 °C ou 42 °C. O sol é uma presença constante, avassaladora, tanto que a tradução do nome da cidade em tupi-guarani é “morada do sol”, segundo a monografia escrita por Pio Lourenço Corrêa, fazendeiro, intelectual, banqueiro e personagem mitificado, que realizou um trabalho considerado definitivo.<sup>[2]</sup> Nos anos 1930, os dias eram pontuados pelos apitos das locomotivas dos trens que chegavam e partiam. As ferrovias eram a Estrada de Ferro Araraquara, efa, que se iniciava ali, e a linha-tronco da Companhia Paulista, cp, que vinha de São Paulo para Barretos. Uma expressão corrente da época era: “Acerte o relógio, a Paulista está chegando”. Ou partindo. Pontualíssimos os trens, orgulho dos araraquarenses. As ferrovias cortavam a cidade e claramente a dividiam.

Araraquara sempre teve uma característica muito forte, os pequenos jardins em frente às casas. Não havia residência sem jardim, eram também ponto de orgulho. Neles cultivavam-se rosas, dalias, crisandalias, cravos, palmas, violetas, margaridas, beijos-de-moça, cravos-de-defunto amarelos e brancos (lindos e fedidos), onze-horas, e também as apelidadas de marias-sem-vergonha, uma vez que “davam em qualquer parte”. Muitos chamavam Araraquara de terra das flores. Os buxinhos faziam as

divisões entre os canteiros, buxinhos que a meninada gostava de jogar no fogo para ouvir estalar.

Ser ferroviário era uma das opções de trabalho para os homens. As outras, não tantas, eram os bancos, o comércio, o funcionalismo público, profissões liberais, o professorado, algumas pequenas indústrias de transformação. Pontificava na cidade uma das maiores indústrias do estado de São Paulo, se não do país, a fábrica das meias Lupo, porém sua mão de obra era essencialmente feminina.

Araraquara recebeu um afluxo de imigrantes no final do século XIX, principalmente italianos, libaneses, portugueses e espanhóis. Eles acabaram montando a estrutura do comércio, e seus descendentes lá estão até hoje. Já existia uma rádio local, fundada por amadores em 1923, profissional depois de 1932, portanto anterior à Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Havia um teatro, o Municipal, em estilo mourisco, construído por um grupo de empresários locais em 1914, mais um item de orgulho de todos, dizia-se o mais belo do estado, depois do Municipal de São Paulo. O que havia de culturalmente importante acontecia no Municipal, os concertos, as palestras e declamações, as companhias teatrais itinerantes. Nele cantou Enrico Caruso. Intensamente arborizada, Araraquara era chamada a “cidade mais limpa da América”.

Ruth era pequena quando sua família se mudou para a avenida Osório, de apenas duas quadras, na lateral do largo da Santa Cruz, com a igreja, o convento dos padres redentoristas, o salão paroquial, onde se realizavam festas e apresentações teatrais, a padaria Madalena, a casa modernista do médico Aufiero Sobrinho, a fábrica de tachos e panelas de cobre do Lombardi. No largo eram realizadas quermesses, com barracas, prendas, sorteios, e também feiras livres semanais.

“Nossa casa era comprida, o quintal extenso ia até o outro lado da quadra, nele se criavam galinhas”, lembrava-se Ruth no início de 1995. “Nessa época havia dois tios que moravam conosco, um era o Celso Villaça, irmão de mamãe, que se casou e se foi. O outro era tio Totó, Antonio Corrêa Leite, que mais tarde se mudou para Jaboticabal. Numa das pontas da rua existia a casa do Edgar Sampaio, a mais maravilhosa do mundo. A filha dele, Maria Cândida, era muito amiga. Casa escura, chique, com uma sala de jantar maravilhosa.”<sup>[3]</sup> A mãe e as amigas achavam curioso como as casas despertavam a atenção de Ruth, que observava tudo com acuidade, nenhum detalhe escapava, queria ver os quadros, os bibelôs, os *biscuits*, os cristais nas cristaleiras, os aparelhos de jantar, as licoreiras, as cortinas e os adornos, as toalhinhas de crochê dos filtros, as mesas de centro e as bandejas de café.

Na Osório, vivia a Vó Vizinha. Figura que marcou a infância. “Era uma velha que morava num barraquinho escuro, no fundo de um quintal enorme. Ela estava sempre lá e era extremamente simpática comigo. Tão solitária, não tinha companhia. Certos dias, eu era a sua ligação com o mundo. Não, não me contava histórias, conversávamos por horas, eu perguntava muito, era perguntadeira. A Vó Vizinha, com suas roupas pretas, saia comprida, é a memória mais antiga que tenho de uma pessoa que me marcou, permaneceu em mim. Eu a via passando e engomando ternos de linho branco 120, moda para os elegantes da época, arte que exigia cuidados imensos, desde a feitura da goma. E também ‘entiotando’<sup>[4]</sup> rendas, com precisão e paciência e uns poucos instrumentos, um deles uma tesoura curiosa que ela esquentava em um fogareirinho. Deslumbrada, porque o fazer sempre me interessou muito, podia ficar horas observando a Vó, tão precisa, cuidadosa, pessoa de uma humildade a toda prova, nunca reclamou da vida, apenas trabalhava. Não sei se ainda há pessoas ‘entiotando’ rendas, coisa tão araraquarense para mim, era um

franzido que se fazia, como se fossem cachinhos de boneca, uma arte.”

Vó Vizinha morava em uma casa de quatro cômodos pequenos e despojados, nos fundos de um corredor. O nome dessa Vó era Primina Bianchini Simone, imigrante nascida em Ferrara, Itália, em 1885, e falecida em Araraquara aos 84 anos, em 1969. Seu marido morreu cedo, seus filhos estavam com quatro e três anos. Passou a sobreviver como lavadeira e passadeira. Primina morou primeiro na avenida Barroso, paralela à Osório, onde era visitada por Ruth, muito criança. Naqueles anos a cidade não tinha movimento, carroças e charretes eram mais “perigosas” do que automóveis.

A menina passava horas xeretando as comidas que Vó Vizinha fazia para Hilda Peres, que mantinha uma padaria na esquina da avenida Barroso. *Cappelletti*, *tortelli* com recheio de moranga, *crostoli* (bolinhos de farinha de trigo, fritos e encharcados no mel), *canaricoli* (o mesmo processo, mas na massa entra vinho tinto) e *ciccirata* (bolinhos fritos e lambuzados de mel), iguarias típicas peninsulares cujas receitas regionais os italianos trocavam entre si. Coisas artesanais que exigiam perícia e delicadeza. “O que me encantava”, disse Ruth em 1995, “eram os suspiros, pequenos e delicados, de difícil feitura. Eram colocados em forno aberto e fogo baixo por horas, constantemente observados. Exigiam um *timing* perfeito, rigoroso, para saírem secos e crocantes por fora, úmidos por dentro.” A filha de Hilda, Inayá, sempre foi das melhores amigas de Ruth. Apesar da lembrança de Ruth quanto à solidão de Vó Vizinha, ela tinha amigas chegadas, como a napolitana Giovaninna Lombardi, também imigrante, Carmelita de Castro, de apelido Tuta, e Elisa Madalena, companheira de cinema aos sábados. Elisa era igualmente passadeira e engomadeira, mas as famílias que tinham roupas finas preferiam o zelo de Primina.

Quem também fazia encomendas de quitutes a Vó Vizinha era a padaria Madalena. Ali Ruth comprava sonhos “celestiais” — ela contou, vinha gente de longe para buscá-los — e mandava colocar na conta, paga ao fim de cada mês por José Corrêa Leite. Parte das contas de José era quitada com seu trabalho como guarda-livros. Por um tempo, José e seu sócio, Mauro Dantas, um parente, mantiveram um escritório na avenida Feijó. Circe, tia de Ruth, tem uma lembrança vaga de uma mesa no mercado central, na qual José atendia donos de bancas de frutas, verduras, peixes, que o chamavam para colocar em ordem a contabilidade. As padarias Madalena e Peres, o Conservatório Dramático e Musical, o jornal *O Imparcial*, diário fundado em 1931, eram alguns dos clientes maiores. José se dedicava ainda a perícias contábeis em processos da Justiça, seus pareceres eram competentes, tanto que advogados de nomeada, como José Benevenuto Fortes, o indicavam, ele era de confiança. Até poucos anos atrás, Inayá e Inah, filhas de Hilda, mantiveram os livros-caixa e as “cadernetas dos fregueses”, onde cada pessoa tinha seu nome em uma página com os gastos. As anotações de José eram feitas com letra primorosa.

Cabia a ele controlar tudo e somar as contas de cada um no fim do mês. Quando Ruthinha, como era chamada, o acompanhava no fechamento, ganhava um agrado, era a regra do comércio regido pelas cadernetas. Figura conhecida, José, que todos tratavam por Zé Corrêa, homem introvertido, que falava pouco e adorava degustar uma cachacinha da boa (hábito que manteve até o final da vida), caminhava de um cliente para outro — cidade pequena, tudo era perto — com passos comedidos, e era célebre pela elegância com que ostentava seus ternos de linho, lavados e passados por Vó Vizinha.

José, com sapatos de cromo e um nó perfeito na gravata, estava sempre “na estica”, isto é, impecável. Eram ternos simples, bem passados, o homem vivia “no prumo”. Ele teve infância e adolescência difíceis, morou algum tempo em uma fazenda, e depois que os pais, Luiz e Maria Augusta,

morreram, foi viver com os avós Antonio de Pádua Ferreira da Silva e Maria Salomé no casarão da esquina da rua Seis com a avenida São Paulo. Quando Maria Salomé adoeceu, Mariquita passava todos os dias pela casa dela, levando remédios trazidos da Faculdade de Farmácia, ou comprados e aviados por Herculano de Oliveira, da então Farmácia Raia.

Uma irmã de Maria Augusta, portanto tia de José, ou tia-avó de Ruth, de apelido Binoca — chamava-se mesmo Noêmia Zerbina, mas ela odiava esse nome —, casou-se com José Tescari, italiano que chegou ao Brasil com doze anos e com vinte foi viver em Araraquara, onde deu aulas, fundou o Conservatório Musical, organizou um quarteto de cordas, compôs operetas, prelúdios, sonatas, e dedicou-se com paixão à música sacra. Ficaram célebres na cidade as brincadeiras dançantes organizadas por Binoca nos aniversários do marido.

“Além desses bailinhos familiares, deliciosos, que sempre frequentávamos, outra memória límpida, viva, da infância era o casarão amarelo da rua Seis, ali morava vovô Jorge. Era uma casa muito grande, por anos nela viveram minhas tias Jacy e Adalgiza, solteironas altas, compridas, catolicíssimas, de missa e reza diárias na igreja matriz, algumas quadras abaixo. Vivi uma situação curiosíssima, uma vez que conheci duas bisavós e nenhuma avó. Eu chamava todas as tias de avó, a Salomé, a Binoca, era um povo muito ligado. Uma avó é coisa que me fez falta, afinal as bisavós eram bem velhinhas. Por isso, ser avó mexe comigo. Acho uma delícia ser avó...”

Outra avó entra em cena: “A Vó Elisena, que não era minha avó verdadeira, uma vez que era a segunda mulher do meu avô Jorge. Depois que ele morreu, ela acabou muito pobre e foi morar com um parente, o Chiquinho Vaz. Íamos visitá-la, eu adorava entrar e brincar naquela casa, na esquina da rua Quatro, em frente ao Colégio Progresso. Nas portas e janelas havia vidros bisotê importados, com desenhos delicados, e as maçanetas das portas e os lustres eram de cristal da Boêmia. Cada detalhe da casa mostrava uma época de grandeza e sofisticação por que passara. Chiquinho morava em Santos, mas estava sempre na cidade, fui muito amiga do filho dele, o Carlos Armando, um jovem alto e bem-apegoado. Pegada à casa do Chiquinho existia outra, imensa, com um grande quintal cheio de árvores. A casa das Laras. Elas me ensinaram declamação, talento que meninas bem-educadas deviam ostentar. As Laras eram três solteironas que viviam com a mãe, viúva, uma velha que usava uma peruquinha muito engraçada. Não tenho bem ideia, mas parece-me que ela tinha vindo de algum lugar da Europa Central. Uma das filhas, a Leonor, dava aulas de piano, quase todos os dias eu estava ali, tinha uma salinha de casa antiga, sofá e poltroninhas de madeira, almofadas, coluna para vaso de flores, toalhinhas de crochê. Leonor era famosa por bater forte com um lápis nas mãos das meninas, quando elas erravam ou se distraíam. Meus pais também compraram uma pianola de segunda mão, daquelas que tocam sozinhas. Era uma sensação, mas nunca funcionou direito. Aquele contraste entre a riqueza de Chiquinho Vaz, com sua casa, das mais belas da cidade, somente me veio claro muitos anos depois, as diferenças do mundo, os abismos existentes dentro da sociedade. Claro, não realizava em termos racionais, criança não tem dessas coisas”.

Ruth aprendeu piano no Conservatório Musical e muitas vezes ia para as aulas acompanhada por Inayá. Desses dias se ilumina a figura de uma pianista de nome Taís Bittencourt, prima de Inayá, mulher

exigente, que vinha a Araraquara uma vez por mês para fazer a inspeção dos cursos no Conservatório. Era uma mulher imponente, respeitada, algumas alunas tinham medo de sua inspeção. Quando ela ficava alguns dias, Hilda Peres oferecia a Taís um jantar ao qual Mariquita e José Corrêa Leite eram convidados. Comidas caprichadas, as meninas comiam apressadas e corriam para a rua, brincar com as bonecas e seus carrinhos, ou de roda, ou pular amarelinha. Brincadeira comum era procurar nas calçadas de pedra rosa o que as professoras diziam ser as marcas dos dinossauros que tinham habitado a região há mais de 100 milhões de anos. Coisa espantosa, os animais imensos provocavam pavor. Mariquita costumava falar deles para as crianças. Nem sempre se permitiam os brinquedos noturnos. Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, quando a população enfrentava até racionamento de carne, pão e leite, muitas vezes vinha o blecaute, uma coisa misteriosa. Todas as luzes da cidade eram apagadas por razões que as crianças não chegavam a entender. Os velhos murmuravam: é para que os inimigos não bombardeiem a cidade. “Quem eram os inimigos? Por que a nossa cidade?”. Ruth sempre insistia nos porquês.

“Nunca me esqueço dos jantares de Hilda, numa sala enorme”, confessou Ruth. Inayá faz o ajuste: “Questão de perspectiva. Nossa casa nem era tão grande, nós é que éramos crianças. Na verdade, a casa de Ruth é que era pequena, cômodos apertados. A geladeira de Mariquita não passava de um móvel com uma barra de gelo, que um homem entregava todos os dias. Na verdade, havia poucas geladeiras na cidade, eram caras e importadas, indicavam sinal de riqueza. A vida não era fácil”.

Mariquita, José e Ruth eram os primeiros convidados para qualquer festa na casa de Hilda Peres, e havia muitas, nas quais faziam sucesso os quitutes trazidos de Jaboticabal por tio Totó. Aquela cidade era famosa pelas doceiras, mestras em docinhos caseiros de abóbora, laranja, mamão, batata-doce, banana, de leite em pedaços, pés de moleque, baba de moça, beijinhos e cajuzinhos, olhos de sogra, que encantavam Ruth pela forma, sabor, ela queria receitas, saber como eram feitos, como conseguir o ponto, tudo. Era comum os amigos de Mariquita insistirem e Ruth ser colocada em cima de uma mesa de centro para declamar. Outras vezes, ela se sentava ao piano e tocava “Clair de lune”.

Maria da Penha Carvalho, Villalobos depois de casada, sobrinha de Plínio de Carvalho, acompanhada, às vezes, por sua irmã Maria Ernestina, costumava ir brincar no Jardim Público, ou Jardim da Independência, quase todas as manhãs. Ali encontrava Ruth e Mariquita. “Minha irmã e Ruth eram mais de bonequinhas, roupinhas e carrinhos de bebê, enquanto eu era da bola queimada, ou pega-pega. Aproximamo-nos mais tarde como amigas.”

Mariquita, na hora de matricular a filha numa escola, decidiu sem hesitação pela escola pública. Apesar de rodeada de todos os lados por parentes carolas e igrejeiros, ela pessoalmente não suportava a ideia de ter a filha numa instituição católica, daí o Colégio Progresso estar fora de questão. Mariquita não tinha afinidades nem com a Igreja nem com a diretoria do Progresso. Ruth: “Minha mãe era a favor da escola pública, escolhia bem onde e com quem eu ia estudar”.

A menina foi matriculada no Grupo Escolar Antonio J. Carvalho, no largo da Câmara. Pesquisas na escola mostram boletins somente a partir do segundo ano do Primário. Nenhum registro sobre Ruth no primeiro ano. Muitos deram indicações — enquanto outros negaram — de que Ruth teria feito o primeiro ano no Coleginho, como era conhecido o Curso Particular Jardim da Infância São José, inaugurado em

1932 por freiras franciscanas.<sup>[5]</sup> A questão fica no ar, porque o Coleginho tinha por objetivo inicial ser um noviciado ou casa de formação para freiras, depois abriu-se para educação e formação de crianças e jovens. Mariquita concordaria com isso? Outra hipótese em relação ao primeiro ano é que Ruth teria sido preparada pela própria mãe, que, em seguida, a matriculou já no segundo ano, no início de 1939, quando Ruth estava com oito anos e seis meses. O período escolar iniciava-se aos sete anos. Ou aos seis, quando a família encaminhava os filhos para o Jardim da Infância.

O Grupo Antonio J. Carvalho (atualmente Escola Estadual) era central, de fácil acesso, uma bela praça que ocupava duas quadras inteiras, intensamente arborizada com ipês amarelos e roxos, e ali realizavam-se comícios políticos, manifestações populares e semanalmente uma feira livre. A casa amarela do avô Jorge ficava numa das esquinas, em frente à saída do grupo. Apesar de homenageado com o nome de uma das escolas tradicionais da cidade, o nome de Antonio J. Carvalho foi polêmico e remete a um dos episódios mais trágicos da história de Araraquara, fato evitado por décadas: o linchamento dos Brito em 1897. Por questões políticas, Antonio J. Carvalho, um dos líderes do clã que dominava a cidade, foi assassinado por Rosendo de Brito, jovem nordestino. Preso junto com seu tio Manoel, os Brito foram linchados a pauladas e facadas dentro da cadeia, seus corpos retirados e deixados no largo da Matriz. Conta-se que, de manhã, quando o pároco Antonio Cesarino abriu as portas da igreja e deu com os corpos, teria amaldiçoado a cidade, que permaneceu estagnada por décadas. Mitos araraquarenses.

Matriculada no dia 1o de março de 1939, Ruth recebeu o número 27 em uma classe de 35 alunos. Nos exames finais, ela foi aprovada com a média 90. Terminado o terceiro ano da Classe a, feminino forte (eram as melhores alunas), Ruth, número 37, conseguiu ser aprovada com média 95. No quarto e último ano, ela foi aprovada com média 100, ou seja, nota 100 em todas as matérias. Única da classe a ter 100. Ainda, Ruth nunca se preocupou com a questão das notas e esse sempre foi um dos princípios que ela passou em classe. Aprender e saber, conhecer e entender são uma coisa. Notas altas e baixas, outra. O diretor do grupo era Florestano Libuti, educador da melhor estirpe na história da cidade. Ruth confessou: “Tive duas professoras fantásticas. Uma, a Eunice, mãe da Valnice Galvão, e a outra, a Iolanda Ópice”.

Não há uma data exata de quando os Corrêa Leite se mudaram para a rua São Bento, número 1.001, casa alugada de Ada Zerbini de Carvalho. A casa ficava a uma quadra do Ginásio e do Cine São Bento, e a duzentos metros da Esplanada das Rosas, onde a juventude se reunia após o cinema para o *footing*. Em meados dos anos 1940 a família já estava ali. Quatro janelas na parede da frente, um portãozinho que se abria para um corredor lateral comprido, janelas dando para ele. A primeira porta dava para a sala que José Corrêa Leite tinha transformado em escritório, a porta sempre trancada. A porta seguinte dava para a copa e a sala principal (onde havia um piano), que se comunicava com os três quartos. Vinham depois a cozinha e o quintal com árvores. Mariquita montou no quintal, numa edícula, a sala onde preparava alunos para o Exame de Admissão ao Ginásio. Uma sala com carteiras em fila e uma lousa. As aulas eram em geral reforço de português e matemática. Havia uma classe no período da manhã e outra à tarde. Não mais que quatro ou cinco alunos, em certas épocas um pouco mais. As aulas começavam às oito horas e iam até o meio-dia, com um intervalo. Vez ou outra Ruth servia um cafezinho. Mariquita se desdobrava. Era assistente do professor de química, Joaquim Pinto Machado, o Machadinho, no Ginásio

Estadual, onde também substituía o professor de ciências naturais — atualmente biologia. Lecionava botânica na Faculdade

de Farmácia e Odontologia, hoje Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp. A renda era complementada com o nome dado como farmacêutica responsável a duas farmácias. Em 1956, foi contratada para dar aulas de biologia pelo Colégio São Bento, uma nova instituição de ensino particular na cidade (desde 1997, Centro Universitário de Araraquara — Uniara), cujo diretor hoje, Luiz Felipe Cabral Mauro, filho do fundador, Walter Medeiros Mauro, lembra-se bem do “riso expansivo e do repertório de piadas que ela gostava de contar e de ouvir. Sua gargalhada contaminava. Sem esquecer, claro, que suas aulas eram extraordinárias, muito bem preparadas e concorridas”.

Dona de uma didática clara, precisa e rigorosa, Mariquita explicava bem, tinha cultura geral ampla, era exigente, passava muitas lições para fazer em casa e, quando via que o aluno não ia bem, não se aplicava, chamava os pais para uma conversinha. Extrovertida, bem-humorada, não poupava ironias. Na época dos exames de seus alunos, ela comparecia ao Ginásio para acompanhá-los, tinha uma dedicação total. Mariquita dizia coisas que outros professores não diziam, comentava a vida com naturalidade e certo avanço liberal, trazia à baila assuntos tabus, lembram ex-alunos. Essa maneira de ensinar e agir se refletiu mais tarde nas aulas de Ruth e nas relações com suas orientandas em trabalhos universitários.

No Boletim Geral de Exames de Admissão para o ano de 1942, do Ginásio Estadual, o nome de Ruth Cardoso figurou em primeiro lugar, com a média geral 87. No curso primário, ou “grupo”, como o povo dizia, estudava-se aritmética. Ao entrar para o ginásio, ou secundário, a matéria passava a ser a matemática. O Ginásio Estadual existia há décadas. O *Álbum da cidade* de 1915 dedica duas páginas a ele, então denominado Araraquara College, só que o povo preferia chamar de “a escola americana”. Mudou para Colégio Mackenzie, filial do estabelecimento paulistano, tornou-se Ginásio Municipal em 1933 e Ginásio do Estado em 1934.<sup>[6]</sup> Ruth admitiu: “Achava fantástico esse nome, Araraquara College. Meu pai tinha estudado lá, ele jogava futebol e ganhou uma bolsa, não sei se de graça, talvez com grandes descontos. Papai sempre teve a letra muito bonita, aprendeu lá, nas aulas de caligrafia”.

Ela tinha entre treze e catorze anos quando se apaixonou por Joaquim Adolfo Mendonça, moço bem-apegoado. Tido como bom partido, era filho de Adolfo Amaral Mendonça, um fazendeiro de família tradicional que fundou duas cidades nas margens do rio Tietê, a caminho de Lins: Adolfo e Mendonça. Adolfo possuía inúmeras fazendas entre Taquaritinga e Araraquara. A família Mendonça tinha as mais belas casas na cidade. Moravam todos perto. A casa de Casemiro Mendonça, tio de Joaquim Adolfo, na avenida São Paulo, próxima à rua Seis, vizinha à casa amarela de Vô Jorge, era luxuosa, nela foram empregados mármore de Carrara. Ali, depois, funcionou por anos o Hospital São Paulo. Hoje é um prédio de apartamentos.

Joaquim Adolfo encontrava-se com Ruth no Clube Araraquarense ou a esperava na varanda repleta de colunas da casa de seu tio José, construída em 1891. A casa, que ia de um quarteirão ao outro, ostentava um jardim repleto de palmeiras, de frente para a praça da Matriz e para o chafariz. Ruth passava em direção ao Conservatório ou rumo à igreja, para a missa de domingo. Tudo era muito discreto, à distância. Olhares sorrateiros, risos nervosos, acenos de mão. Os namoros eram estritamente

vigiados, controlados, ainda que Mariquita visse com bons olhos a relação, afinal o jovem Mendonça estava entre os melhores partidos de Araraquara. “Ruthinha era imensamente bela, um deslumbre, acho até que foi *Glamour Girl* do clube, não havia como não se apaixonar por ela, que, aliás, tinha muitos pretendentes. Depois que se mudou para São Paulo, retomamos o namoro por um curto tempo”, confessa hoje, aos 83 anos, Joaquim Adolfo.

Também Ruth, quando ia para a missa da igreja matriz, os dois namorados se olhavam. Ela vinha acompanhada pelos pais, porque, apesar de serem vizinhos à igreja de Santa Cruz, os Corrêa Leite frequentavam — quando frequentavam — a igreja matriz, que, na verdade, era um ponto social, momento em que as pessoas se viam, trocavam notícias, combinavam inclusive o almoço de domingo. Joaquim Adolfo somente seguia para a igreja depois que Ruth passava e fazia tudo para ficar num banco de onde pudesse vê-la. “Os Corrêa Leite nunca foram igrejeiros, iam porque era o encontro, a comunicação. Hoje, diríamos, era o programa”, explica Margarida Troncon Busatto, afilhada de Mariquita. Quanto a Ruth, ela admitiu: “Na verdade, meu pai era mais católico do que minha mãe. Uma das tias por parte dele, a Maria do Carmo Corrêa de Almeida, era freira. Aliás, a tiarada era muito católica. Em casa a religião era importante, existia, no entanto não tomava todo o cotidiano. Nada de pertencer a associações, como a das Filhas de Maria, do Coração de Jesus ou de São José”.

Não se sabe por que terminou o namoro com Joaquim Adolfo, a verdade é que entrou em cena outro bonitão da cidade, Renato Corrêa Rocha. Coisa para provocar comentários, porque reunia dois dos mais belos jovens da cidade. Ela, muito bonita, com suas trancinhas, vestida sempre impecavelmente. Mariquita não se descuidava de nenhum detalhe; cada vez que a filha saía, a mãe passava em revista dos sapatos aos cabelos. Ruth era disputada platonicamente pela rapaziada bem situada de Araraquara. Ainda que alguns, talvez por despeito, a considerassem um tanto pedantinha, vários eram os apaixonados que “carregavam vagões” por ela, tentavam flertar com Ruth no colégio, no cinema, no Clube Araraquarense, na piscina do Tênis. Aliás, falar em Tênis e em Araraquarense era falar a mesma coisa, tratava-se do mesmo clube, só que um era a sede social e o outro, a de campo, que, aliás, ficava dentro da zona urbana, verdade que no limite; além do Tênis, eram os campos de Araraquara, uma das primeiras designações da cidade.

Renato vinha de uma família conhecida e respeitada, dona de uma grande fazenda, a Santa Isabel, que resistiu até poucos anos atrás. Intelectualizado, irmão de Gilda de Mello e Souza, que se casou com Antonio Candido. Politizado, fundou uma facção do Partido Socialista em Araraquara aos dezesseis anos. Atualmente, aos 84 anos, Renato conta: “Ruth e Adolfo chegaram a namorar. Namoro de adolescente. Ele foi um rival em certo período da minha juventude. Ruth e eu, foi um momento muito bonito, uma linda interação. Aquela grande paixão quando se é jovem e a vida está à sua frente. Penso que ela via em mim uma pessoa diferente dos meninos da minha idade. Eu era quatro anos mais velho, inquieto, convivendo com pessoas como minha irmã Gilda, mulher à frente de seu tempo. Houve uma relação um tanto tumultuada por causa do rigor de dona Mariquita, mas foi uma coisa profunda, durou dois anos. Ruth ia aos bailes, mas eu não podia dançar com ela, mal a tirava, vinha a Mariquita e a levava para casa. Mas todos os meus amigos foram parceiros de dança especiais para ela”. Ruth lembrava-se com afeto de Renato, das poesias que liam juntos.

Numa tarde, assim que uma súbita chuva de inverno parou, Maria da Penha Carvalho, que já tinha se mudado para São Paulo, mas passava as férias em Araraquara, desceu para o centro e encontrou-se com Renato Corrêa Rocha.

— Venha comigo, vou encontrar-me com a Ruth, quero te apresentar a ela.

— Já a conheço. Da infância.

— Então venha, vou reapresentar.

— Mas depois não comente isso na casa dela; Mariquita quer me ver do outro lado do mundo.

Domingo de manhã, missa das dez horas na igreja matriz e em seguida o *footing* na Esplanada das Rosas, onde aconteciam os flertes, e então sabia-se quem estava dando bola para quem. Por pouco tempo, pois a brincadeira dançante do Clube 22 de Agosto, da classe média, esperava. O 22 rivalizava em animação com o Araraquarense. Ruth, Inayá Bittencourt da Silva, Maria da Gloria Jordão, as irmãs Galvão, Maria Lúcia, Vera e Ângela, seguiam para o Araraquarense, sentavam-se nas cadeiras da varanda e, ao sentar-se, cruzavam as pernas. Então aparecia a fenda na renda da anágua de Ruth e todo mundo admirava, e ela ria. Ruth nem sempre ia ao clube. Muitas vezes tinha de estar em casa, para fazer a sobremesa. Mariquita, cozinheira de mão-cheia, ensinava à filha os segredos da culinária. Quando se investiga a vida de Ruth Cardoso em Araraquara, sente-se flutuar a figura da mãe como mentora, orientadora, conselheira. Margarida Troncon Busatto confirma: “Ela iluminava o lugar”.

Quanto a Ruth, lembranças dessa época variavam: “Na minha casa se tomava muito café, meu pai tinha mania. Éramos obrigadas a fazer café bom, ele não tomava requentado, era inaceitável. Minha mãe me treinou tanto que, se tiver três pessoas, vou à cozinha e faço a quantidade exata para três. Mariquita me ensinou e ensinou às empregadas. Tivemos uma que ficou conosco por mais de trinta anos, a Delfa. Vivia nos candomblés. No Carnaval, sumia. Assim, aprendi a cozinhar com minha mãe e com a Delfa. Exigência do meu pai, homem metódico, que ensinava postura, educação e caráter como qualidades essenciais. Ele tinha hora para cada coisa e gostava de seguir as rotinas. Dizia que a pessoa tem de saber fazer tudo, saber se cuidar, ser autônoma. Só pode mandar quem sabe fazer, afirmava. Desde pequena tenho essa consciência do trabalhar, do ser economicamente independente. Filha única, fui criada assim”.

Com o preparo reforçado pela mãe, Ruth enfrentou o Ginásio e suas catorze matérias: história geral e do Brasil, geografia geral e do Brasil, matemática, ciências naturais, desenho, português, inglês, francês e latim, além de economia doméstica, canto orfeônico e trabalhos manuais. Educação física era obrigatória. O último ano do Ginásio foi 1945, tendo sido Ruth aprovada com a média 8,9. “O Ginásio foi fundamental, aprendi muito. Sei matemática por causa das aulas do professor Djalma Epinghaus, sei história por méritos do Luis Perestrello Carvalhosa. Ele era engraçado, tinha preguiça de dar aula, gostava de ler. Entrava e dizia: ‘Prova!’. E ficava lendo jornal. Quando dava aulas mesmo, não entendíamos nada. Ainda tenho um livro didático com anotações nas margens. No capítulo ‘Capitanias Hereditárias’, está escrita a frase: ‘As capitanias eram, na verdade, a expressão de um capitalismo expansionista’. Eu não tinha ideia do que significava, ele falava o que dava na cabeça, a criançada não estava acompanhando, nem interessada. Era fascinante, ele impulsionava o pensar. Só que, no dia da prova, a pergunta era: ‘Quem foi o donatário da capitania tal?’. Quer saber? Onde mais aprendi foi no

Ginásio do Estado.”

O uniforme do Ginásio era uma saia azul-marinho pregueada e uma blusa branca com bolso, no qual estava bordado o monograma *ge* em azul. O dos homens era calça azul e blusa branca, com o mesmo monograma. As classes eram mistas e os primeiros anos ficavam no andar de baixo. Todos deviam entrar e sair organizadamente em filas, sob o olhar severo da inspetora Lucíola Moema.

Na adolescência e juventude havia um grupo apelidado “Turma da Banheira”, devido a um carro enorme, uma verdadeira banheira, como se dizia, um *Upmobile*, largo na traseira e com estribos, que levava todo mundo empoleirado, provocava sensação no curso carnavalesco. Anos mais tarde, o próprio Fernando Henrique andou nele várias vezes, a turma ia buscá-lo na estação, lembra José Edgar Machado, conhecido pelos íntimos como Zé Baiano. A banheira pertencia ao “seu” Cândido, pai de Renato Corrêa Rocha. Entre outros, no grupo, havia Brasilino Stefano, Isidoro Celiberto, Luís Pennelli, Arnaldo Palamone, Mário Granato, Roberto Carvalho Franco, Renato Ópice, Celso Oelmayer, José Acetoza, Paulo Amarante. Eventualmente, participavam Mário Barra, Ernesto Lia e Nelson Gullo. Granato foi outro namorado na época. Todos asseguram que ele sempre teve o mais completo álbum de fotos de Ruth Corrêa Leite. A mim, confessou: “Sou um cavalheiro à antiga. À medida que minhas ex-namoradas foram se casando, por lealdade à amizade, destruí fotos, cartas e bilhetes”.

“Angelical” — é como José Edgar define a Ruth daqueles dias. Para os amigos, Ruthinha. Antonio Candido a chamou assim a vida toda. Conversei com alguns que conviveram com ela. Gente que, desde que o marido foi eleito presidente da República, foi rever velhos álbuns de fotografias, remexer guardados de fundos de gavetas e armários. Imagens desconstruídas foram fixadas em tempos diferentes. Maria Ernestina, descendente dos Carvalhos, família que por anos pilotou a política local, quando ia para Araraquara, em lugar de se hospedar na mansão dos parentes, preferia ficar na casa de Mariquita, mais solta, descontraída, sempre com boas comidas.

Cinema era programa desde a infância, com as matinês, ou vesperais, em que havia sempre um filme seriado, do *Zorro*, ou *Flash Gordon*, de *Tarzan* ou *Fu-Manchu*, *Tocha Humana* ou *O Príncipe Submarino*. Na adolescência e juventude, principalmente às terças-feiras, havia a Sessão das Moças. Mulheres pagavam menos para ver filmes românticos, comédias ou musicais. Ruth não perdia um musical da Metro, fazia o possível e o impossível para ir. Os homens alegavam que frequentavam a sessão para flertar com as moças, uma vez que aqueles filmes leves e xaroposos eram desprezíveis, divertimento de mulher. Vinha em seguida o *footing* na rua Três, com os homens parados na rua, continuando o flerte, fazendo sinais ou piscando os olhos para as mulheres, que andavam de braços dados. Não se olhava diretamente para os homens, fingia-se indiferença, para não parecer oferecida, o pior que podia haver. Era necessário se fazer de difícil, quase inacessível. Não se saía todas as noites. Terça-feira, sim, era o cinema. Às vezes, quinta-feira. Depois, sábado e domingo, sempre com alguma companhia.

Em casa havia o rádio, as novelas, os programas humorísticos e de auditório da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, imbatíveis em audiência, com as cantoras mais populares do Brasil. Saiu de Araraquara um dos maiores autores de radionovela dos anos 1940 e 1950, Amaral Gurgel, apelidado Duque. Gurgel, ex-ferroviário, foi ainda autor de uma peça teatral que explorava bem a questão da crise do café, *Terra bendita*. Ele era filho de Sebastiana, uma das mais célebres “boleiras” da cidade — não havia festa,

casamento ou comemoração sem os bolos de Sebastiana. Na Rádio Cultura de Araraquara, prd-4, também havia novelas com boa audiência. Radioatores encenaram no Municipal uma peça teatral, *Jangadeiros*, que foi comentada por meses, uma vez que, em ritmo de superprodução, caminhões de areia transformaram o palco numa praia.

De tempos em tempos, o Teatro Municipal lotava para a apresentação dos jovens irmãos Heitor e Altéa Alimonda, pianista e violinista nascidos na terra e que fizeram carreira nacional. Também se comentou muito a peça *Deus lhe pague*, de Joracy Camargo, um supersucesso internacional, filmado inclusive na Argentina.

Haveria um grande baile no Municipal, e Mariquita garantiu que faria o vestido de Ruth. Como sempre, superocupada, deixou para a última hora. Praticamente o vestido saiu da máquina pouco antes de o baile começar. Ruth vestiu e a família correu. Quando chegaram ao teatro, antes de entrarem, Mariquita viu uma linha saindo da manga do vestido. A cidade era quente, mas não havia vestidos de baile sem manga. Puxou e simplesmente a linha veio inteira, desprende a manga do vestido. Antes que outros presenciassem a saia justa, voltaram para casa correndo — moravam a cem metros — e Mariquita providenciou o conserto.<sup>[7]</sup>

Despachada, criativa, certo Carnaval Mariquita resolveu fazer uma fantasia diferente para a filha. Era a maneira de fugir da realidade, ou seja, o dinheiro curto. Escolhido um dia de relativa folga, ela convocou as amigas e, com paciência infinita, e em meio a risos, confabulações, bolos, cafezinhos e muito falatório, passaram o tempo a estourar pipocas que foram costuradas, uma a uma, num vestido. As tardes então eram quietas, modorrentas, marcadas por cheiros que iam se alternando como o das torrefações preparando-se para o dia seguinte, substituídos ao crepúsculo pelo doce intenso dos jasmims e damas-da-noite se abrindo. Quando os sinos das igrejas bateram, assinalando o ângelus, a fantasia estava pronta. Com ela, Ruth ganhou o primeiro prêmio no concurso do Clube Araraquarense. “Aquela fantasia foi um momento de plenitude para Ruthinha”, comentou Gilda de Mello e Souza.

Certos dias, depois do almoço, Maria Ernestina de Carvalho e Ruth desciam a rua Três e, na esquina da avenida Espanha, acenavam para o interior de um banco onde Brasilino Stefano trabalhava. Ele fazia um sinal: “Já vou”. Minutos depois, o trio ia para a piscina. Ruth aprendeu a nadar numa das primeiras piscinas da cidade, a dos funcionários públicos, meio distante, onde hoje se localiza a Vila Melhado. Em seguida, veio a fase do Tênis, na avenida Dom Pedro ii, com a piscina azulejada, *point* da sociedade. Brasilino era parceiro nos jogos de tênis e nos bailes, um exímio dançarino. Ruth adorava os bailes. Quando seus pais não podiam levá-la, ela era confiada à guarda da “Turma da Banheira”. Eficiente como segurança, muitas vezes era José Edgar, feroz, cômico de suas responsabilidades, quem tinha a incumbência, conferida por Mariquita, de ser o vigilante. Parece que todos tiveram sua queda por Ruthinha. Nos bailes, era disputada, não parava. Conta-se que Nelson Gullo, um bonitão atlético (depois catedrático e cirurgião da Faculdade de Odontologia), quando não conseguia dançar com ela, não dançava com ninguém.

A Segunda Guerra Mundial terminou em maio de 1945 e nos meses seguintes os pracinhas, ou expedicionários, começaram a voltar para o Brasil. Os soldados araraquarenses foram recebidos com desfiles e comemorações, e por muito tempo famílias convidavam famílias para ouvir histórias, não se

falava de outra coisa. Não houve pracinha que não tivesse trazido principalmente comidas, café e leite em lata, novidades que encantavam as pessoas. Entre os suvenires, as máscaras contra gases que assustavam as crianças.

As formaturas eram um acontecimento numa cidade sem grandes eventos. Eram todas em dezembro, com a cidade decorada para o Natal e o tradicional Papai Noel já empoleirado na marquise da Casa Barbieri, os presépios armados nas igrejas e nas casas católicas, árvores de Natal nas casas dos protestantes, cada um comemorava à sua maneira. Aliás, no censo de 1940, para uma população de 67.724 pessoas, havia 64.026 católicos, 1.113 protestantes, 47 judeus e 282 budistas. Depois dos ortodoxos, espíritas, ateus e aqueles de religião não declarada, foram descobertos um positivista e um maometano.

A formatura de Ruth deu-se num sábado, dia 22. O vestido de baile, branco, de renda, provocou *frisson* nas frisas do Teatro Municipal, reduto dos grandes acontecimentos. “Ah, o Municipal! Invejado por gente de outras cidades, com o piso da plateia ajustável. Mecanismos erguiam o piso à altura do palco, formando um único plano, em geral para os dias de baile ou para as grandes formaturas. Frisas, balcões, camarotes, muita luz, decoração feérica, diziam todos, felizes. As famílias, nas frisas, vigiavam as moças, mas fingiam às vezes não ver o que estavam vendo”, lembrou Ruth.

Os oradores da turma foram os dois melhores alunos, Ruth Cardoso, pela turma b, e Luiz Rodovil Rossi, pela turma a, noticiado pelo jornal *O Imparcial*, que reproduziu, na íntegra, o discurso de Ruth. Teria sido escrito por ela ou por Mariquita? Há um trecho curioso, visto à distância:

Avassala-nos o dever de elevar bem alto, aos píncaros da glória, o nome do Colégio Estadual de Araraquara, do qual hoje nos despedimos, após ter colhido todas as flores do seu jardim, e com elas feito um resplandecente buquê, que levamos agora pelas diferentes estradas que queremos trilhar.

Talvez ainda nos encontremos um dia, então veremos quem melhor cumpriu este pacto que agora livremente constituímos, quem juntou mais louros àqueles com que já se coroa o Colégio Estadual desta cidade.

Colégio amado, berço dos nossos sonhos, esteio de nosso futuro, adeus!

Ela também sabia que estava se despedindo de Araraquara. Há meses, Mariquita vinha preparando o enxoval para o colégio em São Paulo. Roupas com monogramas, meias, lençóis, fronhas, tudo levava a marca. Ela não tinha um minuto do dia, dava aulas na faculdade, no colégio, em casa. Para complementar a renda, passou a vender roupas feitas, para homem e para mulher, e bijuterias, produtos de maquiagem, perfumes. O pintor Ernesto Lia, amigo de Ruth desde a juventude, artista que retratou toda uma época da cidade, garante que comprou muito suéter e camisa, indo escolher na casa dela, a loja era no quarto do casal. Terminado o curso, a mãe decidiu: “A menina vai para São Paulo”. Inayá Bittencourt e Silva diz que “as mulheres ficavam na própria terra, estudando o que tivesse. Mariquita fez sacrifícios enormes para manter a filha numa escola de primeira”. Os homens que saíam iam para o Colégio Arquidiocesano. As poucas mulheres, para o Des Oiseaux ou o Sacré-Coeur. Margarida Troncon Busatto: “Era uma atitude moderna, liberal, de quem estava cinquenta anos à frente. Uma atitude ousada para a época. Coisa do outro mundo, as jovens não iam embora sozinhas”. Para se ter ideia, uma prima de Maria da Penha Carvalho conta que, ao dizer ao pai que pretendia estudar arquitetura, teve esta resposta: “Estudar numa escola onde há homens? De jeito nenhum!”. Renato Corrêa Rocha acha que na atitude de Mariquita teve um dedo de Gilda, irmã dele, “uma influência velada”. Sabe-se que muita gente criticou Mariquita, lá

isso é coisa que se faça, mandar uma menina dessas sozinha para São Paulo? E a própria Ruth: “O sonho de mamãe era ter feito medicina, não tiveram condições, ela foi cursar farmácia meio a contragosto. Minha mãe chorava na hora de fazer as minhas malas. Estava desesperada e me mandando para fora. Uma sensação esquisita. Ela tinha a certeza de que assim era melhor, não havia outro caminho”.

Numa manhã de 1946, quando José e Mariquita levaram a filha Ruth à estação para apanhar o trem das 6h05, que chegava em São Paulo às 11h10, ainda estava escuro. Esse foi o trem que levou gerações para fora de Araraquara. O sol começou a nascer quando o trem passou pela estação de Tamoyo, uma das mais famosas usinas de açúcar do estado, e prosseguiu nos trilhos que, navalhas paralelas, cortavam extensos canaviais.

Revoltado, Pinheirão exilou-se.

Vem de um tempo remoto uma lembrança forte, e Ruth nunca soube precisar a data, ela era muito criança. Às vezes, José a levava à Fazenda São Lourenço, também conhecida como Araraquara. Ficava na saída da cidade, a quatro quilômetros do centro. Havia uma reserva de mata nativa extensa, existente ainda hoje, com madeiras nobres como jequitibá e peroba-rosa, além de uma cachoeira com mais de vinte metros de altura. Ali, numa casa senhorial do século xx, morava Joaquim de Souza Pinheiro, o Pinheirão, homem esquisito, enorme, com barba e cabelos longuíssimos, há anos ele não os cortava. Tornara-se uma lenda. “Papai e ele eram aparentados, não sei qual o grau de parentesco. Ficavam os dois a conversar e eu passeava pela casa, desarrumada e empoeirada, repleta de pilhas e pilhas de jornais velhos. Era fascinante. O que havia naqueles jornais? Era uma coisa misteriosa que mantinha aquele homem ali. Pinheirão passava o dia a ler.” Diziam em Araraquara que, em 1917, ele teve um enorme desgosto ao perder uma eleição para Plínio de Carvalho, o homem que deteve o mando político na cidade por décadas. Houve uma briga violenta entre os dois e Pinheirão, enraivecido, prometeu que abandonaria a cidade e, enquanto Plínio fosse vivo, nunca mais ali poria os pés. Dirigiu seu automóvel até a avenida Portugal, parou, desceu, soltou o breque e empurrou o carro ladeira abaixo na direção do córrego da Servidão (hoje canalizado, sobre ele está a Via Expressa). O automóvel espatifou-se num barranco. Pinheirão jamais apareceu na cidade. “Por outro lado, papai era muito amigo de Plínio de Carvalho, e foi com ele que aprendi a conviver e a respeitar pessoas de diferentes opiniões.”[\[8\]](#)

## Vestir-se de senhora para dar aulas

O trem da Companhia Paulista chegou pontualmente na Estação da Luz às 11h10. Ruth tinha levado o dinheiro contado para o táxi. Com sua mala, que continha o enxoval de semi-interna, seguiu para o Des Oiseaux, o colégio rodeado por um bosque — parte dele existe até hoje —, na esquina das ruas Augusta e Caio Prado, terreno imenso. O palacete, projetado por dois arquitetos que mudaram a face de São Paulo, Ramos de Azevedo e Victor Dubugras, abrigava a elite estudantil da cidade.

O Brasil começava a viver o pós-guerra, anos efervescentes até o final da década. Getúlio tinha deixado o poder, substituído pelo general Eurico Gaspar Dutra, político amorfo, sem carisma, eleito pela força de Vargas. Um ato de enorme repercussão foi a proibição total do jogo, dos cassinos, roletas e carteados. Economicamente o país estava bem, com um superávit gerado pela exportação de produtos durante a guerra e importações mínimas. No entanto, as divisas baixaram a zero num frenesi consumista, com a importação de produtos como automóveis, locomotivas, meias de *nylon*, chicletes, eletrodomésticos e todo tipo de objetos de plástico, a nova sensação vinda dos Estados Unidos. A sociedade começava a se rearranjar e foi criada a Assembleia Constituinte, que daria ao Brasil a sua quinta Constituição. Todos os brasileiros, homens e mulheres, passaram a ter o direito e a obrigação de votar. O divórcio, uma vez mais, foi repellido, pela força da Igreja. O Partido Comunista Brasileiro, posto na legalidade, foi banido para a clandestinidade pouco depois, e seus eleitos, entre eles o escritor Jorge Amado, cassados.

Ainda se falava na bomba atômica lançada sobre Hiroshima e Nagasaki, dando início à era nuclear; o mundo estava dividido em dois blocos, o capitalista e o comunista, e a guerra fria estava em curso, com uma corrida armamentista sem precedentes. A Onu foi fundada, Mao Tsé-tung criou a República Popular da China, surgiu o Estado de Israel, cientistas americanos inventaram o transistor, revolução que repercute até hoje e mudou o futuro das comunicações, e o cinema neorrealista italiano, com Vittorio De Sica, Luchino Visconti, Cesare Zavattini e Roberto Rossellini, mostrava a um mundo novo como enfrentar as imagens estereotipadas de Hollywood, que difundiam ao universo o *american way of life*. A filosofia existencialista entrou para a ordem do dia, falava-se em Sartre, Simone de Beauvoir, Boris Vian e em Juliette Gréco, os homens sonhavam com as caves de Saint-Germain-des-Prés, onde “dominava” o amor livre. As mulheres desejavam seduzir os homens com uma gota do perfume Chanel No 5. Clarice Lispector lançou dois romances, *Perto do coração selvagem* e *O lustre*, e um mito surgiu na literatura brasileira. Outro mito, de pronto estabelecido, foi Guimarães Rosa, com *Sagarana*. A modernidade da poesia se refletiu em João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade. Portinari foi pintar os painéis da Onu em Nova York, o que encheu o Brasil de orgulho.

Em 1946, São Paulo tinha menos de 2 milhões de habitantes, mas sua população crescia gradualmente. Tinha cessado o fluxo da imigração, substituído pelo da migração, quando gente vinda do Nordeste começou a chegar, atraída pelo desenvolvimento da cidade, principalmente no setor da construção civil. A atmosfera, apesar dos arranha-céus, do trânsito, da vida noturna, ainda conservava o tom provinciano e sossegado. Litros de leite e saquinhos com o pão eram deixados nas portas, portões e janelas na madrugada, os tripeiros passavam vendendo miúdos, bucho e fígado, compras eram feitas em armazéns e quitandas. Coca-Cola era a pausa que refresca, Chica-Bon, o “sorvete formidável”, três canetas-tinteiro disputavam o mercado, a Parker, a Sheaffer e a Eversharp. O cinema continuava sendo a principal diversão e a cidade era considerada um Eldorado, com suas salas luxuosas e lançamentos simultâneos com os Estados Unidos. Os bondes eram ainda o transporte público e cortavam a cidade por todos os lados. As linhas mais extensas eram a Penha-Lapa e a Praça João Mendes-Santo Amaro. Os táxis eram todos iguais, pretos, Chevrolets 1938, o transporte público, com a cmtc, era uma calamidade, o Hotel Esplanada se apresentava como o Copacabana Palace paulistano, os ricos circulavam a bordo de Cadillacs e Oldsmobiles, o conde Francisco Matarazzo era o homem mais rico do Brasil, as mulheres liam *Vida Doméstica* e os homens, a *Seleções do Reader's Digest*, e todo mundo lia a revista *O Cruzeiro*. Os católicos andavam impacientes, as obras da catedral da Sé se eternizavam — iniciadas em 1913, ainda não estavam terminadas.

Ruth Corrêa Leite foi aluna semi-interna. A menina de Araraquara era magra, bonita, com trancinhas, a única de sua classe a usar trancinhas, o que a diferenciava e provocava a admiração das colegas. Ela uniu-se a duas amigas, uma de sua classe, Vera Martins Rodrigues, e Maria Helena Fonseca, hoje Gregori, prima de Vera, que estava terminando o Ginásio. As duas primas eram, por sua vez, primas de Leôncio Martins Rodrigues, que ficaria ligado à família até os dias de hoje. A mãe de Vera, Esther, nos primeiros tempos foi uma espécie de continuação de Mariquita. Era comum Ruth passar o fim de semana em sua casa. Maria Helena, mais nova, era um rabicho, vivia atrás das mais velhas, copiando tudo. O Des Oiseaux não significava um sistema absolutista, férreo. Mantido pelas Cônegas de Santo Agostinho, ordem belga fundada por São Pedro Fourier e pela madre Alice Leclerc, era um regime aberto, diferente dos outros colégios de freiras.<sup>[9]</sup> Os meninos, amigos, parentes e namorados podiam aparecer nas quermesses e nas festinhas. As alunas falavam francês, algumas aulas eram nessa língua, assim como as orações. Já a missa era em latim, e diária. O Des Oiseaux influenciou muito aquela geração de jovens, na base da religião ensinada como Deus é amor, em lugar de um Deus punitivo. No entanto, Ruth “respeitava, mas não professava”, acentuou Maria Helena. Quanto às mensalidades, apesar de ser frequentado pela elite, não era uma escola cara, impossível. Todos eram tratados igualmente, sem diferenças sociais ou de dinheiro, um tratamento que impressionou Ruth.<sup>[10]</sup>

As alunas usavam uniforme, uma saia cinza pregueada, blusa branca de fustão, e o “arreio”, como as estudantes a chamavam — uma faixa que passava pelo ombro, pela cintura e dava um laço atrás, bem diferente dos outros colégios. As faixas indicavam o ano que cursavam. Vermelha com listra branca, primeiro ano. Branca com listra vermelha, segundo. Somente branca, terceiro. Ruth distinguia-se das jovens levadas da breca porque nunca perdia o cordão azul de tafetá, marca de bom comportamento.<sup>[11]</sup> “Quase todo fim de semana eu ia para Araraquara. Quando dava, ia na sexta-feira, para aproveitar o

maior tempo possível. Não estava sendo fácil me desligar daquele mundo. A volta era na segunda-feira, no trem das 6h05.”[12] Outras vezes, eram Mariquita e José que chegavam a São Paulo carregados de guloseimas e quitutes, feitos pela mãe ou pelos parentes — Ruth era o “dodói”, cada um enviava uma coisa. Joaquim Adolfo Mendonça disse que a visitava também e que retomaram ligeiramente o namoro. “Durou pouco, até aparecer aquele que seria o homem definitivo da vida dela.”[13]

Terminado o colegial, Ruth mudou-se para um pensionato de freiras no bairro de Pompeia, cuja diretora era parente de José Corrêa Leite. A mesada continuava a ser enviada por intermédio de uma parente, Clarí Corrêa de Almeida Merussi, cujo marido, Lourival, trabalhava no Banco do Brasil. A vida deu outra guinada. A Universidade de São Paulo era o paradigma de ensino superior no Brasil, com seus quinze anos de existência. Ruth estava decidida a entrar para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da usp, que naquele ano de 1949 ainda funcionava no último andar do Colégio Caetano de Campos, na praça da República. Orientada por Mariquita, ela fez um cursinho montado na própria faculdade pelo Centro Acadêmico. Coisa de quarenta dias, apenas para uma base. Jovens professores davam aulas para ganhar um dinheiro extra. Organizada, Ruth preparava fichas muito bem ordenadas e classificadas, era superorganizada em tudo que fazia, distribuía bem seu tempo.

“Conheci Fernando Henrique no vestibular da faculdade. Ele estava sozinho em São Paulo e queria cursar filosofia e direito. Sentado ao meu lado, íamos fazer exame oral. Matreiro, ele me comoveu, dizendo que não tinha tido tempo de estudar, me contou uma história dramática, de maneira que passei todas as fichas a ele. Aí começou. Todos o consideravam o bonitão, mas confesso que nem era tanto. Tão magrinho!”[14]

A vida era ao redor da faculdade, localizada no terceiro andar do Caetano de Campos, na praça da República. Por muitos anos, quando se falava na faculdade, dizia-se a “Praça”. Tudo acontecia no centro da cidade. Era o que se chamava o circuito do centrão, dominado pela sofisticada rua Barão de Itapetininga, onde pontificavam a Confeitaria Vienense e a Casa Vogue. Pela região espalhavam-se as melhores salas de cinema, os bares, como Paribar, Barbazul e Arpège, os restaurantes, como Da Giovanni, Parreirinha, Gambrinus, Spadoni e Simpatia, livrarias como a Francesa e a Jaraguá, com seu salão de chá. Os encontros eram também na Leitaria Americana, na rua Xavier de Toledo, cuja média de chocolate era imbatível. Ao lado, o Mappin Stores, cujo salão de chá, no quinto andar, era igualmente um lugar acolhedor e chique. Ruth e Fernando Henrique pertenciam à “turma da biblioteca”, referência aos estudantes que frequentavam a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, que funcionava como espaço aglutinador. Ali todos se encontravam, liam, pesquisavam, estudavam, namoravam. Dirigida por Sérgio Milliet, poeta, crítico de literatura e de artes de primeira linha, na biblioteca havia conferências obrigatórias que conferiam “status”.

Os namoros evoluíam devagar, cheios de formalidades. Quando a situação com Ruth começou a ficar mais bem encaminhada, Fernando Henrique lembra-se de um encontro no Teatro Brasileiro de Comédia, o tbc, recém-fundado por um grupo da burguesia paulistana comandado por Franco Zampari, na rua Major Diogo. Todos comentavam a peça *Nick Bar... Álcool, brinquedos e ambições*, de William Saroyan, um autor americano de origem armênia, então na moda. “Cheguei e encontrei Ruth com sua amiga de Araraquara, Maria Sylvia de Carvalho Franco. Elas levaram um susto ao me ver todo elegante com um

terno, paletó jaquetão e colete, naquela época usava-se colete. Era de bom-tom. Ainda não tinha engrenado o namoro, aliás, naquela época, eu tinha outra namorada, mas era uma relação indefinida, muito vaga, nem tudo andava como hoje, velozmente.”[15]

Maria da Penha Villalobos[16] acentuou que Maria Sylvia estava interessada em Fernando Henrique, porém Ruth venceu a parada. “Um de nossos desejos era poder ir uma noite ao Nick Bar, que funcionava anexo ao tbc e era frequentado pela intelectualidade e por artistas como Cacilda Becker, Abílio Pereira de Almeida, Anselmo Duarte. Mas quem tinha dinheiro para isso?”, confessou Ruth.[17] fhc mandava fazer seus ternos no Soares, que ficava em frente ao tbc, na rua Major Diogo, um alfaiate que servia não só a Antonio Candido, mas também ao pessoal do teatro.

O namoro firmou — era o usual na época, cinema, teatro, um barzinho sempre em companhia de outros. Fernando Henrique levava Ruth até o pensionato da avenida Pompeia, tinha horário para entrar à noite, era tudo regulado. Iam a pé até o Anhangabaú, esperavam o ônibus que subia a avenida São João no rumo da Pompeia. “Eu me dava bem com as freiras, muitas vezes fui assistir à missa. Ia por ela, não por mim, a esta altura não estava tão ligado à Igreja quanto Ruth, que mantinha breves resquícios do Des Oiseaux e de Araraquara, das tias beatas e do pai, porque ele era católico praticante, ao contrário da Mariquita. Aliás, fisicamente Ruth se parecia mais com ele do que com ela. Um homem magro, sempre bem-posto, de poucas palavras, o oposto de Mariquita.”

Fernando Henrique Cardoso nasceu no Rio de Janeiro, filho de Nayde, uma mulher de porte mediano, viva, ativa e falante, e do general Leônidas Cardoso, homem imponente, de cabelos brancos. Seu avô, Joaquim Ignácio Batista Cardoso, e seu tio-avô, Augusto Ignácio do Espírito Santo Cardoso, tomaram parta na “conspiração republicana” contra a monarquia. Augusto foi ministro da Guerra do governo provisório de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1932. O pai e o tio de fhc, o general Felicíssimo Cardoso,

eram nacionalistas. O pai foi eleito deputado federal com o apoio dos comunistas — que estavam na ilegalidade. O general Leônidas e vários primos e tios estiveram envolvidos nas lutas “tenentistas” e nas campanhas nacionalistas dos anos 1950.

fhc e Ruth estudaram juntos desde o primeiro ano de faculdade, em 1949. Quando houve a mudança do Caetano de Campos para a rua Maria Antonia, eles já estavam no segundo ano. Uma aluna da época, Carmem Guedes, relata a desocupação do terceiro andar: “A faculdade foi despejada, jogaram os móveis na rua e nós fomos à procura de um prédio, acabamos de sair da reitoria, na rua Maria Antonia, na frente do grupo estava o Azis Simão, precisávamos conquistar um prédio para a faculdade e pareceu que íamos conseguir o da Maria Antonia”. O prédio da Maria Antonia tinha pertencido ao Liceu Rio Branco, que o vendeu ao governo do estado. A região de Vila Buarque prometia agitação. Além do Mackenzie, estava em curso a transferência da Escola de Sociologia e Política para a rua General Jardim e se cogitava em trazer a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a fau, para a rua Maranhão, retirando-a da Escola Politécnica.[18]

Ruth hesitou entre a física e as ciências sociais. Boa em matemática e adorando literatura, afinal decidiu-se pelas ciências sociais. A Maria Antonia acabou se tornando uma instituição não apenas na história da Universidade de São Paulo, como também na própria história da cidade. O professor José Goldemberg

definiu o prédio como a “maior densidade intelectual por metro quadrado que jamais se reuniu em São Paulo. Naquelas instalações acanhadas, em que os professores não tinham salas para trabalhar, se acotovelavam milhares de alunos e grandes professores... O prédio da Maria Antonia foi o fermento no qual se geraram as tendências políticas de hoje, nele estudaram e ensinaram muitos dos líderes de diversos partidos políticos de hoje”.[\[19\]](#)

Era um edifício atarracado, cinza e estranho, na rua em frente ao Mackenzie. Colunas greco-romanas, pesadas e incongruentes, marcavam o ingresso no prédio. Nos primeiros anos, chegava-se à faculdade pelo bonde aberto 14, destino Vila Buarque, chamado por alguns de o “bonde da filosofia”. Saía da rua Xavier de Toledo, ao lado do Mappin, de onde partia igualmente o Avenida 3, que subia a Consolação, atravessava a Paulista e descia a Brigadeiro Luís Antônio. Tilintar contínuo do marcador de passagens. “Tlim-tlim, tlim-tlim, um p’ra Light, dois p’ra mim”, gritavam os estudantes quando o cobrador fazia o registro, andando pelo estribo do bonde. No entorno, à medida que os anos se passaram, os bares foram fazendo, em épocas diferentes, a sua história, marcando gerações, o Fonfon, o Bar do Zé, o Querência, o Bar do Meio, até o Sem Nome, que a princípio foi Quitanda e vendia mesmo frutas e verduras, frequentado pelo estudante de arquitetura Chico Buarque, que ali teria composto “Pedro pedreiro” e “Olê, olá”, em 1965.

“A faculdade foi para nós uma revolução mental”, complementa Fernando Henrique Cardoso, “porque, na verdade, a gente chegava lá e não entendia nada, o nível dos professores era bastante elevado. As aulas no primeiro ano eram em português, mas no segundo, quase todas em francês, dadas pelo Roger Bastide, pelo Pierre Monbeig, um homem desajeitado, e pelo Martial Guérout — que ensinava Kant e Descartes e citava a bibliografia em alemão. Depois, seu assistente, Lívio Teixeira, destrinchava tudo. Imagine, entender Kant aos dezoito anos de idade! Havia Paul Hugon, sempre formal, camisa branca com colarinho e punhos engomados. Sem esquecer Florestan Fernandes, que falava em português, mas era difícil entender o que ele dizia. Éramos muito, muito novos. Florestan, jovem assistente do professor Fernando de Azevedo, um grande professor, adepto de uma corrente teórica chamada funcionalismo, nos ensinava a fazer análises sociológicas, mas não falava de marxismo, nem de revolução, ainda que tivesse suas preferências à esquerda. Fomos treinados por ele na paixão pela pesquisa e na desconfiança do ensaio e da ‘filosofice’.[\[20\]](#) Foi o homem que nos inspirou mais de perto. Florestan nos fazia ler Max Weber, Georg Simmel, Werner Sombart, Karl Mannheim, autor de *Ideologia e utopia*, que fazia um sucesso incrível na usp, e Hans Freyer. Por sorte, havia Raymond Aron que ordenava nossas cabeças confusas! E o alemão Egon Schaden nos introduziu na antropologia, enquanto José Camargo nos ensinou a teoria do valor.”

Outra figura emblemática da Maria Antonia era Antonio Candido, que nos “fascinava pela síntese entre um sabor literário indiscutível, a finura de sua antropologia social (*Os parceiros do Rio Bonito*), seu discreto socialismo e sua invulgar capacidade de transformar os ‘tijolos acadêmicos’ em arabescos de sutileza e penetração intelectual”, ressalta Fernando Henrique.[\[21\]](#) Candido, então professor assistente de sociologia, ainda na praça da República, fazia alguns seminários, habituou-se a ver Ruth e Fernando Henrique sempre entre os ouvintes e ficou amigo do casal, amizade favorecida pela ligação entre Gilda de Mello e Souza e a família de Ruth, desde Araraquara.

“Senhor” e “senhora” eram os tratamentos habituais entre alunos e professores. Até o dia em que

Antonio Candido ouviu Fernando Henrique chamá-lo de você. “Olhei aquele rapazinho e pensei: esse vai longe.”[22]

Era uma vida intelectualmente rica, com muitas conferências, palestras, debates. Vivia-se em São Paulo uma época de buscas e inquietações com o Museu de Arte Moderna, o masp, a criação da cinematográfica Vera Cruz, destinada a realizar filmes com “classe europeia” para se opor à vulgaridade das chanchadas. Alfredo Mesquita acabara de fundar a Escola de Arte Dramática, que formaria os melhores atores e diretores do Brasil por décadas. Sergio Cardoso fez um sucesso sem precedentes com *Hamlet*.

Ruth e Fernando Henrique foram fazer um curso no masp, queriam ser monitores do museu, e quem dava as aulas era Pietro Maria Bardi. “Ninguém pode imaginar o que significou para os jovens de São Paulo o Museu de Arte, porque a gente via os quadros, via os livros, ouvia e lia, relacionava, era arte, história e filosofia. Logo depois de nós, no ano seguinte, o Giannotti fez o mesmo curso”, recorda-se fhc.

Eles frequentavam também o Clubinho, nome pelo qual era conhecido o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, fundado nos anos 1930 por Flávio de Carvalho, cuja sede foi primeiro na rua Barão de Itapetininga, depois na rua Bento Freitas, no subsolo do Instituto dos Arquitetos. Absorvia-se de todos os lados. Ruth e Fernando Henrique estavam na mesma classe, não havia mais do que seis alunos. O curso era o de ciências sociais, depois o aluno decidia se ia para sociologia, antropologia ou política. Ou economia, mas isso já era outra faculdade. Quase no final do curso, Florestan Fernandes conseguiu trabalho para Fernando Henrique como assistente de Alice Canabrava no Instituto de Administração da Faculdade de Economia, que ficava na rua Doutor Vila Nova, mas cujo pátio interno era comum com o da Maria Antonia, onde havia um café e um restaurante.

No último ano da universidade, Ruth começou a dar aulas de história, à noite, no segundo grau no Colégio Estadual Fernão Dias Paes, em Pinheiros. “Ainda tinha cara de criança e precisava dominar aquela turma de marmanjões. Eu me fantasiava inteira, puxava o cabelo, colocava uma saia mais justa, sóbria, virava senhora.”[23] Ali foi professora de Gabriel Bolaffi e de Leôncio Martins Rodrigues, um de seus alunos mais brilhantes e, no futuro, um de seus amigos mais chegados. Leôncio tem uma memória clara daquele período: “Ela, naquela altura, ainda não tinha terminado a faculdade, mas o Ministério da Educação permitia que alunos em final do curso dessem aulas no colégio. O que era muito bom, os professores que vinham da Faculdade de Filosofia eram, de longe, superiores aos que se encontravam lá. Para se ter ideia, história era lecionada por advogados, português e latim pelos padres, gente pouco preparada para a atividade docente. O pessoal da faculdade elevava o nível. Gostava de Ruth, principalmente pela exigência bibliográfica, ampla, extensa, suas indicações eram de um nível muito superior, aberto e diferente do que existia antes. Lembro-me bem de alguns livros que ela me indicou, o último foi *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, que achei formidável. Ela me conduziu também para *A cidade antiga*, de Foustel de Coulanges”. [24] Quanto a Gabriel, acentua que gostava de história pelas aulas de Ruth, muito boas. Depois da aula, “a gente ficava de papo, de repente ela olhava para nós, percebia a hora, exclamava: ‘Preciso ir embora, preciso correr, o Fernando está me esperando’. Leôncio não perdoou, apelidou-a de Cinderela. Depois, na faculdade, fui aluno dela em antropologia, ótima professora”. [25]

Aos poucos, começava o desligamento de Araraquara. Fernando Henrique a acompanhava à cidade

nas visitas que rareavam. Sempre no trem da Paulista. Ele ficava hospedado no Hotel São Bento, na avenida São Paulo, em frente à estação, da família do Nelson Monteiro, mais conhecido como Tourinho, ou no Hotel Municipal. A Turma da Banheira teve de aceitá-lo, ainda que com muita ciúmeira, afinal, era o “mocinho bonito”, o “almofadinha” inteligente de São Paulo que tinha conquistado a beleza do interior. Os orgulhos locais eram exasperados. Renato Corrêa Rocha lembra-se de muitas madrugadas, após os bailes, em que precisavam bater firme na porta do Hotel Municipal, quase estourar a campainha, acordando Chico Lastiri, o dono, um homem impertinente que se recusava a abrir a porta do hotel. Mas a cumplicidade da mulher dele, dona Ritinha, suavizava o impasse e Fernando Henrique podia subir para o seu quarto.[\[26\]](#)

Ele, hoje, a quase sessenta anos de distância, sorri ao se rever: “Costumava implicar com Ruth por causa do sotaque araraquarense, aquele r escandido. Coisa que ela perdeu com o tempo, mas readquiria assim que colocava os pés na cidade. Eu nunca tinha ido ao interior, não conhecia o ritmo da vida. Era um estranho no ninho. Ia da casa de Ruth ao cinema, ao clube, ao baile. Não havia muito a fazer. Ruth conhecia todo mundo, era popular, sempre cercada pelo seu grupo, eu ficava fora de foco, numa situação esquerda. Ela dançava muito bem, todos lá dançavam bem, e eu sempre dancei mal. Havia um moreno magrinho, pé de valsa, como se dizia, acho que de origem árabe, era o mais saliente, muito bom, querido por ela”.[\[27\]](#)

“E cartas de amor? Escreviam um para o outro?”. Ruth hesita, percebo um levíssimo ar reprovador mostrando que eu estava forçando uma brecha na privacidade. Mesmo reticente, ela explicou: “Não, não! A gente de minha geração decidiu construir uma atitude antirromântica... Influenciados pelo cinema, pela literatura moderna e pela faculdade, queríamos ser modernos, adotar atitudes modernas. Tínhamos verdadeiro horror pelo pieguismo... Assim, cartas eram escritas apenas quando se viajava, mas naquela altura não se viajava como hoje... Era uma rebelião contra o convencionalismo, a gente se irritava com tudo, e cartas de amor entravam nessa categoria...”.[\[28\]](#)

Em uma de suas viagens a Araraquara, num feriado prolongado, Ruth encontrou-se com duas das amigas, Maria Sylvia e Maria da Penha. Era 1947 e as mulheres só falavam do *new look*, a última tendência da moda ditada por Dior em Paris. Estava nas revistas, nos jornais cinematográficos. Na sobriedade do pós-guerra, o *new look* nasceu para mostrar que a moda estava mais viva do que nunca. Os vestidos eram amplos e quase chegavam à altura do tornozelo. A cintura era bem marcada e os sapatos, de saltos altos. [29] Ao ouvir as jovens excitadas com o *new look*, Mariquita disse a elas que descessem até a rua Nove de Julho, a do comércio, e comprassem os tecidos. Eram metros e metros. Na volta delas, Mariquita cortou-os, sentou-se à máquina, arrematou as peças e, após algumas horas, cada uma das jovens tinha dois vestidos, duas anáguas, tudo. Em quatro horas, costurou seis vestidos.

## O despertar para uma nova Antropologia

*Bota o retrato do velho outra vez*

*Bota no mesmo lugar*

*O sorriso do velhinho*

*Faz a gente se animar, oi.*

Haroldo Lobo e Marino Pinto

A marcha carnavalesca de Haroldo Lobo e Marino Pinto, cantada por Francisco Alves, o rei da voz, foi o maior sucesso do Carnaval de 1951 e refletiu o clima do Brasil diante da campanha do ptb para reconduzir Getúlio Vargas ao poder. No dia 3 de outubro de 1950, o “pai dos pobres”, como Vargas era chamado, venceu o brigadeiro Eduardo Gomes, da udn, com quase o dobro dos votos. Getúlio assumiu alertando que com ele o povo subiria as escadas do Catete e com ele permaneceria no governo. A década de 1950 foi agitada e marcada por transformações em todos os segmentos da sociedade. Em 1950, houve o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro e foi criado o Conselho Nacional das Mulheres Negras, seguidos pela aprovação da Lei Afonso Arinos, em 1951, que criminalizou o racismo.

Vargas trouxe consigo um projeto nacionalista que buscava a expansão industrial, com o aumento da intervenção estatal na economia, o crescimento da produção de bens de consumo e o aumento da renda nacional. Foi criado o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, bnde, a Eletrobrás — aprovada apenas em 1961 — e a Petrobras, que gerou uma intensa campanha sob a bandeira “O petróleo é nosso”. A política getulista bateu de frente com os interesses da classe dominante e uma oposição ferrenha se ergueu contra ele, conduzida principalmente pelo jornalista Carlos Lacerda, que se apropriou de uma expressão de Getúlio — “mar de lama” — para intensificar seus ataques virulentos. O presidente populista foi perdendo o apoio das massas com o aumento do custo de vida e a inflação. O movimento da “Panela Vazia”, que reuniu 500 mil pessoas, e a greve dos 300 mil, em 1953, demonstraram o descontentamento popular. Um aumento de 100% no salário mínimo foi a gota d’água e o *impeachment* de Vargas foi pedido no Congresso. O atentado que tirou a vida do major Vaz, que caminhava ao lado de Lacerda na rua Toneleros, foi o clímax daquele período. Exército, Marinha e Aeronáutica pediram o afastamento de Getúlio, Lacerda recrudescer seu ímpeto e as pressões atingiram o auge, provocando o suicídio do presidente na madrugada do dia 24 de agosto de 1954.

Breves *insights* de um tempo em que o êxodo rural se acentuou e São Paulo atingiu a marca de 2,2 milhões de habitantes. A televisão foi inaugurada com a tv Tupi, Canal[30], os centros das cidades entraram num processo de declínio que se acentuaria velozmente, os supermercados começavam a mudar

os hábitos cotidianos, a propaganda tornava-se adulta e induzia a população ao consumo, surgiram a tv Paulista (Globo, no futuro), a Record e a Cultura, o Brasil ganhou um prêmio em Cannes com o filme de Lima Barreto, *O cangaceiro*, imenso sucesso de público, e a bossa-nova surgia. O rádio era a grande diversão com novelas, programas humorísticos, musicais e o *Repórter Esso*, a “testemunha ocular da história”.<sup>[31]</sup> No mundo, nessa década, surgiram Elvis Presley e Brigitte Bardot, ícones de liberação; Sartre e Simone dominavam o pensamento europeu na filosofia, na política e no feminismo.

Dona Nayde e o general Leônidas Cardoso moravam em São Paulo desde os anos 1940, tendo deixado o Rio de Janeiro com uma missão específica designada pelo ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra: vigiar os movimentos de Adhemar de Barros, então interventor do estado. Passando à reserva, Leônidas montou um escritório de advocacia e se fixou na cidade com seus três filhos, Fernando Henrique, Antonio Geraldo e Gilda. Nayde e Ruth se afeioaram uma à outra e as visitas eram mais do que frequentes; muitas vezes Ruth dormia na casa da sogra na rua Piauí, em Higienópolis. Passou a ser parte da família e nos fins de semana, quando não ia para Araraquara, ficava com os Cardoso. Nesse período, juntando economias, porque a vida era muito disciplinada, eles compraram dois pequenos apartamentos, quitinetes, um na alameda Ribeiro da Silva e outro na avenida São João, destinados a aluguel para renda complementar. Quem morou na avenida São João foi o cineasta Sergio Muniz, primo de Bráulio Pedroso, teatrólogo e depois telenovelistas, autor de *Beto Rockfeller*, uma revolução.

A graduação de Ruth foi em 1952 e, no ano seguinte, no dia <sup>[32]</sup>de fevereiro, ela se casou no Rio de Janeiro. A via Dutra tinha sido recém-inaugurada e Fernando Henrique foi para a capital num carro Opel, acompanhado de uma amiga, Orieta, mulher do historiador Fernando Novais. Ruth esperou Mariquita e José e seguiram pelo Trem de Prata, composição de luxo da Estrada de Ferro Central do Brasil que fazia o percurso em nove horas — embora célebre pelos atrasos e maus serviços, oferecia conforto.

O enxoval foi preparado por Mariquita, que fez inúmeras viagens a São Paulo; acompanhada de Maria Ernestina Foz de Carvalho, mãe de Maria da Penha, ia às lojas na rua 25 de Março, principalmente à Casa Moysés, cujo dono era de Araraquara. Maria Ernestina — Tininha para os íntimos — conhecia um senhor que vendia enxovais em casa e dele comprou um véu vindo da Bélgica por bom preço. Reservava para uma das filhas, porém a mais velha já tinha se casado, a outra disse que só se casaria no civil, de maneira que, quando Ruth anunciou que ia se casar, ganhou o véu. Tininha a acompanhou na viagem, afinal era a madrinha.<sup>2</sup>

Fernando Henrique tinha seu emprego na Faculdade de Economia, não ganhava mal, e Ruth prestou concurso para um cargo na Secretaria do Trabalho — foi uma das quatro selecionadas entre mais de uma centena de candidatos. Junto com ela, o amigo Eduardo Tess, filho de Aracy de Carvalho, que, após se separar de seu primeiro marido, foi a companheira de vida de João Guimarães Rosa. Mulher célebre pela coragem ao ajudar centenas de judeus a escaparem do nazismo, quando o escritor servia no consulado de Hamburgo. Tess ainda hoje participa das rodas de pôquer semanais de fhc e amigos, como Leôncio Martins Rodrigues e Boris Fausto. Ruth estava encarregada de fazer uma das primeiras pesquisas sobre emprego e desemprego em São Paulo, o que a deixou feliz, “meus interesses sempre foram mais amplos e multidisciplinares”.<sup>3</sup> As pesquisas ela aprendeu a fazer no segundo ano de faculdade, quando teve aulas

com Roger Bastide, “que tinha na verdade uma cabeça de antropólogo. Íamos visitar favelas e entrevistar, observar e anotar como viviam”, e foi assim que ela descobriu estar “dando um passo à frente para que a antropologia encarasse outros temas que não os das sociedades indígenas”.[\[33\]](#) Era o despertar de Ruth para uma nova consciência da moderna antropologia, aquela que, fazendo um desvio e deixando de estudar apenas os povos primitivos, passou a se debruçar com intensidade sobre as comunidades urbanas atuais.

Leôncio Martins Rodrigues, também funcionário da Secretaria do Trabalho, a certa altura foi designado para uma pesquisa sobre mão de obra em São Paulo. Ali se encontrou novamente com Ruth, e fizeram um trabalho sobre condições de vida da classe trabalhadora. “Ela teve enorme influência em minha vida; naquela altura eu conhecia apenas três cursos que um jovem de boa família devia seguir — advocacia, engenharia ou medicina —, e não me interessava por nenhum. Eu ia até a Faculdade de Filosofia para vender o jornal do Partido Comunista e ficava com inveja daquela gente, daquele tipo de estudo e ambiente. Foi quando Ruth me falou do curso de ciências sociais, me explicou como era, e fiquei fascinado. Naquela altura, desiludido, achava que não fosse mais possível liquidar com o imperialismo americano, com a burocracia soviética, com a Igreja Católica ou com o Partidão, sonhos de uma geração. Saí do Partido, Fernando Henrique também rompeu, ficamos amigos.”[\[34\]](#)

O primeiro lar do novo casal foi na rua São Vicente de Paula, em Santa Cecília. Era um prediozinho de tijolos marrons onde também morava Mário Schenberg, diretor do Departamento de Física da usp, um dos físicos teóricos mais importantes do país. O apartamento, grande e simples, logo foi ocupado por Ruth, que lhe deu sua cara, moldou-o ao jeito dela. Ao longo da vida, as casas seriam seu referencial, refletindo sua personalidade, sua maneira de ser. Logo o lugar se transformou num centro de encontros. *Habitué* era o comunista Schenberg, uma celebridade, com seu inseparável charuto e cujas aulas, imperdíveis, eram à noite, começavam às 18 ou às 19 horas, mas não se sabia nunca a que horas terminariam. Ali se encontravam ainda o jornalista Fernando Pedreira, então casado com a artista plástica Renina Katz; os pintores Luiz Ventura e Mário Gruber, pai de Gregório; o advogado Agenor Barreto Parente, Octávio Araújo, um desenhista excepcional, a pianista Anna Stella Schic, o maestro Claudio Santoro. Eram jantares ou chás, conversas, discussões, debates sobre sociologia e antropologia. Houve certa vez um curso de literatura programado por Álvaro Bittencourt, que, junto com José Mindlin, comandava a Livraria Parthenon, espécie de centro cultural agitado que promovia palestras, encontros e trazia os livros recém-publicados na Europa. Na livraria, “em uma sobreloja da rua Barão de Itapetininga, reunia-se à tarde um grupo de jovens comunistas”[\[35\]](#) e ferviam as discussões políticas, fomentadas por Schenberg e Pedreira, debatia-se a influência do Partidão, os rumos da esquerda. Outro *habitué* era Maurício Segall, que se casou com Beatriz, hoje atriz teatral. “Ruth não entrava muito quando se discutia política partidária, ela sempre foi rebelde em tudo, principalmente em relação aos partidos, esse nunca foi muito o lado dela.”[\[36\]](#) Para não falar das sessões de cinema e teatro e das mesas no Da Giovanni, na rua Basílio da Gama, restaurante italiano de primeira linha, nas cantinas do Bexiga ou no Gigetto, na rua Nestor Pestana.

Ruth e Fernando Henrique desciam para o litoral no Opel, que enfrentava a parada valentemente pelas estradas de terra que demandavam Caraguatatuba e Ubatuba, uma verdadeira aventura, coisa para jovens gregários. Em alguns momentos, os dois fizeram *camping*,[\[37\]](#) outras vezes alugavam casa — uma

das mais frequentes pertencia a Toledo Piza, prefeito de São Paulo. Depois de uma briga com Alice Canabrava, Fernando Henrique foi demitido e os dois passaram a viver com o salário de Ruth na Secretaria do Trabalho. Pouco mais tarde, fhc foi contratado para ser o coordenador do levantamento de campo das pesquisas que ela estava fazendo, e passou a circular pela periferia.

O casal frequentava muito a casa de Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza na pequena rua dos Perdões, entre Aclimação e Cambuci. Eram sobradinhos geminados e o lugar tinha um nome, Vila Paulista. Uma vez, Gilda conseguiu verba para levantar documentação nas cidades históricas de Minas Gerais e levou consigo Fernando Henrique e Ruth, já grávida do primeiro filho, Paulo Henrique. Foram de avião até Belo Horizonte, depois desceram para Ouro Preto de ônibus, e o material que colheram foi doado à Universidade. Candido era muito afeiçoado a Ruth. Para se ter ideia, certa vez, poucos anos atrás, encontraram-se na sala de espera de um oculista. Quando Ruth retornou, o médico revelou que tinha um amigo dela como paciente, um senhor que a chamava de “Ruthinha”. Ela sorriu: “Ah, só pode ser o Antonio Candido, é a única pessoa do mundo que ainda me chama de Ruthinha”.[\[38\]](#)

Ruth precisou pedir licença na Secretaria do Trabalho com a chegada do primeiro filho, que nasceu na Maternidade São Paulo no dia 13 de abril de 1954. A cidade vivia agitada com as comemorações do Quarto Centenário e Ruth sentiu perder alguns filmes importantes do Festival Internacional de Cinema, que trouxe ao Brasil diretores como Erich von Stroheim e Mervyn LeRoy. “Como esquecer o Cine Marrocos, tão luxuoso, com seu *lobby*, uma fonte, um bar? A modernidade, o luxo e o *kitsch* juntos”, disse ela.[\[39\]](#) Fernando Henrique conheceu José Arthur Giannotti pessoalmente no dia do nascimento de Paulo Henrique. A campanha soou, ele atendeu, Giannotti se apresentou: “Vim buscar o livro do Max Weber”. fhc nem convidou-o a entrar, apanhou o livro, entregou, e se desculpou: “Estou indo para o hospital, meu filho vai nascer”. Uma nova rotina se instalou na casa e no trabalho, porque Ruth fazia questão de amamentar e foi preciso organizar o cotidiano. Nesse mesmo ano, em outubro, o general Leônidas elegeu-se deputado federal pelo ptb, com o apoio dos comunistas e do movimento da “Panela Vazia” — foi o segundo deputado mais votado de sua bancada —, e retornou com dona Nayde para o Rio de Janeiro, onde funcionava a Câmara Federal.

Em 1955, Ruth deixou a Secretaria do Trabalho e passou a dar aulas em Sorocaba, duas vezes por semana, na Faculdade Municipal de Filosofia, Ciências e Letras — antropologia, etnografia geral e do Brasil. Levantavam-se muito cedo, ela organizava a casa e Fernando Henrique a levava de carro até a avenida Rebouças, onde às 6h30 passava o ônibus da Viação Cometa rumo a Sorocaba. No ano seguinte, mais um emprego, o de professora de sociologia educacional do curso de formação de desenho na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, fecap, no largo de São Francisco. Regina Meyer, uma de suas amigas mais chegadas, colaboradora em projetos que se expandiram pelo país, confessou: “Sempre imaginei que minha mãe, da mesma geração que a Ruth, fosse uma trabalhadora excepcional, como todas as mulheres de sua época e idade. Até que conheci Ruth e me assombrei com o tanto que ela trabalhava. Como organizava a vida em família, a dona de casa, a professora preparando aulas, as viagens, a orientadora de teses, a leitora, a pesquisadora, a formadora de alunos, a apaixonada por cinema e teatro”.[\[40\]](#)

José Gregori certo dia procurou Fernando Henrique Cardoso, pois precisava da assinatura dele num

manifesto pela Reforma Agrária. Eram tempos em que os manifestos pipocavam de todos os lados, sobre todos os assuntos, com todo tipo de reivindicações. fhc recebeu-o, assinou, conversaram um pouco, e, ao ver que Gregori se despedia, reteve-o: “Vamos ver se você tem sorte. Espere um pouco, Ruth deve estar chegando, foi dar aula. Tenho certeza de que ela gostaria também de assinar”.

Gregori estava com pressa, ainda tinha uma via-sacra para colher assinaturas, mas ficou na expectativa. “Tive uma curiosidade enorme em conhecer uma mulher que trabalhava à noite, dirigindo o próprio carro, era uma coisa completamente inusitada em nossa geração, com mulheres casadas há dois, três ou mais anos, em casa cuidando dos filhos. Não era normal aquele trabalho, ainda mais noturno. No entanto, ela demorou, Fernando Henrique se desculpou: ‘Em geral ela vem mais cedo, nem sempre há a última aula, vai ver hoje teve. Vai demorar muito!’. Ainda por cima ia demorar, chegaria a que horas? Foi uma momento incrível, em que tive a nítida percepção de que as coisas estavam mudando, e muito, e aquela era uma geração pioneira.”

Dois movimentos culturais estavam pondo em xeque e em choque os valores tradicionais da sociedade. Na Inglaterra, o teatrólogo John Osborne, com a peça *Look back in anger (Olhe para trás com raiva)* estava se opondo ao *establishment* inglês, contestando a monarquia e propondo aos jovens que se tornassem irados contra o sistema. Não por acaso, logo depois surgiram os Beatles. Nos Estados Unidos, em 1954, Aldous Huxley provocou uma subversão com o livro *As portas da percepção*, narrando suas experiências com a mescalina, droga indígena destinada a expandir a mente. Huxley foi seguido por Timothy Leary com o lsd. Simultaneamente aconteceu o despertar da Geração Beat nos Estados Unidos por meio de Allen Ginsberg, cujo poema “Howl”, de 1956, rachou com os valores americanos (e mundiais), seguido por Jack Kerouac, com seu romance *On the road*, de 1957, que rapidamente se transformou numa bíblia, explodiu as mentes — todo jovem quis meter o pé na estrada e mudar o mundo. A Geração Beat ficou conhecida no Brasil por meio do caderno de variedades do *Jornal do Brasil*, em traduções de Nelson Coelho. *On the road* foi lido no Brasil, naqueles anos, numa tradução argentina feita pela Sudamericana. Somente em 1984 teríamos uma tradução em português feita por Eduardo Bueno. Os novos ídolos eram os da contracultura. Um vulcão em erupção chocou os americanos: Elvis Presley, com roupas brilhantes e um rebolado indecente (para a velha geração), arrebatou os adolescentes do mundo. O rock entrou com som e fúria. Elvis cantava, e nós também, “Don’t be cruel”, “Hound dog”, “All shook up”, e nada mais seria o mesmo. Uma filha da alta burguesia francesa ficou inteiramente nua num filme chamado *E Deus criou a mulher*, e um escândalo de proporções mundiais (incompreensível hoje) provocou um tsunami. Brigitte Bardot ficou ligada à liberação sexual da mulher. Os anos 1950 queriam sair do sufoco.

Nesse meio-tempo, em 1957, Egon Schaden fez um convite a Ruth e a Eunice Ribeiro Durham para serem assistentes voluntárias na cátedra de antropologia. Ele a tinha assumido em 1950 e a fortaleceu institucionalmente. Neto de alemães de Santa Catarina, formou-se na própria usp, onde teve Lévi-Strauss como um de seus professores. A cátedra significava apenas Schaden e Gioconda Mussolini. Não havia a possibilidade de contratarem professores. Foi quando se instituiu a “assistência voluntária”, para a qual não havia salários. Se, por um lado, as duas mulheres trabalhariam por três anos sem nada receber, por

outro havia a experiência a ser acumulada e a riqueza do aprendizado junto a Gioconda Mussolini, mestra dotada de impecável capacidade e rigor na pesquisa empírica.[41] Foram três anos ricos para Ruth e Eunice.

As duas mulheres foram contemporâneas, ainda que Ruth estivesse dois anos à frente de Eunice. Pertenciam a grupos diferentes, circulavam em rotas que nem sempre se cruzavam. Eunice acentua que era “curioso, Ruth frequentava muitos ambientes, era, digamos, eclética. Naquela época vivíamos em turmas, a da Ruth, Fernando e Giannotti foi das mais brilhantes que já passou pela faculdade. Comecei convidada como voluntária, fui para os Estados Unidos por um ano, e, quando voltei, lá estava também a Ruth como voluntária. Trabalhávamos juntas, Schaden dava as aulas, nós fazíamos os seminários, dividíamos as turmas, que eram pequenas. Depois começamos a dar aulas juntas. Aprendemos muito, aprende-se mais dando aulas do que fazendo pesquisas. Com a Ruth praticávamos uma espécie de militância didática, éramos fanáticas por ensino, queríamos continuamente preparar o melhor curso, o melhor seminário, discutíamos muito, porque os alunos não aprendiam isto, não aprendiam aquilo. Até o fim de nossa proximidade, até o momento em que ela saiu da faculdade, mantivemos essa questão da discussão e da discussão teórica. Ficamos na antropologia por muitos anos”.[42]

Por dois anos, entre 1958 e 1960, Ruth foi trabalhar no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, crpe, com Fernando de Azevedo. Nesse período, 1958, em pleno governo Juscelino Kubitschek, o professor José Arthur Giannotti costumava visitar o casal Ruth e Fernando Henrique todos os sábados. Ele tinha voltado da França com uma enorme bibliografia que, revelou, “fazia a crítica da burocracia soviética”. A ideia dele era formar um grupo para estudar esses textos, porém fhc mudou o ângulo, acentuando que na verdade ninguém nunca tinha lido Marx direito e era preciso, primeiro, ir às fontes. Giannotti, homem em permanente turbilhão de pensamento, concordou, montaram um grupo para fazer a “leitura sistemática de *O capital*... Eram sessões divertidas, lia-se, discutia-se, jantava-se bem e voltava-se à discussão para pensar o Brasil, o que estava acontecendo, como seria possível engatar o desenvolvimento”.[43] O Seminário Marx, como ficou conhecido, tornou-se célebre e comentado — o que despertou ciúmes em parte da comunidade acadêmica. Dele participaram inicialmente jovens assistentes como Ruth e Fernando Henrique Cardoso, Giannotti, Paul Singer, Octavio Ianni, Bento Prado Júnior, Fernando Novais, aos quais foram se juntando Ruy Fausto, Juarez Brandão Lopes, Leônicio Martins Rodrigues, Sebastião Advíncula da Cunha, Francisco Weffort, Roberto Schwarz, Michael Löwy, Paulo Alves Pinto.

Eram filósofos, cientistas sociais, historiadores que decidiram ler *O capital* e *Contribuição à crítica da Economia Política*,[44] “possivelmente cansados de conhecer Marx por ouvir dizer e certamente empenhados em demonstrar a respeitabilidade científica da dialética, como exigiam os novos padrões acadêmicos”.[45] A cada quinzena liam um capítulo, e discutiam parágrafo a parágrafo, linha a linha, palavra a palavra. A briga era teórica, muito acadêmica, brigava-se à morte por assuntos abstratos, nada a ver com a vida política, queríamos entender o mundo.”[46] Os encontros eram em casas variadas, muitos aconteceram no apartamento da rua São Vicente de Paula, quando Ruth corria da mesa de estudos e debates para a cozinha, primorosa em lanches ou quitutes. O grupo estudou junto por quatro anos e, mais tarde, ainda se debruçou sobre Keynes e Max Weber.

Depois que o general Leônidas Cardoso se mudou para o Rio de Janeiro, sua casa na rua Nebraska,

no Brooklin, ficou vazia por um tempo, até que Ruth e Fernando decidiram se mudar para lá. Isso significava uma economia no aluguel e muito mais conforto.

## Tudo pode, desde que haja informação

No final da década, em 1959, Ruth tornou-se mestre em sociologia com a dissertação *O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses*. Eunice Durham estava estudando o imigrante italiano e Egon Schaden disse a Ruth para pesquisar o imigrante japonês. Ela tentou convencê-lo de que não era a pessoa indicada, porque deveria ser alguém que falasse correntemente a língua, ficava difícil entrevistar imigrantes muito velhos que nem sequer falavam o português. Quanto a Eunice, os italianos ou já falavam português ou havia mais facilidade de interlocução. Egon foi categórico: “Então, Ruth, arranje uma assistente que fale japonês”. Eunice Ribeiro Durham, hoje, passados cinquenta anos, afirma: “Sei que a Ruth jamais gostou dessa pesquisa”.[\[47\]](#)

Quando 1960 começou, a segunda filha de Ruth e Fernando Henrique, Luciana, nascida em 20 de fevereiro de 1958, já estava com dois anos. Aliás, quando Luciana estava para nascer, Ruth contou a Antonio Candido que estava indecisa, sem saber se a batizava Luciana, nome de que gostava muito, ou outro, de uma longa lista. Candido comentou: “Se eu tivesse um filho, escolheria Luciano. Filha então... é um belo nome”. No dia 26 de janeiro daquele 1960 nasceu Beatriz. Quase no aniversário de São Paulo. A casa da rua Nebraska era grande e confortável, com uma pequena piscina no quintal. Um dos vizinhos era Florestan Fernandes, que tinha um filho e uma filha com as mesmas idades de Paulo Henrique e Luciana. Fernando Henrique tinha telefone, e não raras vezes abriu a porta para o vizinho fazer as suas chamadas. Os interurbanos demoravam horas para serem completados. Um frequentador assíduo da casa era Elias Chaves Neto, ensaísta combativo, diretor da *Revista Brasiliense*, editada por Caio Prado Júnior. Chaves ia até lá de bicicleta, atravessando a cidade.[\[48\]](#) A lembrança de Paulo Henrique sobre essa casa é a de um lugar cheio de crianças tomando lanche, correndo e brincando no jardim, enquanto a mãe fazia bolos. Ela era catalisadora, estava sempre juntando gente. A piscina, que eles chamavam “de pobre”, era de tijolos e cimento, do chão para cima, com escadinha para subir e mergulhar. Ruth sempre vigilante, olhando a criançada.

“Eu fugia de casa, descia até a Hípica e roubava bambus para fazer tacos e jogar. Uma única vez eu a vi realmente brava, fora de si. Foi no dia em que sumi, caminhando até o rio Pinheiros, voltei tarde e imundo, além de ser uma coisa perigosa. Ela perdeu a paciência, me deu três palmadas. Nunca mais me bateu. Não se pode dizer que era brava, megera. Era justa, mas eu a fazia sair do sério às vezes. Com ideias firmes, defendia seus pontos de vista, eu sempre brincava, ‘a senhora é protestante e comunista’. Ela gostava das coisas boas da vida, mas possuía um sentimento ácido em relação a ‘grã-finagens’ e vaidades vazias. Era o lado Araraquara que ela insistia em manter, aliás manteve a vida inteira. Não

esquecer também que, por anos, ‘eu me achei’. Na juventude, era de pegar o carro e correr, podia ser definido como um playboyzinho. Isso a irritava, mamãe tinha horror a esse tipo de gente, achava que era uma coisa que não devíamos ser. À medida que cresci, tive horário para voltar, depois ela me ensinou o princípio que transmiti às minhas filhas. Dizia: ‘Tudo pode, desde que haja informação’. Então, era só dizer: hoje vou chegar tarde, hoje não vou chegar. Uma vez fui parar no Juizado de Menores, os dois ficaram loucos comigo, mamãe muito mais. Na verdade, era ela quem tomava conta, papai só entrava em cena por conta dela, ficava no mundo dele, não queria problemas, esse negócio de filhos é um incômodo. O criar era com ela. A frase que todo menino ouve, ‘espere até seu pai chegar’, ouvi poucas vezes, ela resolvia logo, não era de delegar. O que víamos em casa era uma mulher sempre tentando passar uma visão, procurando ensinar, uma professora”, confessa Paulo Henrique.<sup>[49]</sup> Havia uma combinação entre os casais Florestan Fernandes e Fernando Henrique. Cada dia era um que levava as crianças à escola Chapeuzinho Vermelho. Bia andava pela casa o dia inteiro carregando uma lancheira e dizendo “quero ir para a escola”. Não dava sossego. Tanto reivindicou que foi, aos dois anos e meio.

Nas férias, Paulo, Luciana e Bia eram mandados para os avós maternos em Araraquara ou, eventualmente, para os paternos no Rio de Janeiro. Eles eram embarcados no vagão Pullman da Paulista, sentindo-se importantes, e eram esperados por José na estação de Araraquara. Bia sofria uma angústia terrível na hora do embarque, porque Ruth entrava no vagão para acomodar as coisas e a menina tinha medo de que o trem partisse e a mãe não conseguisse descer.

Mariquita e José já moravam na avenida Quinze, foi a última casa que tiveram na vida. Mandaram construir, quase à beira de um riacho, onde Paulo ficava tentando pescar, com o avô do lado, e Bia aproveitava para nadar. Até a adolescência Bia frequentou essa casa, que, para todos, era imensa. Tinha um jardim e a meninada adorava o banho de esguicho. Uma vez, Bia precisou fazer um trabalho sobre uma planta e Mariquita foi a fonte, afinal, era sua especialidade. Era uma planta estranha, a pessoa rasgava a folha e ela se colava sozinha, ou se “costurava”, como a avó dizia. Essa casa ainda existe, tem a soleira das portas e as escadas em mármore de Carrara, comprado quando da demolição da igreja matriz.<sup>[50]</sup> Os avós levavam as crianças à Doceria do Zoega ou à Sorveteria do Uesato, na avenida São Paulo, fechada recentemente. Às filhas de Ruth juntavam-se Valéria e Adriana, filhas de Dora Medina, uma quase vizinha que morava pouco acima de Mariquita na avenida Quinze, para uma sessão de cinema infantil no Cine Capri, todos os domingos, às dez da manhã. A empregada de Dora deixava as meninas, depois ia buscar. Interior ainda era tranquilo. Todas as crianças ainda se juntavam no quintal e no enorme porão da casa de Rafael Medina, um porão que se tornava castelo do bem e do mal.<sup>[51]</sup>

Paulo Henrique adorava o jipão do avô José. “Nele andávamos pela cidade e visitávamos fazendas das vizinhanças. Vovô gostava de dormir até tarde. Todos em casa gostamos. Acordava, tomava um cafezinho, ficava na cama. Sistemático, obsessivo — qualidades que herdei, sou igual —, tinha tudo marcado, hora de amolar a navalha no couro, de fazer a barba, do banho que durava cinquenta minutos, de limpar o revólver, almoçar. O jantar era maluco: em uma cidade em que chegávamos aos 40 °C, uma sopa quentíssima, e a sobremesa, invariável, era um prato de leite com ameixas, para regular o intestino. Adorávamos as férias na cidade.”

A grande amiga era a Delfa, cozinheira fantástica, uma negra, mãe de santo. “Parecida com Milton

Nascimento”, lembra-se Bia. Quanto a Paulo, Delfa foi a ligação dele com o povo, seus amigos eram sobrinhos dela e o levavam aos terreiros. Boa pessoa, boa cozinheira, escondia garrafas de cachaça pela casa, Mariquita descobria e quebrava.

A volta era uma complicação, Paulo Henrique entrava no trem e Mariquita entregava um farnel com empadinhas e croquetes. “Os melhores do mundo. Só que eu, metido a besta, queria ir ao carro-restaurante.”

O Brasil tinha vindo em ritmo acelerado com jk, que criou Brasília e mudou a capital do país para o interior. A industrialização tinha sido a meta maior, fabricamos os primeiros carros brasileiros. Foi o famoso “50 anos em 5”. Não se sabe ainda se para o bem, se para o mal. Inflação e crise financeira. Fidel Castro tomou o poder em Cuba, para gáudio da América Latina, que anteviu a possibilidade de formar um continente socialista. O Cinema Novo era a revolução nas artes, uma câmera na mão, uma ideia na cabeça. E salas vazias, completavam os mais críticos. Já havia um teatro mergulhado no social e no político, o Arena seguido pelo Oficina. A Nouvelle Vague ensinou novas formas de fazer filmes baratos e calcados na realidade, anti-Hollywood. Fellini, com *A doce vida*, espantou o mundo, mostrando que coisas tenebrosas aconteciam na burguesia, na aristocracia. Ele anteviu as drogas em alta escala na sociedade, os travestis, os gays, a corrupção, a mídia exasperada, as celebridades vazias.

Jânio Quadros, um político demagogo, à base de uma vassoura e caspas nos ombros, passou de vereador a prefeito, a governador, e seria eleito presidente da República. Mal se podia prever um terremoto no país. Na Maria Antonia, agitação. Alunos queriam mais professores e mais verbas. Houve uma greve, a Faculdade se agitou, foi ocupada pelos alunos.

Agosto de 1960. Jean-Paul Sartre deixou a França e foi observar o fenômeno Fidel Castro e sua revolução, um impacto no mundo. Sobre essa viagem escreveu um *best-seller*, *Furacão sobre Cuba*. Quando soube que Sartre iria a Cuba, o estudante Luiz Meyer, presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da usp, telegrafou ao filósofo convidando-o para que viesse a São Paulo. Meyer estava fissurado, como todo jovem antenado com o mundo, pela revolução cubana, queria ir para Cuba como médico. Toda uma geração quis sair correndo para Havana naquele momento,<sup>[52]</sup> era algo novo, excitante, uma ilusão ideológica. De qualquer modo, Sartre viria também ao Brasil para o Primeiro Congresso de Crítica e História Literária do Recife. Pretendia ficar uns meses afastado da França, por motivos ideológico-políticos. Regina Meyer, mulher de Luiz, conta: “Não é que o homem aceitou? Tenho até hoje o telegrama que ele enviou. Nesse momento, Luiz, que era amigo de infância de Roberto Schwarz e se relacionava com José Arthur Giannotti, se aproximou de Bento Prado Júnior, Renina Katz, Fernando Pedreira, Ruth e Fernando Henrique Cardoso. Ruth tinha um papel ‘maternal’ naquele grupo e, embora todos estivessem no mesmo patamar, o casal se destacava. Ruth era a mulher-modelo, ela tinha essa coisa brasileira da mulher que sabe fazer comida, arrumar casa, criar filhos, preparar e dar aulas, fazer pesquisas, teses, palestras, ir a cinema e teatro, divertir-se”.

Sartre esteve no Recife, foi à Bahia, ao Rio de Janeiro, e chegou a São Paulo. Fez palestras, deu autógrafos na Livraria Francesa, reuniu-se com líderes sindicais na redação do jornal de centro-esquerda *Última Hora*, na época o porta-voz do operariado, dos sindicatos.<sup>[53]</sup> Entrou no circuito o professor

Fausto Castilho, da Faculdade de Filosofia, Ciências de Letras de Araraquara, uma faculdade muito nova que tinha enviado ao Recife, por meio do professor Adolfo Casais Monteiro, uma carta formulando uma questão em torno da filosofia marxista e a ideologia existencialista. Sartre respondeu que era a pergunta mais difícil que lhe tinham feito no Brasil e que poderia ser respondida somente por meio de uma conferência. Castilho não perdeu a deixa, convidou-o para ir a Araraquara, e ele aceitou. O francês, apesar da oposição de Simone de Beauvoir e do escritor Jorge Amado, e dos ciúmes provocados no pessoal da usp — como, ir a uma faculdade tão nova, com apenas três anos, sem tradição? —, acabou fazendo um desvio em seu roteiro e foi a Araraquara, numa Kombi fechada e sem ar-condicionado, no dia 4 de setembro de 1960. Era um domingo de verão causticante, marcado por outra festa — o jogo entre o Santos de Pelé e a Ferroviária, então um dos times poderosos do interior.[\[54\]](#)

A cidade ficou em polvorosa, do ponto de vista cultural. Enquanto a Igreja condenou veemente a presença do “comunista e existencialista”, a uee, União Estadual dos Estudantes, mobilizou-se velozmente e convocou seus filiados — caravanas partiram de cidades vizinhas como São Carlos, Matão, Catanduva, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto — e Araraquara encheu-se de jovens que ocuparam totalmente o Teatro Municipal com faixas de apoio a Cuba e à revolução socialista. Fidel foi um dos ícones daquela geração. Da turma da Maria Antonia chegou um grupo compacto, comissão de frente: João Cruz Costa, Ruth e Fernando Henrique, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza (ambos estavam dando aulas em Assis), Bento Prado Júnior, Michel Debrun, Gilles-Gaston Granger, que lá se juntaram a José Celso Martinez Corrêa, Jorge Nagle, Nilo Scalzo, Dante e Miriam Moreira Leite, José Aluysio Reis de Andrade, Dante Tringalli, Alain Touraine e sua mulher, a chilena Adriana, e ainda Albertina de Oliveira Costa, então aluna de colegial.[\[55\]](#)

No Municipal, Sartre falou aos jovens sobre Cuba. Tinham prometido que trabalhadores rurais estariam presentes, entre eles Jofre, um líder carismático de Santa Fé do Sul, espécie de Francisco Julião[\[56\]](#) da alta araraquarense. Havia várias faixas de algodãozinho: “Posseiros de Santa Fé do Sul saúdam Jean-Paul Sartre”. Não apareceu um único posseiro. Sempre que se tratava de jovens, Ruth estava presente; ela conseguiu seu lugar numa plateia em que não cabia mosca e debaixo de um calor tenebroso. Mal Sartre iniciou, verificou-se um descontentamento com a tradução, e chamaram Fernando Henrique ao palco. Ele aceitou com uma condição: “Só se o Antonio Candido for comigo”. Candido sentou-se ao lado de Sartre e reiniciaram fala e tradução. “Mas não consegui, era muito difícil, calei-me logo; Fernando continuou aos tropeções, Sartre falava rápido, com um turbilhão de ideias. Não deu muito certo, mas estivemos na mesma mesa”, lembra-se Antonio Candido.[\[57\]](#) Ruth, que nunca perdia a ocasião para a ironia e o bom humor, ria muito e perguntava: “Podem me sintetizar as falas do mestre...?”.[\[58\]](#) De qualquer maneira, foi um dia histórico para a cidade e para a Faculdade.[\[59\]](#) Terminada a fala no teatro, Sartre, Simone, Jorge Amado e um grupo de professores subiram para a Faculdade de Filosofia, antigo Instituto de Educação Bento de Abreu, a cem metros dali. Mesmo lugar onde, quinze anos antes, Ruth tinha se formado no Ginásio. Foi quando ele respondeu à pergunta de Fausto Castilho.

Na volta a São Paulo, ficou famoso o jantar que Ruth deu ao casal francês. Afinal, Simone era um ícone das feministas depois de seus livros *Memórias de uma moça bem-comportada* e *O segundo sexo*, sucesso de vendas no Brasil e carregado debaixo do braço por toda a geração Maria Antonia e Cinemateca, ou por todas aquelas que se diziam *jeune fille rangée*, um pouco pernosticamente.

“Nós, mulheres, estávamos excitadíssimas com a presença de Simone, afinal *O segundo sexo* era a bíblia da nossa geração, tínhamos certeza de que ela vinha pontificar sobre o feminismo. Assim, lá em casa, preparei a sopa de mandioquinha, um prato muito apreciado por estrangeiros. Toda orgulhosa, trouxe a sopa para a mesa, mas a Simone começou:

— O que é isso?

Fica difícil explicar a mandioquinha, porém tentei. E ela:

— Tem cebola?

— Tem.

— Ele não pode comer.

— Tem não sei o quê?

— Tem.

— Ele não pode comer.

Uma coisa de mãe e filho, irritante. Uma chata! Onde estava a mulher que defendia os direitos da mulher? Era uma submissa? Não estava entendendo. Sartre, relaxado, foi comendo sem se incomodar, apesar da vigilância. Bem, a sopa não fez sucesso. Veio a sobremesa, goiabada com queijo, e vieram as perguntas, a implicância. Ela comeu por delicadeza, via-se que não gostava. Mal acabou, o Fernando Henrique, por maldade, colocou nova porção, dizendo: ‘Vi que a senhora gostou, aceite mais um pouco’. Simone foi a grande decepção para nós, ela não se interessava por nada”, concluiu, entre risos, Ruth Cardoso.[\[60\]](#)

A antropóloga Teresa Caldeira foi aluna de Ruth na usp, tornou-se amiga e, mais do que isso, afilhada de casamento. Por causa desse jantar, Teresa confessa que teve uma pendenga com Ruth. “Essa história ficou famosa e me incomodava. Porque eu gostava muito da Simone de Beauvoir, tinha uma foto dela emoldurada no meu escritório. Ruth olhava e dizia: ‘Você está enganada, Simone de Beauvoir não era tudo isso’. Eu não me conformava: ‘Ruth, mas *O segundo sexo* foi um dos livros mais importantes da minha vida, li ainda menina, me fez a cabeça’. É que por trás daquele episódio havia um significado maior para Ruth, que ficou ofendida, sim. A questão era outra, não o gostar ou não da sopa. O que pegou Ruth foi ela dizer para o Sartre: ‘Não precisa se servir, você não vai gostar’. Ela decidia por ele, determinava do que não ia gostar, e pronto. Categórica, Ruth acentuava que esse não é papel que uma mulher deva fazer, o de guardiã, guarda-costas do seu marido. Ela exemplificava: ‘Imagine se vou ficar dizendo para o Fernando Henrique o que ele pode e não pode comer. Você vê que o Sartre era famoso, e muito, tinha sua personalidade e jeito de ser, e a Simone ali, decidindo por ele, protegendo, fazendo um papel desagradável para que ele pudesse posar de bom’. Isso que a irritava, porque Simone fazia o papel desagradável, de chata, enquanto isso, ele ficava de charmoso. Então, era essa a interpretação, não era só a mandioquinha, uma questão menor. Independentemente disso, é inegável que ela respeitava a Simone,

conhecia o papel importante dela no feminismo.”[\[61\]](#)

## O golpe de 1964 e o exílio

No final de 1961, Jânio Quadros já tinha renunciado à Presidência, Jango havia assumido e o parlamentarismo estava instalado. Deixando para trás um país inquieto, Ruth e Fernando Henrique, ao lado de Lúcia e Bento Prado Júnior, partiram para a França. No Brasil, as crianças ficaram em São Paulo, com d. Mariquita. Em Paris, todos se instalaram na Cidade Universitária — Ruth e Fernando Henrique na Maison Internationale, no mesmo andar em que estava alojado Tristão de Athayde, e Lúcia e Bento na Maison

du Brésil. Viviam uma vida boa, ainda que apertada, tudo medido, as grandes preocupações eram de cunho acadêmico. Só não suportavam o restaurantezinho que havia próximo à Cité Universitaire. Barato, cinco francos a refeição, mas péssimo. fhc tinha um carro, e assim decidiram fazer um *tour* por Itália, Áustria e Alemanha. Foram direto a Florença, onde José Arthur Giannotti estava à espera deles — ele tinha insistido nessa viagem. Conhecedor de arte, queria ciceronear o grupo. Nas mãos, o roteiro cronometrado do que iriam conhecer.

A promessa era mostrar tudo. “Mas foi engraçado,” revela Giannotti, “eles levantavam tarde, andavam um pouco, logo queriam almoçar, parávamos, retomávamos, eles não tinham pressa. Ruth às vezes se encantava com alguma coisa, demorava.” Circularam pela Toscana. De repente, Bento Prado Júnior e Fernando Henrique diziam: “Ah, sabemos que em tal lugar tem um Piero Della Francesca e queremos ver”. Giannotti ficava perplexo, não havia nenhum Piero Della Francesca naquele lugar. “Ele não percebia que estávamos sacaneando”, diz Fernando Henrique, “inventávamos, repetíamos informações lidas nos guias para mostrar que também sabíamos. Depois, pedíamos desculpas, alegando que tinha sido um erro de cálculo, de século e de cidade.” Giannotti sorri ante as lembranças e confessa: “Eram golpes de morte em meu ego”.<sup>[62]</sup> Assim, divertindo-se, viajaram gozando férias. Com fhc sempre “fominha” pela direção, não deixava que os outros ocupassem seu posto de condutor.

O Natal foi passado em Roma, depois Ruth voltou a Paris, onde frequentou o seminário de Claude Lévi-Strauss na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Lévi-Strauss, naquele momento o mais novo membro do Collège de France, estava em evidência após a publicação de *Antropologia estrutural*, seguida de *O totemismo hoje* e *O pensamento selvagem*. As teorias estruturalistas explodiam nos meios acadêmicos. “Ruth”, acentua seu ex-orientando Gilberto Velho, “foi uma leitora sistemática e atenta da obra de Lévi-Strauss.”

Quando ela voltou da França, estava entusiasmada. Ao reencontrar Eunice Durham, entregou-lhe o livro *O totemismo hoje*: “Olha que maravilha, você precisa ler!”.

Entusiasmadas as duas, introduziram o estruturalismo nos cursos. “A cada viagem que fazia, Ruth captava as coisas, comprava livros, vinha com novidades, levantava questões, problemas e dúvidas com relação a toda a bibliografia”, revela Eunice. “Éramos modernas naquele momento, estávamos a par do que se passava no mundo.” Ao longo de sua vida, Ruth foi assim, segundo seus alunos e seus orientandos. Eunice criou uma palavra: “captativa”. Era a qualidade que Ruth tinha de absorver, assimilar novos assuntos, tendências, informações, e procurar toda a bibliografia existente para trazer ao Brasil. Para aceitar ou recusar, de qualquer maneira, era o que havia de novo lá fora.

Em 1962, a estudante Albertina de Oliveira Costa, então com dezenove anos, foi convidada a integrar a equipe de pesquisadoras de Ruth, que voltava ao tema da imigração japonesa, com vistas, agora, ao doutorado. Além dela, havia Marisa Todescan, Eunice Nishikawa e Renata Nutzler. Cada pesquisadora era acompanhada por uma nissei encarregada de traduzir os diálogos. No início das reuniões do grupo, Ruth, que tinha dezenas de potinhos japoneses lindos, oferecia chá e com ele começavam os trabalhos.

Com sua perene preocupação com bibliografias exatas e esclarecedoras, e de modo a introduzir suas assistentes na cultura e na história japonesas, Ruth recomendou (recomendar era eufemismo, queria dizer “leiam porque é essencial”) que lessem *O crisântemo e a espada*, de Ruth Benedict, antropóloga de grande prestígio formada pela Universidade Columbia, discípula de Franz Boas, considerado o pai da antropologia americana. Poucos estudos, explicava Ruth, conseguiram penetrar tão fundo e explicar tanto as peculiaridades ideológica e cultural do universo nipônico, por meio de suas maneiras e costumes cotidianos. Clássico da antropologia. Foi um período em que não havia ainda essa valorização da cultura japonesa no Brasil. Essa busca era um passo insólito de Ruth dentro da universidade, onde os projetos ditos maiores e de interesse mais amplo eram os mitos da época, luta de classes, marxismo, revolução etc. Para Albertina, “o livro da Benedict é maravilhoso e só ele já valeu. Sempre foi agradável trabalhar com Ruth, ela prestava atenção em todos, fazia com que as pessoas se sentissem confortáveis. Mulher que frequentava vários círculos, sua casa era movimentada, e ela discorria com naturalidade da antropologia à sociologia à maneira de fazer cuscuz, ou onde se comprava um bom abacaxi e como saber se a fruta era doce, papo que muitas de nós achávamos abobrinha total”.

Albertina acompanhou, às vezes mais próxima, outras mais distante, a carreira de Ruth ao longo dos anos, até ver consolidada, mais tarde, “sua reputação de mulher ponderada, tanto que houve época em que sempre era chamada como mediadora quando surgiam problemas no Departamento. Era normal vê-la numa banca de tese. Quando estava numa banca, ela lia tudo direitinho, era gentil nas perguntas, não necessitava se exibir com agressividade, como é costume. Ela reconhecia: ‘Tenho jeito para orientar’.” [63]E tinha mesmo um modo de tirar as coisas boas das pessoas. Com o tempo ficaram famosas as ‘meninas da Ruth’”, ou seja, alunas que ela orientou.

“Aqui entra outra questão, a corrente que julgava que Ruth deixava em segundo plano os projetos acadêmicos pessoais, porque em primeiro lugar vinha o Fernando Henrique, que ele merecia todas as atenções, e ela devia ser também esposa perfeita, mãe, dona de casa. Por outro lado, o que não se percebia era a qualidade incrível que tinha de fazer coisas e dar a impressão de que não tinha tido trabalho algum. Chegava com a aula preparada, porém não mostrava o arcabouço, o que tinha custado em tempo, pesquisa. Ela e as fichinhas. Apanhava uma, nela havia apenas quatro linhas, e podia falar horas.

Na época, Ruth achava que tinha de pôr a mão na massa, e, se recebia pessoas, devia ir para a cozinha e fazer, até descobrir que, se encomendasse e desse o seu toque, era a mesma coisa. Ela sabia onde era o sapateiro, o alfaiate, a costureira, que tanto fazia como consertava, ou quem vendia a massa, o frango, a boa carne. Não eram comuns como hoje tais serviços. A palavra *delivery* só entraria no cotidiano mais de 35 anos depois. Não me esqueço de quanto ela era irônica e mordaz, certa na pontaria, muitas vezes com relação a outros grupos. Ruth era igualmente uma espécie de Nossa Senhora Medianeira, pois as pessoas, quando queriam alguma coisa do Fernando Henrique, iam direto nela para que fizesse a intermediação. Ele tinha sua corte, que inclusive o cercava e ‘protegia’, então as pessoas precisavam encontrar um meio de se aproximar. Por outro lado, Ruth era a única que sabia e podia falar das limitações do marido. Era comum numa conversa, quando a pessoa fazia uma citação dele, ou uma opinião, ela entrava com ‘mas você sabe como é o Fernando Henrique...’, deixando o resto para a imaginação.”

O amigo Leôncio Martins Rodrigues lembra que era dela o papel de contrabalançar algumas coisas do Fernando Henrique, que, por sua vez, gostava de provocar. Quando surgiam certas afirmações, exageros, ela dava um corte: “Para, Fernando; que coisa é essa?”. Outras vezes, dava uma olhada fulminante e exclamava, alongando o nome no sotaque araraquarense: “Fernando Henrrriique...”.

“Era uma espécie de jogo, ela sabia que era exagero, ele levava na brincadeira. Outro detalhe, para se ter ideia da personalidade dela. Todos os professores usavam um jaleco branco para dar aulas, inclusive o Florestan Fernandes e o Octavio Ianni. Dava a eles um ar professoral, digamos. Ruth, não. Jamais usou o jaleco, dava aulas com seus vestidos e sentava-se muito descontraidamente”, finaliza Albertina.[\[64\]](#)

Em janeiro de 1963, Jango Goulart convocou um plebiscito que decidiu pelo fim do sistema parlamentarista. O presidente anunciou o seu Programa de Reformas de Base, que incluía divisão dos latifúndios e reforma agrária, reforma eleitoral, reforma universitária, voto aos analfabetos, entre outros pontos. Com uma política dita nacionalista, vieram leis que limitaram a remessa de lucros e pregaram o monopólio estatal do petróleo.

O país se moveu inquieto. Um comício monstro no Rio de Janeiro, no dia 13 de março de 1964, foi o estopim. Jango nacionalizou as refinarias particulares de petróleo, desapropriou terras e anunciou reformas urbanas. A classe média e a burguesia tremeram. No interior das Forças Armadas já vinha crescendo um movimento conspiratório, a Igreja se levantou e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade mobilizou em São Paulo 500 mil pessoas. O país estava dividido, as forças da esquerda assegurando que possuíam um esquema de resistência. No dia 31 de março o Exército depôs João Goulart e se instalou no poder. Houve focos isolados de resistência, os sindicatos não ergueram uma palha. A ditadura militar substituiu a democracia. O general Castello Branco foi o primeiro presidente da nova ordem. Liberdades civis canceladas, greves proibidas, sindicatos dissolvidos, milhares de prisões, inquéritos militares contra opositores. Uma era opressiva tinha se iniciado.

Lourdes Sola e Ruth Cardoso, certa tarde, correram para a rua Maria Antonia e, numa esquina, antes que Fernando Henrique chegasse à Faculdade, avisaram-no para que desaparecesse, estava sendo esperado,

ia ser preso. Na época, ele era membro do Conselho Universitário, um dos criadores da fapesp e também do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho, Cesit, ligado a Florestan Fernandes. Tinha participado anos antes de um movimento visando modernizar a universidade, criar a carreira de magistério e valorizar o tempo integral, o que tinha sido visto por alguns setores como um desafio da esquerda. Assim, disse ele, “fui denunciado pela direita interna à universidade como comunista. Não a direita política, nem a direita golpista, mas a direita acadêmica, que usou o golpe militar para ampliar seu poder”.<sup>[65]</sup>

Alertado, Fernando Henrique foi para a casa de uma amiga, Célia Galvão, também professora da Faculdade, depois seguiu para o apartamento de um casal belga, em seguida refugiou-se na casa do cineasta Sérgio Muniz. Nesse meio-tempo, a polícia tinha ido à Maria Antonia, onde quase prendeu Bento Prado Júnior confundindo-o com fhc. Pedro Paulo Poppovic, também um amigo chegado, abrigou-o em seu sítio. No final de abril, Maurício Segall, que tinha conexões, enviou Fernando Henrique para a Argentina, instalando-o na casa de um amigo, José “Pepe” Nun, mais tarde ministro de Kirchner. Fernando Henrique tinha ainda a ilusão de voltar e defender a tese de docência sobre os empresários brasileiros. Como nada se decidia, ele trabalhou no Departamento de Sociologia da Universidade de Buenos Aires até receber o convite para assumir um posto na Comissão Econômica para a América Latina, a Cepal, no Chile. No dia 1o de maio de 1964 embarcou para Santiago.

Ruth Cardoso tinha entrado com um pedido de afastamento para o marido na Faculdade, porém o reitor indeferiu e Fernando Henrique perdeu o emprego. Ela tentou um encontro com a Reitoria e recusaram-se a recebê-la.<sup>[66]</sup> Procurou o Conselho Universitário por meio de Honório Monteiro, um araraquarense, que era afilhado de dona Salomé, bisavó de Ruth. Honório respondeu: “Nada a fazer, a situação não tem jeito”. Ela enviava cartas ao jornal *O Estado de S. Paulo* denunciando os acontecimentos. Foi corajosa num momento confuso. Mas continuou trabalhando, cuidando dos filhos. E preparando-se para se mudar para o Chile.

Havia mil coisas a organizar, móveis a guardar, despachar, vender, malas a fazer, mas igualmente foi necessário encontrar quem ficasse com o cachorro Janjão, um poodle preto. Maria da Penha aceitou ser a guardiã, mas depois o cão foi para dona Nayde. Momento traumático foi o de se desfazer da biblioteca. Os livros eram milhares, e no meio deles havia duzentos de sociologia, postos sob custódia do casal por Antonio Candido. Preservados, mais tarde foram devolvidos, menos alguns que Candido mandou que escolhessem como presente. Boa parte foi para o Rio de Janeiro, ficou com Dalva e Fernando Gasparian, amigos íntimos. Outros foram deixados com pessoas que, por sua vez, mudaram ou desapareceram na conjuntura da época.

Paulo Henrique recorda-se de uma passagem por Guarujá, antes de a família embarcar para Santiago. Como se fossem curtas férias, com muita praia e sorvete. Não dava para sentir a aflição de Ruth, cuja vida estava de pernas para o ar. Ela conseguia não passar a ansiedade para as crianças. Mas vivia um drama com um problema na Faculdade. Não podia perder o emprego e solicitou afastamento, porém o professor Egon Schaden, titular da cátedra, negou peremptoriamente, num episódio que provocou mal-estar entre membros da comunidade acadêmica. Se ela fosse embora, perderia o lugar. Ruth lutou, mas a negativa continuava. E ela precisava partir, levar a família para junto do marido. Insistiu, insistiu, até que finalmente conseguiu. O novo trabalho sobre os japoneses, e que ela fazia sob orientação de Eunice Ribeiro Durham, foi

interrompido.

Ruth teve de tomar decisões sobre a casa que tinham começado a construir, já nos alicerces, na rua General Euclides de Figueiredo, no bairro do Morumbi. Compraram o terreno e encomendaram o projeto ao arquiteto Ennes Silveira de Mello, que trabalhava com Sergio Bernardes. Interrompeu-se a obra por um tempo que não se saberia qual. Mariquita e José vieram de Araraquara para “dar uma força” e ajudar nos preparativos. Para os filhos, as lembranças daqueles meses são vagas. Paulo Henrique, com dez anos, sabia apenas que o pai estava escondido, sem atinar com as razões. Bia era muito pequena, tinha quatro anos, não guardou nenhuma imagem da época. Nada traumático. A não ser que, de um dia para o outro, o pai tinha sumido. Somente dois anos antes de a mãe morrer, ela sentou-se com o filho Pedro e a mãe, pedindo que Ruth contasse tudo, falasse sobre o Chile.

Uma noite, Leôncio Martins Rodrigues e sua mulher Aracy foram visitar Ruth em companhia de Cândido Procópio Ferreira de Camargo. Fazia um frio danado, não havia lenha para a lareira, e Ruth decidiu queimar um móvel velho que não pretendia levar. Despediam-se da casa.

Chile, 1964. Jorge Alessandri havia deixado a Presidência, assumida por Eduardo Frei. Salvador Allende saiu derrotado, mas venceria as eleições em 1970. Fernando Henrique Cardoso, naqueles poucos meses, tinha começado a arranjar as coisas em Santiago. Trabalhava na Cepal e morava numa casa com Celso Furtado, Francisco Weffort e Wilson Cantoni. “O Chile era muito central nas áreas de economia e de sociologia. Parte da elite cultural do continente estava exilada ali. Entre os brasileiros havia o Plínio de Arruda Sampaio, o Paulo de Tarso, o economista Jesus Soares Pereira, Vilmar Faria, Jáder de Andrade, o cineasta Leon Hirschmann, logo chegou o José Serra, ainda um menino”, define fhc. Os que estavam melhor de vida organizaram uma caixinha para ajudar os que chegavam.

Quando Ruth avisou que estavam deixando o Brasil, fhc alugou uma casa na rua Luiz Carrera, depois se mudaram para a *calle* Las Ñipas. A viagem, com a passagem pela cordilheira dos Andes, impressionou Paulo Henrique, visão que permaneceu viva até hoje. Já Santiago se mostrou uma cidade cinza, sombria, ainda que a casa, simpática, logo tenha começado a ficar com a cara de Ruth. O menino olhava estranhamente para os criados-mudos nas cabeceiras das camas, que não passavam dos caixotes de mudança, adaptados. Na manhã seguinte Paulo foi para a rua e uma bola apareceu. Os meninos chilenos disseram “se é brasileiro é bom de bola”,<sup>[67]</sup> só que esse brasileiro era ruim: “Eu era uma tragédia, desajeitado, mal sabia matar uma bola”, diz ele. Curiosamente não houve estranheza entre os meninos que falavam espanhol e o que falava português. Quando Bia acessa a memória das duas casas, vê-se falando em espanhol com Luciana, e vem também a figura da empregada, que acordava todos muito cedo para ir à escola. A calefação era a querosene — o ambiente ficava com aquele cheiro típico da casa do caboclo brasileiro que tem lampião a querosene. No inverno, com a neve, Ruth sentia pena de tirar as crianças da cama — a escola Nido de Aguilas ficava na cordilheira e o ônibus passava quase de madrugada. “Meu tormento mesmo era a comida que nos davam lá, horrorosa. Colocavam muito coentro e cominho, até hoje detesto esses temperos”, assegura Bia. Ela se lembra de ter muitas amigas e, por ter sido alfabetizada muito cedo, tinha facilidade e aprendeu rápido o espanhol, tanto que passou à frente, pulou um ano. Por ser uma escola bilíngue, as duas meninas foram alfabetizadas em inglês e espanhol.

Com o trabalho na Cepal, a família não tinha grandes dificuldades, ainda que vivessem sempre de olho nas contas. Mesmo assim, conseguiam separar uma parte que era enviada ao Brasil para, mais tarde, continuar as obras da casa do Morumbi. As comunicações com o Brasil eram deficientes, difícilíssimo fazer uma chamada internacional. Quando Ruth queria falar com a mãe em Araraquara, usava os radioamadores. Era preciso combinar antes com Mariquita para que ela, em certo dia e horário, fosse à casa de alguém que tivesse o sistema na cidade. E eram muitos. Havia uma sociedade que os unia, e os mais conhecidos e com quem mais fez contato foram três: Benedito Brasileiro de Souza, Quirino dos Santos (dono da prd-4 Rádio Cultura) e Nelson Gullo, este da Turma da Banheira na juventude.

As cenas ainda são claras para Fernando Henrique: “Santiago era uma cidade linda, havia aquelas montanhas belíssimas, mas nos sentíamos isolados do mundo. Ruth deu aulas, como professora visitante, na Escola de Sociologia da Universidade Católica. Foi das primeiras disseminadoras das teorias de Lévi-Strauss no Chile, na flacso, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, onde por sinal lecionei economia. A língua foi sendo dominada aos poucos. A pronúncia no Chile é uma pronúncia peculiar, não é o espanhol da Espanha ou da Argentina. As mulheres falam aspirado e Ruth aprendeu esse maneirismo. Ela sempre falou melhor do que eu, principalmente porque, como fez aqui a vida inteira, tinha o dom de chegar às pessoas, de conversar, perceber os truques da língua. As mulheres levam vantagem, vivem na pele o dia a dia do país e penetram na linguagem concreta. Dois dias depois, Ruth sabia como era repolho em espanhol. Comandando a casa, o que fazia? Ia todos os dias ao Vega, um supermercado, ia à feira, conversava com as empregadas que estavam fazendo compras, com as donas de casa, com os funcionários. Ia à quitanda, ao açougue, à padaria. Ruth fez o que uma pessoa inteligente faz, misturou-se ao chileno, captou a sua maneira de se expressar. Por outro lado, vivíamos num meio intelectualizado. Uma de nossas grandes amigas nessa época foi Malucha Solari, mulher de Aníbal Pinto, um grande economista, e por aí tínhamos outro nível de linguagem.[68] Desse grupo faziam parte Tiago de Melo, adido cultural que morava na casa de Pablo Neruda, o então senador Salvador Allende e sua filha Izabel, e Enzo Faletto, meu parceiro na escritura de *Dependência e desenvolvimento*”.[69] Pablo Neruda, que receberia o Prêmio Nobel de Literatura sete anos mais tarde, aparecia vez ou outra.

Enquanto o marido, por ser da Cepal, podia importar um carro, e ele escolheu um Mercedes, Ruth, sempre ciosa de sua independência, comprou um pequenino carro francês, para duas pessoas, não mais do que isso, com o qual se deslocava. Ela andava no Mercedes, mas gostava mesmo de sua “carroça”. Não se pode dizer que dirigia bem, mas dirigir lhe dava liberdade. Anos mais tarde, odiaria os motoristas particulares, principalmente os impostos pelo cargo e pela segurança. Já Paulo Henrique comemorou a chegada de uma bicicleta importada, escolhida no catálogo da Sears que eles recebiam. “Era”, confessa fhc, “quase o mesmo estilo de vida que tínhamos em São Paulo, ainda que envolvido pela angústia do exílio e corroído pelas saudades da cidade e das pessoas.” Ruth adorou o Chile, entrosou-se, acabou voltando lá diversas vezes. A família teve, a certa altura, também a sua *botijeria* particular, aquela que fornecia os vinhos em garrações, as bebidas. O que todos lembram é que aquele foi um momento de convívio familiar intenso.

Em Araraquara, parte da vida de Mariquita passou a ter um objetivo, o de economizar para fazer suas viagens ao Chile. Ia uma ou duas vezes por ano e, na volta, já em Araraquara, contava com orgulho do carro Mercedes-Benz, de como trabalhavam muito e que estavam tendo uma vida melhor do que

quando eram professores da usp. A chegada da avó era aguardada com júbilo pelos netos. Além de Mariquita, amigos como Leôncio Martins Rodrigues e sua mulher Aracy e José Arthur Giannotti também visitaram os Cardoso em Santiago.

Em agosto de 1965, o general Leônidas morreu no Rio de Janeiro. Fernando Henrique nem sabia que o pai estava doente. Recebeu um telegrama de um amigo dizendo apenas “O Sapo morreu” — Sapo era o apelido do general. Como fhc tinha passaporte diplomático, porque trabalhava para a onu, embarcou imediatamente para o Rio de Janeiro, sem pensar em mais nada. Foi ao enterro e à missa. A igreja estava repleta de militares. No fim da missa, um deles se aproximou discretamente e comunicou: “Agora, vá embora imediatamente, ou então...”.

Dois anos depois, em 1967, Alain Touraine, Michel Crozier, Henri Lefebvre e Lucien Goldmann enviaram um convite a Fernando Henrique Cardoso para que se juntasse a eles na recém-criada Universidade de Nanterre, um dos braços da Sorbonne em Paris. O Chile significava, àquela altura, a estabilidade, porém, incentivado por Ruth, fhc aceitou. Os dois sabiam o que tinha significado a vivência ali. O Chile era cosmopolita, ali se estava em contato com a Europa e os Estados Unidos. “São Paulo era muito fechado, comparado com Santiago naquela época. Foi um ambiente propício para entendermos as coisas do mundo. Saímos de lá por uma única razão, queríamos uma experiência intelectual mais ampla”, justifica Fernando Henrique. Deixaram o Chile com pesar.

## Ruth não viu o Maio de 68 em Paris

Em Paris, a família foi morar num apartamento em Nation, linha [\[70\]](#)do metrô, no lado oposto a Nanterre. Para chegar à universidade, atravessava-se quase toda a cidade, ao menos, a velha cidade. O apartamento era muito bom, antes havia sido ocupado por “antropólogos malucos que foram dar aula na África”, segundo Beatriz. O lugar era sujo, os antigos inquilinos não cuidavam, só usavam luz de velas, “decerto para que não se visse a sujeira”. Mas nada que uma boa faxina não mudasse o astral. André, filho de Ana Maria e Pedro Paulo Poppovic, morava também com os Cardoso. Anos mais tarde ele seria um dos namorados de Bia.

Ruth não matriculou os filhos na escola, pois não se sabia quanto tempo ficariam na França. Paulo, caminhando para os catorze anos, fez um curso de artes e era o único que podia sair sozinho. Luciana e Bia, além de aulas de conhecimentos gerais, acompanhavam a mãe em programas culturais — todos os museus foram passados e repassados. André era o único que podia tomar Coca-Cola durante a semana, pois tinha o dinheiro dele. A vida continuava regrada. “A gente aprendeu desde cedo a viver bem, mas a viver bem com o que se tinha, não era esbanjamento. Minha mãe era muito normatizadora: o que é certo, o que é errado. Pedagoga em tempo integral no dia a dia. Eu me transformei numa por profissão, ela exercia cotidianamente, em todos os momentos. Ensinava, ensinava”, comenta Bia com um leve sorriso. Ruth fez alguns seminários muito curtos, mas a maior parte do tempo ficava com a família. Havia uma faxineira semanal, Madame Emmanuelle, que cobrava uma fábula. Quando ela entrava, a família saía, ia dar uma volta, a mulher dava a impressão de nunca ter tomado um banho. Nos outros dias todos ajudavam, aprenderam desde cedo essa parte da vida, a colaborar, fazer junto.

Havia um lado curioso nesse apartamento. As pessoas vinham jantar, conversavam, discutiam, normalidade em qualquer casa dos Cardoso. Todavia, havia aqueles que vinham das vizinhanças ou de longe para um banho. Eram brasileiros que moravam em quitinetes com banheiro compartilhado no corredor, coisa comum em Paris, e preferiam se deslocar até Nation para um banho brasileiro.

Nesse período eles se ligaram a um jovem sociólogo, um assistente em Nanterre de nome Manuel Castells,<sup>1</sup> depois reconhecido como o inovador da teoria sociológica. Ruth e Castells sentiram muita afinidade e começou ali uma amizade que se fortaleceu e persistiu. Ao longo da vida, encontrando-se em seminários e cursos pelo mundo afora, dialogaram intensamente, sempre a respeito do desenvolvimento de novas análises sociológicas, “pessoas que se debruçavam sobre os movimentos nascentes, enquanto o grosso da esquerda acadêmica estava ainda na luta de classes. A sociedade estava se transformando e Ruth sempre foi mais aberta do que eu para perceber esse tipo de comportamento a nível popular. Ela se

interessava, mergulhava”, na avaliação de Fernando Henrique.<sup>[71]</sup>

Com a morte, em São Paulo, do professor Lourival Gomes Machado, abriu-se a vaga para a cátedra de ciência política na Faculdade de Filosofia da usp, ao mesmo tempo em que o Supremo Tribunal Militar declarou o processo de Fernando Henrique nulo. Diante disso, disposto a concorrer à vaga, continuou a escrever a sua tese. Ruth voltou ao Brasil não só para começar a reorganizar a vida e a volta, como também para cuidar do processo de inscrição do marido. Ele escrevia capítulo a capítulo e enviava ao Brasil para a montagem final. Ruth lia, anotava, sugeria, indicava, e ele aceitava ou discutia. “Ela não escrevia tanto, mas era excelente leitora, tinha o olho para apanhar o cerne das questões, ia ao ponto,” reconhece fhc.

Por um mês, Ruth perdeu o bonde da história. Ela deixou a França em abril de 1968. Em maio, Paris explodiu, a partir de Nanterre, chamada também Nanterre *la folle* (a louca) ou Nanterre *la rouge* (a vermelha). Momento em que aconteceram as manifestações que repercutiram no mundo todo e se tornaram um marco divisor na história moderna. O historiador Voltaire Schilling definiu 1968 como “o ano louco e enigmático de nosso século [...]. Uma espécie de furacão humano, uma generalizada e estridente insatisfação juvenil, que varreu o mundo em todas as direções”. Estudantes, operários, executivos, donas de casa, professores — todas as classes ocuparam as ruas, formaram barricadas, queimaram carros, combateram a polícia. Durante trinta dias o governo francês esteve ameaçado de colapso.

Nada menos de 1.434 jornalistas estrangeiros se deslocaram para Paris para cobrir uma revolução existencial, de mudança cultural. Revolução cujo lema era educação, sexualidade e prazer, e sobre a qual Sartre, dois anos depois, ainda se dizia perplexo, pensando no que tinha acontecido, sem entender o que os jovens queriam. Os *slogans* do Maio de 68 correram mundo, eram centenas de propostas novas, poéticas ou radicais: “Sejam realistas, exijam o impossível!”, “A humanidade só será feliz no dia em que o último capitalista for pendurado com as tripas do último burocrata”, “Abaixo a universidade”, “Levemos a revolução a sério, não nos levemos a sério”, “O álcool mata, tomem lsd”.

Mas havia outro bonde do qual ela não escapou no Brasil. Os tempos eram bravos. O general Costa e Silva tinha sucedido a Castello Branco na Presidência. A situação aqui se precipitou. Carlos Lacerda e jk formaram a Frente Ampla, fazendo oposição ao que era denominado Sistema. Grupos de extrema-esquerda iniciaram a radicalização, com a luta armada, sequestros, roubos a bancos, terrorismo. Os direitistas também entraram na onda de atentados e terrorismo. Os estudantes se organizaram e denunciaram o acordo mec-usaid, por meio do qual os Estados Unidos interferiam na estrutura educacional brasileira, abrindo caminho para a privatização do ensino superior. Na Maria Antonia discutia-se a reforma universitária e foram formadas comissões paritárias de professores, estudantes e funcionários para discutir e projetar os processos internos e a gestão da escola, tendo cada grupo um coordenador docente. Em julho, os estudantes ocuparam o prédio da universidade. No Rio de Janeiro, o estudante Edson Luís foi assassinado pela polícia e recrudesceram os protestos, e igualmente a repressão, culminando com uma passeata histórica na luta pela democratização, a dos Cem Mil.

Os operários se mobilizaram e organizaram greves em Contagem, Minas Gerais, e em Osasco, São Paulo. A Frente Ampla de Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda, em oposição ao regime, foi proibida.

Costa e Silva fechou o Congresso e, em 13 de dezembro de 1968, editaria o ai-5, cancelando liberdades individuais e instalando um regime duro. Nos dias 2 e 3 de outubro eclodiu a Guerra da Maria Antonia, uma violenta batalha que teve, da parte da Filosofia, rojões, paus, pedras e tiros, contra metralhadoras, rifles, revólveres e bombas da turma do Comando de Caça aos Comunistas, o ccc, entrincheirada no Mackenzie. Significou o fim da Maria Antonia, que se viu incendiada e destruída. Os departamentos foram transferidos para a Cidade Universitária, no Butantã, que não tinha condições de abrigar convenientemente os novos cursos — amontoaram-se em barracões precários de madeira e zinco, erguidos rapidamente, insuportáveis no calor, impossíveis nas chuvas, com o barulho da água nos tetos de zinco, de arrear de frio no inverno.

Antes disso, ao voltar, Ruth viu que a casa do Morumbi estava quase pronta, mas ainda não habitável. Alugou um apartamento pequenino na rua Major Sertório e reiniciou a vida. Inclusive, retomou sua tese de doutorado que, sob orientação de Eunice Ribeiro Durham, focava a *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no estado de São Paulo*. Na Major Sertório o espaço era mínimo, mas Ruth tinha paciência de Jó (como se diz em Araraquara). As crianças tinham cachorro, passarinho, houve até um hamster que morreu afogado na privada. Quando Fernando Henrique voltou de Paris, a família já estava instalada no Morumbi. Em outubro de 1968, diante de uma banca presidida por Sérgio Buarque de Holanda, fhc defendeu sua tese e ganhou a cátedra. Quase não chegou a dar aulas.

Em 1973, Paulo Henrique, que estudava no Colégio Equipe, costumava aparecer dirigindo o Dodge Dart azul do pai. E convocava sua turma: “Vamos p’ra casa ouvir música”. Jorge Caldeira, amigo dos mais chegados, conta que todos iam para lá. Era “uma casa bastante liberal para os padrões da época, Paulo tinha som no quarto, cada um fazia o que bem entendia, não tinha ninguém à tarde em casa. De vez em quando, um ou o outro aparecia no fim da tarde, e assim conheci a Ruth e o Fernando, sabendo apenas que eram os pais do Paulo. Não tinha ideia de que o Fernando Henrique era sociólogo e a Ruth, antropóloga”.

Em novembro de 1968, um jovem de 26 anos bateu à porta da casa dos Cardoso com a mala na mão. Chegou para ficar um mês. Foram trinta dias dos mais importantes, tanto para ele como para Ruth Cardoso. Manuel Castells, nascido em Barcelona e tendo estudado em Nanterre, viria a ser um dos sociólogos mais importantes do mundo, principalmente com seus trabalhos sobre a Sociedade em Rede. Naquele ano de 1968, Castells descobriu a Ruth mulher, professora, dona de casa e antropóloga, e compreendeu seu método de trabalho, o imiscuir-se na vida cotidiana como mulher comum, ao mesmo tempo em que captava a realidade e a colocava num laboratório. Era a antropologia urbana. Depois de ler a tese de 1959 e os primeiros capítulos do novo trabalho, Castells e Ruth visitaram a Liberdade, o bairro japonês, percorreram a cidade, foram ao Mercado Central, estiveram em feiras livres, viveram o cotidiano paulistano. Ruth não deu descanso ao jovem e essa experiência o marcou e está descrita no posfácio a este livro.

Em abril de 1969, a caminho da Universidade, Fernando Henrique ouviu no rádio do carro mais um decreto com cassações. Eram constantes, a cada semana ou dia. Seu nome estava na lista dos cassados. Ao chegar à usp a comoção era grande, e ele viu, dentro da Universidade, os primeiros sinais de reação. A polícia cercou os professores numa sala, ele conseguiu escapar, foi a pé para casa. Ruth não tinha ido

dar aulas nessa tarde. Aos 37 anos, veio a aposentadoria compulsória.

A casa do Morumbi era o oposto do apartamento em matéria de espaço, dava e sobrava. Voltou a ser movimentada, agitada, característica permanente da família. O dia em que o pai se aposentou foi um choque para Bia, ela não conseguia entender o que estava acontecendo, sabia que era grave, ruim, e ao mesmo tempo obscuro. As conversas em casa eram claras, objetivas, não havia aquela história de criança sair da sala porque os adultos estavam conversando, nunca houve. Mas eram tempos de sobressalto: se a campainha da casa tocava, naquela solidão do Morumbi — então um bairro isolado em São Paulo, ruas escuras —, as pessoas tremiam e logo se pensava na repressão. Na verdade, esse era o clima geral no país, ao menos entre as classes mais lúcidas e intelectualizadas. Na Faculdade as pessoas iam “caindo”, cassadas, perseguidas, como Célia Galvão, José Arthur Giannotti, Elza Berquó, Roberto Schwarz.

Fechavam-se todas as portas, de todos os lados. Mesmo com a proibição de reuniões políticas, a casa dos Cardoso tornou-se — como de hábito — um centro de discussões. Fazer o quê? Fugir? Novo exílio? Decidiram ficar, não fugir. Tinham experimentado o exílio, estavam preocupados com os filhos. Desses encontros nasceu a ideia de um centro de pesquisas independente, privado, destinado a realizar estudos sobre a realidade brasileira. Com as relações feitas no tempo em que trabalhou na Cepal, fhc chegou a Peter Bell, da Fundação Ford no Brasil, que, mesmo hesitante (afinal eram pessoas banidas pelos militares), concordou em financiar o projeto com uma doação inicial de us\$ 100 mil. Assim nasceu uma das mais celebradas, discutidas e famosas instituições do Brasil, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o Cebrap, que teria uma ação singular nas décadas seguintes. Seria um baluarte, núcleo de resistência à ditadura, um posto avançado para o caminho de redemocratização. O primeiro endereço do Cebrap foi na rua Bahia, 499. A data oficial de nascimento é 3 de maio de 1969. Os fundadores foram fhc, Elza Berquó, José Arthur Giannotti, Juarez Brandão Lopes e Cândido Procópio Ferreira de Camargo, o primeiro presidente. Nos anos seguintes juntar-se-iam nomes como Bolívar Lamounier, Octavio Ianni, Francisco Weffort, Vilmar Faria — futuro braço direito de Ruth Cardoso, um dos pensadores em quem ela mais confiava —, Carlos Estevam Martins, Francisco de Oliveira, Lúcio Kowarick, Boris Fausto, Luiz Werneck Vianna, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Regis de Castro Andrade. Veio também o eventual apoio financeiro de José Mindlin e de Severo Gomes, empresários de proa. Acrescentou-se a eles o prestígio de Celso Lafer.

Com o exílio, Ruth tinha atrasado seu doutorado. Sua amiga Eunice Durham havia feito o dela antes, de maneira que foi encarregada de ser a orientadora de Ruth. Por outro lado, como Eunice já estava fazendo a livre-docência, e para isso estudando a migração rural urbana a convite de Darcy Ribeiro, Ruth passou a ser sua orientadora. Eunice escrevia como desesperada e ia à casa de Ruth: “Veja se está bom”. Dias depois, Ruth chegava e fazia sugestões. Depois era Ruth quem ia à casa de Eunice e entregava uma pasta cheia de papéis. Dias depois ouvia: “Melhor mudar este pedaço de lugar. Isso que está aqui fica melhor mais à frente. Corte este trecho”. Para Eunice, foi uma época divertida, “o primeiro caso de orientação em mão dupla”.

As duas davam apoio ao movimento estudantil, a luta contra o regime autoritário, a ocupação. Tempos de polvorosa, agito total. Ficavam na Faculdade muitas noites, ainda que não a noite toda, por causa dos filhos. “Ruth sempre teve uma identificação maior com os estudantes”, reconhece Eunice,

“sabia falar e compreendia os jovens. Ela se entusiasmou pelos cursos paritários, até que um dia eu a fiz refletir. Se íamos dar cursos paritários, devíamos dividir o dinheiro com eles, porque, sendo um esforço coletivo, eles trabalhariam para montar o curso, era a aprendizagem mútua. No fundo, um delírio da democracia igualitária e assembleística. Que o trabalho é feito com o aluno, é; o aluno aprende, interfere, pergunta, discute; agora, o aluno não é capaz de dar aula. Claro, dizer isso na época era uma heresia. Acabamos dando os cursos.”

Nessa época, Ruth Cardoso e Eunice Durham trabalhavam com populações urbanas, estavam levando à frente alguma coisa que já existia — havia uma tradição americana, pequena, mas havia. “Época dos estudos de comunidades. Influências de Robert Redfield e seus trabalhos sobre Yucatán, a cidade e a área tribal, comparando as duas coisas, misturadas à tradição da Escola de Chicago, na qual os estudiosos estavam mergulhados na antropologia urbana. Não era uma coisa inteiramente nova, ainda que o fosse no Brasil. A cidade era o contexto, os camaradas estavam aqui, nós estudávamos aqui. Na verdade, fizemos uma bela adaptação da antropologia existente, junto com o marxismo galopante que tomou conta da Faculdade de Filosofia, numa situação muito complicada. Quanto a Ruth, ela reintroduziu Lévi-Strauss nos cursos.”

Mesmo com a ocupação da Faculdade, foi um momento fértil para o ensino. Ruth e Eunice começaram a inventar métodos pedagógicos, seminários, a dividir as turmas em grupos de trabalho, os alunos faziam relatórios, elas liam, discutiam, um trabalho do cão, porque tudo era devolvido, cada um dos trabalhos, anotado, uma tarefa maluca. “A dedicação dela aos jovens era inesgotável”, confirma Eunice.

O ano de 1968 se fecharia (ou nunca se fecharia, de acordo com Zuenir Ventura em seu livro *1968 — o ano que não terminou*) com a polícia invadindo um sítio em Ibiúna onde a União Estadual de Estudantes realizava, clandestinamente, seu xxx Congresso. Foram presas centenas de jovens, entre eles os líderes Luís Travassos e Vladimir Palmeira. O governador Abreu Sodré, referindo-se ao episódio, afirmou sua disposição de “manter a paz e a tranquilidade para a população que deseja trabalhar”. E acrescentou, referindo-se à prisão dos estudantes: “Agi com energia para reprimir a agitação e a subversão quando determinei a prisão de estudantes subversivos que participavam do congresso da une”.

Nessa altura é que Ruth conheceu uma jovem de nome Danielle Ardaillon, que, no futuro, estaria muito ligada a ela e a Fernando Henrique, de tal modo que, hoje, ela é a responsável pelos arquivos pessoais do ex-presidente, tarefa da maior confiança e sigilo. Danielle tinha ido morar na rua Nebraska, vizinha à casa de Ruth, então habitada pelo general Leônidas e dona Nayde. Entre as casas dos dois havia um terreno que ela atravessava para ir telefonar, um hábito da casa que se manteve na vizinhança. Ao decidir fazer pós-graduação em antropologia, Danielle se aproximou de Ruth. “Trazia em mim essa coisa francesa que se misturava a timidez. A casa do outro, um espaço muitíssimo pessoal. Ruth, porém, não era assim, acolhia as pessoas em sua casa, uma casa aberta o tempo todo. Quase me assustei quando ela disse: ‘Está bem, vai fazer pós-graduação? Venha até em casa, vamos tomar um café e discutir’. Imagine, chegar até a casa do Fernando Henrique, o deus da usp? E fomos nos aproximando. Ela tinha um jeito muito especial, me olhava e dizia: ‘Ah, adoro suas roupas’, e eu me sentia mais perto. Outra vez, comentava: ‘Ah, Danielle, a gente devia fazer uma viagem juntas para Portugal’. Nunca fizemos, claro, mas isso quebrava protocolos, facilitava a relação. Ainda que ela fosse reservada — era muito reservada

sobre ela mesma, acho que nunca se abria. Ruth ficou entusiasmada quando contei sobre o meu trabalho, os programas do Chacrinha, que na época eram o máximo de audiência. Ela considerou um tema inusitado, corajoso, ficou fascinada. ‘Este é o Brasil’, ela disse.” Essa era a Ruth.

De Araraquara chegavam notícias sobre a tese que Mariquita iria defender na faculdade, o que servia para amenizar e, de alguma maneira, divertir Ruth, que se encantava com o temperamento e a determinação da mãe. Em primeiro lugar, o tema era a *Luffa operculata*, nome botânico da buchinha, ou cabacinha, uma planta medicinal usada popularmente no tratamento de rinites e rinossinusites. Ruth ria, pensando no buxinho (*Buxus sempervirens*), planta que estava em todos os jardins de Araraquara e que as crianças jogavam no fogo para ouvir estalar. A buchinha era outra planta. Ao mesmo tempo, Ruth sabia que aquela defesa era o fim de um percurso de teimosia e integridade da mãe. Mostrava o seu jeito de ser, herdado por Ruth. Mariquita estava quase para se aposentar quando, em 1967, defendeu sua tese de doutorado na Faculdade de Farmácia e Odontologia. Há um bom tempo, ela dera entrada num recurso para ser efetivada, porém a direção da Faculdade argumentou que para isso teria de defender uma tese. Ao que Mariquita respondeu que já estava há muitos anos como professora concursada e se recusava a defender uma tese. Era seu direito. Entrou com mandato de segurança e ganhou a causa. Depois do processo concluído, e confirmada a vitória do direito à efetivação, ela foi à direção da escola e disse: “Agora, vou fazer a tese”. Fez, e quem a orientou foi o professor Angeli, do Departamento de Botânica da usp. Dez com louvor. A tese encontra-se na biblioteca da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp, em Araraquara.[\[72\]](#)

## Interesse pelos movimentos sociais urbanos

Ruth era muito inventiva em métodos pedagógicos e seminários, estava constantemente criando, renovando. A divisão das turmas em grupos de trabalho levava os professores a dar aulas o tempo todo, o que era exaustivo, complicado. Era uma maneira também de defender a democracia dentro do movimento libertário dos estudantes. Fim dos anos 1960, começo dos 1970, o setor de ciência política perdeu quase todos os seus professores,

restaram dois ou três — uns fugiram, outros se exilaram, foram presos, desapareceram no clima tenso da época. Houve recrutamento de professores e Ruth Cardoso e Eunice Duhram se viram na ciência política. “Foi quando Ruth começou a trabalhar com o conceito de sociedade civil”, diz Eunice, “passou a se interessar e a se dedicar aos movimentos sociais urbanos. E eu trabalhava com o conceito de ideologia como fenômeno cultural, o que é diferente de pensar a ideologia em termos marxistas. Era uma visão nova e assim conseguimos construir um campo não trilhado na antropologia. Os antropólogos estudavam aquilo que veio a ser o que a Igreja católica chama de pobre oprimido. Estudávamos as favelas, os cortiços, os negros, o migrante rural urbano, a família. Não nos debruçávamos sobre nenhuma classe revolucionária, esse é que era o problema naquele tempo. Nossos alunos inventavam um tema atrás do outro, a empregada doméstica, as comunidades de base etc. e iam atrás. Tudo o que a gente estava tentando fazer se juntava e tinha um significado político. Nessa altura, nos preocupava muito a fragmentação das pesquisas e da pós-graduação. Os alunos ou grupos de alunos escolhiam o tema e ficávamos com aquele amontoado de temas na mão, orientava-se um para cá, outro para lá. Quando montamos os Seminários das Segundas-Feiras, destinados a encontrar uma problemática teórica que fosse comum, nos reuníamos, indicávamos e líamos a bibliografia, discutíamos a aplicabilidade daquilo para o trabalho que cada um estava fazendo. Esses Seminários acabaram tão célebres quanto os de Marx, do grupo de Fernando Henrique e Giannotti.”

Jorge Caldeira afirma que “Ruth teve a visão de que antropologia não era só para estudar a cultura dos outros, mas era para estudar a sua própria cultura com estranhamento”. Os novos movimentos sociais, feitos com gente da periferia, que às vezes nem eram operários, era um bando misto, não podia ser considerado uma classe. Esses movimentos ficaram politicamente importantes e, ao estudar isso, Ruth e Eunice conseguiram fazer uma reformulação do setor de ciência política, dando uma visão mais ampla e nova à antropologia. Aqueles encontros duraram alguns anos e os participantes ficaram conhecidos como a “Turma do Seminário”. Diz Eunice: “Ruth era uma pensadora original, possuída por uma incrível avidez de saber o que se passava no mundo, buscando bibliografias para criar novos conceitos. Ela lia e

interagia com os antropólogos, os sociólogos, os historiadores, os cientistas, os artistas, os filósofos, os marxistas, e me pôs a ler também, para dar aula. Assim fizemos uma transição para a nova antropologia. Ela era uma formadora, professora de primeira categoria, dotada de um rigor enorme. Todo mundo precisava estar teoricamente fundamentado, não se tratava de dar palpites, dizer coisas simpáticas sobre favelados ou outro tema, não era para fazer a glorificação dos pobres. Para Ruth pensar era uma aventura, coisa prazerosa. Ficar com um problema na cabeça e tentar transformar aquilo em aula, tornar aquilo uma pesquisa. Tudo era intelectualmente estimulante”.

Para dar contornos mais claros à situação de meados dos anos 1970, Fernando Henrique Cardoso acentua que, “pouco a pouco, consolidava-se a presença política dos trabalhadores urbanos, independentemente de sua ligação com esse tipo de movimento organizado [forças tradicionais de esquerda, movimentos de inspiração trotskista, maoísta ou fidelista]. E as manifestações de apoio de setores das classes médias, intelectuais, padres e jornalistas, sem contar estudantes, mostraram que os sindicatos não estavam isolados. [...] Já se notava a presença desses ‘atores sociais’ na segunda metade dos anos 1970, quando se começou a falar no papel da ‘sociedade civil’ na política, utilizando-se uma linguagem não usual na época. A linguagem tradicional referia-se unicamente a classes e setores de classes”.[\[73\]](#)

Lourdes Sola, que foi fazer antropologia em 1959, teve aulas com Ruth, então grávida de Bia. “As aulas de Ruth eram descontraídas, sempre foi uma professora muito organizada, sua matéria, mantida sob controle, de uma clareza impressionante. Sua voz era calma, havia naquela voz algo especial, um elemento a mais. Uma voz bonita, não uma voz de comando, mas uma voz analítica que fluía. Uma professora séria que não deixava passar leituras mal ou pouco lidas. Gioconda Mussolini dizia que queria ser filha da Ruth, porque ela era tranquilizadora e ao mesmo tempo disciplinadora. Cultivava muito a autonomia, ainda que essa fosse a marca geral das mulheres da Maria Antonia”, comenta Lourdes Sola. “Éramos uma geração que se sentia eufórica de conquistar um espaço profissional.”

Para Maria Filomena Gregori, conhecida como Bibia, que participou dos Seminários já na década de 1980, Ruth Cardoso e Eunice Durham a marcaram fundamente, eram professoras mitificadas. “Elas foram as grandes estrelas de sua época. Diferentes, às vezes opostas. Eunice agregava as massas, era ríspida e brilhante, tinha um domínio extraordinário do culturalismo norte-americano, imbatível nessa matéria, seguidora de Malinovski, famoso por sua teoria da pesquisa de campo. Ruth era ultraprofessoral, consistente, construía esquemas sofisticados para dar aula, mantinha o ego sob controle. Ruth era doce e Eunice, elétrica, cortante com todo mundo, menos com a Ruth, que, por sua vez, tinha coragem de cortar Eunice, dizia a ela coisas que nenhum de nós, aliás, ninguém na faculdade, se atreveria a dizer. O curioso é que elas se admiravam e se complementavam, e se espicaçavam. Eunice, muito clássica, segura de si, enquanto Ruth nunca levou a sério o classicismo, tinha a cabeça aberta para novos autores, indagações, questões, *insights*, desconfianças, suspeitas. Ela não acreditava em coisas canônicas.”

Em 1971, quando a Faculdade passou a ser denominada Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e as cátedras haviam sido extintas, Fernando Henrique e Ruth passaram larga temporada em Stanford, onde ele foi professor residente e ela retomou sua tese sobre os japoneses, mudando, todavia, o

rumo — afinal, tinha sido iniciada oito anos antes —, voltando-se agora para a questão da urbanização, tema no qual estava mergulhada, detendo-se principalmente na questão das novas gerações.

Nesse ano de 1971, ao acompanhar Fernando Henrique a Genebra, onde ele participaria de um seminário intitulado “Center Europa Terceiro Mundo”, Ruth encontrou-se com uma mulher que, no futuro, seria uma de suas melhores amigas e colaboradoras. Essa mulher, então no exílio com o marido Miguel, tinha organizado e construído, com um grupo de estudantes e patrocinadores, o Center Europa, destinado a discutir com pensadores de todos os segmentos as grandes questões sociais, políticas e econômicas que separavam esses dois mundos. Essa mulher era Rosiska. Ambos, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira, no futuro teriam papéis essenciais na grande virada de vida que Ruth deu. “Ali em Genebra nos encontramos, olhamos uma na cara da outra e vimos que nos daríamos bem, apesar de termos temperamentos diferentes. Ela era inteligente, sedutora e preocupada com as mesmas coisas que eu. Éramos bastante jovens e tínhamos interesse pelo movimento feminista. Era um tema que estava nascendo, mas estávamos dentro dele e descobrimos em nossas conversas pontos coincidentes no plano da experiência pessoal. O mais importante era como ironizávamos o fato de sermos, de certa maneira, ironizadas. Vi como Ruth tinha humor, não era de se zangar com as coisas. Carregava um gênio forte, porém não era esquentada. Mas destilava uma ironia mortal. Ela cortava! Tinha uma gilete afiadíssima.”[74]

Em 1972, ao defender sua tese *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no estado de São Paulo*, orientada por Eunice Durham, Ruth recebeu o título de doutora em ciências sociais (antropologia social), pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tornou-se professora associada de antropologia, docente em cursos de graduação e de pós-graduação, diretora de seminários teóricos e de pesquisa, e orientadora de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Em 1973, Ruth e Eunice publicaram na *Revista de Cultura Vozes*, de Petrópolis, [75]um ensaio sobre “A investigação antropológica em áreas urbanas”. Nos anos de 1973 e 1974, junto com Lúcio Kowarick, Ruth coordenou um trabalho de grande repercussão, o “Estudo de dez famílias faveladas”. [76]

Para Eunice Durham, o ambiente na Faculdade de Filosofia estava se tornando um pouco provinciano e, com a saída de Roger Bastide e de Florestan Fernandes, houve uma queda — decadência mesmo — no rigor metodológico com relação a pesquisa, documentação de pesquisa, análise de dados. Uma consequência provável do regime militar, que levou o pensamento crítico para o denunciamento. “Com a Ruth não tinha isso, você podia fazer a denúncia, mas não a denúncia fácil. Para ela a denúncia não era o importante, e sim entender efetivamente o que estava acontecendo. Essa posição deu um prestígio maior para a antropologia, que, de ciência menor, de repente se tornou importante, uma vez que fomos levadas ao aprofundamento das análises, a compreender o que efetivamente se passava dentro dos processos.” [77]

Celso Lafer começou a ter um relacionamento mais intenso com os Cardoso no início da década de 1970, quando Fernando Henrique já estava aposentado e se dedicando ao Cebrap. Nas conversas e discussões, que eram intensas, Ruth chamou a atenção de Celso para uma coisa que, para ele, não estava ainda muito clara, mas estava para ela. Dizia a Celso: “Por conta daquilo que você tem escrito, você tem

o foco no papel do Estado, na dimensão do planejamento, nos partidos políticos, e o que isso significa. Mas chegou a hora de prestar atenção na dinâmica própria da sociedade, porque é lá que está a inovação do que vai acontecer”. Ela, diz Celso, “estava com a cabeça voltada para o papel dos sindicatos, dos movimentos sociais, para as variações de sociabilidade que derivavam da urbanização, que foram assuntos que, depois, ela trabalhou de maneira muito interessante e significativa”.

As notícias de Araraquara, em 1972, eram inquietantes. Por motivos de saúde. Mariquita teve de se afastar do Colégio São Bento, onde dava aulas desde 1956. Os problemas, entretanto, começaram a se agravar, até que os médicos a aconselharam que fosse para São Paulo. Ela e José foram morar com Circe Boueri, sua irmã por parte de pai, que ainda se lembra bem: “Ela me dizia que não conseguia comer, não tinha fome, foi enfraquecendo, não se alimentava. Então, Ruth e Fernando Henrique chegaram de uma viagem e a levaram para a casa deles. Porém ela foi piorando, emagrecendo mais e mais. Mariquita, muito mal, Fernando Henrique propôs que se tentasse a acupuntura. Foram a um médico que pediu uma série de exames e descobriu-se que, além de um problema no fêmur, ela estava com um câncer que já tinha tomado conta do baço. Ruth não se desgrudava da mãe, era de uma dedicação ímpar. Um dia, fomos para Taubaté, onde dizem que havia um médico com um tratamento novo para câncer. Ao ver as radiografias, ele disse que não havia mais condições de fazer nada”. Jorge Caldeira seguiu de perto o declínio de Mariquita. “Tinha perdido, claro, todo o humor que fazia parte dela, sofria muito, foi uma coisa pesada, mas a Ruth cuidou.” Um dia, em 1974, Margarida Troncon Busatto, afilhada de Ruth, veio de Araraquara visitar Mariquita — encontrou-a completamente alheia, nem conversava mais, o olhar vago e distante. Logo depois ela morreu. Desde então, Ruth ficou bloqueada, dificilmente pronunciava o nome da mãe, travava.

Na altura de 1970 ou 1971 — as lembranças das pessoas acabaram imprecisas —, Ruth recebeu um convite do jornalista Fernando Pacheco Jordão, que estava pronto para produzir uma série de programas didáticos sobre ciências humanas para a tv Cultura de São Paulo, Fundação Padre Anchieta, que todos conheciam como tv Educativa. Seis professores eram os consultores de produção: Ruth Cardoso, antropologia; José Sebastião Witter e José Jobson Arruda, história; Rodolfo Azzi, psicologia; Gabriel Cohn, sociologia; e Paulo Singer, economia. Eventualmente outros especialistas, todos acadêmicos, eram chamados a colaborar, discutir, fazer pesquisas e elaborar textos teóricos em forma de apostilas, que eram roteirizados para a linguagem da televisão.

O programa, de vinte minutos a meia hora, ia ao ar no início da noite, às 19 horas, e misturava teatro e música. Como era sobre família e problemas familiares, usavam-se muitas vezes bonecos de papel machê — eram eles que abordavam os assuntos, discutiam as questões levantadas pelos consultores. Fernando Pacheco Jordão lembra-se com um sorriso de como havia escrúpulos por parte dos acadêmicos, notava-se um visível preconceito com relação à televisão, considerada arte menor (e havia pudores quanto à palavra “arte”). Com exceção de Ruth e Azzi, os outros se sentiam levemente incomodados, preocupados em ver como tudo seria formatado. Ela achava graça em tudo, queria saber como se fazia, qual era o processo, divertia-se com os achados e as soluções, adorava os bonecos, entregava-se sem restrições. Era um conhecimento que acrescentava. “Muitas vezes, Ruth sentava-se ao meu lado no estúdio para conversar sobre meios de comunicação. Na época eu já trabalhava com pesquisas sobre a mídia, atuava em agências de publicidade, e ela queria saber minhas descobertas, indagava muito sobre as mudanças no comportamento dos brasileiros, tendo em vista o crescente ‘consumo’ dos bens de comunicação. Ela vivia com os olhos bem abertos para isso, e ainda estávamos no início dos anos 1970. Eu não tinha, vamos dizer assim, a ‘respeitabilidade acadêmica’, porém estava mergulhado de cabeça nas investigações e trazia dados que eles não possuíam, nem sequer imaginavam. Eram esses dados que ela recolhia de mim. Ruth não se fechava numa torre de marfim.” Fernando, por um instante, fica em silêncio, depois faz uma indagação: “Sempre me perguntei por que Ruth nunca teve ambição, curiosidade, ou por que nunca foi convidada a fazer alguma coisa em rádio ou televisão. Não sei se em algum momento ela cogitou isso. Por quê? Notei naquele período os olhos dela, curiosos, intensos, excitados com aquele meio, com as palavras transformadas em imagens”.[\[78\]](#)

## Prezando a autonomia dos filhos

O homem já tinha ido à Lua quando chegaram os anos 1970, tempos do general Garrastazu Médici, o avozinho de olhos azuis sempre com o radinho de pilha ao ouvido, enquanto nos porões da ditadura, como se dizia, pessoas eram mortas e torturadas. O Brasil ganhou o tricampeonato mundial de futebol no México e a televisão em cores chegou a todas as casas. Delfim Netto manipulou os índices e nos tornamos o Brasil do milagre econômico. Houve uma crise do petróleo, obras ditas faraônicas garantiam o Brasil grande. Orgulhoso de si, o governo, mais que recomendar, ordenava: *Brasil. Ame-o ou deixe-o*. Geisel substituiu Médici, iniciou-se o processo gradual de abertura e a linha dura em alguns meios militares começou a sofrer contestação. Porém, em 1975, Vladimir Herzog foi torturado e assassinado na prisão, causando enorme celeuma e provocando um princípio de distensão no sufoco que passávamos. O Movimento Democrático Brasileiro, mdb, surgiu como força se opondo ao partido oficial, a Arena. A censura, por meio do ministro Armando Falcão, recrudescer e ampliou os seus tentáculos — livros, peças, filmes e canções eram proibidos a cada instante.

Inventaram os senadores biônicos, isto é, não eleitos pelo voto popular. A Emenda Constitucional no 11 revogou o famigerado ai-5. A Comissão Pastoral da Terra, sob influência da Igreja, criou novas lideranças. Os trabalhadores do abc se uniram, do que resultou o Partido dos Trabalhadores, pt, e Lula surgiu no cenário como força nova, carismática. O general Figueiredo — que não gostava do cheiro do povo, preferia o dos cavalos — sucedeu a Geisel e, ainda que muito mal-humorado, manteve a transição para a democracia. No final da década surgiu a Lei da Anistia. Em 1977, um Manifesto Contra a Censura foi levado ao Ministério da Justiça, assinado por 1.046 intelectuais do Brasil inteiro, sendo a primeira assinatura a de Antonio Candido.

Tempos de *O último tango em Paris*, de *Love story* (“Amar é nunca ter de pedir perdão”), de *Cabaret* e Liza Minnelli, de *Tubarão*, de *Pretty baby* com Brooke Shields. Amávamos Jane Fonda, Jessica Lange, Margaux Hemingway, Farrah Fawcett, Linda Lovelace (a garganta profunda), e a principal, essencial e fundamental Leila Diniz, nossa musa libertária. Louvávamos Dina Sfat, Duda Cavalcanti, Adriana Prieto, Joana Fomm, Helena Ignez, Rose di Primo. Homens usavam bolsa capanga e camisas de tergal, camisas de gola rulê, calças boca de sino. Por toda parte Dener e Clodovil, pôsteres de Guevara, sandálias de sola de pneu, concertos de rock. Orelhões pelas ruas assombrando o povo pela tecnologia em comunicações, máquinas pensantes ou computadores entrando no cotidiano. Chico, Gil, Caetano, Dzi Croquettes, Rita Lee, Elis Regina, Raul Seixas, os Festivais de Música Popular Brasileira, o programa *Esta noite se improvisa*, Vinicius e Toquinho, revista *Senhor*, *O Pasquim*, Rolling Stones, o jornal *Flor do Mal* e os nanicos *Opinião* e *Movimento*. A pornochanchada (proibido mostrar pelos

públicos), *O poderoso chefão*, m\*a\*s\*h, Carlos Castañeda e *A erva do diabo*, maconha e lsd, psicodelismo, chá de lírio e de cogumelo, *O despertar dos mágicos*, a revista *Planeta* e o realismo mágico, artes marciais, *tae kwon do*, Bruce Lee, *kung fu*, David Carradine, uísque Old Eight, conhaque Dreher, cerveja em lata, Kodak Instamatic, *Mônica e a sua turma*, revista *Recreio*, os teatros Arena e Oficina, *O rei da vela*, o nu frontal de Ítala Nandi, The Living Theatre no Brasil, o show *Opinião*, Bethânia, *Carcará*, João do Vale, Zé Kéti, Clóvis Bornay, *Bandeira 2*, *Irmãos Coragem*, *O cafona*, *A família Trapo* e *A grande Família*, as peças teatrais *Gota d'água* e *Roda viva*, o *Fantástico* e Heloísa Millet, a chegada da cultura dos shoppings, o patrulhamento ideológico, Fernando Gabeira, a tanga de crochê, *O que é isso, companheiro?*, Os Beatles, John Travolta, *Os embalos de sábado à noite*, Glauber Rocha, *Dona Flor e seus dois maridos*, Sonia Braga, danceterias, Regine's, Hippopotamus, Ricardo Amaral, Ton Ton Macoute, Ta Matete, rodízio de pizzas, dj (no fim da década), Danuza Leão, Zózimo Barrozo do Amaral, Daniel Más, revista *Status*, As Frenéticas. Pelé abandona o futebol e namora Xuxa, Loteria Esportiva, os 13 pontos, *Saramandaia*, “Silvio Santos vem aí...”, *Buzina do Chacrinha*, as “chacretes”, Carlos Imperial, *Dancin' days*, *A mulher biônica*, *Mulher maravilha*, *Os Waltons* e *As panteras*, o pirulito do Kojak, bebê de proveta, o punk, o terrorismo no mundo, a holografia. Apesar da repressão, foi a era do desbunde, das viagens de ácido, da amizade colorida, da promiscuidade, do esoterismo, das civilizações desaparecidas, do misticismo, o islamismo começando a surgir como força. A mulher se redescobrendo, os spas, os exercícios físicos, os regimes, o colesterol, e forte, muito forte, o culto ao corpo, a *ego trip*.

Nesses anos, os Cardoso se deslocaram para Stanford em 1972, para Princeton em 1975, para Cambridge em 1976-1977, para Paris (École des Hautes Études) em 1977, em momentos diversos indo e voltando, em períodos mais longos ou breves. Os dois dando aulas, ou um em trabalho acadêmico e o outro, não. Para Princeton, os filhos foram junto e cursaram parte da High School. fhc define o Institute for Advanced Study de Princeton “como uma torre de marfim criada para Einstein, quando ele foi para os Estados Unidos em 1935 com sua mulher, Elsa. Uma instituição voltada basicamente para a física e a matemática e um pequeno grupo de ciências humanas”. Bia levou sua amiga de infância Marjorie Geller — que também foi a Araraquara diversas vezes —, que mais tarde seria uma estilista reconhecida. As duas passavam de propósito diante do 112 da Mercer Street, onde tinha morado Einstein. Era uma casa simples, revestida de madeira, com uma pequena varanda na frente. “Imaginávamos sempre ver uma velhinha caminhando pelas ruas e reconhecíamos nela a mulher de Einstein que tinha morrido em 1936, no ano seguinte ao da chegada deles aos Estados Unidos”, recorda-se Bia.

O pequeno grupo de ciências humanas era constituído de três ou quatro professores, não mais. Um deles foi Albert Otto Hirschman, cuja mulher, Sarah, tornou-se grande amiga de Ruth. Era um sistema curioso — os professores convidados não davam aulas propriamente, tinham como único dever fazer uma palestra de tantos em tantos meses. Quanto aos alunos, eles eram convidados — trinta ou quarenta jovens que viviam em grande competição porque, ou descobriam uma coisa muito importante e continuavam no Instituto, ou iam dar aulas na universidade. Todos queriam descobrir uma novidade de impacto, ganhar o Prêmio Nobel. Havia na época um grande antropólogo, formado em Filosofia, Clifford Geertz, tão importante quanto Lévi-Strauss, não apenas pela teoria e a prática antropológica, mas também fora de sua

área, em disciplinas como psicologia, história e teoria literária. Geertz foi o fundador da antropologia hermenêutica ou interpretativa, que floresceu a partir dos anos 1950.

“Não me lembro se Ruth tinha aulas de inglês com a mulher de Clifford, porque sempre desejou aprimorar-se, ou se foi com a de outro professor. O que é uma certeza é que ela ficou fascinada com os trabalhos de Geertz sobre a Indonésia e o Marrocos, e especialmente seus estudos sobre a religião em Java e as brigas de galos, analisadas do ponto de vista de valores culturais e simbologia na cultura. Quanto a Sarah Hirschman, Ruth a acompanhava em seu trabalho com literatura, principalmente no projeto de literatura nos presídios, fazendo sessões de leitura para os presos. Outra que se aproximou muito de Sarah foi Mônica Serra”, revela Fernando Henrique. “Hirschman, judeu-alemão nascido em Berlim, hoje com mais de noventa anos, foi um sujeito que poderia ter ganhado o Prêmio Nobel. Um tipo curioso, que nunca fez doutorado, e escreveu livros admiráveis de economia e filosofia política. Em seu círculo de amigos figuram brasileiros como Fernando Pedreira, José Serra e Roberto Schwarz. A última vez que estivemos com Hirschman, Ruth ficou impressionada — ele nos recebeu todo engravatado e feliz, mas não disse palavra. Mudo. Sarah explicou que o marido tinha desistido, já tinha falado muito na vida, agora dedicava-se apenas à pintura. No estúdio dele havia dezenas de autorretratos.”

Ruth conseguiu criar um esquema que funcionava com relação às viagens e às escolas dos filhos. Houve época em que eles os acompanharam, deixaram o país, outras ficaram com os avós. Houve momentos em que foram matriculados em escolas locais no exterior, mesmo que temporariamente. Bia confessa que nunca teve traumas, que até se divertia com as mudanças de escola, não havia monotonia, e a mãe estava sempre controlando os estudos, atenta. Em São Paulo estudaram na Pirajá, “escola muito maluca, porque multisseriada, não sei por que cargas d’água eu estudava numa escola multisseriada. Dali nos transferimos para o Externato Jaraguá — onde conheci Marjorie Geller e Esther Hamburger. Depois, veio o Rainha da Paz, dirigido por freiras, que me marcou, estive numa sala mista, enquanto Luciana pegou uma apenas de meninas. Escola moderna, superposicionada, tanto que uma professora de português, de nome Maria Otília, teve problemas sérios. Uma vez recomendou como leitura o livro *O caneco de prata* e o pai de uma das alunas — mais tarde modelo, atriz e apresentadora de televisão — denunciou Otília, que foi presa.<sup>[79]</sup> Havia professoras revolucionárias como Gigi, de estudos sociais, e a Cynira Fausto, coordenadora de ensino.<sup>[80]</sup> Terminamos no Equipe, que, então, abria a cabeça da meninada, ali fui colega de Arnaldo Antunes, Leda Catunda, de vários músicos, artistas plásticos. Cursamos uma escola que preparou a elite que hoje chegou aos cinquenta anos. Do Equipe, partimos para Cambridge”.

Fernando Henrique foi para a Inglaterra dar aulas no Clare College, acompanhado por Paulo e Bia, enquanto Ruth seguiu depois com Luciana, que tinha ficado um tempo no Brasil preparando-se para os vestibulares. Na Inglaterra, Bia, sempre muito independente, estudou, trabalhou num *pub*, no final decidiu viajar pela Europa — com data certa para voltar e terminar os estudos, afinal fazia o colegial. As datas corriam, Bia não voltava, e, quando conseguia ligar, dizia que tinha perdido o avião. Estava na Grécia com uma amiga e perdeu realmente o navio de volta, foi um transtorno. E não havia telefone fácil para avisar, dar notícias, ligar era uma odisséia. “Meus pais sempre foram de tirar o chapéu, mantinham a calma, navegavam juntos, impressionante. Confiavam na gente, na educação que nos deram. Eu, que sou mãe, imagino como ela devia se controlar, se segurar, porque a gente não acha graça nenhuma em não ter

notícias dos filhos o tempo todo. Hoje, vejo que ela valorizava a importância da experiência, do crescimento. Então dava corda para a gente ter autonomia e independência.”

Quando Paulo Henrique, em 1978, terminou seu curso na Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, e quis voltar a morar em casa, Ruth advertiu: “Olhe, meu filho, acho que há um engano aqui. Sabe, até acabar a faculdade a gente ajuda muito, mas agora está na hora de você se cuidar. Arranje o seu lugar”. Jorge Caldeira, quase um irmão, lembra que Paulo, em choque, foi morar na casa dele, na rua Conselheiro Brotero, um prédio eclético e movimentado onde moravam José Américo Peçanha, filósofo, Mariângela Alves de Lima, hoje crítica teatral de *O Estado de S. Paulo*, Alberto Rocha Barros, físico, do Partidão, Silvia Poppovic, Enio Mainardi, o publicitário, e Cynthia Sarti, com quem Caldeira se casou.

Luciana Cardoso, a primeira das filhas, revela que, chegando aos trinta anos, os filhos eram “despachados” para que cuidassem de suas vidas. De qualquer modo, cada um ganhou um apartamento para viver. “Mas eu ia comer na casa da minha mãe todos os dias.”

Ruth e Fernando Henrique deixavam Cambridge, acompanhados por Luciana, e iam para Brighton, onde moravam Clélia e Gabriel Bolaffi, ela fonoaudióloga, ele sociólogo. Passavam lá fins de semana ou mesmo expandiam a estada, pois Ruth adorava o *cottage* dos Bolaffi, achava lindíssimo. Clélia também nasceu em Araraquara e morava próximo da casa de Mariquita. Dora, irmã mais velha de Clélia, conviveu com Ruth na juventude, frequentaram juntas o *footing*, o cinema e o clube. Clélia fez parte do grupo araraquarense de Zé Celso Martínez Corrêa e Luiz Roberto Salinas Fortes, o Dedeto. Os pais dela, os Miari, eram amigos de José e Mariquita. Gabriel, marido de Clélia, foi aluno de história de Ruth no Colégio Fernão Dias, em São Paulo.

Bia queria fazer jornalismo, comunicação, no Brasil, mas, “ao conversar com Gabriel e Clélia Bolaffi, ganhei deles um livrinho pequenino, vermelho, chamado *The little red book*, sobre educação. Era uma espécie de manual de sobrevivência nas escolas inglesas e fiquei alucinada com aquilo, e eu, que achava a educação inglesa inacreditável, fiquei revoltada, resolvi prestar para pedagogia. Aqui no Brasil, claro, fui para a eca, e não passei, fui ser aprovada na puc, fiz um ano, adorei a matéria, odiei a escola, era como se eu tivesse retrocedido no tempo. Decidi, voltei à usp, prestei vestibular, passei. Eu continuava com minhas ideias de independência, minha mãe queria me dar dinheiro, eu não tinha um tostão, mas recusava, era uma luta. Depois tentei ensinar aos meus filhos que não precisavam ser assim tão... tão fundamentalistas ...”.

Lourdes Sola, que fazia seu doutorado na Inglaterra, costumava passar fins de semana em Cambridge. Lembra-se da casa bastante ampla dos Cardoso, num bairro fora da universidade, ainda que próximo, tanto que costumavam caminhar até o centro. Eram três quartos em cima e o dia a dia perfeitamente organizado, porque Ruth listava os deveres de cada um, incluindo os do marido. Havia um jardimzinho bem cuidado e um pequeno quintal. “Surpreendia-me vendo o Fernando Henrique tentando arrumar as camas, enquanto Ruth, diante do desajeitamento dele, dizia: ‘Deixe, deixe’.” Eventualmente iam a Londres e Lourdes e Ruth saíam para o teatro. “Ela era fanática por teatro, íamos ver tudo, engolíamos cada coisa. Às vezes Fernando Henrique nos acompanhava, só se recusava a ir aos balés. Certa vez, conseguimos entradas para ver Nureyev em *Romeu e Julieta*, era uma coisa difícilima,

ingressos sempre esgotados.”

No mesmo período, Regina e Luiz Meyer estavam em Londres. Ele tinha ido para a Europa fazer seu doutorado em psiquiatria e psicanálise, naquele tempo flertava com a ideia de uma psicanálise existencial. “Era uma relação que tinha se estreitado a partir dos anos 1960, dos tempos de Sartre no Brasil. A vida na Inglaterra era animada e alegre, um momento efervescente. Fernando estava à frente de uma cátedra chamada Simón Bolívar, que tinha sido ocupada antes por Celso Furtado. Ruth não tinha uma atividade universitária, só me lembro que ela escrevia muito”, diz Regina. “Fernando estava começando a se interessar por política, ao passo que Ruth fazia de conta que não estava nem aí. E, quando a conversa ia para esse lado, ela mostrava uma expressão irônica que significava: ‘Não estou ouvindo nada’. Eram frequentes os telefonemas do Brasil, da parte do Ulysses Guimarães, ou do Severo Gomes, as conversas eram longas, e se eu estava na casa, ouvia e pensava: mas o que está acontecendo? Mal podia saber que o embrião do que aconteceu no futuro estava ali, naquela casa em Cambridge.”

retalhos da vida cotidiana vi: O dia em que Ruth foi reprovada

Jorge Caldeira, que fazia ciências sociais, chegou à casa de Ruth pesaroso, tinha sido reprovado num trabalho sobre sociologia da comunicação de massas.[\[81\]](#)Bravíssimo, Caldeira xingou o professor, um incompetente, só era catedrático porque era sobrinho de alguém. Ruth tentou argumentar:

— Conheço vocês, alunos. Conheço você aqui de casa, é estourado, você é quem não sabe fazer um trabalho direito, é desleixado, e a culpa é do professor.

— Está bem, vou ser bom aluno, vou refazer o trabalho.

Jorge frequentou seguidamente o sítio que os Cardoso mantinham em Ibiúna, refazendo o trabalho. Terminou, Ruth pediu para ver, leu e anotou, chamou-o:

— Sente aqui! Mexa aqui, aqui, tire aqui, explique melhor isso, refaça todo este período. Está vendo? É assim.

Jorge refez ponto a ponto, entregou o trabalho na Faculdade. Dias depois, ou semanas, não importa, entrou no apartamento da Joaquim Eugênio de Lima. E Ruth:

— Como foi?

— Você foi reprovada. Tiramos nota 3.

## Mergulhando no movimento feminino

A notícia chegou como um balde de água fria.

— Dalmo Dallari e Hélio Bicudo recusaram.

— Por quê?

— Foram aconselhados por dom Paulo Evaristo Arns, que acredita não ser o momento de entrarem na política partidária.

Silêncio. Depois de minutos ouviu-se a voz de Antonio Angarita, que até aquele momento não dissera muito, observando a reunião. Há dois meses o grupo se reunia no domingo à noite na casa de José Gregori,[\[82\]](#) discutindo. Apontando o dedo para o homem à sua frente, Angarita propôs:

— Então, por que não o príncipe da sociologia brasileira?

Era como o chamavam, às vezes, em tom de cordialidade e humor. Fernando Henrique deu um salto:

— Eu? Enlouqueceram? Candidato a senador? O meu papel não é esse. Meu papel é pensar coisas e passar para a classe política. Não é me meter em política.

Maria Helena Gregori, mulher de José, retrucou em cima:

— Ninguém pode escolher papel numa hora dessas!

Ruth ficou paralisada. Por alguns instantes os olhos tornaram-se frios, furiosos. Mas contidos. Estavam brincando? Não! Era sério, seriíssimo. Fernando Henrique ainda se lembra que a reação dela foi negativa, porque “Ruth nunca foi chegada à política. A nossa vida era outra e a visão dela era a da acadêmica, da intelectual, da pesquisadora de movimentos sociais, mas não a vida de partido. A política poderia modificar inteiramente nosso ritmo e nossos projetos de vida. Uma coisa a perturbava, entrar num mundo diferente do nosso em prática, exigências, necessidade de concessões”. O que amigos e alunos comentam é que ela ficava por demais ansiosa tentando descobrir qual seria a relação dela com essa nova posição. Ela não queria morar em Brasília, tinha preconceito em relação à cidade.

A indicação de fhc se deu após uma série de circunstâncias que foram se encadeando. Ulysses Guimarães, que tanto tinha telefonado para Cambridge, apareceu no Cebrap para conversar sobre um artigo que Fernando Henrique tinha escrito no jornal *Opinião*,[\[83\]](#) condenando o marasmo e a apatia da intelectualidade. Chegara o momento de apoiar o partido da oposição, o mdb, que vinha sendo criticado pelos bem-pensantes como uma farsa, o partido do *yes, sir*.

Ulysses pediu um programa para o mdb. Foi explicado a ele que o Cebrap era um centro de pesquisas, estudos e debates, não de formulação de plataformas políticas, mas, de qualquer maneira, as relações estavam estabelecidas até chegarem a 1977 e Ulysses insistir que deveria haver um candidato ao senado que pudesse atrair jovens e estudantes para o mdb. André Franco Montoro, o candidato natural,

não gostou, achou que era golpe contra ele, mas concordou finalmente que seria uma candidatura com o objetivo de fortalecer a campanha da oposição. Uma anticandidatura.

Reuniões foram realizadas com Francisco Weffort, Roberto Gusmão, Francisco de Oliveira e Plínio de Arruda Sampaio, que tivera grande experiência política como assessor de Carvalho Pinto quando governador de São Paulo. Os exilados estavam voltando ao país após a Lei da Anistia. Os primeiros nomes cogitados, Hélio Bicudo e Dalmo Dallari, em alta por causa da campanha pelos Direitos Humanos, permaneceriam na resistência no plano da sociedade civil, apoiados por dom Paulo Evaristo Arns.

Finalmente, na casa de José Gregori, saiu a indicação. Havia um problema: fhc era professor cassado na universidade, o que invalidava sua candidatura. Assim, ele revelou: “Usei esse argumento com Ruth, no início. Seria uma provocação da oposição, era pura campanha, eu seria cassado pelos tribunais e, mesmo candidato, não teria votos, onde estava meu eleitorado?”. Na semana seguinte, em Ibiúna, Maria Helena e José Gregori tiveram uma longa conversa com Ruth, tentando convencê-la da necessidade dessa anticandidatura. Acalmada, Ruth concordou. De tal modo que, antes do lançamento oficial da candidatura, que seria no Teatro Sergio Cardoso, ela conversou longamente com José Gregori no comitê eleitoral, na rua Sena Madureira.

Nesse dia, Gregori reconhece, “ela me deu uma lição de política, aceitando a candidatura do marido. Fez uma análise do Brasil, mostrou quanto aquela geração que tinha estudado, viajado, dado aulas no estrangeiro, e possuía ampla visão do Brasil e do mundo, essa geração tinha sido proscrita, mas estava madura para realizar coisas. Foi uma aula de raciocínio estratégico, ela tinha uma cabeça política. Anotei e comentei que aquela seria a minha fala no lançamento da candidatura. Entendi que o recheio existencial de uma vida política não era o que ela queria, e aí entrava Araraquara, porque ela sabia que o político tem a vida invadida, perde a privacidade, o direito de pautar a sua vida, os outros é que a pautam, o político não tem o direito de dizer: estou cansado, estou com sono, não vou sair, não vou lá. Os interlocutores marqueteiros pressionam: Como não vai? Quer perder os 2 mil votos que a Vila Querê significa? Há também o outro lado, o de você ter, muitas vezes, de limitar suas ideias, sua autodefinição das coisas, tudo passa pelo crivo do partido. Ruth era ciosa do exercício do direito do livre pensar e expressar seu pensamento. Em síntese, a liturgia da vida política é que a incomodava. Por outro lado, Ruth dominava a teologia da política, conhecia bem o que ela é como instrumento para avançar o pensamento, as ideias, a liberdade, a igualdade. Sempre teve noção clara disso e exerceria, no futuro, uma influência grande, porque várias vezes chegamos a esquinas onde devíamos decidir para que lado seguir, e ali estava aquela mulher para fazer a cabeça da gente. Uma vez, disse a ela: ‘Você tem uma qualidade entre nós todos, porque vai direto à jugular do problema’”.[84]

O Supremo Tribunal Federal acabou reconhecendo a legitimidade da candidatura e então era entrar com tudo. A campanha foi articulada por um grupo de voluntários — Almino Affonso, Luiz Inácio Lula da Silva, Sergio Motta, João Rodarte, Jorge Caldeira, Maria Helena e José Gregori, Plínio de Arruda Sampaio, Francisco Weffort —, além do apoio de Mario Covas, sem contar nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Mário Pedrosa e Antonio Candido. Chico Buarque compôs um *jingle*, e

Elis Regina, Bruna Lombardi, Carlos Alberto Riccelli, Gianfrancesco Guarnieri e Fúlvio Stefanini foram alguns dos artistas que se engajaram.

Regina Duarte, ao saber que fhc era candidato, foi ao comitê e se ofereceu para trabalhar. “Um dia, tive de ir até o apartamento deles e conheci Ruth. Ela estava ocupada lá para dentro, mas passou rapidamente pela sala e fomos apresentadas. Simpática, gentil, afetiva, olhava a gente dentro do olho. Tinha um jeito delicado de ser, parecia uma prima que eu tinha em Avaré, interior de São Paulo. No final daquele ano, Daniel Filho me chamou para fazer *Malu Mulher*, que era uma socióloga. Sabendo que eu conhecia Ruth, ele me pediu para solicitar que ela nos recebesse em sua casa para falarmos do projeto. A ideia, por trás, era saber mais, observar a casa de uma socióloga, o seu ambiente pessoal, extrair referenciais para a personagem, como anda, fala, age, pensa, o que lê. Ruth era uma profissional importante em sua área, seria inspirador para nosso trabalho mergulhar naquela atmosfera. Ela nos recebeu com chá e bolos e não deixou de responder a uma única pergunta. Enquanto isso, a direção de arte estava de olho em móveis, estantes, cômodas, estatuetas, paredes, fotografias, gravuras, vasos, e acabou se inspirando na casa dela para criar o cenário de *Malu*. Objetos indígenas, muito artesanato brasileiro, pinturas *naïves* nas paredes ao lado de Calder, pôsteres de vanguarda de Berlim. Um toque de bom gosto com personalidade, nacionalidade. O que se viu na série foi a cópia do que vimos naquela tarde. Ela gostou, tinha humor.”[\[85\]](#)

Em 1978 Ruth mostrou uma nova face. Ela narra melhor do que ninguém: “Naquele momento eu estava diante de uma situação diferente. Nunca tinha sido de me inserir em grupos de mulheres, ainda que conhecesse e me relacionasse com muitíssimas pessoas que participavam da luta feminista e se organizavam em círculos que agregavam os nomes mais variados. Todavia, convivía com um problema de ordem pessoal, a minha rebeldia a engajamentos. Militância não combinava comigo. Havia uma pergunta importante. Como me comportar sendo mulher de candidato? Não queria saber de ficar num comitê, dar plantão na sede da campanha. Foi quando me veio a ideia. Havia, sim, algo em que eu poderia ser útil. Era mobilizar as mulheres e montar, estruturar, uma série de questões que nos afligiam, para levar à campanha, mobilizar o eleitor e os políticos. Houve receptividade, vários grupos se juntaram, até mesmo a Federação das Mulheres, entidade ligada à esquerda radical”.[\[86\]](#)

Maria Helena Gregori acrescenta que, em 1977, ela e Ruth tinham participado da Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos de Nossos Filhos. Eram jovens que estavam sendo vigiados, perseguidos pela polícia política. Essas mães estavam a par de todos os movimentos dos filhos, onde se reuniam, onde estavam, para onde iriam, havia vários telefones de plantão, estratégicos, para que eles ligassem para contar o que estava acontecendo, ou tinha acontecido. Eram estudantes universitários que promoviam passeatas, manifestações, distribuía panfletos. Aquela Comissão fazia parte da defesa da sociedade civil num regime em que direitos estavam sendo cancelados, pessoas eram presas, mortas, torturadas ou desapareciam de um minuto para o outro.

Na eleição de 1978 Ruth entrou com tudo, redigiu panfletos e folhetos e foi para o corpo a corpo nas feiras livres. Os folhetos faziam muito sucesso, mas, admitiu ela, foram prematuros como discurso político. Regina Duarte a acompanhava nessas ocasiões.

Na busca por votos, viajava-se por toda parte. José Serra acompanhou Fernando Henrique e Ruth até

Araraquara. “Apesar de tudo, ele não era conhecido, as pessoas ligadas a Ruth sabiam dele, mas o povo, o eleitorado, esse não tinha ideia de quem se tratava. Seria um milagre ter votos. Era uma corrida, de uma cidade para outra, mas abriu-se uma brecha e fomos até a casa da avenida Quinze em que morava, sozinho, o pai de Ruth, viúvo há quatro anos. Uma casa modesta, tradicional, com móveis antigos. José estava lá, calado, quietinho, humilde, solitário. Uma pessoa muito suave. Ficamos pouco, nos fomos, a campanha exigia.”

Fernando Henrique acabou tendo votação suficiente para fazer dele o suplente de André Franco Montoro.

Numa tarde, em 1981, Ruth apareceu no sos Mulher, que, naquele momento, estava empenhado numa campanha pela abertura de creches em São Paulo, uma das muitas reivindicações femininas. Funcionava em cima de uma sorveteria na rua Artur de Azevedo, em Pinheiros, numa sala cedida por Fernando Moraes. O italiano da sorveteria concordou em abrir uma extensão da linha telefônica. Ficou quase louco com o montante de chamadas. O sos evoluiu com rapidez, principalmente na questão da violência contra a mulher. Dois casos rumorosos tinham trazido o assunto ao topo da mídia, os assassinatos de Ângela Diniz por Doca Street — se bem que na década de 1970, porém sempre lembrado pela violência e estupidez — e o de Eliane de Grammont pelo cantor Lindomar Castilho.

Lá no sos foi a primeira vez que Iara Prado viu Ruth. Havia entre elas um *link* e foi por aí que Iara entrou: “Morei anos em Araraquara...”. Bastou. Ruth sorriu e fez uma pergunta referencial: “Morava onde? Não vá me dizer que na rua Três, onde também morei?”. “Não, morava na Seis, próximo à Agrimensura.” “Portanto, perto da Maria Alice Lia, minha melhor amiga! E também perto de minhas tias.” Quando se dizia Agrimensura, sabia-se que era a escola, hoje Faculdades Logatti. Quanto aos Lia, eram praticamente vizinhos de Iara. Maria Alice depois se casou com o advogado Miguel Tedde Netto.

“Ruth, interessada e curiosa, fez um monte de perguntas, especulou, como se diz em Araraquara, e se confessou seduzida por aquele nosso grupo, em que a mais velha tinha 35 anos. Estávamos sentadas no chão, não havia cadeiras para todo mundo, e oferecemos um ‘chazinho’. Ela apanhou a xícara e descobriu que o nosso chazinho era uma dose de Domecq, conhaque barato que todos tomavam. Percebeu que estava diante de um grupo que, em lugar de escrever artigos e ensaios, partia para a batalha, brigando na rua. Nada de teorias, luta. Ela já estava com cinquenta anos e tinha uma carreira pronta. Foi de uma geração que não entrou na luta armada, mas que se solidarizou, apoiou, brigou. Nunca me esqueço do Fernando Henrique visitando uma amiga dele na prisão, era minha companheira de cela, Maria do Carmo Campello de Souza, a Carmute. O que Ruth encontrou naquela casa? Todo tipo de gente, de empregadas domésticas a lésbicas, universitárias, advogadas, secretárias, muita mulher de periferia. Desde então ela disse que, conquistada, passaria a contribuir com a gente, e a escrever, porque tinha muito espaço. Com ela aprendemos uma maneira de chegar mais próximo das pessoas. Tinha anos de pesquisa de campo em seus trabalhos acadêmicos. Ela sentava-se e começava: ‘Como você se chama? O que faz? Onde mora? Como é a sua casa? O seu marido faz o quê?’. E ia estabelecendo a intimidade, provocando a abertura, era o que chamávamos ‘conversinha de Araraquara’, porque sempre aparecia no meio um comentário: ‘Lá em Araraquara também é assim’ ou ‘Lá em Araraquara é diferente’, e a pessoa ia sendo envolvida, percebendo que os valores dela eram, em muitos

pontos, semelhantes, e que se estava diante de alguém em quem se podia confiar. Ela foi se transformando numa pessoa querida da gente e militamos juntas em muitas situações. Algumas absolutamente constrangedoras para ela, como no dia em que uma companheira nossa foi brutalmente agredida pelo marido, grande amigo de Ruth e uma pessoa notória, o que causou assombro e tristeza. E ela se mostrou solidária ao amigo, levando-o para fora do Brasil, e essa era uma coisa que lembrava Araraquara, o companheirismo, a amizade, a solidariedade mesmo. Tinha um lado nosso que a fascinava, aquele de romper amarras, sem medo de sermos feministas, porque então era uma coisa meio ridícula, ironizada. Foi um casamento interessante, não para todas, claro, havia aquelas que não a viam como nós, a mulher que venceu, teve sua carreira, seu marido e filhos, fez um nome, era intelectualmente respeitada, era centrada. Quando veio a rearticulação partidária e surgiu o pt, em 1980, muitos companheiros foram para ele, siderados. Ficamos no pmdb e foi quando passamos a conviver de perto com Ruth, no mesmo grupo político. Nas minhas lutas femininas confesso que não gostava do Lula, ele atrapalhava o nosso trabalho, era contra o movimento das mulheres dentro do sindicato. Sabe como é? Tinha aquela visão do sindicalista cujo único objetivo é conseguir uma melhor condição para os seus sindicalizados. E basta! Tivemos momentos difíceis, tensos, discussões, ele achava que íamos virar a cabeça da ala feminina da chapa dele. Daí fui com a Ruth para a campanha do Montoro.”[\[87\]](#)

Desde que a mãe tinha morrido, em 1974, Ruth passou a se preocupar com o pai. José vivia sozinho em Araraquara, semiaposentado, dando seus passeios, fazendo um e outro bico, mas cada vez mais enfiado em casa, um sobradão. A morte da mulher foi um choque, ele custou a se recuperar. Eventualmente ia a São Paulo, no apartamento da Joaquim Eugênio de Lima — o quarto dele e de Mariquita continuava sempre arrumado. Às vezes, Ruth ia buscá-lo na antiga rodoviária, na praça Júlio Prestes, na frente de onde hoje é a Sala São Paulo. Outras vezes, para mostrar que estava bem, ele chegava de táxi. José tinha um problema circulatório, estava sempre em tratamento, mas tocava a vida.

Um dia Ruth levou um susto ao receber um telefonema. O pai tinha ido dar um passeio e não estava conseguindo voltar para casa, rodava, rodava, estava perdido. Custou a se reencontrar. Naquele dia ela fez uma série de cartõezinhos com o endereço e o telefone da casa e pediu que ele pusesse no bolso. José, conhecido pela teimosia, ficou bravíssimo, não estava velho, nem caduco, nem esclerosado. O que ela estava pensando? Ela contornou a situação: “Não, papai! Não é por nada! Fiz isso para meus filhos, fiz um para mim, outro para o Fernando. Vai que algum de nós cai na rua? Ninguém está livre dessas coisas. O cartão facilita a ajuda”. Ele concordou, foi a salvação. O ano de 1981 corria e José cada vez mais desligado. Estava surdo, mas insistia em continuar dirigindo seu velho Opala — todo mundo ficava em sobressalto, esperando a volta dele para casa. Um dia houve a gota d’água. Ele saiu dirigindo em Araraquara, bateu o carro, meteu-se numa confusão, um sujeito tentou roubá-lo, um perereco danado. Logo depois ele veio a São Paulo, ficou pouco tempo, quis voltar, não havia como levá-lo de carro. Decidiu-se que o melhor era tomar um ônibus. “Levei-o à rodoviária”, conta Fernando Henrique, “coloquei-o no ônibus, fiz alguma coisa na cidade e, ao voltar, encontrei Ruth em choque: ‘Papai morreu!’. Como? Acabei de colocá-lo no ônibus, foi para Araraquara. Estava ótimo, fomos conversando.” Então ele soube que o ônibus tinha saído da rodoviária, estava entrando na via Anhanguera, quando José caiu no banco. O coração estourou de repente. O ônibus fez meia-volta,

retornou, deixou-o na Santa Casa, e ali encontraram o cartão com endereço e telefone, a família foi avisada.

Em 1982, Montoro candidatou-se ao governo do estado de São Paulo pelo pmdb. Eram as primeiras eleições diretas em vinte anos e o mdb tinha acabado de se transformar em pmdb, sob o governo do general Figueiredo, que, diante do crescimento do partido oposicionista, decidiu cancelar o bipartidarismo. Montoro correu às mulheres pedindo apoio, elas concordaram desde que, eleito, ele criasse um órgão dedicado exclusivamente à mulher. Promessa feita, criou-se o Grupo de Estudos da Mulher do pmdb, do qual fizeram parte, entre outras, Eva Blay, Anésia Pacheco Chaves, Beth Mello, Marta Suplicy, Maria Helena Gregori, Danda Prado, Maria Luisa Eluf, Iara Prado, Zuleika Alambert, Silvia Pimentel, Heleieth Saffioti, Maria Malta Campos, Fátima Pacheco Jordão, Florisa Verucci e Ruth Cardoso.

Foi uma coisa muito elaborada, formulou-se uma proposta consistente, não se criou conflito com o Comitê Feminino Pró-Montoro, de dona Lucy, mulher do governador. Ficaram célebres os encontros na rua Madre Teodora, no Jardim Paulista, em São Paulo. “Reuniões eram convocadas, cada vez num lugar, mas surgiam dificuldades, como a questão do aborto, que foi muito debatida, mas encontrou resistência feroz por parte das mulheres católicas. Outro impasse foi a questão do planejamento, assunto tabu. Discutiui-se aqui, debateu-se ali, montamos uma série de pontos que sintetizavam as reivindicações das mulheres. Entrou em cena a figura de Ruth Escobar promovendo encontros e mais encontros na casa dela ou no teatro, querendo organizar um grande movimento. Sabíamos que ou os grupos se uniam e se dedicavam a atividades conjuntas, ou iríamos para o brejo.”[88]

Para conseguir comandar, conta-se que Ruth Escobar dirigia as reuniões com um potente apito. [89]Contemporâneas acrescentam que se Ruth Cardoso, por todos considerada um ponto de equilíbrio, não chegava para participar da reunião, Escobar dava um jeito e cancelava o encontro. Não eram encontros fáceis. Havia sempre todos os tipos de facções, de ideologia partidária, ou sexual, políticas femininas, muita vaidade entrava em questão, havia desde as intelectuais (apelidadas as “tesudas”, ou ainda aquelas que faziam e orientavam teses), até as metalúrgicas, as lésbicas, e assim por diante. Diz Fátima Pacheco Jordão que, na “época, havia uma divisão entre movimento de mulheres e movimento feminista. Um se concentrava em problemas imediatos, urgentes, como creches, água, luz, esgotos, era coisa ligada às necessidades primárias (e negadas) do cotidiano, enquanto as feministas conduziam uma luta mais libertária, ligada a autonomia e direitos da mulher, igualdade etc.”.[90]

Zuleika Alambert, Iara Prado e Eva Blay foram das que trabalharam muito no sentido de definir qual seria o estatuto a ser apresentado. A primeira ideia era ter uma Secretaria de Estado da Mulher — que conduziria mais tarde a um Ministério. Isso implicaria, no entanto, burocracia. Ruth foi realista: “Se as mulheres pedissem uma Secretaria só para elas, os negros também exigiriam a sua, e em seguida cada grupo dito minoritário começaria a solicitar uma, e Montoro acabaria não atendendo ninguém. Tínhamos uma noção do pouco poder que estava em nossas mãos, todavia tratava-se de uma porta aberta, estava à nossa disposição um instrumento de ação, era preciso entrar”.[91]Se não era uma Secretaria, o que deveria ser, que tipo de órgão? As mulheres passaram um grande período mergulhadas na Fundação do Desenvolvimento Administrativo, Fundap, buscando informações, coordenadas, caminhos até chegar à

fórmula do Conselho, uma vez que, dada a diversidade de problemas da mulher, seria necessário operar por meio de várias Secretarias e um Conselho faria a ponte entre todas elas, com tranquilidade.

“Fiz com Ruth a campanha do Montoro, da qual José Serra era o articulador. Ruth trazia para nós sua experiência de viagens, Bolívia, Estados Unidos, trazia referenciais de outros movimentos sociais de mulheres, não só as feministas, havia as questões do cotidiano, da vida normal, levantávamos problemas como o enfrentamento da pobreza, e havia ainda a sua experiência acadêmica. Participei do grupo que procurava estruturar o Conselho Estadual da Condição Feminina, sabíamos que era um instrumento de força para implantar o órgão que seria formulador de políticas da mulher para outras Secretarias. Trabalhamos por três meses seguidos, sem parar, nossa estrutura de pessoal era mínima, mas chegamos a um consenso”, acentua Iara Prado.

Aquele momento significava uma etapa a mais numa batalha. Chegava-se a uma nova fase das conquistas das mulheres no Brasil. A partir da ditadura militar instalada em 1964, “[...] um forte movimento progressista feminino articulou-se. [...] Enquanto em outras partes do mundo lutava-se contra a discriminação da mulher e pela igualdade de direitos, no Brasil, a estes objetivos se somava a luta pela redemocratização, a anistia aos presos e presas políticos, além de melhor condições de vida. [...] A direita também se reorganizou com base em grupos ligados à Igreja Católica conservadora.

A parcela progressista da Igreja, autointitulada Teologia da Libertação, aproximou-se dos objetivos da esquerda. [...] A luta pela recuperação dos direitos civis marcou o movimento feminista desde 1964, na década de 1970 até início da de 1980. As mulheres criaram alternativas à censura que coibia a ação dos sindicatos, da imprensa e dos partidos políticos. Fizeram movimentos de rua reivindicando a redução do custo de vida em face do arrocho salarial. Iniciou-se o primeiro movimento de demanda de creches. [...] Ao lado destas questões gerais discutia-se o direito ao corpo, à sexualidade feminina, ao prazer, ao aborto. Lutava-se contra uma política de controle da natalidade e, em contraposição, nascia a ideia do planejamento familiar como uma questão de política pública”.[\[92\]](#)

Em 1972 começaram a surgir em São Paulo os Grupos de Reflexão sobre a Questão da Mulher, coordenados por professoras e pesquisadoras da usp. Três anos mais tarde, momento em que a onu instituiu o Ano Internacional da Mulher, foi realizada na Câmara Municipal de São Paulo o Diagnóstico da Mulher Paulista, ao mesmo tempo em que surgiam duas entidades, o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, com sede em São Paulo, sob a égide do Partido Comunista Brasileiro, e a Sociedade Brasil Mulher, que se iniciou no Paraná e migrou para São Paulo, cuja bandeira era a luta pela anistia. A Sociedade editava o jornal *Brasil Mulher* que, a partir de 1978, aderiu a pautas mais feministas. Já as mulheres que voltavam do exílio criaram outro jornal, o *Nós Mulheres*, feminista desde a fundação e que durou até 1982. Em 1981 surgiu, dentro da Fundação Carlos Chagas, o jornal *Mulherio*, que se manteve até 1987, tendo Ruth Cardoso no conselho editorial. Também em 1981 fundou-se o sos Mulher, cujo objetivo era a luta contra a violência à mulher, base da criação da Delegacia da Mulher. Ainda nesse ano veio o Coletivo Feminino da Sexualidade e Saúde da Mulher, que desenhou as bases da política de saúde da mulher para o novo Brasil. O mr-8 colocou em pauta uma entidade, a Federação das Mulheres Paulistas, em 1981, e o pc do b criava a União Brasileira das Mulheres. Com a redemocratização do país em 1982, o movimento tomou dois rumos — umas seguiram para as questões relevantes, como trabalho,

educação, saúde, violência, outras se aliaram aos grupos de esquerda, como o pc do b e o mr-8. Três Congressos da Mulher Paulista foram realizados, sucessivamente em 1979, 1980 e 1981, quando se tentou definir e unificar as bases e a luta por problemas essenciais.

Para se ter ideia de como se processavam, na época, os encontros, fóruns, reuniões, para se avaliar o tanto de convergências existentes, como o movimento foi tomando força e, sobretudo, observar como havia uma diferença entre o feminismo importado e o brasileiro, podemos recorrer ao contato entre Ruth Cardoso e Danielle Ardaillon, depois de uma sessão especialmente acalorada.

Ao sair, Ruth virou-se para Danielle: “O feminismo é complicado porque é ideologia pura”. “É, mas não é só ideologia, a gente também sente isso na pele, há fatos concretos.” Os debates, conflitos, eram contínuos. Ruth sorria: “Você é muito francesa!”, o que queria dizer que ela era muito radical. Significava que não levava em consideração o jeitinho brasileiro: “O jeitinho é uma coisa muito difícil para um francês aceitar. Danielle, você está no Brasil, as coisas são diferentes, não se pode ser fundamentalista aqui”.

Por essa razão, levando em conta os valores, as necessidades, as diferenças, “é que ela nessa época trabalhava com os movimentos sociais. Porque o feminismo puro e duro não era legítimo no Brasil, o que havia de premente eram as creches, o custo de vida, a violência etc., principalmente num período de ditadura. Eram vertentes do feminismo e Ruth via o que se podia e não se podia fazer na política. Daí aquele misto de Partidão e de catolicismo que permeava o ar”.

Ruth era séria e curiosa, muito curiosa. “Eu era bem mais velha quando decidi voltar ao mestrado, e aqui entra um ponto importante: ela me aceitou, achava que não tinha hora para você querer ter um diploma. Esse era um traço de modernidade nela, não habitual no meio acadêmico. Ela se entusiasmou quando revelei que desejava ver como andava a nova geração de mulheres, como estavam se dando ao decidirem ser profissionais, como lidavam com seus projetos e sua vida familiar, sempre contraditórios. Ela gostou que eu me concentrasse em casais com filhos, uma situação que sempre ‘pegava’. Profissionais, mães perfeitas, relação com a empregada, um mundo complicado. Nessa época havia uma ‘técnica’ doméstica muito em voga, a do congelamento caseiro de alimentos. Então, contratavam-se mulheres que produziam a comida para um mês, tudo ia para o congelador. Essa mulher era uma profissional terceirizada, não uma empregada. Fiz como parte da minha dissertação um segmento inteiro sobre a etnografia do congelamento, algo que jamais seria aceito na França, por ser um problema ‘menor’. Não era menor para Ruth, que criou uma turma de alunos que fez alguns dos projetos mais interessantes até então levantados numa faculdade. Havia a prática e o fundamento teórico. Precisávamos conhecer teoria política também. Foram alunos que perceberam a evolução dos tempos, ao mesmo tempo em que verificavam como valores arcaicos permaneciam no que diz respeito à família, que perceberam como a população evoluía e agia politicamente em relação às suas reivindicações (água, esgoto, luz, pavimentação, segurança, saúde), movimentos de mães. Essas mulheres estavam fazendo política, ainda que sem saber, porque política era coisa de homem. Envolvidas nesses movimentos, as mulheres saíam de casa, passavam a tarde fora, reuniam-se, encontravam amigas, discutiam, iam à prefeitura. Isso era política. E quando em cima disso se fazia um programa e se levava a um partido, os partidos não entendiam. O papel de Ruth foi avançado. Como intelectual, se interessava pelo que estava acontecendo

hoje, agora, na cidade, no estado, no país. Moderna no sentido de captar o que estava correto na cidade, o que havia a se corrigir, ampliar e aplicar isso num programa sobre as mulheres.”[93]

Enfim, era preciso encontrar o nome, que se alternava entre Conselho da Mulher e Conselho Feminista, sem consenso. Finalmente foi Ruth, segundo Eva Blay, quem encontrou a designação ideal, Conselho Especial da Condição Feminina.[94]O governador Franco Montoro não recuou — assim que eleito, criou em 1983 o Conselho, que, presidido por Eva Blay, funcionou inicialmente com um número mínimo de pessoas numa sala cedida pela cesp na rua Estados Unidos. A infraestrutura veio de funcionárias cedidas pelas secretarias de Saúde e de Educação. Quanto às “conselheiras”, cada uma tinha seus empregos fixos, o que lhes dava sustento, mas conseguiam se reunir e trabalhar no Conselho. A mídia abriu enormes espaços para aquela novidade em matéria de governo. A Delegacia da Mulher foi um espanto, nunca se vira coisa igual. Descobriu-se que na polícia havia inúmeras mulheres que tinham estudado, prestado concurso e não chegavam nunca a delegadas, estavam designadas para serviços burocráticos, encostadas pelos homens. Delegada mulher? Nem pensar. Então aquelas mulheres todas apareceram e ocuparam postos. E não eram feministas, eram profissionais que simplesmente aplicavam as leis. Segundo Eva Blay, aquelas delegadas eram treinadas, porque ninguém nasceu feminista, e elas acabaram se sensibilizando tremendamente com os problemas. Mais tarde, a partir de agosto de 1985, já com o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, as delegacias se espalharam pelo Brasil, e atualmente são cerca de quatrocentas. Todos os grandes problemas foram levantados a partir de então, do ponto de vista de política pública, como a violência, o aborto, o estupro, a saúde, a educação, o planejamento familiar.

Ruth, acentua ainda Eva Blay, “foi fundamental ao movimento feminista, pela coerência, pelas posições fortes e seguras. Um documento assinado por ela era uma coisa, sem a sua assinatura, enfraquecia. Ela deu legitimidade ao feminismo, uma corrente que no começo era ridicularizada. Ela trouxe, imprimiu essa dimensão”.[95]

Para Rosiska Darcy, esse movimento em “primeiro lugar trouxe dignidade para a mulher. Dignidade pública. Levou também à descoberta de que a humanidade é feita de dois sexos e não somente de um, e que as mulheres não são o contrário dos homens. Porque elas eram o contrário dos homens. E o feminino não é isso. Assim, essa emergência do feminino na cultura como gente é um fato histórico que marcou o século xx, o século que quebrou um paradigma milenar. Ruth Cardoso só foi a primeira-dama que foi porque ela foi feminista, senão não teria sido, teria sido apenas uma senhora muito digna, muito bem-educada, cumprindo seu papel. A causa das mulheres sempre foi essencial, e andamos pelo interior do Brasil inteiro, falamos com todos os tipos de mulheres, a conversa era sempre uma conversa de quem conhece o assunto por dentro, não era um papo teórico. Ruth era uma boa acadêmica, mas conhecia a vida”.[96]

A secretária-geral da campanha foi Gilda Portugal Gouvêa, responsável pela agenda, e assim ela seguia o candidato por toda parte, frequentava o apartamento, à época na alameda Joaquim Eugênio de Lima. A família tinha deixado a casa do Morumbi em 1973. Foi nessa época que Gilda foi se aproximando de Ruth e a ficou conhecendo, “nossos filhos eram pouco mais do que adolescentes, e percebi como aquele casal era diferente, nada daquilo que era ‘normal’, um gostar do que o outro gosta, só ir a um lugar se o outro fosse, cortar o cabelo assim ou vestir-se de tal maneira só porque o outro queria. Nunca vou esquecer a tarde em que Juarez Brandão Lopes ligou, ela atendeu e ouviu dele: ‘Ruth, por favor, diga ao Fernando Henrique para passar aqui em casa, porque...’ e desfiou um assunto qualquer. Com toda a calma, ela retrucou: ‘Juarez, não dou recado para o Fernando Henrique. No máximo vou dizer que você telefonou’. Estava mais do que provado que ela não era uma sombra do marido. Ao mesmo tempo, é preciso dizer que ela sempre estava absolutamente presente em tudo e a casa dela era o lugar mais acolhedor que conhecíamos”.

## Anotar tudo: gestos, objetos, a atmosfera

Em 1982, numa festa na casa de Pedro Paulo Poppovic em Paraty, Ruth Cardoso e Iara Prado se encontraram e tiveram uma conversa rápida.

— Iara, o que vamos fazer neste governo?

— Não sei, função burocrática não quero ter.

— Nem eu.

Ficou por aí. Pouco depois, em Picinguaba,[\[97\]](#)litoral norte do estado, onde Fernando Henrique e Ruth tinham comprado uma casa de praia, novo encontro, desta vez num boteco, diante de uma cerveja. Ruth viu Iara e a chamou: “Você não sabe! Fui convidada para ser secretária da Promoção Social em Osasco”.

Humberto Parro, um professor ligado ao grupo de esquerda do pmdb, tinha ganhado a eleição para prefeito. Parro não pensava em concorrer, acabou convencido e venceu por cinco votos. Então ligou para Ruth e quase implorou: “Precisamos fazer alguma coisa, você pode assumir a área social?”. Na época, Osasco não era a cidade de hoje, desenvolvida — não passava de uma cidade-dormitório, com uma prefeitura endividada até o pescoço, os impostos federais não chegavam, enfim, só penúria. Ruth acariciou a ideia por momentos, chegou a convidar Iara Prado para ser sua chefe de gabinete. Porém, em seguida, a vida de Ruth deu uma guinada. Montoro assumiu o governo em São Paulo, deixou o Senado e Fernando Henrique assumiu a vaga. Ruth disse que não se mudaria para Brasília e não se mudou. Fez várias viagens, foi junto olhar o apartamento funcional de Fernando Henrique, tomar providências quanto à instalação do marido, mas foi tudo. Ele vinha para São Paulo, ela, eventualmente, ia para lá por alguns dias. Tinha ainda a vida acadêmica, seus orientandos. Diante disso, renunciou à ideia da Secretaria de Osasco e indicou José Augusto Guilhon Albuquerque, aconselhando-o a ter Iara Prado como chefe de gabinete. Todavia, através do cedac e junto com alunos de antropologia, dela e de Eunice Durham, continuou apoiando os movimentos sociais de Osasco. O cedac, Centro de Estudos e Documentação para a Ação Comunitária, tinha sido fundado em 1979 e sua sede era na rua dos Ingleses, numa casa que ela havia herdado dos pais. Foi um período solitário de Ruth, o marido em Brasília, os filhos cada um para um lado. Eram fins de semana repletos, foram organizados grupos comunitários de apoio a mulheres com maridos desempregados, Casa da Criança, para quem não tinha onde deixar filho, Cozinha Comunitária, com pratos baratos, preparados em conjunto, orientados por nutricionistas. Nesse momento, Bia Cardoso, então com 22 anos, professora e jornalista, foi trabalhar no cedac, ela que já tinha uma coluna sobre educação na *Folha de S.Paulo*. Bia queria uma experiência mais emocionante, não desejava ficar dando aulas, e Osasco foi uma espécie de *turning point*.

Iara tem sempre em mente a calma de Ruth e seu modo de conviver e pesquisar. “Estávamos no meio da favela Braço Morto, hora de ir embora, e a Ruth ainda lá na sua conversinha, sentada numa cozinha, tomando café: ‘E a senhora faz como? Pode me dar a receita de tal coisa? Usa o quê? Quanto tempo ao fogo?’.”

Calma, sem pressa, deixando a situação fluir — viria daí sua impontualidade?, um desprezo pelo tempo convencional? —, olhando em volta, anotando detalhes, porque aquele era seu método, o que ela passou a todos os alunos. Observar e anotar o entorno, dele extrair o cotidiano. Quando entrevistei Teresa Caldeira, ela desenhou de maneira límpida o método de Ruth que marcou gerações de alunos e orientandos, muitos deles nomes de primeiro plano — Sergio Paulo Rouanet, Gilberto Velho, Eduardo Graeff, Guita Grin Debert, Maria Filomena Gregori, Danielle Ardaillon, Helena Sampaio, Esther Hamburger, Ana Maria Niemeyer, José Álvaro Moisés, Simone Coelho, entre outros. Ruth, para Teresa, foi muito influenciada pela escola inglesa The Centre for Contemporary Culture Studies, de Birmingham, onde se fundou a Culture Studies, que junta literatura, antropologia e sociologia. Richard Hoggart, com seu livro *The Uses of Literacy*, influenciou bastante a maneira de Ruth ser, fazer e ensinar.

“Ao lermos os ensaios dela sobre favelas, vemos como foi Hoggart quem forneceu as pistas de como avaliar a favela e sua cultura. Ela olhava para a cultura da favela como Hoggart olhou para a cultura operária inglesa, que era a da mãe dele, porque veio de uma família operária inglesa e reproduziu o cotidiano dessas famílias. Assim, ele contava as histórias da avó, descrevia seus gestos. Lembro-me bem, é tão claro, Ruth lendo um texto do Hoggart, em que ele diz como a avó tocava piano na cadeira quando ficava sentada, ou então cortava a casca de laranja depois de comer e dizia que aquelas mãos não podiam ficar sem fazer nada. Ruth nos lia esses trechos, para dizer que a gente tinha de observar tudo quando íamos para a periferia. Tenho ainda meus cadernos de anotações de campo e posso ouvir Ruth exigindo: ‘Quero os diagramas das casas, preciso saber onde tem mesa, tem cadeira, onde está a televisão, quero saber o que tem na sala, o fogão, objetos, roupas, o chão, qual é a cultura material, como as pessoas se inserem nela’. Ensinava a fazer o caderno de anotação de campo. Era essencial observar os gestos, ver como as pessoas falavam, prestar atenção nas posturas. Escrevíamos mais horas de anotações que horas de entrevistas. Ensino meus alunos da mesma maneira, hoje. Para cada hora de entrevista, são duas ou três de anotação. Fazer aparecer nas anotações a cultura, o que não vinha nos depoimentos. A cultura é tudo, o entorno, o ambiente, os objetos da casa, as interações, os movimentos no espaço. Obviamente que isso é teoria antropológica clássica, mas houve uma transformação provocada pelo Richard Hoggart, que obviamente a Ruth e a Eunice Durham continuaram a fazer, nos ensinando a trabalhar e como trabalhar. Ela mandava ler Hoggart e, na época, eu lia mal inglês, então, a primeira regra era ler bem o inglês, para continuar trabalhando, tínhamos de falar várias línguas, espanhol, inglês e francês, como se lêssemos português. Caso contrário, não tinha discussão”, relata Teresa Caldeira.

A menção da avó de Hoggart, que dizia que suas mãos nunca podiam ficar sem nada a fazer, nos remete a uma observação de amigos e familiares de Ruth. Ela fazia tricô o tempo todo, coisa que a Bia, filha dela, faz também. Os grupos de pesquisa iam para alguma parte, Ruth tricotava sentada no banco da rodoviária, à espera do ônibus, e tricotava no ônibus a viagem inteira.

Fernando Henrique em Brasília, Ruth sozinha em São Paulo. Ele no Senado e ela aqui. Bibia Gregori

conta que ela ia de vez em quando, era uma pessoa muito independente, gostava, prezava e cultivava essa independência: “Penso que ela e Fernando Henrique não viveram juntos de fato como um casal convencional durante anos, a partir do momento em que ele começou a vida política, a vida pública. Foi um período em que ela foi muito independente e era feliz com essa independência, tinha uma administração tranquila da situação. Ela gostava disso, primeiro porque gostava de estar rodeada de jovens e a gente gostava demais dela. Éramos muito jovens e ela curtia a nossa companhia, gostava do que a gente trazia para ela de jovialidade. Isso tinha muito a ver também, porque muitos de nós éramos amigos dos filhos dela, então ficava tudo meio em casa. Ela gostava de ter os programas com as amigas dela, iam ao teatro, ao cinema, liam. Ruth insistiu muito para que eu fosse para os Estados Unidos: ‘Bibia, você vai ver que coisa maravilhosa é a experiência de poder aprender a gostar da gente vivendo só’. Foi um grande ensinamento porque, vindo de uma família de um lado italiana e de outro meio quatrocentona, eu achava que não ia conseguir viver sozinha nunca, então, quando fui morar em Campinas, era em república, e, quando fui morar em Berkeley, onde fiquei três meses, primeiro inteiramente sozinha e depois só com o meu filho, foi uma coisa assim, o maior presente que eu me dei, e foi ela que insistiu muito... Ela criou uma coisa como se isso fosse absolutamente imperdível para a minha formação, só que, lógico, ela estava pensando não só na formação acadêmica, mas na formação pessoal. Quando comecei a trabalhar com ela, quando saí de casa e casei e tudo o mais, o primeiro presente que ela me deu de Natal foi um caderninho, sempre um caderninho, de capa dura, com aquela letrinha dela maravilhosa, ela fez um caderninho para cada uma com as receitas de culinária, porque ela achava que a gente tinha de saber cozinhar. Achava que tinha de saber passar creme no rosto, tinha coisas assim, que eram informações práticas na vida, não é?”

Nesse meio-tempo, entre 1980 e 1982, Ruth deu aulas no curso de especialização: “Práticas coletivas populares: movimentos sociais urbanos”; foi coordenadora e pesquisadora do Cebrap no estudo “A periferia de São Paulo e o contexto da ação política”; promoveu dois seminários, um sobre a “Violência contra a mulher”, na Associação Brasileira de Antropologia, aba, e outro sobre “Cultura brasileira: uma noção ambígua”, no Centro de Estudos Rurais e Urbanos, ceru, da usp. Debateu, em Paris, no colóquio “Identité nationale et expressions culturelles: une comparaison entre les États-Unis et le Brésil”, na Maison de Sciences de l’Homme, onde estava como professora associada, tendo passado ainda como professora visitante por Berkeley, Universidade da Califórnia, no curso “Comparative Urban Culture”.

Ruth e Fernando Henrique foram para Berkeley, alugaram uma casa perto da casa de Manuel Castells, com quem Ruth foi trabalhar, enquanto fhc dava aulas no Departamento de Sociologia. A proprietária era mulher de um notório comunista americano, dirigente de um sindicato, que alugava a casa para ter um dinheirinho extra. A casa era simpática, de madeira, num bom lugar — tinha vista para a ponte Golden Gate. Embaixo havia um *basement* e um jardim. Quem cuidava dele era um jardineiro que se via ter sido hippie tempos antes, com um cabelão amarrado tipo rabo de cavalo. Entrava-se na casa por um jardimzinho lateral, subia-se uma escada, havia uma sala boa, uma cozinha, dois quartos, tudo confortável.

Ao voltar para o Brasil, Fernando Henrique assumiu sua cadeira no Senado e Ruth foi para o Cebrap, onde já desenvolvia alguns trabalhos. Ela só entrou no Cebrap após a saída dele, porque ali

havia uma norma: ou o marido ou a mulher, nunca os dois juntos. Ela juntava o salário da usp com o do Cebrap, que era ninharia, uma vez que se tratava de uma espécie de ong. Ele tinha a aposentadoria, mas era mínima — tinha sido por tempo de serviço, não contaram os anos no Chile. Assim, o pé-de-meia era feito com trabalhos no exterior — Estados Unidos, Inglaterra e França.

No Cebrap, Ruth foi se ligando a Vilmar Faria, com quem tinha convivido no Chile nos tempos do exílio, e que no futuro desempenharia um papel fundamental na vida e na participação dela na vida pública. Vilmar era um mineiro introspectivo, fechado, *low profile*; habilíssimo negociador, cientista social de primeira linha, interessado nos movimentos sociais urbanos, foi acurado analista da situação política e social brasileira.

Em 1984, o Brasil se agitou num movimento que mostrou alto grau de ebulição política — o Diretas Já convulsionou o país em megacomícios e manifestações por toda parte, em todos os estados. No entanto, a Emenda Dante de Oliveira foi derrotada no Congresso no dia 25 de abril daquele ano, provocando imensa frustração. O próximo embate ficaria para o Colégio Eleitoral, em 1985, quando seria eleito o novo presidente da República, desta vez um civil, para substituir o general Figueiredo. Tancredo Neves foi eleito, mas morreu em seguida, num drama que comoveu o Brasil por meses. José Sarney assumiu, sob desconfiança dos setores liberais da sociedade brasileira — afinal ele tinha sido sempre governo militar, era o homem da Arena. Eleições diretas foram marcadas para novembro nas principais cidades brasileiras. Em São Paulo, o senador Fernando Henrique foi o candidato do pmdb à prefeitura de São Paulo, concorrendo contra Eduardo Suplicy, do pt, e Jânio Quadros, do ptb. A vitória do pmdb parecia assegurada, mas já na abertura das primeiras urnas verificou-se a disparada de Jânio, político conservador, representante da direita e demagogo clássico. Jânio chamou a imprensa para vê-lo desinfetar a cadeira em que Fernando Henrique se sentara dias antes, para uma fotografia pedida pela imprensa.

No dia da eleição, tudo estava preparado para a comemoração da vitória de fhc. Seria no Buffet Baiuca. Na noite anterior, José Gregori e João Rodarte, um dos assessores de campanha, além de amigo da família, conversaram no comitê e Gregori sentia no ar um quê de derrota. Maria Helena criticou o marido: “Você está louco, lógico que vai ganhar. Por que diz isso?”. José puxou o braço de Rodarte: “João, se ele ganhar, tudo bem. Mas se perder, quero estar ao lado dele, para levá-lo para casa”. Moravam na rua Maranhão, e Ruth estava em casa, acompanhada de Sergio Motta e José Serra, e, assim que o resultado se tornou oficial, a rua se agitou com os militantes janistas tripudiando, num barulho ensurdecedor. Ela tomou as rédeas e decidiu que o melhor era sair de São Paulo; refugiaram-se em Ibiúna por uma semana. “Ficou sentida”, disse Maria Helena Gregori, “mas sem grandes manifestações.” Quando voltaram, Fernando Henrique tinha virado a página.

No ano seguinte, ele disputou nova eleição para o Senado e teve uma vitória arrasadora. Para Ruth significava conviver com Brasília de novo, com as ausências. Todavia, suas atividades acadêmicas prosseguiram — ela acabara de fundar o Nenge, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, da Pró-Reitoria da usp, tornou-se professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, também da usp, passou uma temporada na Universidade Columbia, em Nova York, deu aulas de antropologia na Unicamp, em Campinas, e continuou atuando no cedac, em São Paulo, ao

lado de sua filha Bia, assessorando associações comunitárias, alunos e institutos.

Em 1989 ela liderou o projeto “O contexto cultural da ação política”, com Eunice Durham, a parceira constante, e José Augusto Guilhon Albuquerque, cujas pesquisas trariam subsídios importantes para seu trabalho futuro na vida pública. Eles escolheram seis jovens professores para as pesquisas e eram estes que iam para Ibiúna com Ruth e Eunice, onde o trabalho rendia. Ruth foi diminuindo o ritmo de orientação a partir de 1990, aceitando ocasionais participações em bancas de mestrado ou doutorado, e passou também a fazer palestras pelo país sobre movimentos sociais e políticas públicas. Cada vez mais os temas ligados aos jovens e aos direitos dos estudantes a interessavam, sentia uma angústia muito grande em relação ao futuro do Brasil e ao papel que os jovens nele desempenhariam. “Seu olhar antropológico identificava grupos diferentes, com linguagem própria; não considerava a existência de uma única juventude, mas de juventudes diversas, com potencialidades distintas, todas se desenvolvendo em contato direto com as tecnologias de comunicação e sendo o melhor exemplo de rede.<sup>3</sup> Discutia isso com seus orientandos e queria conhecer sua opiniões. Ouvindo, refletindo, estudando, ela ampliou os limites das ciências sociais, derrubou fronteiras e abriu novos campos de estudo.”<sup>4</sup>

Assim como veio, Fernando Collor de Mello se foi, rapidamente. Eleito em 1989, prometeu acabar com a inflação com um único tiro, e no fim acabou confiscando o dinheiro de todos os brasileiros, mudou a moeda, congelou salários e preços, enxugou a máquina estatal (ele se proclamou “o caçador de marajás”), extinguiu autarquias e fundações, anunciou medidas para abrir o Brasil ao mercado exterior, mergulhou o país em depressão, arruinou empresas, provocou suicídios. Montou uma máquina governamental de corrupção perfeitamente orquestrada, que daria, a cada membro, 1 bilhão de dólares, porém o desmonte da engrenagem resultou no *impeachment* do presidente, o primeiro da história do Brasil. O ano de 1992 ainda não tinha terminado, mas o governo do dono da Casa da Dinda, sim. Itamar Franco sucedeu a Collor. Ao formar seu gabinete, chamou para o cargo de ministro das Relações Exteriores o senador Fernando Henrique Cardoso, líder do psdb, um novo partido criado por dissidentes do pmdb em 1988.

## Ibiúna, memória de uma vida

Ruth, na mesa da cozinha, segura com a mão esquerda o maço de couves que ela enrolou com cuidado, as folhas compactadas na grossura de um charuto. Empunhando uma faca de aço, lâmina de navalha, com a mão direita pica a couve, que se deposita sobre a mesa como delgados fios de cabelo de criança. Está concentrada na couve, ao mesmo tempo em que ouve Danielle Ardaillon falar sobre sua dissertação de mestrado.

No silêncio do lugar, onde o tempo parece correr mais lento, o trabalho tinha rendido. Passaram horas à tarde debatendo página a página, até Ruth dizer: “Agora chega! Vamos jantar. Porque eu trouxe você aqui também para o meu caldo verde”. Isso significava fazer o jantar, e ela havia prometido caldo verde, uma de suas especialidades, que começava pelo corte da couve. Couve que vinha da horta, perto da casa. Esta é uma das imagens de Ibiúna sempre presente na memória de Danielle, que mostra duas faces de Ruth que ela equilibrava com maestria, a acadêmica e a *gourmet*.<sup>[98]</sup> Ao longo dos anos montou um caderno com receitas vindas de Araraquara, da mãe e das tias, copiadas de outros cadernos, de livros, programas da televisão, que amigas enviavam ou coletadas nas viagens ao exterior. Escreveu com cuidado vários cadernos — no Des Oiseaux a caligrafia era arte essencial; um deles ficava em Ibiúna, outro em São Paulo, outros ela presenteou a Luciana, Bia e a nora Evangelina Seiler, carinhosamente conhecida como Van Van, segunda mulher de Paulo Henrique, e às filhas de amigos. Nas noites frias de Ibiúna, os jantares começavam pela sopa. Predominam nos livrinhos as receitas de sopa, que ela adorava, havia de todos os tipos.<sup>[99]</sup> De vez em quando — ainda não eram tempos do politicamente correto, de preocupações com meio ambiente, nada —, o caseiro Joaquim aparecia com um tatu que ela preparava e chamava os amigos. Maria Helena Gregori se regalava e falava muito da maneira como Ruth preparava um coelho, no que é secundada por Celso Lafer: “Era de desmanchar na boca”. Outro prato em que ela se excedia era o creme de mandioquinha, cuja receita não contava.

“Guisados, Ruth dedicava-se aos guisados com grande competência, tinha panelas especiais para tudo, panela de barro, panela de ferro, de cobre, de alumínio, de vidro, panela daquilo, faca de não sei o quê, faca de não sei o que mais, cultivava a variedade. Era imbatível nos *cassoulets*”, afirma Jorge Caldeira, que viveu Ibiúna em sua totalidade e hoje toma conta da casa. “Ela era p’ra valer. Coisa meia boca, tipo bifinho batido, massa com molho de tomate, só tinha vez de quando em quando, mas chegava à mesa acompanhada da menção ‘emergência, olhem lá’. Ela gostava de pratos que demoravam para cozinhar, que tinham bastante tempero, pratos aos quais era preciso se dedicar, estar atenta. Um bom jantar com a Ruth tinha duas horas e meia de conversa depois, era o grande prazer dela, que sempre gostou muito de reunir pessoas. Ibiúna era para quem cultivava a prosa com grande gosto.”

Caldeira tem uma visão curiosa sobre Ruth e a gastronomia: “Ela achava que a pessoa que não cozinhava era alguém que tinha algum defeito, algum problema. Ela imediatamente se punha a ensinar o manejo na cozinha e isso era para todo mundo. Vim de uma casa que tinha empregada o tempo todo, casa de brasileiro que não põe a mão em nada, e a Ruth rapidamente me ‘curou’, me ensinou a fritar ovo, fazer café, lavar pratos, copos, panelas, ensinava técnicas especiais, exigia competência. A Ruth era uma pessoa para quem o exemplo era fundamental, não tem conversa, exemplo é exemplo — quem vai por exemplo, vai, quem não vai por exemplo, não vai”.

Aquela casa, a pouco mais de sessenta quilômetros de São Paulo, desde os anos 1970 foi um refúgio — ali ela podia se isolar ou receber amigos íntimos. Condomínio aberto dos tempos em que o Brasil não tinha tantos problemas com segurança, assim permaneceu até o momento em que foi necessário instituir portaria e vigilantes. As casas estão plantadas em terrenos amplos, nem tão próximas que se possa viver uma vida bisbilhotada, nem tão distantes que não se possa caminhar de uma a outra para um almoço, uma tarde à beira da piscina comum a várias moradias, ou um fim de tarde diante de canapés, cervejas, vinho ou uísque, ou fechar a noite com um jantar grupal.

A casa é protegida por altas árvores, rodeada por um gramado. Tem uma varanda aberta, um jardim e uma horta. Verde, em toda a volta. Por dentro, alvenaria e madeira rústicas. Sempre se disse “a casa de Ibiúna”, mas na verdade ela fica no condomínio denominado Mirim-Açu, junto à represa de Itupararanga, nas encostas da serra de Paranapiacaba. A cidade, que fica bastante próxima do condomínio, tornou-se histórica por ter abrigado o célebre e já citado xxx Congresso da União Nacional dos Estudantes, em outubro de 1968. Encontro clandestino, 2 mil estudantes foram presos numa noite de chuva e lama.

Ibiúna foi criação do arquiteto Carlos Lemos, que descobriu o lugar, projetou um loteamento nos anos 1960 e começou a vender muito barato aos amigos. Amigos de nomeada como Pedro Paulo Poppovic[100] e sua mulher Ana Maria, de apelido Nani. E foram chegando o historiador Boris Fausto, os sociólogos Juarez Brandão Lopes, Lúcio Kowarick, Clélia e Gabriel Bolaffi, o advogado José Gregori e sua mulher Maria Helena, o jornalista Ottaviano de Fiore, mais conhecido como Barão, e sua mulher Elizabeth, Regina e Luiz Meyer, Luiz Carlos Bresser-Pereira, José Serra (que nunca vai), entre outros. Os lotes foram sorteados, nada de cada um escolher o seu e depois começarem as reclamações. Formou-se lentamente um reduto dito “uspiano”, não apenas pelos moradores, mas porque Ibiúna acabou sendo ponto de encontro, de fins de semana, de breves férias de pessoas ligadas à usp. Foi Pedro Paulo quem levou Ruth e Fernando Henrique para lá como hóspedes, eles se encantaram e alugaram a casa de Fernando, irmão de Carlos Lemos. Era uma casa bastante simples, mas muito divertida, porque tinha duas alas: os pais ficavam embaixo e a juventude subia. Numa das alas havia a cozinha, a sala e um quarto; na outra, dois quartos e a lavanderia — somando tudo, não chegava a 100 m<sup>2</sup>.

Depois disso juntaram dinheiro, venderam um quadro — que ninguém na família mais se lembra qual foi —, compraram um terreno e construíram a casa, que teve várias reformas comandadas por Ruth. Ela é quem tratava com pedreiros, pintores, fazia compras de materiais de construção, escolhia portas e janelas, pias e chuveiros, regateava preços, acompanhava e cobrava os serviços e os prazos. Um dia, o motor que puxava a água do poço artesiano do condomínio quebrou e foi Ruth quem tomou as providências. Para a casa, pedia sugestões a Regina Meyer, que é arquiteta, mas nem sempre seguia o indicado. Ela gostava do simples, do despojado, do limpo — dizia-se modernista, mas não dispensava

uma compoteira para dar o toque caipira.

Ibiúna foi o refúgio também dos filhos. Era divertido, reunia-se uma turma enorme, os pais eram amigos, os filhos se juntavam e, quando os mais velhos não iam, vivia-se uma vida de adultos. Todos se interligavam, havia campeonatos de vôlei entre os lotes, andava-se de barco na represa que margeia o condomínio todo o tempo. Paulo Henrique, então com dezessete anos, comprou de um alemão um veleirinho usado, um Snipe, que dava sempre um trabalhão para velejar. Parece que ganhou da mãe, que, apesar de dura, fazia muito as vontades dele — foram buscá-lo na represa de Santo Amaro. Entre os jovens, brincava-se que o rico de Ibiúna era o Pedro Paulo Poppovic, que tinha lancha e um Landau branco. Afinal, ele era diretor da Abril.

Aos poucos aquele reduto acabou tendo a cara de Ruth e um pouco de Araraquara, transplantada em quadros, luminárias, móveis, estantes, painéis, xícaras, objetos, quadros, vasos de flores, cortinas de crochê, mesa de centro, estantes, biblioteca. Principalmente a cozinha, que ela moldou ao seu jeito e maneira, exibindo uma coleção de painéis — muitas trazidas do exterior — que provocava inveja entre os amigos, principalmente os que também eram homens de cozinha, como José Arthur Giannotti e Luiz Meyer.

Fernando Henrique acentua que da mãe de Ruth “vieram duas coisas: o interesse pela biologia e pelos jardins. O jardim de Ibiúna sempre foi paixão. Na varanda, ela cuidava de planta por planta. Teve esse cuidado a vida inteira. Trazia sementes de nossas viagens, plantava, replantava, regava, seguia. E lia sobre jardins, plantas, adubos, conhecia as espécies, as que crescem ao sol, à sombra, as que se abrem de manhã, as da tarde, essas coisas. Havia um diálogo constante com Carlos Lemos o tempo todo. Queriam fazer fogão a lenha, e ela amava o jardim, que dava um trabalho danado, é tudo gramado, é bonito. Indo lá, se vê que é o estilo da Ruth, não é o meu estilo. O jardim é desordenado. Mistura árvores frutíferas com sei lá o quê, era o estilo dela, que eu chamava de caipira. Araraquara, exatamente. Não é cartesiano. Mas é muito agradável, bem cuidado. Agora, ela gostava da casa como foi feita originariamente por ela e pelo Lemos, uma loucura, tinha chão de cimento queimado colorido, estava na época inventar moda e o telhado era de telha-vã, como se fosse colonial, um frio desgraçado. Ibiúna é região fria. Isso levou anos para mudar, e só mudou porque fomos para a Europa ou os Estados Unidos, não me lembro para onde, e Bia ficou tomando conta da casa, e então pôs assoalho e forro, por volta de 1990 e poucos, por aí”.

Gabriel Bolaffi, vizinho de Ruth, é um *gourmet* e sempre teve uma horta de especiarias, salsinha e cebolinha para o cheiro-verde, e Ruth ali se abastecia de hortelã, orégano e manjericão. Certa vez, querendo fazer uma horta também, ela propôs a Roberto Schwarz a compra de um terreno que ele tinha no condomínio. A venda não aconteceu, porém Roberto liberou: “Olhe, venha, entre no terreno, plante o que quiser”. Clélia Bolaffi guarda algumas imagens e uma delas, forte, foi a de Ruth fazendo o enxoval para uma empregada em Ibiúna. “Ela criava uma relação diferente com seus empregados. Pois Gilberto, o motorista dela em São Paulo, não foi estudar convencido por ela e acabou fazendo Direito? Havia uma empregada que engravidava e perdia, engravidava e perdia, e Ruth passou a orientá-la: ‘Você tem que se tratar antes, vamos ver um médico’. Ou seja, ela sentia apreço por todos que estavam à volta dela.”

Os encontros entre as duas famílias ocorriam, em geral, na piscina, onde, segundo Gabriel, “Fernando Henrique divertia todo mundo fazendo imitações, é ótimo imitador e mímico. Quando estava inspirado e imitava o Lula e o Itamar Franco, eram gargalhadas sem parar. Ele se descontraiu à beira

d'água". Houve um período, depois da morte de Mariquita, em que os Bolaffi levavam José Corrêa Leite para Ibiúna, e ali ele se encontrava com Ferrutti, pai de Clélia. "Papai não tinha sotaque caipira, mas quando se juntava ao seu José, voltava a falar com todos os 'erres' araraquarenses. Os dois estavam meio surdos, mas se entendiam, adoravam nossa casa."

Naquele tempo, os terrenos não eram cercados, ao contrário, eram unidos por meio de jardins. De Fiore foi o primeiro a levantar uma cerca, já nos anos 1980. Ruth, em Ibiúna, vivia para a cozinha e a casa, para a horta e o jardim, entrava tranquilamente na conversa cricri — criados e crianças —, conversava com empregados e com os locais no mesmo tom, conhecendo e usando suas expressões. As filhas de Clélia e Gabriel, bem mais novas que Bia e Luciana, tinham uma impressão curiosa: "Ah, mãe, ela só fala de sofá, de trocar a capa do sofá, de fazer reforma".

Havia noites calmas, Maria Helena e José Gregori apareciam, jantavam. Se estava frio, abria-se um vinho, a adega era bem abastecida, ainda que controlada. Ruth cutucava: "Fernando Henrique, abra um vinho dos bons, você tem tantos". Tinha, sim, das melhores marcas, das melhores cepas, que, dizia ele, ficavam para ocasiões especiais. "Vamos perder todos se não bebermos", Ruth reclamava, e ele acabava concordando, mas era econômico no servir, fazia a garrafa render.<sup>[101]</sup> Depois de comer, Ruth sentava-se na sala e ficava conversando com José, os dois não eram dados ao jogo. Ela jogava baralho, sim, com os netos, biriba ou rouba-monte, e divertia-se. Ruth e José eram também parceiros de dança, faziam dupla em qualquer festa. Na quietude de Ibiúna e boa conversa, ela sorvia uma boa cachaça, tinha uma coleção de esplêndidas marcas. Preferia pura, nada de batidas ou caipirinhas. Maria Helena e Fernando Henrique sentavam-se à mesa de jogo — ele gosta do pôquer, mas fazia concessão concordando em jogar buraco ou tranca. Apostas baixas. Quando perdia, Fernando Henrique não gostava nada. Em fins de semana mais agitados, casa cheia, a mesa de pôquer durava horas.

Havia um bar por lá, onde os locais se reuniam para conversar, beber, jogar sinuca. Começaram a aparecer problemas, inclusive de drogas. As mulheres dos operários, jardineiros, caseiros, pedreiros passaram a reclamar. Ruth interveio, negociou com o prefeito, conseguiu o fechamento do lugar, as mulheres agradeceram: "Agora nossos maridos não chegam mais bêbados em casa". O bar tornou-se um lugar onde se vendia artesanato, feito pela população local. Durou dois anos. À medida que o tempo passou e as questões ligadas à segurança se acentuaram, decidiu-se "fechar" o condomínio, com os empregados usando crachás, o que deixou parte dos "condôminos" indignados, causando protestos. Bolaffi foi um deles: "Logo estaremos todos isolados em fortalezas fechadas".

Momento especial era a ceia de Natal. Algumas foram feitas em Ibiúna e uniram mais a família. Ruth curtia toda a preparação, a compra de presentes para cada um, porque todos ganhavam, e cada qual embrulhado de maneira personalizada, a árvore de Natal, a arrumação da mesa, a toalha, os pratos, os arranjos, as velas. Depois de muita comida, inventavam-se coisas engraçadas que todo mundo fazia. Mas em geral a ceia era no apartamento da cidade — além da família, amigos chegados passavam para os abraços de boas-festas —, ainda que muitos preparativos tivessem sido feitos em Ibiúna, antecipadamente, em especial certas comidas.

Uma vez, Luciana e um namorado fizeram para Ruth um manto de Super-Mãe igualzinho ao do Super-Homem, tinha o sm nas costas, e ela distribuiu todos os presentes com o manto nas costas, ria muito. Os filhos vinham com os namorados e namoradas, para os amigos era uma casa em que todos se sentiam

bem-vindos, a maior farra. Ela continuou fazendo esses Natais em Brasília, mas então só para os filhos e netos, em encontros mais contidos.

Teresa Caldeira conheceu Ruth em Ibiúna e jamais imaginou que um dia seria sua aluna e ali desenvolveriam trabalhos em fins de semana. Ela e o irmão Jorge Caldeira foram como que adotados por Ruth e Fernando Henrique. Teresa acompanhava o irmão a Ibiúna, junto a um grupo de jovens. Mais tarde, já na faculdade e trabalhando com Ruth, transferiam-se todos para lá, principalmente nas pesquisas sobre a periferia. “Ela e Eunice Durham levavam a equipe inteira. Éramos seis pesquisadores de campo ali reunidos e o trabalho rendia naquele silêncio e solidão. Eu estudava a Zona Leste, Helena Sampaio estudava Osasco, Antonio Teixeira Mendes, hoje superintendente do Grupo Folha, fazia o que a gente chamava o bairro virgem, que era uma questão de método fundamental. Esse bairro, Cidade Júlia, na Zona Sul, era o único que não tinha movimento social. Ficou assim chamado porque não tinha nenhuma forma de organização social, para servir de comparação com os outros. Claro que em seis meses o bairro estava agitado, cheio de movimentos sociais, e vimos tudo aquilo começar. Os outros da equipe eram Antônio Flávio Pierucci, professor de sociologia da usp, que trabalhava com o Procópio Ferreira de Camargo no Cebrap, a Célia Sakurai, que depois foi estudar os imigrantes japoneses, e a Cristina Guarnieri. Claro que, depois, Ruth fazia o caldo verde para todo mundo.”

Pedro Paulo Poppovic morava em Ibiúna numa casa perto do lago, a dez minutos de caminhada da casa de Ruth. Depois, ele se mudou para a casa vizinha, era só atravessar um gramado. Pedro Paulo, cuja mulher morrera num acidente em 1983, casou-se de novo com uma egípcia recém-chegada ao Brasil, Malak El Chichini. Mulher interessante, inteligente e bonita, economista que tinha estudado na Suíça, trabalhado na onu e morado na África e nos Estados Unidos, Malak veio ao Brasil em 1985 para passar o Carnaval, gostou e ficou. No encontro em Ibiúna, uma de suas primeiras amigas foi Ruth, porque se comunicavam em francês, uma vez que Malak não falava uma palavra em português. “Nas reuniões, as pessoas procuravam falar numa língua que eu entendesse, mas depois de quinze minutos e alguns copos, estavam todos falando português e eu inteiramente perdida”, diz Malak. Numa viagem que Ruth fez ao Egito para uma reunião sobre antropologia, entre 1986 e 1987, Malak não só lhe deu todas as dicas sobre os modos de ser do país, como também o endereço de sua mãe — as duas almoçaram juntas, conversaram e, evidente, ficaram amigas. “Eu estava interessada em trabalhar, fazer alguma coisa, e Ruth me aconselhou a participar do núcleo de estudos da violência. Na época conheci muitas alunas dela, que alguns chamavam de ‘ruthetes’, e acabei me entrosando com elas. Mal podia prever que trabalharíamos juntas, mais tarde, num projeto de importância vital para o Brasil.”

Danielle Ardaillon, no começo dos anos 1980, estava trabalhando no Cebrap e seu relacionamento com Ruth e Fernando Henrique se estreitou, ela foi convidada para Ibiúna, o que, de certo modo, indicava sinal verde, uma vez que os dois sempre foram reservados quanto ao círculo familiar e amigável. Quando Danielle, que teve uma trajetória de vida complicada devido à ditadura, prisões e perseguições, foi fazer seu doutorado, precisou antes fazer o mestrado para fechar o círculo — o mundo acadêmico era rigoroso em suas regras. Nesses momentos, foi como se Ruth a tivesse tomado sob sua guarda. As visitas a Ibiúna passaram a ser mais frequentes. Era comum ver Paulo Henrique e Ana Lúcia chegando com as filhas gêmeas Helena e Joana, mais Júlia, filha de Bia, e as netas logo rodeavam a avó na cozinha, aprendendo a cozinhar. Pedro tirava suas casquinhas, vez ou outra. Havia ainda lições de corte e costura, entremeadas

por uma conversa cheia de casos. O espírito da bisavó Mariquita perpassava, evocando aquelas tardes em que ela fazia vestidos de baile para Ruth ou uma fantasia de pipoca, ou copiava, com o que havia nas lojas de Araraquara, a alta-costura parisiense. Certa noite, Ruth deu um presente a Van Van.

— Um ovo de madeira?

— Para cerzir as meias do Paulo.

— Muito obrigada, mas acho que não vou usar isso, não!

Com a mãe de Evangelina, já idosa, Ruth conversava sobre árvores e natureza, inclusive enviava fotos ou livros sobre fazendas, ela sabia como chegar e envolver cada um, não importava a idade e o meio. Regina e Luiz Meyer eram amigos de longuíssima data que também tinham casa em Ibiúna, ainda que um pouco afastados — para se visitarem era preciso ir de carro. Luiz, um psicanalista que também fazia da cozinha um momento especial, adorava cozinhar para Ruth. Esta cena era comum: ele terminava um prato, oferecia, ela apanhava o garfo, levava até a boca, fechava os olhos, sentia o paladar, e comentava. Ficou famosa a mesa de almoço com gavetas (uma coisa mineira) e um centro giratório que era um sucesso. Wilma, mulher de Sergio Motta, braço direito de fhc, fez uma cópia moderna dessa mesa em pau-marfim. Aliás, certa vez Wilma trouxe de Paris uma luminária em forma de losango (“Me deu um trabalho enorme trazê-

-la no avião”, confessou) que deixava todo mundo embasbacado. Ruth colocou-a sobre essa mesa.

“Em Ibiúna, eu saía de cena e Luiz entrava”, comenta Regina, “porque era uma coisa muito forte, ele é quem comprava as coisas para levar, escolhia, procurava, buscava uma novidade, e a ida para Ibiúna era agradável, muitas vezes levávamos trabalho, ela também, e nos reuníamos à noite, a conversa rolava. Ela insistia: ‘Regina, precisamos fazer alguma coisa aqui’, e eu pensava em biblioteca, tinha mania de biblioteca, ela não, procurava alternativas. Um dia, falou: ‘A gente tem de montar aqui uma escola de hotelaria’. ‘Mas por que hotelaria?’ ‘Esse pessoal do interior sabe receber, gosta de receber, sabe colocar as pessoas à vontade.’ E, como eles sabiam, talvez pudessem ensinar. A última foi: ‘Temos de levar essas pessoas a aprender formas novas de agricultura, criativas, eles têm de ter perspectivas, não serão caseiros apenas porque seus pais são caseiros, é preciso quebrar essa engrenagem’. Ela sabia que as pessoas mais interessantes não são as mais conhecidas, as que estão sob os holofotes; às vezes, as pessoas interessantíssimas estão é fora, e Ruth tinha atenção para essas pessoas, ela gostava, ia buscar, não ia atrás do consagrado. Ruth gostava de ver fazer, ela punha gosto nisso. Olhar uma mulher fazendo renda, ou comida, uma peça de artesanato. Quando ela me trazia um presente, por exemplo, eu abria e ela dizia entusiasmada: ‘Você precisa ver como é feito’. O fazer era importante, forte para ela. E o descrever? Ela gostava de descrever o lugar, o espaço, a decoração. Foi essa história do fazer que a levou para a antropologia, porque na antropologia ela estava mais perto da comunidade, do real, não do abstrato. Ela não gostava tanto da teoria, aliás nem o Fernando, ainda que ele faça teoria com facilidade. Ela era da concretude, da realidade das coisas, e isso a levou a essa dimensão do chegar perto, falar com as pessoas, ela sentia interesse pelas pessoas, mais interesse pelas pessoas que pelos livros. Ruth se formou em Araraquara, ali teve o aprendizado do mundo real, da valorização do fazer. Tudo o que veio depois poderia tê-la afastado desse mundo, no entanto ela guardou tudo como uma herança que prezava profundamente. Não ficou nostálgica, e sim evocativa. Carlos Drummond de Andrade foi para o Rio de Janeiro e o que fez? Falou de Minas, porém Minas era o retrato

na parede. Para Ruth, Araraquara não era o retrato na parede, era uma coisa do cotidiano — se comia goiabada, falava de Araraquara.”

Quando visitavam os Meyer aos sábados, logo após o jantar todos saíam, sentavam-se nos degraus da entrada, ficavam batendo papo. Então Ruth se esgueirava pelo corredor, ia para a salinha de televisão, via um capítulo da novela e voltava toda contente. Regina comenta: “Ela não se justificava, ‘Estava zapeando, por acaso parei na novela’. Via mesmo, gostava, não se envergonhava, se interessava, achava graça, dizia que as novelas a faziam entender o Brasil. Era uma intelectual sem o pedantismo intelectual”.

“Ruth tinha loucura por Ibiúna, coisa que a Bia não tinha, e a Luciana viveu mais afastada, morando em Brasília”, comenta Bibia Gregori, que teve uma relação bem próxima com o lugar. “Paulo ali passou sua juventude e depois, vivendo no Rio de Janeiro, ligou-se menos. Ruth adorava Ibiúna, tanto é que ela, aos poucos, começou a levar as coisas dela para lá, achava que ia começar a viver um pouco lá, um pouco cá. Mas era a única que gostava muito. Depois que o caseiro Joaquim foi morto em circunstâncias misteriosas, aquilo foi virando uma experiência dolorosa para ela.”

Fernando Henrique conclui: “Foram quarenta anos de Ibiúna, e foi muito bom, ali os meninos foram criados, desfrutava-se a convivência de todos. Depois, casa de campo, você ocupa por geração, primeiro os filhos, depois os netos. Se os netos vêm, tudo bem, mas nossos netos foram criados todos fora de São Paulo. Ficamos eu e a Ruth. Lá a gente almoçava e ia para a varanda, tomar sol, ler um pouco. Ela implicava comigo nisso também, porque eu gostava de dormir na rede. Porque ela não dormia depois do almoço, então implicava: ‘Você fica dormindo, depois não dorme à noite’. Depois ela parou de implicar. Ibiúna é a memória de uma vida”.

## A mulher que não queria ir para Brasília

Em 1992, Fernando Henrique Cardoso foi ao Japão para solucionar um problema em relação ao seguro exportação e aqui deixou o presidente Itamar Franco às voltas com a excitação da mídia em torno de um escândalo envolvendo Eliseu Resende, ministro da Fazenda. Começavam no Brasil os rumores de que Fernando Henrique estava cotado para substituir Resende. Do Japão, fhc foi para Nova York, e estava na embaixada brasileira jantando com o diplomata Ronaldo Mota Sardenberg e sua mulher, Célia, quando Itamar chamou-o ao telefone. O presidente perguntou:

— Você está sentado ou em pé?[\[102\]](#)

— Por quê?

— Estou com um problema enorme. A situação do Eliseu Resende é insustentável.

— E pretende fazer o quê?

— Substituí-lo por você.

— Itamar, não faça isso! Mantenha o Eliseu, por favor! Não tenho mais justificativas, não tenho como explicar no exterior as mudanças de ministro da Fazenda. Já foram três. O Eliseu está fazendo o que pode.

— Mas a coisa está difícil, a situação é insustentável, você não imagina, ficou horrível.

— Presidente, não estou no Brasil, não posso e não quero faltar a você, eu só peço uma coisa: converse com o Eliseu, veja se dá para ficar com ele.

— Está bem, eu ligo depois.

Fernando Henrique voltou à mesa, e os diplomatas perceberam que ele estava um pouco tenso. Dali a pouco, Célia Sardenberg, que tinha saído, voltou à sala:

— Olhe, o comandante Carvalho mandou dizer que o presidente não precisa mais falar com o senhor.

O telefonou tocou muito cedo, na manhã seguinte. Do Brasil ligava Luiz Felipe Lampreia, secretário-geral do Itamaraty:

— Ministro, o senhor agora está na Fazenda.

Atônito, Fernando Henrique ligou para o presidente Itamar, foi atendido pela empregada Geralda, que, antes de ele dizer alguma coisa, comunicou:

— Caiu muito bem a sua nomeação aqui.

Quando Itamar apanhou o telefone, foi logo dizendo:

— Pois saiba que sua nomeação repercutiu muitíssimo bem no Brasil. Parabéns!

Fernando Henrique dormiu de novo. Acordou com o telefone, atendeu, do outro estava uma Ruth Cardoso furiosa:

— Você é louco?

— O que foi?

— Quer dizer que virou ministro da Fazenda?

— Não. Onde viu isso? Itamar me convidou, não aceitei.

— Como não aceitou? Você está mentindo.

— Como mentindo, Ruth? É verdade, não aceitei![\[103\]](#)

Ela não se continha, danada de brava. Desligou. Do lado de lá da linha, em São Paulo, estavam Ruth e Rosiska Darcy que, naquela noite, tinha ido jantar na rua Maranhão. “Fui a São Paulo buscar orientação para a organização de ongs, assunto em que Ruth era mestra, tinha até o apelido de ongueira. Deviam ser duas da manhã, ela falou com Fernando Henrique e desligou o telefone bastante transtornada, bem alterada. Quando disse que não entendia tal perturbação, ele retrucou que estava vendo nisso um sinal, um aviso de que o marido seria um candidato à Presidência da República. E, que se fosse, toda a vida deles estaria alterada. Não seja negativa assim, Ruth, eu disse. Veja isso com outro olhar. Se o Fernando Henrique chegar à Presidência, essa será a aventura de nossa geração.”

Bem, diz hoje Fernando Henrique, Ruth nunca acreditou que ele não tivesse aceitado o convite na primeira conversa que teve com o Itamar. Ela achou que ele estava enganando todos, inclusive ela.

“Nunca acreditou, mas a verdade foi essa. Ela ficou indignada! Ela e todo mundo, Serra também, aliás, todos, porque achavam que eu estava liquidado, a inflação era galopante, derrubaria todo mundo, eu tinha metido o pé no buraco. Era o quarto ministro da Fazenda, o governo Itamar, instável, cpi dos ‘anões do orçamento’ no Congresso, isso era um golpe contra mim, eu estava liquidado! Não obstante, eu era o ministro da Fazenda, fazer o quê? Cheguei ao Brasil, a Ruth já estava no meu apartamento, meu apartamento era do Itamaraty. Bem, Ruth já estava no apartamento com os filhos, ela era contra, mas solidária. Estava todo mundo esperando explicações. Aquele foi um dia terrível; cheguei, tomei um banho, fui para o Palácio do Planalto, o Eliseu e o Itamar me passaram a função. À tarde, fui para o Ministério da Fazenda fazer um discurso de posse, auditório repleto. Ruth, filhos, amigos, todos com cara de enterro, o auditório me esperando com uma fórmula mágica. Eu disse: ‘O Brasil tem três problemas, o primeiro é inflação, o segundo é inflação, e o terceiro é inflação, e vou acabar com ela’. Bem, aí foi uma época de tensão, todos achavam que era um erro, mas tinha sido nomeado, ia fazer o quê? Meus amigos e minha família tinham certeza de que ia ser um desastre, primeiro, lidar com o temperamento do Itamar, e segundo, eu, que não sou economista, ter de lidar com economia. Além disso, foi um drama para Ruth. Um momento difícil para ela.”

Como ministro da Fazenda, Fernando Henrique ganhou notoriedade nacional ao criar, no combate à inflação, a Unidade Real de Valor, a urv, junto com o Cruzeiro Real, nova designação da moeda brasileira, logo depois transformada simplesmente em Real. Estabilizava-se o Brasil sem planos, congelamentos e outras medidas de choque que, até então, tinham fracassado. A implantação do Real foi uma dura luta no Congresso. Lula e o pt bateram-se fortemente contra o plano. O Real conferiu a fhc uma celebridade popular que consolidou seu nome como o candidato natural do psdb à Presidência da República.

“Aqui começou outra história”, diz ele. “Essa candidatura foi, a princípio, uma coisa que ninguém lá em casa quis, ninguém teve essa aspiração, nem Ruth nem os filhos. Quanto a mim, era ambíguo, por que

é que eu queria? Eu queria efetivar o Plano Real, não é? Buscava a estabilização. Quando deixei o Ministério e vim para São Paulo, em maio de 1994, confessei a minha família: ‘Não vai dar, vou desistir’, porque eu não subia nas pesquisas, estava parado! Eles entenderam a candidatura, conheciam a lógica da política. Não tinham grande entusiasmo e conviviam com uma ponta de esperança de que eu não ganhasse, mas entenderam. Mas aí eu disse: ‘Vou desistir, porque não dá’. Não ganhava apoios, não havia dinheiro. Mas com o Plano Real a situação mudou, de repente comecei a subir, a crescer. A tal ponto que logo tivemos certeza de que ganharia no primeiro turno, direto.”

Uma noite, voltando de um concerto no Cultura Artística, Ruth, que dirigia, passou pela casa de Lourdes Sola e acabou subindo, parecia ansiosa para conversar.

— Quer um chá? — perguntou Lourdes.

Ela consultou o relógio.

— Meia-noite! Mas vou tomar o seu chá.

— Você não está bem! O que te preocupa? O que há?

— Lourdes, se o Fernando Henrique ganhar essa eleição, não sei o que vou fazer da minha vida. Não sei o que vou ficar fazendo.

— Não me preocupa a mínima isso.

— Como? Não estou dizendo que passo pela maior angústia?

— Ruth, tenho a seguinte teoria. As pessoas vitais, muito vitais, colocadas em situações novas, inventam o que fazer. Vejo por mim, certa época, exilada, me separando, deprimida e consegui inventar algo a fazer. Você e o Fernando Henrique...

— Mas o Fernando Henrique terá o que fazer, e muito!

— Ruth, eu te conheço. Você vai inventar. Não vai ficar parada, você é vital demais.

Ela ficou olhando para Lourdes, sorvendo o chá, um sorriso aflorou, baixou a angústia.

Para José Arthur Giannotti, ela confessou: “Se for possível, não vou para Brasília. Não vou, não. Vou dar um jeito de cumprir minhas funções oficiais, mas não quero deixar meus alunos”. Assim, acentua Giannotti, “ela não queria largar essa vida de professora, tinha enorme contato e carinho pelos alunos dela”.

Bia Cardoso admite que foi um momento difícil para sua mãe, porque a candidatura virou realidade, a Presidência também, “e ela não navegava bem nessa parte. A Presidência, toda a exposição, a vida nova que viria pela frente. Ela era muito da casa, gostava do cotidiano, vivia bem nessa dimensão, então no começo foi sufocante, depois ela administrou bem, conciliou as coisas. Conciliou principalmente com a vida pessoal, nunca perdemos nada de nossa vida privada, familiar, preservamos nossa intimidade, ela e papai conseguiram equacionar bem a situação, mas houve um período que foi um susto, ela não achava a menor graça”.

Reações isoladas para amigos chegados, familiares. Porque uma das marcas mais fortes de Ruth foi a reserva. Calada quanto aos próprios problemas, ansiedades. “Ela se abria pouco”, comenta Regina Meyer, “esperava mais que a gente deduzisse do que a gente soubesse. Ela imaginava que entendêssemos seus subentendidos, silêncios. Ruth viveu momentos muito difíceis, em que estávamos juntas sem falar, ela sabendo que havia em mim um caldo de conhecimento daquilo em que ela estava mergulhada. Aqui e ali afloravam algumas coisas. Não era amiga dessas de contar no detalhe uma intimidade. Nunca deixava

ultrapassar certos limites. Eu acompanhava, via às vezes que ela não estava bem, mas nunca tivemos conversas assim de rasgar, abrir a alma literalmente. Não era o perfil da Ruth.”

“Por outro lado, era ótima ouvinte e conselheira”, diz Gilda Portugal Gouvêa. “Eu contava tudo a ela, problemas com minha filha, com o ex-marido, com namorado. No entanto, sobre ela, Ruth não abria a boca, não contava nem do passado, nem nada. Falava dos filhos, sim, comentava o jeito de cada um, problemas, afetos, era mãe em tempo integral. Quando o Fernando Henrique entrou na campanha, para ela foi traumático, viu que teria de abrir mão de alguma coisa, seria obrigada a fazer escolhas. Ela passava a ser um personagem novo e essa mudança não estava em suas mãos. Quando me disse, cheia de convicção, ‘Não vou morar em Brasília’, quase caí de costas e pensei: meu Deus, e agora? Desde que veio estudar em colégio interno em São Paulo, ela estava predeterminada a ter uma vida com certo perfil. Quis sempre ter o trabalho dela e lutou muito por isso. Não conseguia imaginar que iria ocupar um cargo que dependia inteiramente do papel ocupado pelo marido.”

Muitas pessoas chegavam até Ruth dizendo: “Não fique se martirizando, acalme-se, Fernando Henrique jamais será eleito, ele é ruim de campanha, de palanque, professoral demais”. Outros iam mais longe: “Imagine se vai ter um voto no Nordeste!”.

Até então, na história da República, o que era a primeira-dama além de uma figura decorativa? Uma mulher vista na companhia do marido em recepções, banquetes, homenagens, palanques oficiais, coquetéis, almoços. Uma pessoa sem o mínimo poder de decisão. Apavorava-a que lhe dessem um *script*, o que dizer, o que declarar, o que fazer, aonde ir. Gilda Portugal Gouvêa, quando da campanha para a prefeitura em 1985, viveu ao lado de Ruth um momento inesquecível e que a explica bem. A certa altura, por necessidades de campanha, negociações políticas, agrado ao eleitorado, Ruth teve de ir a uma reunião de senhoras no Clube Pinheiros. Era uma reunião ligada a assistência social e uma falava do clube do tricô, outra do chá beneficente, e assim por diante. Ruth, calada. Ao entrar disse boa-tarde, ao sair, até-logo. Foi tudo. Gilda, numa saia justa, tentava explicar que Ruth era assim mesmo, que só ouvia, registrava tudo, processava, e viria depois com soluções e ideias. A reunião acabou por falta de energia, as mulheres se dispersaram, Gilda e Ruth desciam pela escada no escuro.

Então Gilda ouviu dela: “Se eu fosse abrir a boca, acabava com aquelas mulheres. Preferi ficar calada!”.

Ruth cochichou um dia para Gilda Portugal Gouvêa que sairia do Brasil, iria para Stanford passar um tempo, quando voltasse a eleição já teria acabado, Fernando Henrique estaria eleito ou derrotado. A campanha começou, eles a chamavam, e ela avisava “não posso”, “tenho uma banca”, “um trabalho”, “um aluno”. A imprensa querendo entrevistas, fotografias, e ela se esquivando — estava ficando cada vez mais delicada a situação. Sergio Motta não se conteve e ligou para Gilda: “Você precisa entrar no circuito, conversar com a Ruth, não dá mais, está criando um problemão, ela precisa definir, como fez em outras campanhas, um nicho, dizer o que quer fazer, com o que quer trabalhar, com quem. Ela precisa de um assessor, não dá para sair na rua sozinha, como vem fazendo, uma hora vai topar com um jornalista que vai fazer uma pergunta torta, ela vai responder mais torto, a coisa vai para a televisão, para os jornais, está formado o quiproquó”.

Gilda convidou Ruth para um almoço no centro da cidade, no restaurante Dinho’s da rua Vieira de Carvalho.

— Ruth, não dá mais, você vai precisar de alguém que te acompanhe.

— Acompanhar para quê? Alguém colado em mim?

— Uma pessoa para fazer e controlar a sua agenda, há coisas para você fazer, coisas a dizer.

— Não sei se quero.

— Então o melhor é você ir para Stanford, ficar por lá uns meses, volte em setembro ou outubro, a campanha já estará no auge. O que não dá é você ir aqui, ir ali, esporadicamente, quando te dá na cabeça. Um dia vai, no outro não. Nunca se sabe se podemos contar com você.

— Assessora... Não, não quero... Bem, quem podia ser?

— Bibia, filha do José Gregori.

— Não, Bibia não vai aceitar, tem sua carreira, acha que vai se dedicar a uma bobagem dessas?

Por meio de Iara Prado chegou-se ao nome de Márcia Ferreira. Professora de Minas Gerais, diretora de escola já aposentada, Ruth a prezava muito — tinham feito viagens juntas e as duas tinham a mesma paixão em descobrir as tecedeiras, as bordadeiras, as mulheres que faziam tricô e crochê, as habilidosas em ponto de cruz. Márcia tinha trabalhado com o grupo durante o governo Montoro e Ruth a escolheu, justificando: “Gosto dela, porque não sabe distinguir quem é o jornalista importante do outro, para ela serão todos iguais, o meu interesse é que vai estar à frente, não a pressão deles. Não será alguém grudado em mim, invadindo a minha casa”. Márcia retrucou: “Está doida, Ruth? Não entendo nada, sou uma caipira, nunca fiz política”.

Pouco depois, Ruth dizia dela: “A Márcia é fantástica”. Márcia realmente organizou a vida dela, tudo passou a ser mais tranquilo — não havia jornalistas à espera quando saía do apartamento, ninguém a segui-la nas ruas. Ela também não atendia mais a nenhum telefonema. Aceitou até que Márcia fosse à casa dela para montar a agenda. A campanha pressionava, precisavam de eventos, e um dos primeiros foi em Araraquara, no dia 10 de setembro de 1994. Centenas de pessoas a esperavam no Hotel Eldorado. Para ela foi um encadeado de emoções, principalmente porque era a primeira vez que Ruth vinha à cidade sem a família, o pai e a mãe tinham morrido há muito. Na mesa, ao seu lado, estavam a amiga de infância Inaiá Bittencourt, o empresário Ivo Dal’Acqua, um dos organizadores e amigo da família Cerqueira Leite, Luiz Felipe Cabral Mauro, reitor da Uniara, onde a mãe dela, Mariquita, trabalhou por anos e se aposentou, e Roberto Ramalho, diretor do *campus* da Unesp, que organizou um encontro com os professores na Casa de Cultura Luiz Antonio Martinez Corrêa (homenagem ao irmão de José Celso, do Teatro Oficina). O almoço aconteceu no Clube 22 de Agosto, um dos tradicionais da classe média araraquarense. Ali Ruth, depois da missa das dez na matriz, ia para a domingueira, seguindo para casa para fazer a sobremesa do almoço. Na plateia, entre outros, Heloisa e Eduardo Michetti, Renato Corrêa Rocha, o segundo namorado na juventude, José Edgar Machado, o Zé Baiano, da Turma da Banheira, e Biluca, sua mulher, o professor Joaquim Pinto Machado, conhecido como Machadinho, de quem Mariquita foi assistente no Colégio Estadual, a professora Edite Guião, instituição da cidade, e Ernesto Lia, pintor que documentou várias fases de Araraquara e amigo da casa dos Corrêa Leite. Ele presenteou Ruth com um quadro. A saudação, em nome das mulheres de Araraquara, foi feita por uma amiga íntima, Maria Alice Lia Tedde, professora de português e latim.

Depois do encontro com os professores na Casa de Cultura, Ruth foi mostrar a Iara a casa da avenida Quinze de Novembro, e foi surpreendida com uma recepção repleta de sorvetes. A cidade é famosa pelas

sorveterias, todas em mãos de japoneses há décadas. Uma das parentes de Ruth, Celisa Troncon, [104]sabendo da chegada de Ruth, foi à tradicionalíssima Nosso Sorvete, na avenida São Paulo, onde todos tomavam sua taças depois das sessões de cinema aos sábados e domingos. Diz-se que o sorveteiro Eichim Uesato, ao saber que era sorvete para uma comitiva, a princípio relutou, era muita coisa — tudo feito à mão, com a pá de madeira, batendo as claras e misturando os ingredientes de suas duas maiores especialidades: creme suíço e creme de limão. Mas, ao saber que era para Ruth Cardoso, passou toda a manhã, muito orgulhoso, batendo o sorvete, e foi entregá-lo pessoalmente na avenida Quinze.[105]

Outro evento foi numa creche de periferia, Campo Limpo, mantida por Amélia Watanabe. Toda a imprensa compareceu, controlada por Márcia Ferreira. Houve ainda um terceiro momento da campanha que ficou célebre por uma fotografia, reproduzida em todo o país. A imprensa fugiu ao controle e Ruth, que não era de beliscar e assoprar, incomodada, teve um gesto tipicamente araraquarense: voltou-se para os fotógrafos e mostrou a língua.

As eleições se aproximavam, Fernando Henrique continuava subindo nas pesquisas. O pessoal da campanha começou a ter a certeza da vitória quando apareceram nas ruas cédulas pintadas de verde com as pessoas exclamando: “Que dólar, que nada, temos o Real”. Na antevéspera das eleições, no Rio de Janeiro, Dalva e Fernando Gasparian, amigos muito chegados de fhc, deram um jantar ao qual estiveram presentes Fernando Pedreira, a esta altura com sua nova mulher, Monique, Celso Furtado, Lucia e Luciano Martins, Maria Helena e José Gregori. Fernando Henrique estava no auge da tensão, Ruth mostrava-se calma. José, na despedida, disse:

— Vamos ver vocês no dia de eleição e no dia seguinte embarcamos para os Estados Unidos.

— Como? E o segundo turno?

— Fernando, não vai haver segundo.

No dia da eleição, Ruth e Fernando Henrique votaram e, em sigilo, seguiram para a Fazenda Bela Vista, em Pardiniho, de propriedade de Jovelino Mineiro e sua mulher, Maria do Carmo Sodré. “Nossos filhos, genros, nora e netos foram todos para lá. Paulo Henrique, o mais velho, à época casado com Ana Lúcia Magalhães Pinto, e as filhas gêmeas, Joana e Helena; Luciana, grávida da filha Isabel, mais o marido, Getúlio Vaz; e Beatriz, a Bia, com o então seu marido, David Zylbersztajn,[106]e os filhos Júlia e Pedro. Apenas nós, e os anfitriões com o filho, Bento, assistimos num grande aparelho de tv aos resultados da apuração. Não tardou para minha dúvida íntima se dissipar, e ficou claro que, sim, vencia no primeiro turno. [...] Dois dias depois, a Globo descobriu que estávamos lá. Começou uma revoada de helicópteros da imprensa, com muita movimentação, e decidimos regressar a São Paulo”.[107]

Ruth, recém-aposentada da usp, teve certeza de que sua vida estava mudando radicalmente naqueles dias.

## Cena farfalhante de um musical

Logo depois da eleição e da vitória, o editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, deu um jantar em sua casa na rua Salvador. Celso Lafer e sua mulher, Mary, ali estavam e, a certa altura, conversando os três, à parte, Celso disse a Ruth:

— Olha, vou te dizer uma coisa. Acho que o Fernando deve muito da eleição dele a você.

— Por quê?

— Você representa o que o Fernando tem de melhor, dignidade e padrões éticos. Você emblematiza para a opinião pública essa dimensão que é do Fernando, mas da qual você é a expressão mais óbvia.

— Se você acha realmente isso, vai lá e diz a ele.

Ela riu, estava bem-humorada, ainda que inquieta quanto aos dias que viriam. Celso Lafer diz que não somente foi e contou ao presidente o que tinha acabado de afirmar, como ainda enviou-lhe uma carta reforçando. “E ele aceitou tudo com naturalidade. Se achava ou não aquilo, não sei, porém o futuro mostrou, trouxe a comprovação inequívoca dessa dimensão dela, que deve ter surpreendido inclusive a ele.”[\[108\]](#)

A mulher que tinha perdido o chão no início da campanha presidencial chegou a Brasília recuperada, ainda que com o pé atrás. Ela começou a perceber o peso da mídia, a sua pressão. Sabia que teria atritos, que seria necessário impor limites. De que maneira? Decidiu que não daria entrevistas, isto cabia ao presidente. E nos primeiros tempos ela foi muito crítica, sempre questionava por que estavam interessados em aspectos pessoais, dizia que invadiam a sua privacidade, que não podia dar um passo etc. Mas acabou dando uma longa entrevista que foi capa da *Veja*. Para essa entrevista, foi Fátima Pacheco Jordão, do grupo de trabalhos sobre a mulher, quem fez a intermediação entre a revista e Ruth. Quando se garantiu de que quem ia fazer e editar a entrevista era a Dorrit Harrazin, não havendo o perigo de um colher as informações e o outro editar e escolher as linhas ao bel-prazer, Ruth aceitou. Ao falar, deixou bem claro que ela seria uma primeira-dama ou uma mulher de presidente com características totalmente diferentes das anteriores. Já naqueles dias todos perceberam que Ruth ia reorganizar os termos, os códigos e as funções de uma primeira-dama.

Interessante acompanharmos o trecho de um diálogo que Ruth manteve em 1994 com o repórter Ernesto Paglia, da Globo. Surge sempre a Ruth professoral, didática, ensinando:

— A senhora, que acompanhou o seu marido, cresceu junto com ele na vida acadêmica, fez uma carreira independente da dele, agora, de repente, se vê, se a senhora me permite, primeira-dama. Não é uma surpresa, ou melhor, parece difícil assumir esse papel?

— Bom, devolvo a pergunta: qual é o papel? Acho que esse papel está mudando muito. Aliás, todos

os papéis que tradicionalmente as mulheres assumiam, e que eram papéis femininos, estão mudando bastante, elas estão entrando em áreas onde não entravam antes, estão redefinindo papéis tradicionais. Neste país, uma dona de casa hoje não é a mesma que uma dona de casa de dez anos atrás. Ela é uma pessoa que pode ser ativa politicamente, pode ter uma participação na sociedade muito maior do que tinha antes. Então todos os papéis estão mudando e, certamente, este que ocupo agora também está. Digo isso não porque eu tenha a pretensão de mudá-lo, mas porque eu acho que no mundo inteiro, se olharmos em volta, o que está acontecendo com a participação das mulheres são inovações, algumas boas, outras nem tão boas, mas esta função está sendo trabalhada e está assumindo um caráter bastante diferente do que tinha.

Numa entrevista para a jornalista Beth Lima, também da Globo, em 1995, que insistiu no porquê da ojeriza dela ao termo primeira-dama, Ruth retrucou veemente: “Você diz que não gosto de ser chamada de primeira-dama, mas procure entender que esta é que tem muito pouco a ver com o Brasil, não tem nenhuma tradição entre nós. É uma coisa nova essa ideia de primeira-dama, por isso acho que ela é desnecessária, quero dizer que bem poderíamos nos ater a tradições que já temos”.

O carrossel da posse em Brasília durou cerca de 24 horas, porque a efervescência começou no dia 31 de dezembro e prosseguiu até o dia seguinte. A cerimônia foi às onze da manhã, depois seguiram-se almoço e rituais formais.

José Gregori sintetiza tudo num episódio: “Na noite do dia primeiro, estávamos no jantar no Palácio das Relações Exteriores, e Maria Helena e eu, quando conseguimos chegar perto da Ruth, eram mais ou menos nove da noite. Quer dizer que passamos não só o dia inteiro como parte da noite sem conseguirmos nos aproximar, tal o turbilhão que se estabeleceu. Para chegar ao Fernando, então, demorou muito mais. Ela estava deslumbrante num vestido criado pela sua amiga Marjorie Gueller. Abraçamo-nos felizes. ‘Como é, Ruth?’ ‘Parece que estou vivendo uma cena de um daqueles musicais da Metro. Lembram-se dos musicais? Neles, uma cena se segue à outra e nada tem muita ligação, mas tudo é colorido, farfalhante! É isso! Aqui tudo é colorido, farfalhante!’”.[109]

A posse de Fernando Henrique tinha sido realizada no primeiro dia de janeiro de 1995. As posses no Brasil constituem um anticlímax, comenta fhc, porque são feitas num dia em que as pessoas estão em família, curtindo o primeiro dia de um novo ano, há uma atmosfera de festa, porém de outro gênero, o que está no ar é um feriadão. Os diplomatas estão em férias ou em viagem, os que chegam são representantes consulares de menor expressão. No final, salva-se pelo povo, que gosta de uma festa.

Anticlímax foi a “posse” do Palácio da Alvorada, a residência oficial do presidente. Quem visse a primeira-dama naqueles dias se assustaria, porque ela se transformou em dona de casa. A mulher que tinha montado todas as casas em todos os anos de casamento, em todos os lugares em que viveram, a mulher que tinha feito de Ibiúna o seu cantinho, no Alvorada agitou-se. O palácio era desolador, com seus espaços enormes, o vazio, o mau gosto da decoração. Cortinas rasgadas, carpetes velhos e manchados. Era um lugar inviável para viver e ela queria transformar aquilo num lugar “vivível”, aconchegante. Ela poderia ter chamado alguém e ordenado “faça isto”, “faça aquilo”. Mas não a filha da Mariquita. A mulher de Araraquara meteu mãos à obra, porque as coisas deviam ser do jeito dela.

“Parecia uma casa abandonada, onde ninguém vivia há décadas”, avalia Regina Meyer, que foi para

Brasília com Ruth. “E a cozinha, então? Um lugar sombrio, sujo, cheiro de mofo. Andamos por toda parte e a Ruth ia apontando: ‘Esta sala aqui, ao lado do nosso quarto, vou transformar num cômodo para ficarmos à noite, conversarmos, vermos televisão’. Percebi então que ela já estava em Brasília, tinha assumido, enfrentaria tudo, sabia que tinha de estar ao lado do marido. Assim fui vendo chegarem dois sofás, e um quadro da Renina Katz, a grande amiga, e surgia um paninho, uma toalhinha, e quadros, objetos, os ambientes iam se transformando.”

Oscar Niemeyer tinha dado ao país uma grande criação, desenhado com dignidade um palácio para o presidente da República do Brasil, mas com o tempo as coisas tinham se degradado, e o que Ruth estava tentando recuperar era a dignidade daqueles espaços, trazendo móveis, quadros, esculturas. Só achou que uma compoteira interiorana não ficaria bem naquele ambiente tão modernista. Recuperou um piano que estava encostado. Ali era apenas um lugar triste que merecia receber uma mãozinha. Ela mandou construir uma copa na parte de cima — quando chegavam amigos para jantar, pouca gente, comiam em cima, era mais íntimo, era o lugar que usavam para lanches quando estavam sós.

Um dia, Francisco Weffort deu uma dica sobre duas esculturas que estavam ao lado da porta no Ministério da Cultura, ignoradas, em situação estranha. Ela foi ver, ficou fascinada — eram dois Brecheret, duas figuras femininas lindíssimas. Foram para o Alvorada, mas tudo dentro da lei, com papéis formalizados. Para esse trabalho ela criou uma comissão em que estavam Emanuel Araújo, Vera Pedrosa, Lélia Coelho Frota. Esculturas de Maria Martins e Amílcar de Castro foram levadas para lá. O palácio foi se transformando e adquirindo vida ao longo dos anos. Ela queria — e montou — um lugar onde o Brasil, na pessoa deles, pudesse receber com dignidade, um lugar em ordem.

O fotógrafo Cristiano Mascaro chegou para documentar o Alvorada, passou dois dias, registrou tudo, até hospedou-se lá. Certa tarde, Regina Meyer ouviu um diálogo.

— Qual é o cantinho que a senhora mais gosta neste palácio? Qual é o seu cantinho?

— Cantinho? Como, cantinho? Esta não é a minha casa, é a casa do presidente da República do Brasil, no momento ocupada por mim.

O cantinho era a casa dela em São Paulo, a casa de Ibiúna, retratos da vida dela. Muitas vezes, na hora de um jantar, Dalina, que se tornou um braço direito de Ruth, colocava a toalha na mesa e descobria um rasgo, uma renda esgarçada — eram jogos de toalhas da Tchecoslováquia que estavam lá desde os tempos de Juscelino, sem manutenção. A primeira-dama desaparecia, surgia a dona de casa com agulha e linha na mão. Ela de um lado, Dalina do outro, cerzindo o melhor possível. Daisy Setubal, mulher de Olavo Setubal, que foi ministro das Relações Exteriores no governo Sarney, conhecia a situação e ficou tão penalizada que deu de presente ao Alvorada um jogo de toalhas de linho.

Embate duro, complicado, foi com a cozinha do palácio. Foi um desafio difícil, ela quase desistiu por causa das tradições e da burocracia existente. No início foi uma tragédia, porque a cozinha do Alvorada estava a cargo da Marinha e os cozinheiros eram taifeiros. Uma coisa inominável, garante Celso Lafer, que comeu ali várias vezes. Era muita lataria, muita maionese, comida de gente que ficava 25 dias no mar. “As razões dela eram muito substantivas”, releve Lafer, “a comida era um horror.” Ruth ia para a cozinha e tentava fazer mudanças numa simples salada. Impossível. Qualquer coisa, por mais elementar que fosse, encontrava obstáculo. Era a inação da burocracia. Em

determinado momento, Ruth achou que tinha encontrado a solução quando o embaixador em Paris, Carlos Alberto Leite Barbosa, sugeriu que se enviasse o pessoal da cozinha do palácio à França, para fazer um estágio com algum *chef* ou numa escola estrelada, a fim de que aprendessem a diferença entre lataria e cozinha. Não foi solução. Deu em nada. A solução só veio quando Roberta Sudbrack, uma das melhores *chefs* do eixo Rio-São Paulo, foi contratada.

Mary e Celso Lafer deixaram uma boa herança para Ruth, a secretária Dulcineia, segundo os dois uma personagem fantástica. Conhecia todo o funcionamento da máquina, dos bastidores, dos usos e vezos da burocracia, sabia onde as coisas pegavam e emperravam. Inteligente e hábil. Quem a “herdou” depois foi o embaixador Alberto da Costa e Silva. Para enfrentar e destrinchar o cerimonial, Ruth encaminhava Dulcineia. Se bem que ela mesma às vezes dizia “Isto é a senhora que tem de fazer”, em outras tranquilizava: “Deixe comigo, resolvo o assunto”. Ruth gostava muito dessa secretária, ainda que reconhecesse que “para ela chegar no ponto exato, preciso ouvi-la durante meia hora, porque ela nunca vai direto ao assunto”. Isso porque a mulher tinha encarnado o jeito e a maneira do Itamaraty. Conhecia e julgava bem as pessoas, mas nunca batia de frente, montava as narrativas cheias de desvios e maneirismos. Mas protegia bem Ruth. Sabendo quem era quem, depois de meia hora, quarenta minutos, chegava e cortava a reunião, encontro, fosse o que fosse, com quem fosse.

## Isto é para o ser ou para o poder?

*Se isso tudo vai dar certo 100% ninguém pode garantir e nem eu, e nem estou aqui neste papel de produzir ilusões. Nós estamos procurando um caminho novo, e a partir de tudo aquilo que nós já de antemão sabemos que é preciso corrigir. O Programa Comunidade Solidária não irá autorizar despesas. O Programa Comunidade Solidária é uma espécie de selo de prioridade.*

Ruth Cardoso, na posse do Conselho do Comunidade Solidária

Conheçamos, antes, Vilmar Faria que, ao morrer em 2001, deixou um enorme vácuo. Mineiro convicto, falava pouco, era discretíssimo, não gostava de muita conversa e tinha uma admiração incontida por Ruth. Foi uma sólida amizade, Ruth, Fernando e ele. Um homem ponderado, perspicaz, inteligente, nasceu para ficar fora dos holofotes. Vilmar foi o secretário da coordenação da Câmara de Política Social da Previdência no governo fnc. Nascido em Belo Horizonte, combateu na Ação Popular, ap, um dos grupos que se opuseram à ditadura militar, militou na Juventude Universitária Católica, juc, e foi membro da União Nacional dos Estudantes, une. Resultado: aos 22 anos estava exilado no Chile. Vilmar foi aluno de Fernando Henrique Cardoso no Chile, na Flacso, depois trabalhou na Cepal e no Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social, Ilpes.

Segundo Fernando Henrique, “ele me ensinou técnicas de estatística para lidar com certos dados, sabia muito. Nas sombras, exerceu uma influência muito maior do que foi notado. Aliás, poucos notaram, ninguém nunca ressaltou. Os que trabalhavam com ele sabiam, os que conviveram também, mas não está registrado nos escritos. Muito do que o governo fez na área social, na época em que fui presidente, tem o dedo do Vilmar”.[\[110\]](#)

“Vilmar era hábil e, sobretudo, um homem que fazia um esforço para buscar convergências. Dotado de enorme diplomacia e persuasão, certamente sua maneira de ser era fundamental para que ele pudesse agregar as pessoas. Ele cumpriu missões difíceis na busca da convergência de pessoas”, disse Paulo Paiva.[\[111\]](#)

Já para Regina Meyer, “a ideia de estar no centro da política também é uma coisa que apaixona e Vilmar estava feliz de poder realizar, criar por meio daquilo que estava à volta dele. O que fez era uma forma de poder, mas não o poder no sentido de nomear e desnomear. Ele tinha uma noção e uma consciência muito forte da política e fazia análises exatas de tudo à sua volta. Ajudava Fernando Henrique porque era um homem que tinha o sentido prático do mundo e com ele nasceu a ideia e o nome solidariedade, essa rede que Ruth acabou criando de Universidade Solidária, Artesanato Solidário e Alfabetização Solidária. Essa rede nasceu do Vilmar”.[\[112\]](#)

Mudemos a testemunha, passando para Celso Lafer:[\[113\]](#) “Vilmar dominava o conceito da política

pública, tinha pleno domínio dos métodos quantitativos e muita sensibilidade. Ele se deu conta de que não era a vocação dele a atuação direta como ator político. O papel dele sempre foi o de um grande colaborador e assessor. Pessoa de imensa qualidade, grande caráter. É óbvio que um presidente em exercício tenha grandes dificuldades de ter confidentes. E a pessoa com a qual talvez o Fernando Henrique tenha tido mais facilidade para trocar ideias tenha sido o Vilmar.<sup>[114]</sup> Porque ele não tinha ambições ou aspirações políticas, portanto o conselho dele era um conselho dado em benefício do presidente, e não em benefício próprio. Ruth e Fernando sabiam disso e o apreciavam por essa qualidade”.

“Foi uma pessoa muito especial, que teve atuação importante na construção que a Ruth acabou dando ao seu papel. Sabemos que ela sempre quis ter um papel próprio, compatível com a sua capacidade. Tinha consciência de que teria de atuar não como sombra, e sim como a mulher do presidente; o Comunidade Solidária é a expressão disso e, no diálogo com Vilmar, ela encontrou o parceiro que a ajudou nesse objetivo.”<sup>[115]</sup>

“Quem ajudou Ruth a formular a ideia do Comunidade Solidária foi o Vilmar. Era uma pessoa profundamente analítica, cabeça privilegiada, um professor e tanto, porque ele tinha essa coisa que a Ruth admirava muito, era completamente diferente da Eunice Durham e do José Arthur Giannotti, que eram ‘brilhosos’, Vilmar não era ‘brilhoso’, era analítico, e Ruth adorava isso, ele era profundo e inventivo, sabia avaliar bem os processos. Acho que foi com Vilmar que ela construiu a ideia”, cogita Bibia Gregori.<sup>[116]</sup>

O telefonou tocou na casa de Regina Duarte. Era Ruth Cardoso.

— Regina, quero te fazer um convite.

— Para...?

— Fazer parte do grupo de conselheiros de uma organização que estamos montando. Estamos montando a ação social do novo governo.

— Ruth, que maluquice é essa? Não posso, não sou capaz, nunca participei nem do grêmio acadêmico. Procure alguém mais experiente, alguém equipado para pensar nossos problemas. Eu? Loucura! Não fui preparada, quero dizer educada para a coisa política.

— Pois é isso o que quero, uma visão desavisada. Será um dia só, uma vez por mês. Ou a cada dois meses. Pense!

Regina ficou tentada, achava um privilégio estar perto de Ruth, era uma chance de conhecer um mundo novo. “Se ela achava que eu podia, por que recusar? Experiências sempre me atraíram, ainda mais que tinha a certeza de estar diante de uma situação que seria um imenso aprendizado. Aceitei, contente, mas apreensiva com a responsabilidade. A partir dali, janeiro de 1995, foram quatro anos de convivência no Comunidade Solidária, em Brasília ou viajando para o Rio de Janeiro, Porto Alegre, Alcântara, no Maranhão, aí pelo Brasil.”

Regina confessa que nas primeiras reuniões ficava ouvindo os colegas falarem e tudo parecia grego. Às vezes, havia terminologias estranhas a ela. “Ali ouvi pela primeira vez a palavra ‘sinergia’, só mais tarde descobri o que significava. Lembro-me bem do primeiro encontro, quando Ruth pôs em pauta a discussão do tratamento assistencialista que vinha sendo adotado pela Iba. Doce e ao mesmo tempo dura

e firme, ela se colocou contra o protecionismo paternalista, combatendo posturas cujo resultado, ao longo da história, se mostraram controladoras, autoritárias e castradoras do desenvolvimento dos ‘protegidos’. Sua proposta, esclareceu, era levantar no ibge todos os dados, mapear a miséria, conscientizar, equipar e emancipar as populações que viviam abaixo da linha da pobreza.”

Ruth estava com o conceito elaborado, com a filosofia do que pretendia, ainda que não soubesse como iria pôr em prática o que queria e pensava.

“Importante ressaltar que na época não se sabia ainda quem eram nem onde estavam os miseráveis de nosso país. Sabíamos que existiam, mas ainda não estavam no mapa. O número de brasileiros sem carteira de identidade era assombroso. Era muito trabalho, muitas carências, tudo estava por ser feito. Betinho propôs o ‘Natal sem Fome’ logo nas primeiras reuniões, mas o projeto em curso pretendia ir muito além de matar a fome física das pessoas. Inclusão, conscientização, justiça, libertação e desenvolvimento eram os objetivos. Assistência médica, alfabetização, educação de qualidade, qualificação profissional, criação do marco zero para as ongs, Banco do Povo, Bolsa Família e tantos outros objetivos foram sendo articulados e trabalhados.”[\[117\]](#)

Estava nascendo o Comunidade Solidária e Regina não podia avaliar que estava testemunhando um duplo *turning point* — para Ruth Cardoso e para o Brasil. Após todo o aparente trauma que para Ruth significava ser primeira-dama e a brusca virada de vida, tinha vindo a bonança. Fernando Henrique assegura, com clareza, que na verdade Ruth “tinha um horror simbólico, ela queria simplesmente mostrar que era preciso criar um novo papel, e criou”. Ela descobriu um caminho próprio que era, paradoxalmente, no governo, ainda que fora do governo. Aliás, na contradição do seu nascimento residiu, no início, um dos problemas mais complexos do Comunidade Solidária, iniciativa não somente inédita como inovadora e, mais do que isso, revolucionária. Ela foi brigando para abrir esse espaço, para construir essa função, que ela teve, a duras penas, de explicar para todo mundo. “Entender o Comunidade, naqueles dias, era uma coisa inversamente proporcional ao entusiasmo que ela provocava. A difusão do Comunidade foi muito mais veloz que o entendimento do que ele era realmente, o que significava. Por sinal, Ruth passou a maior parte dos oito anos de governo fhc a explicar o que o Comunidade era”, revelou Helena Sampaio em Nova York, numa noite de homenagens a Ruth, promovida pela Universidade Columbia, em abril de 2009.[\[118\]](#)

Existia apenas um Comunidade Solidária, mas com duas “caras” ou vertentes: a Secretaria Executiva e o Conselho Consultivo. A Secretaria Executiva era um órgão claramente governamental, com orçamento e quadros, cuja missão era buscar maior sinergia entre as políticas sociais conduzidas pelos diversos ministérios. O Conselho era um órgão situado na intersecção entre governo e sociedade civil (nisto residindo exatamente seu caráter inovador), com uma dupla missão: fomentar uma interlocução entre governo e sociedade a respeito das políticas sociais e fomentar projetos sociais inovadores via parcerias, envolvendo múltiplos atores (ongs, universidades, empresas, prefeituras). O financiamento para esses projetos propostos pelo Conselho não vinha do orçamento público, e sim de captações em empresas, fundações e órgãos multilaterais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento, bid.

Para complicar ainda um pouco mais a questão “Comunidade Solidária é ou não é governo”, a composição do Conselho no primeiro mandato incluía dez ministros de Estado e 21 conselheiros da

sociedade civil. No segundo mandato, foi feito certo deslocamento pró-sociedade civil, reduzindo o número de ministros a cinco.

Malak El Chichini Poppovic, dada a sua experiência, foi uma assessora direta de Ruth para assuntos internacionais. Ela comenta as dificuldades iniciais para se compreender a questão do Comunidade: “Difícil, pois o Comunidade Solidária era duas coisas, o Comunidade Solidária do governo, e o que ela quis fazer como primeira-dama, que é o trabalho com a sociedade civil. Foi um erro desde o início dar o mesmo nome para as duas. Uma que era realmente do governo, oficial, pegava os municípios mais pobres e supria as necessidades deles. O que foi uma ideia maluca, porque se precisava de uma grande coordenação nos próprios municípios, que eles não conseguiam fazer por falta de pessoal, falta de dinheiro, era uma pequena equipe que corria atrás de boas ideias com poucos fundos. E a Ruth nem sempre achava bom o que estava acontecendo, por exemplo, as cestas básicas, que foram distribuídas durante muito tempo. Ela era contra uma cesta básica sempre. Uma vez, fomos para a Amazônia e vimos que os índios estavam recebendo farinha de mandioca. Nas cestas que aquela gente recebia, quase metade era de farinha de mandioca industrializada. Ora, farinha de mandioca eles produziam naquela aldeia!”.

[119]

Em Brasília, não tinha “lugar” para ela. Uma comentarista política muito lida revelou as dificuldades que Ruth teve para se encaixar em Brasília. Realmente foi complicado, dizem os que estiveram à sua volta. E os boicotes? Ela precisava de espaço para montar esse trabalho do Comunidade Solidária. Vinham as dificuldades. Ficou esperando meses um lugar, aí lhe deram uma sala no Ministério do Esporte, mas tudo era lento, demorado, ela tinha de batalhar, precisava de gente para ajudar e não tinha. “Sabe que até hoje é um mistério para mim a causa daqueles boicotes? Mas teve, aconteceu, assisti a tudo, fui testemunha, ela desabafava comigo”, diz Regina Meyer. “As pessoas não sabiam no que ia dar aquela ‘coisa’. O que pretendia a primeira-dama que pedia um espaço para montar uma ‘Comunidade Solidária’. O que era aquilo? Ela precisava de motorista para levá-la a alguma parte e era uma complicação. Depois, Ruth foi se impondo também e sabendo neutralizar esse universo brasiliense, porque Brasília tem uma cultura complicada. Ali, eles chamam de gatos aqueles que já estão em Brasília e, quando vêm os governantes, são os cachorros, porque vêm e vão embora e os gatos já estão e vão ficar. E neutralizar os gatos é complicado, são os donos do pedaço, o território é deles, assim, formam uma barreira”, conclui Regina.

Ruth não quis levar o Comunidade para o seu gabinete oficial de primeira-dama. O espaço de trabalho no quarto andar do Bloco A da Esplanada dos Ministérios, vizinho à catedral, sempre foi a cara dela. A salinha do Comunidade era simples, móveis usados apanhados nos depósitos do Ministério de Educação. A sala de Ruth, com o tempo, foi sendo decorada com peças de artesanato que ela ganhava das comunidades. Fotografias, só permitia as tiradas em viagens de trabalho, principalmente junto às pessoas mais simples. Ou fotos em aulas com seus jovens universitários. Fotos posadas, *portraits* a incomodavam, não queria, não deixava. Na maior parte das vezes, Ruth comia ali mesmo com suas colaboradoras. Ela não se incomodava com nada, se tivesse pão com queijo, estava bem. Súbito, surgia uma fornada quentinha de pães de queijo. Eventualmente — uma regalia —, pediam um *delivery*. Se precisasse fazer uma ligação, apanhava o telefone e discava. A secretária só ligava se Ruth bobearse. Um dos problemas era que, muitas vezes, ela precisava dividir e ajeitar a agenda com atividades oficiais

inerentes ao cargo, mas então respondia bem pela obrigação. No caso das entidades ligadas ao Comunidade, discutia as prioridades.

Ruth Cardoso levou para Brasília, entre outras, Maria Helena Gregori, Regina Esteves, Regina Meyer, Iara Prado, Danielle Ardaillon, Rosiska Darcy, que foi chamada para presidir o Conselho Nacional da Mulher, Malak El Chichini Poppovic, Helena Sampaio, Maria Helena Guimarães de Castro, uma linha de frente fechada com ela, em diferentes posições. Ela tentou levar Eunice Durham, mas esta preferiu trabalhar com educação. Todos, o tempo todo, ouviam Ruth dizendo, não como advertência, porque eram adultos, experientes e vividos, mas como se fosse um mantra: “Nesta nossa situação, porque somos governo, representamos um governo, temos sempre de nos perguntar: isso é para o ser ou para o poder? Porque somos humanos e o tempo inteiro todo mundo se aproxima e todos têm milhões de interesses, que são apenas para o ser”.

Logo que Fernando Henrique Cardoso assumiu, um de seus primeiros atos foi extinguir a Legião Brasileira de Assistência, entidade que vinha dos tempos de Getúlio Vargas, criada pela primeira-dama dona Darcy. A lba era tradicional e distribuía benesses por todo o país. Eram auxílios de vários gêneros, manipulados, aproveitados pela classe política, prefeitos, vereadores, deputados, senadores e até ministros, como uma maneira de angariar votos, amarrar os eleitores nas urnas. Um cabide de empregos para apadrinhados de todos os tipos. Clientelismo em alto grau que distribuía de comida a cadeira de rodas e dinheiro.

Para Jorge Caldeira, quando a lba foi extinta, o Comunidade Solidária estava pronto como ideia. Foi um trabalho que começou na faculdade, na cátedra de antropologia, nos estudos dos movimentos sociais urbanos, nas pesquisas do Cebrap, na atuação do Centro de Estudos e Documentação para a Ação Comunitária, cedac, fundado por Ruth, Eunice Durham, Guita Grin Debert e José Augusto Guilhon Albuquerque, para dar suporte a instituições comunitárias, grupos, associações, por meio do desenvolvimento e administração de projetos de interesse da comunidade, organização de cursos e seminários, e o desenvolvimento de estudos sociais e projetos, segundo seus estatutos. Bia Cardoso até hoje faz parte do cedac.

“Então, no dia da posse de Fernando Henrique, toda a pauta de Ruth, o que ela queria fazer, estava desenhado, o primeiro decreto que o Fernando Henrique assinou foi extinguindo a lba e criando a estrutura, que já estava em pauta, inclusive juridicamente. Ruth brincava que ela era uma ong em si, porque tinha extinto o cargo de primeira-dama, as obrigações legais de primeira-dama, as instituições que estavam presas à primeira-dama, o clientelismo, aquilo tudo acabou no primeiro dia, já estava tudo prontinho. E não é que estava pronto há um mês — há mais de uma década a Ruth tinha, com seu trabalho acadêmico, formulado todos os conceitos que precisava para uma nova política social. Tinha ensaiado tudo em pesquisas. Com ajuda do Vilmar sabia de todos os detalhes operacionais dos programas. E conseguiu montar toda a estrutura jurídica da mudança. Desse modo, desde o primeiro dia estava tudo pronto para ser executado. Os dez anos de grande trabalho intelectual iam se provar como prática”, concluiu Jorge Caldeira.

Ruth inventou um lugar para ela. “Essa atitude de Ruth de sempre questionar o presente e sempre reinventar a sua inserção nesse presente marcou-a desde os trabalhos acadêmicos, marcou a maneira pela qual ela escreveu suas pesquisas e transformou os campos intelectuais em que atuou”, analisa Teresa

Caldeira. “Ela sempre esteve interessada em processos sociais emergentes e na possibilidade de intervir neles, estudou o problemático e aquilo que considerava necessário pensar, aquilo que imediatamente parecia incerto, não havia como explicar, mas que do ponto de vista tanto pessoal quanto político ela achava necessário refletir... Três trabalhos foram a base para as conexões que mais tarde seriam exploradas no Comunidade Solidária. Um, a famosa pesquisa *Estudo de dez famílias faveladas*, de 1974, que ela desenvolveu junto com Lúcio Kowarick. O segundo foi *As periferias urbanas na representação de seus moradores. Estudo em quatro cidades paulistas*, de 1981. E o terceiro foi o trabalho *A periferia de São Paulo e o contexto da ação política*, também da década de 1980, em parceria com a Comissão de Justiça e Paz.”[\[120\]](#)Ali se alicerçou igualmente a parceria com Vilmar Faria.

A lba funcionou por décadas e jamais tirou alguém da miséria ou ensinou alguma coisa aos desprotegidos. A sua extinção, no entanto, provocou animosidades e polêmicas. Ninguém sabia o que estava vindo no lugar. Comunidade Solidária? Ninguém conseguia entender o projeto. Para aqueles que estavam conduzindo o Comunidade, o que se queria ainda não era definido, todavia era bastante claro o que não se queria. Não se queria “uma Evita Perón, não se queria a lba gigantesca, daí a decisão de acabar com ela. O que sonhávamos precisava ser inventado”,[\[121\]](#)recorda-se Miguel Darcy, companheiro de Ruth desde os primeiros instantes.

“Numa das primeiras reuniões do Conselho na Granja do Torto, quando Ruth declarou enfática ‘Não sou governo!’, um dos jornalistas levantou-se e questionou: ‘Se a senhora não é governo, isto aqui é o quê? É uma das residências oficiais do presidente da República. A senhora chegou aqui como? Em carro oficial e com seguranças. Os conselheiros viajaram até aqui como? Com o dinheiro do governo. Então, como a senhora não é governo?’. A expectativa da mídia era clara: ‘Qual é esse novo programa, essa nova instituição que vai tomar o lugar da lba?’.” Na questão das incompreensões, Miguel Darcy acrescenta outro episódio: “A mídia tinha um padrão para o que Ruth tinha de fazer, que não era o padrão dela, mesmo porque ela foi criando com o tempo. O tempo todo os jornalistas viviam perguntando: ‘Dona Ruth, onde está o dinheiro? A senhora é a esposa do presidente, tem um poder muito grande, quais são as verbas, quanto a senhora vai investir?’. ‘Não vou investir nada!’ Eles não entendiam, voltavam à carga: ‘Quais são as diretrizes para a educação?’. ‘Nenhuma. Não é isso o que estou fazendo. Se eu tiver de falar de educação, vamos discutir.’ A mídia queria que ela adotasse um certo estilo, que falasse de política, falasse mal do pfl: ‘Que governo é esse que tem personagens políticos de quem a senhora não gosta, já declarou que não concorda, como é o caso do Antonio Carlos Magalhães. Como é que fica?’. ‘Não vou falar disso agora, vou falar do meu trabalho, vou falar do que estou fazendo’.”

Quanto a acm, a imprensa trazia à baila uma famosa declaração dela, em 1994, quando Fernando Henrique fazia suas alianças políticas visando a Presidência. Ruth, certo dia, afirmou publicamente não entender como o marido se aliava a um político como acm, figura que trazia todos os vícios do autoritarismo e da prepotência da ditadura, político da velha guarda, com métodos arcaicos. Foi um constrangimento que precisou ser “remendado” mais tarde, uma vez que acm costurava a aliança pfl e psdb, fundamental naquele momento.

A mídia e os políticos não entendiam o que iam fazer dez ministros e 21 conselheiros que rejeitavam o velho, mas ainda não sabiam exatamente o que seria o novo. Ruth procurava explicar que não era governo, sem negar, contudo, que era um espaço viabilizado e legitimado pelo governo. “Na verdade”,

esclarece ainda Miguel Darcy, “tentávamos trabalhar numa intersecção governo e sociedade, e aí fomos inovadores, principalmente quando Ruth repetia que não queria recursos públicos para nenhum programa do Comunidade Solidária. Rompia-se um padrão histórico. Se não é dinheiro do governo, vai sair de onde? O Comunidade ia trabalhar com o Terceiro Setor, atuar com a força dos recursos da sociedade civil brasileira, a esta altura suficientemente madura para assumir projetos com seus recursos humanos e financeiros próprios. Uma inovação é a intuição de algo novo que é preciso captar, perceber o emergente e, em seguida, experimentar. Se for bem-sucedido, fica alguma coisa que se aperfeiçoa. O primeiro conceito que se tinha em mente era não olhar para as pessoas e para as comunidades como gente destituída de, ou com problemas, necessidades, carências. Porque se sabe que as carências são um poço sem fundo, não há recurso que baste. O fundamental era buscar as capacidades das pessoas e os recursos das comunidades. Todos os programas passaram a ser pautados por um investimento na capacidade das pessoas. O segundo ponto foi focar nas áreas geográficas mais pobres e nos setores mais vulneráveis, em especial os jovens. Todos os programas do Comunidade Solidária tiveram, em certa medida, um forte componente educativo e estão voltados para jovens, se apoiam, valorizam o segmento jovem. O terceiro elemento foi a mobilização dos mais variados recursos da sociedade e aqui residiu outra grande mudança. Ruth abriu o leque e chamou a universidade — e, claro, ela estava muito bem posicionada para isso, tinha autoridade. Colocou a universidade dentro dos debates, dos projetos.”

Nessa etapa, certo dia, num grande encontro na Universidade de Brasília, no lançamento do programa Universidade Solidária, uma espécie de reinvenção do projeto Rondon, ou seja, levar estudantes e professores das mais variadas universidades para comunidades pobres, enquanto Ruth estava expondo suas intenções, um grupo de jovens, liderado por professores radicais, invadiu a sala aos gritos e palavras de ordem: “Queremos participar! Exigimos participação! Estudante é participação!”. Ruth olhou e tentou continuar a fala, no seu jeito professoral. A balbúrdia recrudescer. Os estudantes tinham vindo para cima dela, deixando assustados os seguranças — principalmente a tenente Patrícia, fiel escudeira —, que não sabiam se distribuía pescocões ou o quê. Impassível, mesmo porque não havia muito a fazer, Ruth indagou:

— Simplesmente, digam. O que reivindicam?

— Queremos participar!

— Ótimo, é o que eu também desejo e estou aqui propondo. Participação. Vim convocar para participar.

— A senhora não entendeu, queremos fazer parte do poder, queremos estar no comitê central.

— Mas não existe comitê, muito menos comitê central. Vivemos outros tempos.

A sala — havia ali cerca de 250 estudantes — explodiu em gargalhada. Um dos “indignados” tentou ignorar e prosseguir, e ela se mostrou enérgica: “Você já falou, ouvi, respondi. Agora, se quer participar, procure o seu grupo. Qual é? De que universidade? Da Universidade de Brasília? Pois ali tem um grupo de trabalho. Junte-se a ele, participe, já que é o que deseja. Não venha aqui me interpelar dessa forma”.

Cessou o tumulto, a turma do protesto sentou-se e ouviu, a reunião fluiu. Ela ganhava na calma, na segurança, no respeito que impunha.

A incompreensão foi enorme com a extinção da Iba. Maria Helena Gregori conta que recebia uma avalanche de cartas por dia — chegaram a quinhentas no início —, de políticos, deputados, prefeitos e

correligionários políticos fazendo solicitações assistenciais. Insistiam para marcar audiência com Ruth, porém Maria Helena, que tinha o apelido de “mandona”, segurava bem as pontas. Fazia-se uma triagem das cartas e, no fim do dia, Ruth e ela limpavam a mesa. Quando Ruth não queria uma coisa, era inútil, e ela sempre repetia: “Não adianta, isso não passa, nem pense”.

Acontece que muitas coisas que Ruth idealizava, pensava, procurava estruturar, não faziam sentido naquele momento. “Hoje, imagino que nem ela se dava conta de que algumas coisas não eram para aquele instante, e sim para o futuro”, reflete Regina Esteves, aliada que Ruth foi buscar na área da educação, uma vez que Regina atuava na *fai-efmd*, uma fundação do Ministério da Educação que cuida de financiamentos e linhas de crédito. “Ela sabia que tudo deveria funcionar em rede, numa relação em que uma entidade pode ajudar a outra de acordo com as necessidades, pode ser um somatório de esforços, uma vez que essas entidades têm missões diferentes, mas que se complementam, nenhuma missão se contrapunha a outra.”[\[122\]](#)

A mais significativa contribuição, o que mudou completamente o desenho da situação, foi a atitude do setor empresarial perante a questão social. Não foi fácil convencer esse mundo porque, até então, pelos velhos hábitos político-burocratas, ou simplesmente se pedia e não se mostravam resultados — o dinheiro escoava-se por sacos sem fundo e sem explicações —, ou funcionava como moeda de troca — dou tanto, mas quero isto, isto e isto. O papel de Ruth foi decisivo nos incontáveis encontros que teve com lideranças empresariais, céticas a princípio, depois se aliando gradualmente, até se tornarem parceiros sólidos. Foi um momento difícil e histórico esse da renovação da visão do mundo empresarial para a questão social.

Algumas ideias e propostas de Ruth, hoje concretas e reconhecidas, naquela época não eram vistas dessa maneira. Quando se diz hoje que a iniciativa privada é parceira, está certo, porque foram atingidos 5 milhões de alunos atendidos. Mas, naquele tempo, chegar até uma empresa e dizer que se queria ação e colaboração, mas que não seria num município da sua escolha, e sim no lugar selecionado pelo *ranking*, lugar que talvez o empresário nem soubesse onde era, do qual nunca tinha ouvido falar, aí era outra história. Vencer isso foi uma mudança de postura e de relacionamento com a iniciativa privada.

A conquista do banqueiro Pedro Moreira Salles ilustra o clima com que o empresariado entrou em contato com o projeto e foi sendo cooptado: “Fui convidado para um almoço no Palácio da Alvorada e compareci, já conhecia o presidente, tinha admiração por ele e pela equipe que montou. Cheguei, encontrei vários ministros, outros empresários, e fiquei muito cético quando me contaram qual era a ideia, o propósito e as pessoas que iam se envolver. Senti na hora que ia virar comício. Então entrou Ruth e começou a falar, o clima foi mudando. Não me convenci muito, porém continuei indo às reuniões, a cada mês, dois meses. Não havia ainda, como era natural, uma agenda posta, e me parecia que Ruth estava pondo fogo na panela de pressão, deixando as pessoas falarem para depois chegar a uma visão mais concentrada. Quando ela encontrou o caminho da estruturação, fez com que todos se sentissem envolvidos, todos viram claramente que havia algo novo, que iria acrescentar, juntando segmentos da sociedade. À medida que a agenda foi se estabelecendo, ela se conscientizou de que eu não tinha ainda uma visão positiva e clara do projeto, e Ruth, paciente, marcou comigo reuniões menores, fora do Comunidade Solidária, muitas aqui em São Paulo, e eu diria que a minha relação passou a ser de maior aproximação. Passei a entender as dificuldades do desenvolvimento da questão social no Brasil, a

identificar quais eram os obstáculos, fui conhecendo a legislação, entendi como ela enxergava as limitações, como lidava com o governo. Ela sempre deixou muito claro que não era governo, o Comunidade Solidária não era governo, nós éramos sociedade civil — era dessa maneira —, e ela sabia orientar, mostrar pelo que valia a pena brigar e o que era secundário, e não valia a pena gastar esforço. Passei a enxergar a proposta sob outra óptica. Foi quando percebi o profundo compromisso dela com o Comunidade. Quando os projetos surgiram, entrei no primeiro, o da questão dos microcréditos. Então outros vieram e acabei me envolvendo numa série deles”.[\[123\]](#)

Além de Moreira Salles, envolveram-se no Comunidade Solidária Antônio Ermírio de Moraes, Jorge Gerdau Johannpeter, Milú Villela, Renata de Camargo Nascimento, Horácio Lafer Piva, Emílio Odebrecht, um a um convencidos por Ruth. Sérgio Reze, da Associação Brasileira dos Revendedores de Automóveis, propôs dar para o programa da Alfabetização Solidária (AlfaSol) um real por veículo vendido. Quanto lhe perguntaram o que isso significava, assustaram-se — receberiam 2 milhões de reais, usados para criar um caixa e fazer deslanchar vários programas. A Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas, ofereceu-se para colaborar e então foram pedidos, em lugar de dinheiro, kits para os agentes de saúde, ou seja, bicicleta, mochila, balança e medicamentos.

Na verdade, havia poucos recursos para o funcionamento do Comunidade Solidária. Podiam usar uma sala da Granja do Torto, havia um escritório na Esplanada dos Ministérios, verbas mínimas para locomoção. O presidente era quem nomeava os 21 conselheiros, começando por Ruth. Mas não era governo, na medida em que ela, Ruth, foi quem escolheu personalidades da sociedade civil, da Igreja, das universidades — dom Luciano Mendes de Almeida, Gilberto Gil, Betinho, Regina Duarte, banqueiros como Pedro Moreira Salles, universitários. Luiza Erundina, chamada para o projeto, recusou o convite. Eram pessoas com luz própria que iam pensar com suas próprias cabeças e abrir um diálogo com o governo, sobretudo com a área social, e com a sociedade ao mesmo tempo. Estava claro? Não, ainda não. O Comunidade Solidária foi se fazendo, às vezes percorrendo caminhos errados e outras os que davam resultados. Surgiu outro fator complicador no desenho inicial, porque havia no Conselho dez ministros dos mais expressivos, como os da Saúde, da Educação, da Fazenda, o chefe da Casa Civil. O que queria dizer que havia significativo peso governamental dentro do Conselho. Era um diálogo complicado.

Ruth reclamava: “Cada ministro quer que eu apoie a área dele, os programas dele, quer que eu funcione como uma superministra da área social e não vou fazer isso”. Era impressionante a firmeza e a determinação dela, indo contra a ponta da faca, principalmente ao sabermos que, em oito anos do Comunidade Solidária, ela jamais recebeu um político, um deputado, um senador. Claro que ela mantinha muito boas relações com alguns ministros, como Paulo Renato Souza e José Serra, mas não com os outros. O que era preciso fazer? Criar um modelo de atuação. Ter uma parte do diálogo voltada para o governo, enquanto outra parte estava voltada para a sociedade civil. E isso foi inovador. Ela mostrou ser possível trabalhar num espaço legitimado pelo governo, sem ser governo, e sobretudo falar de uma coisa nova — a sociedade como ator político. Então, com quem se dialogou? Com as ongs, as empresas, a Igreja, as universidades, e foram estes os setores que ajudaram a dar força aos programas.

Até mesmo o ultrapoderoso homem do governo, Sergio Motta, teve uma definição sarcástica:

“masturbação sociológica”. Era uma estocada nos “uspianos”. Mais tarde ele se rendeu, e então apoiou com todas as forças. Ruth tinha encontrado seu nicho e pela primeira vez na história estava dando um sentido ao cargo, se é que primeira-dama é um cargo. Até então, as esposas dos presidentes não tinham passado de acompanhantes oficiais, organizadoras de chás, recepções, coquetéis e bazares beneficentes.

Nasceu o Comunidade Solidária, um “processo de experimentação e inovação social desenvolvido ao longo de oito anos, ou seja, por todo o governo fhc. O Comunidade desenvolveu novos modos de ver e de fazer, provocando a gestação de mudanças de grande alcance — e para melhor — no padrão histórico de relacionamento entre Estado e sociedade”, segundo Ruth Cardoso:[\[124\]](#) Alfabetização Solidária, Capacitação Solidária, Universidade Solidária, Artesanato Solidário, Programa Voluntários, Rodadas de Interlocação Política, Comunidade Ativa, Rede Jovem, Rede de Informações para o Terceiro Setor.

É evidente que, por um tempo, houve desconfiança de todos os lados. Os do governo achavam que o Comunidade era uma apropriação indébita do trabalho deles, enquanto os setores da sociedade civil resistiam: “O que vem a ser isso? Estamos aqui trabalhando para o governo Fernando Henrique, mas não votamos nele, inclusive temos sérias críticas a vários aspectos desse governo”. Entrava aqui a famosa capacidade de Ruth de administrar egos, o que tinha aprendido na vida acadêmica, época em que transitava entre os maiores, alguns descomunais. “E isso ela fez lá o tempo todo, com grande garbo, adorava viajar pelo Brasil, tinha pauta própria, todos os inimigos do presidente a adoravam, ela dizia que não era do Estado e se divertia, fazia piada com isso, e Fernando Henrique Cardoso também, as noites eram divertidas quando vinha cada um de um lugar para contar as coisas e fazer brincadeiras a respeito disso, então eu acho que foi muito bom”, confidencia Jorge Caldeira.

Augusto de Franco e Miguel Darcy de Oliveira foram dois assessores, ideólogos, pesquisadores de campo, administradores, o que se possa pensar, junto a Ruth no Comunidade Solidária. Reúno aqui falas de ambos, que mostram como se pensava e se agia.

“O trabalho que nós queríamos fazer partia do conceito de que a sociedade civil era um sujeito subsistente por si mesmo e que tinha um papel de protagonista no desenvolvimento. Foram realizadas catorze rodadas de interlocação política, para as quais foram chamadas pessoas de todos os setores, intelectuais, estudiosos envolvidos, economistas, políticos, artistas, acadêmicos, todos de alguma maneira ligados ao tema em debate naquela sessão, e tentávamos chegar a alguma conclusão. Graças à intuição de Ruth, nasceu uma situação que passamos a chamar de reforma social. Tínhamos certeza de que o Terceiro Setor merecia um tipo de regulamentação legal que tivesse como objetivo incentivar a sua própria reprodução. Não nos interessavam as grandes organizações do Terceiro Setor, o que nos interessava eram as pequeninas. Porque a nossa força estaria na pulverização e não na consolidação daquelas megainstituições da sociedade civil. Havia um dito, espécie de chiste particular entre nós, uma brincadeira: ‘O povo desunido jamais será vencido’. Esse era um pouco o nosso lema. Quer dizer, era o contrário do negócio do arrebanhamento: vamos arrebanhar e fazer um contingente para dar combate a outro contingente. Não, vamos pulverizar! Havia, por trás disso, uma intuição, a ideia de que o processo na sociedade civil é molecular, ele é um contágio. As teorias das redes sociais ainda estavam engatinhando, palmilhando o caminho inicial, naqueles meados dos anos 1990. Nessa concepção já estava embutida a ideia de que a sociedade não se transforma e não transforma a realidade social a partir

da acumulação de forças de grandes contingentes e da criação de instituições sólidas, que então merecem uma legislação. A sociedade se via assim, na pulverização — e a expressão foi de Ruth —, contaminada pelo sarampo. Quantas e quantas vezes ouvimos essa palavra, ‘sarampo’, as pintinhas que se propagam por todo o corpo. Muitas e muitas vezes ouvimos dela ‘pega como sarampo’. Ou seja, vai pegando, quer dizer, essa dinâmica viral, ela adivinhou, ela não formulou, ela intuiu e caminhou nessa direção. Qual era a direção? O Terceiro Setor tem um papel estratégico no desenvolvimento; não é para ser braço do Estado, não é para ser continuidade da cadeia clientelista do sistema político tradicional — é para mudar as relações ali mesmo onde elas se constituem. Levantando a bandeira do ‘Povo desunido jamais será vencido’, começamos a tentar fazer algumas coisas. Talvez a mais importante tenha sido a aprovação de algumas leis, como a que define o trabalho voluntário e estabelece a inexistência de vínculo empregatício e todas as obrigações trabalhistas e previdenciárias. Uma reforma começa pelas definições, o que é o quê. Uma associação para defender os direitos das crianças portadoras da Síndrome de Down não pode ser igual a uma fundação empresarial, mas é tudo Terceiro Setor. Assim começamos pela tentativa de estabelecer o que seria o caráter público, e depois de vinte meses de discussão e de muitas idas e vindas, foi aprovada a Lei 9.790, a Lei das oscips, que institui o termo de parceria, que traz também inovação. E a Lei da Gratuidade do Registro Civil, a lei que criou as Sociedades de Crédito ao Microempreendedor, a Lei de Desoneração do icms sobre a Cesta Básica. As rodadas serviram para construir canais políticos de diálogo entre governo e sociedade, sobre temas que subsidiassem a formação de uma agenda de desenvolvimento social para o Brasil.”[\[125\]](#)

Muito cedo Ruth verificou que não existia nenhum órgão governamental, ou programa, que tratasse do jovem, uma de suas perenes preocupações. “Está aqui a oportunidade, aproveitemos”, dizia, “vamos ocupar o espaço vazio, montar programas para jovens, e que sejam inovadores, não copiem o modelo clientelista, vamos dar atendimento a necessidades.” Repetia que é necessário olhar para as pessoas procurando as capacidades que elas têm, e não detectando as suas necessidades. “Se olharmos para alguém e dissermos que o jovem da periferia não tem escola, não tem atendimento, está submetido à violência, ficamos aprisionados pela lógica das necessidades, vai ser preciso dinheiro, programas, recursos. Se olharmos para ele como uma pessoa que tem capacidade e aptidões, então podemos dinamizar isso, potencializar. Está encontrado o caminho.”

Quando o Comunidade Solidária foi iniciado, cerca de 32% da população brasileira era constituída de jovens entre dez e 24 anos, e quase 80% deles viviam em áreas urbanas. Quase 10% desses jovens não tinham nenhuma instrução, 22% (no Nordeste a cifra era de 40%) deles tinham ido à escola apenas por três anos. O baixo índice educacional e a ausência de qualificação tornavam extremamente difícil a incorporação desses jovens no mercado de trabalho. Era um problema a ser atacado com urgência, “propiciar a esse segmento a oportunidade para o descobrimento e o desenvolvimento de seus potenciais. Com o aprendizado de uma habilidade de geração de renda era possível interferir positivamente em suas trajetórias de vida e reduzir a vulnerabilidade social a que estavam e estão expostos”.[\[126\]](#) Em agosto de 1995 já estava criada a Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária, aapcs, hoje Apoio ao Programa de Capacitação Solidária. Estavam fora de questão as conhecidas e difundidas escolas técnicas. Era preciso trabalhar “a autoestima desses jovens, a sua sociabilidade, suas habilidades

cognitivas básicas, como a leitura, a escrita e o cálculo elementar”, diz Célia de Ávila, que foi coordenadora dos programas de Capacitação Solidária. “Os cursos do Capacitação incluíam a vivência prática, e o jovem podia ter contato com a realidade de uma profissão. Parte do tempo era dedicada à colocação em prática daquilo que vinha sendo aprendido. Qualquer organização, independentemente do seu porte, podia executar um projeto e receber recursos para isso. Esses cursos levavam em conta as realidades locais e tentavam dar ao jovem chances de inserção no mercado de trabalho no meio em que vive. Para realizar um trabalho eficiente procurava-se usar organizações já inseridas na comunidade. Daí encontrar-se segmentos como reparo de jangadas, criação de ostras, conserto de redes de pesca, animadores de festas infantis, paginação eletrônica, conserto de computadores, e assim por diante. Os gestores sociais das ongs que atuavam nesses cursos tinham uma consciência muito grande do papel que desempenhavam na comunidade.”[\[127\]](#)

Um dos primeiros e fortes financiadores desses programas na época foi a Federação Nacional dos Distribuidores de Veículos Automotores, Fenabrave. Anos depois, os parceiros chegaram a 150, entre públicos e privados. Os jovens que participavam do Capacitação Solidária, segundo estudos do Núcleo de Políticas Públicas da Universidade Estadual de Campinas, aproveitaram mais a escola; melhoraram a vida social e familiar; obtiveram ou ampliaram suas chances de obter trabalho; descobriram e exploraram novos horizontes e tiveram mais chances de romper o círculo de desalento e da falta de perspectiva que reforça a exclusão.

Uma pessoa que trabalhou bom tempo com Ruth foi o coreógrafo e professor de dança Ivaldo Bertazzo, figura singular, homem aberto a todas as experimentações em arte e dança, chegando a montar um espetáculo com indígenas da etnia tuiuca que vieram de São Gabriel da Cachoeira (am). Ruth frequentou as aulas de Ivaldo por muito tempo, adorava dançar (lembramos de sua paixão pelos musicais), levava filhas e netas. Cooptou-o para o Comunidade Solidária. Bertazzo foi um grande parceiro nos cursos do Capacitação.

Ruth foi a todos os lugares possíveis neste Brasil. No Amazonas, viajou uma hora de helicóptero até chegar a uma comunidade indígena. O aparelho pousou e havia ainda uma caminhada até a aldeia. Os índios à frente, nas trilhas, entrando na água, saindo, Ruth e Malak El Chichini atrás, um calor tenebroso, os vestidos grudados no corpo, cansadas, suadas. E firmes. Outra vez, no Acre, elas ficaram num hotel que estava mais para maloca, chovia em cima das camas, e Ruth ainda tinha de equilibrar o ciúme de egos disparados — estudantes da Unicamp de um lado e estudantes amazonenses de outro, todos eles querendo se mostrar. Uma noite, os índios vieram até o hotel e dançaram e cantaram para ela, que estava com Bia e os netos Júlia e Pedro (que dormia no colo da avó). Marlui Miranda cantou junto com os índios. Ela tinha ensinado a eles que no canto era melhor ficarem parados, para não atrapalhar a voz. Depois que cantaram, todo mundo dançou.

Um dos programas mais bem-sucedidos, o Alfabetização Solidária não era para crianças, e sim para jovens e adultos. Todos concordam que foi o exemplo mais feliz da parceria entre universidade, empresa e poder público porque se montou um programa de ong que é quase um programa público em grande escala, com um balanço formidável de resultados. Tratava-se de uma parceria público-privada como não existia na época, não se falava nisso, não se cogitava, e saiu inteira da cabeça de Ruth. A primeira

reunião foi realizada no Recife e Ruth dizia aos seus colaboradores que não era fundamental inovar, bastava observar o que existia, avaliar e ver o que podia ser feito para fortalecer. “Muitas vezes estão acontecendo coisas muito boas e nem é o caso de melhorar, apenas fortalecer, colocar uma rede em contato com outra, ligar um parceiro ao outro.”

Regina Esteves acentua que a primeira preocupação de Ruth não foi buscar a melhor metodologia de alfabetização, e sim verificar o que existia no país, nas redes pública e privada, nas universidades. E então multiplicar esse esforço, trabalhar para que tivesse cobertura nacional, para que determinada proposta atendesse às comunidades que mais necessitavam. Em um projeto-piloto, no interior do Amazonas, do qual até Paulo Henrique Cardoso fez parte, 82% da população era analfabeta. E analfabetos eram também 80% dos funcionários públicos. Dá para imaginar o impacto que isso tinha no sistema público?

Regina trabalhava com cinco colaboradores, funcionários que a ela se cedeu, na sala pequena do Bloco A, no quarto andar, com telefone e fax, e todos os planejamentos tinham sido feitos com base nos dados do Ibge. Subitamente, ela se lembrou de como Ruth trabalhava, ou seja, indo aos locais, olhando, anotando, conversando, perguntando. “Ela era uma grande perguntadeira. E anotava em cadernos tudo o que observava.” Naquele dia, Regina e seus colaboradores fecharam gavetas e portas, dividiram-se em grupos e partiram para visitar os municípios com maior índice de analfabetismo. Ao voltar, jogaram fora todo o planejamento e reiniciaram do zero.

A princípio, encontrou-se resistência. Numa reunião com um enorme grupo de universidades, em Alagoas, Regina detectou enorme desconfiança porque as pessoas ainda tinham ideia de que se tentava retomar o falido Mobral — não se convenciam de que era um programa autônomo, tinham certeza de que a AlfaSol era do Ministério da Educação. Ela confessa que os questionamentos que receberam foram bons, porque ajudaram a preparar respostas e a encaminhar projetos. Ensinar também que o trabalho só se desenvolveria ouvindo as comunidades e fazendo, antes de tudo, parcerias locais.

Assim, ao invés de um programa pedagógico único para todo o Brasil, a AlfaSol desenvolveu uma enorme variedade de programas, cada um criado a partir das necessidades locais. Conseguiu-se uma mobilização maciça de instituições de ensino superior, responsáveis por produzir as propostas pedagógicas. Em 25 estados foi montada uma rede voluntária formada por universidades federais e estaduais, públicas e privadas, faculdades e centros de ensino superior e cursinhos. Além disso, os professores também intervieram em nível local, fomentando melhorias no sistema educacional dos municípios, apoiando projetos sociais e econômicos. A linha de frente desse exército era formada por aqueles que treinavam e capacitavam os alfabetizadores e representam o elo entre a estrutura montada e os alunos nas classes de aula. Os alfabetizadores eram escolhidos entre os moradores das cidades atendidas e a maioria era de jovens entre vinte e 24 anos. Esses alfabetizadores faziam estágios nas universidades parceiras e, quando iam para os grandes centros, capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, participavam de várias atividades, visitavam museus e exposições, iam a shows de música, ouviam palestras, frequentavam teatros, faziam passeios turísticos. Pela primeira vez na vida, alguns entraram num museu ou assistiram a uma peça teatral. As aulas não se limitavam a alfabetização, ensinavam também noções de higiene, saúde, obrigações civis, e assim eles se tornavam promotores de cidadania.

O banqueiro Pedro Moreira Salles, que se tornou um dos mais entusiastas defensores e colaboradores do Comunidade Solidária, escreveu um pequeno texto que repassou a amigos, conhecidos e empresários:

Aquilo que parecia a muitos de nós uma ideia ingênua, fadada a não ser mais do que outra experiência bem-intencionada, acabou sendo uma realidade inquestionável. Em retrospecto, o ceticismo se devia possivelmente à excessiva simplicidade aparente da ideia: reunir governo, universidade e setor privado em torno de um projeto, extraíndo de cada um uma contribuição específica fundamental. Material didático, capacitação pedagógica, recursos; “bastava” reunir esses ingredientes na sua justa proporção e pronto. Havia certa lógica no ceticismo inicial...

E D. Ruth pôs-se a campo. Promoveu dezenas de encontros com grupos de empresários e universidades. A cada rodada, mostrava o quanto acreditava na ideia de que era possível mobilizar a sociedade em torno de uma causa concreta, e demonstrava a sua habilidade em gerar consensos. Uma vez montada uma equipe mínima para fazer a gestão do programa, deu-se início ao projeto. De forma prudente, o primeiro módulo do Alfabetização Solidária abrangeu apenas 38 municípios do Norte e Nordeste, atendendo 9 mil alunos. Contava então com o apoio de onze empresas privadas e 38 universidades. Apesar do óbvio impacto que o processo trazia para as comunidades envolvidas, o Conselho do Programa optava por avançar com cuidado, avaliando constantemente os resultados obtidos, redesenhando o formato sempre que necessário.

Apesar das críticas então feitas ao projeto, acusado de não ser mais do que uma experiência de laboratório, a equipe procura prever e eliminar eventuais limitadores ao crescimento sadio do Alfabetização Solidária, sem ceder ao apelo e à demagogia fácil dos grandes números. A questão da formação acelerada de um contingente expressivo de alfabetizadores torna-se, desde o início, claramente um gargalo. Nesse ponto, o papel das universidades foi fundamental, já que a dispersão geográfica do programa exigia que as parcerias se multiplicassem, garantindo um processo de formação e acompanhamento a custos baixos. Da mesma forma, o volume de recursos financeiros necessários cresceu na exata proporção da ambição do programa; aqui também o número de parceiros precisava ser ampliado para assegurar a continuidade do projeto. Felizmente, nada disso assustava os idealizadores do Alfabetização Solidária.

No final dos anos 1990, Pedro Moreira Salles deslocou-se para Barroquinha, Ceará, quase divisa com o Piauí. Eram 10h30 de um sábado, temperatura de 35 °C à sombra. O relato emocionado é dele:

Numa das modestas salas da escola Governador Virgílio Távora, Suyara, mulher de idade, conta orgulhosamente a sua história para a Presidente do Conselho do Comunidade Solidária, Professora Ruth Cardoso. “Descobri que tinha talento, um dom; quero dar o melhor de mim para os meus alunos”, explica, desinibida, para mais de vinte pessoas, entre elas o Governador do Estado e o Prefeito da cidade. “A Solidária me ajudou a definir o que quero ser. Quero continuar e vou continuar.”

Suyara é um dos 70 mil alfabetizadores de um admirável, e pouco conhecido, programa, o Alfabetização Solidária. Iniciado em 1997 a partir de ideias discutidas no conselho presidido por D. Ruth, o Alfabetização Solidária terá atendido mais de 1 milhão e meio de indivíduos até o final deste ano, o que equivale a 10% do contingente de analfabetos do país. O programa é dirigido à população acima de catorze anos de idade, sendo a maioria dos alunos até o momento moradores de zonas rurais, entre vinte e 29 anos. É isso mesmo: quatro anos apenas, 1,5 milhão de pessoas! E o custo? R\$ 34 por aluno, por mês.

O sucesso do programa foi de tal ordem que, uma vez concluído o módulo básico de alfabetização — cuja duração era de cinco meses —, os alunos queriam mais. Uma evidência concreta é que 93% dos municípios atendidos organizaram turmas de ensino supletivo. Onde o programa foi implantado, observou-se a expansão imediata da rede formal de ensino. Uma verdadeira revolução, sem ruídos e com um mínimo de palanques e holofotes. Dela participaram 90 empresas, 180 universidades, 1.200 municípios e vários governos de estado.

Quanto a Suyara, a alfabetizadora de Barroquinha, ela decidiu entrar para a faculdade. “Estou com saudades de deixar os meus alunos”, explicou para sua plateia seleta. Pode não ter sido o mais perfeito uso do idioma, mas a frase expressou com clareza a força desse extraordinário projeto.

A cada momento, problemas eram encontrados e resolvidos. Quando se avaliou o porquê da enorme evasão dos cursos, descobriu-se um dado curioso. Grande parte dos que desistiam tinha problemas de visão. Criou-se imediatamente o Programa Ver, que distribuiu 50 mil óculos após as avaliações

oftalmológicas.

O que havia a fazer? Agregar as universidades que tivessem competência e criar condições para que essa competência chegasse aos lugares mais carentes. Criar logísticas impossíveis. As empresas privadas não contribuíam apenas financeiramente, mas também com *expertise*, com eficiência. A AlfaSol estimulava a sintonia entre a iniciativa privada, as universidades, as comunidades e as prefeituras, cujas estruturas são diferentes daquelas das grandes metrópoles. A expectativa de cada parceiro era diferente. O empresário queria ver o resultado prático, o que aconteceu com o município e como o índice se comportou. Para a universidade, isso não era suficiente — o professor queria ter oportunidades de pesquisa, de reflexão, esperava outro retorno. As prefeituras queriam saber o que resultaria de recursos. O que a AlfaSol levava até eles era uma demanda pela escolarização a que a prefeitura e a rede tinham de responder.

O grande objetivo era que o projeto criasse demanda para que novas salas fossem abertas na própria rede de ensino. Cabia à AlfaSol potencializar, reunir parceiros de diversos segmentos para uma ação conjunta, com foco. Qual era o objetivo? Atender a comunidades que não tinham programas de alfabetização, que não recebiam nenhum atendimento. Numa avaliação dos primeiros seis anos da AlfaSol, verificou-se que para 74% dos municípios atendidos aquela tinha sido a primeira experiência de alfabetização.

O Timor Leste foi um dos primeiros países a adotar a experiência do Alfabetização Solidária, em 2001. Em seguida ela migrou para Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Uma sucessão de prêmios internacionais mostra o alcance do Alfabetização Solidária: em 1999, o Prêmio para Iniciativas Bem-Sucedidas em Educação, concedido pela Unesco. Em 2000, em Paris, o Prêmio Internacional de Alfabetização. Em 2002, participação no kit comemorativo da Década da Alfabetização, iniciativa lançada pela onu. No ano seguinte, Prêmio onu para a Educação, como uma das dez mais bem-sucedidas experiências de alfabetização existentes no mundo. Em 2004, o Prêmio Rei Sejong de Alfabetização, uma doação da Coreia do Sul à Unesco, e o da Rede Innovemos — Rede de Inovações Educacionais para a América Latina e o Caribe. Em 2007, o Prêmio Dubai, iniciativa do Programa de Melhores Práticas e de Lideranças Locais desenvolvido pelo un — Habitat, programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos, e pela Together Foundation, com sede em Nova York, instituição que prepara líderes socialmente responsáveis ao redor do mundo.

Ruth não estava em toda parte, ainda que viajasse para os mais longínquos lugares. Ela sempre foi uma pessoa que deu liberdade, incentivou a autonomia, mas com absoluto compromisso e muita responsabilidade. “Não tínhamos necessidade de ela se fazer presente diariamente, ou de ela ter uma agenda determinada na AlfaSol”, acentua Regina Esteves. “Só que a relação com ela de concepção, de ideias, de fidelidade, era um compromisso rigoroso. Ela manteve a vida toda um aspecto que era próprio da sua personalidade. Gostava de formar pessoas. Toda vez que via alguém jovem na equipe, dava para ver um brilho diferente nos olhos dela. Tinha paciência e interesse na formação de jovens. Essa formação não era apenas no campo profissional, a coisa era mais complexa. Ela se preocupava como estava a Regina profissional da AlfaSol, a mãe, a esposa, como estavam minha família, minhas relações de amizade. Assim como se preocupava

com uma mulher simples do vale do Jequitinhonha. Delegava, impunha desafios, confiava. Uma vez, no gabinete do Comunidade Solidária, em Brasília, ela devia fazer uma apresentação para o pessoal do Banco Mundial. De repente, virou-se para mim: ‘Você é quem vai fazer essa apresentação!’. Uma coisa é você ter as coisas preparadas para o seu trabalho, outra é a apresentação para um banco desse porte. Ela sentou-se na primeira fileira e me apoiava com o olhar e acenos de cabeça. Foi um desafio assustador na hora, porém vejo que foi uma oportunidade para mim, ela fez com que eu enfrentasse meus medos e limites. Era uma pessoa que, ao comentar algo, destacava os pontos positivos. Não apontava os negativos, fortalecia os positivos. Era muito séria e exigente em algumas coisas. Por exemplo, naquilo que acreditava em termos de seriedade e respeito em relação à comunidade, ela não abria mão. Nosso compromisso era com aquele lugar, aquela gente. Com os recursos captados, então, era de uma rigidez total, quase absurda, contava tostão por tostão.[\[128\]](#) Agora, se fosse para testar, inovar, mesmo que naquele momento ela não estivesse convencida, ela dava apoio para fazer, estimulava. Achava sempre que é essencial testar, experimentar, pensar diferente, avançar. Acreditava que as pessoas poderiam sempre colocar um tijolinho numa ideia que veio dela e dava total liberdade para que essa construção fosse um processo. Era uma pessoa única porque conseguia manter o foco num ponto específico, técnico, olhando o todo, sem se desviar do conjunto”, conclui Regina Esteves.

Miguel Darcy jamais viu Ruth Cardoso dar uma ordem, impondo autoritariamente algo como “quem manda aqui sou eu, vai ser feito do meu jeito”. Quando não estava de acordo, afirmava com clareza: “Isso não vou fazer”. Demonstrando certa teimosia, para ela não era fácil abrir mão de seu ponto de vista, ficava firme nas suas ideias. Sempre foi opinativa, determinada.

Era questionadora também. Se o grupo estivesse discutindo uma nova forma de atuação, e ela tivesse uma dúvida, intervinha, discutia, repensava e tentava ver lá na ponta como é que aquilo funcionaria. Se achasse que ia funcionar para a comunidade, então tudo bem. Importante ouvir Teresa Caldeira: “A atitude da Ruth de constante questionamento, tanto dela quanto da prática e do contexto que ela encontrava, tinha um complemento fundamental. Ela foi sempre uma grande professora, mas detestava a escola, e ficaria horrorizada em saber que tem seguidores, porque o que ela ambicionava, acima de tudo, era forjar a autonomia de cada um que se relacionava com ela. Jamais quis que repetíssemos o que ela dizia. Tinha ataques se isso acontecia, porque o que ela queria era abrir caminhos para que cada um seguisse o seu. Sempre enfatizou que dar autonomia aos outros era a melhor coisa que se podia fazer, e ela fez isso brilhantemente, foi essa atitude que ela levou para o Comunidade Solidária. Queria criar condições para que sobretudo os jovens pudessem ser, eles mesmos, produtores da sua própria visão de mundo e da sua própria representação. Numa das últimas discussões que tivemos com ela, num trabalho sobre vídeos na Cidade Tiradentes, ela explodiu: ‘Esses meninos têm de produzir eles mesmos os seus vídeos. Não dá para a gente ficar aqui vendo os intelectuais produzirem vídeos sobre a periferia. O que a gente tem de fazer é capacitar esses meninos para que eles criem as suas próprias representações’. A ênfase nessa atitude de forjar sujeitos autônomos, que podem ser agentes do seu próprio futuro, é um dos seus grandes legados, foi a alma e o eixo do Comunidade”.

Uma coisa que provocava perplexidade nos críticos do Comunidade Solidária e na mídia, sempre preocupada com o que é governo e o que não é, era a participação da Força Aérea Brasileira nas ações

do programa Universidade Solidária. Para isso, a Aeronáutica montou uma Sala de Comando e uma Sala de Estado-Maior para gerenciar a logística dos aviões, cuidar do abastecimento e formar as unidades de intervenção em casos emergenciais. Fizeram um mapa gigantesco do Brasil, das linhas de comando, das hierarquias, a logística funcionou, os universitários adoraram, partiram com entusiasmo para as comunidades mais pobres e longínquas.

Os aviões Buffalo, da fab, desciam em qualquer pista, e era neles que os estudantes viajavam. Ruth fazia questão de estar no aeroporto a cada chegada dos jovens. Revirava sua programação para liberar aquele dia, aquela hora. Desde os tempos de Faculdade de Filosofia ela conseguia administrar bem o tempo, dona de casa, funcionária pública, mas a chegada dos estudantes era dos raros momentos em que ela não se atrasava nunca. Eles chegavam e, quando a porta se abria, Ruth Cardoso corria, com um sorriso enorme no rosto. Queria abraçar a rapaziada que descia vestida com a camiseta da Universidade. Todos eles bastante emocionados, muitos choravam, inclusive Ruth. Alguns daqueles jovens estudantes não acreditavam que estavam diante da primeira-dama. Aquela mulher vestida simplesmente, que distribuía abraços e conversava com todos era a mulher do presidente? Uma das mulheres mais importantes da República?

Em pequenos municípios do interior da Bahia, de Pernambuco, Ceará ou Acre, a chegada dela era uma festa, o lugar como que se iluminava. O espírito araraquarense auxiliava, facilitando tudo — em poucos minutos ela estava integrada. Numa viagem ao Amazonas, em 1996, o grupo seguiu de barco para visitar comunidades ribeirinhas, pois Ruth queria avaliar como estavam se comportando os universitários naquela região. A determinada altura havia uma pequena comunidade mais distante e ela insistiu em chegar até lá. Protocolo rígido, pediu às seguranças que a rodeavam: “Me deixem só, não me acompanhem”. A essa altura, as seguranças estavam começando a aprender — ou não ficariam no grupo —, quase a caminho de se sentirem acostumadas com essa sua maneira de ser, mas mesmo assim ficaram apreensivas. Elas adoravam Ruth. Chegaram à tal comunidade, Ruth começou a conversar com um, com outro, perguntava, respondia. Para se ter ideia do isolamento do lugar, meia hora depois ninguém tinha se dado conta de que aquela era a primeira-dama. Na hora de partir, um senhor idoso, líder da comunidade, não se conteve: “Diga, por favor, aquela senhora não é a mulher do presidente? Ou estou enganado?”. Identificada, ela distribuiu abraços e sorrisos. No barco, de volta, abriu-se: “Foi o máximo essa viagem, tive uma hora de pura antropologia”.

No Acre, Rosiska Darcy e Ruth foram a Xapuri, terra de Chico Mendes. Emocionaram-se com o túmulo de Chico num cemitério de covas rasas. Há um mausoléu de ladrilho branco com uma pequena luz permanentemente acesa acima dele. Todos os dias alguém vem e troca as flores. Dali foram visitar o hospital. Encontraram um número grande de meninas de onze, doze anos, grávidas, maltratadas, tremendo com a malária. Já emocionadas com a visita ao cemitério, passaram contidas por aquelas quase crianças. Pouco depois, quando entraram no avião, as duas desabaram.

Todos que trabalharam com Ruth asseguram que as formas de monitoramento foram aprendidas com ela, que ensinava: nos primeiros momentos se devia ter uma relação de igual para igual, sem intimidar ninguém, de maneira que as pessoas se vissem reconhecidas pela capacidade e importância que têm na comunidade e o que têm a dizer, comunicar.

Regina Esteves traz outros episódios significativos: “Fomos à favela da Rocinha para o lançamento

de um programa em parceria com o bndes, planejado em conjunto com a Associação Comunitária local. Chegamos ao pé do morro, o favelão estendia-se acima de nós, compacto. As seguranças vieram, temerosas: ‘Não vai dar. A senhora precisa mudar o programa. Não pode subir. A situação é perigosa. Vamos fazer a cerimônia aqui embaixo mesmo’. ‘Mas aqui não é a Rocinha! Estão nos esperando lá em cima, se prepararam para isso. O programa é deles, para eles, vai fazer bem para a comunidade. Vamos lá, estão nos esperando. Confiem neles.’ ‘Só que não dá para subir, de maneira alguma.’ ‘Vocês fiquem. Já estou subindo.’ E começou a caminhar. Juntei-me a ela, tensa, tremendo. Teria sido um vexame não subir. Ela passando e o povo saudando, aplaudindo. As seguranças dela tiveram de montar um esquema diferente, mas sabíamos que havia também uma segurança própria da comunidade. Chegamos a uma pequena e humilde casa, já nos esperavam, uma alegria imensa nos rostos. De repente, um susto. Começaram a soltar fogos, uma confusão, as seguranças se prepararam. Tanto poderia ser algo festivo como o anúncio da chegada de drogas ou armamentos, ou mesmo a presença de polícia. O lugar tinha seus códigos, que desconhecíamos. Ruth, imperturbável, conversando, e o diretor do bndes alarmado. Quando tudo terminou, descemos, entramos no carro, ela virou-se para mim: ‘Nossa, Regina, como você está acabada!’. Recostou-se no banco: ‘Vocês não conhecem esse tipo de comunidade. Sei como trabalhar nas favelas, conheço os códigos. Sei como tenho de trabalhar. E este projeto irá a toda parte’. Em outro evento, em Mangueira, tivemos uma situação parecida e ela soube como interagir e nos ensinou muito. Nunca ouvi Ruth dizer que algum projeto seria difícil, complicado ou impossível. Isso não existia. Ela sempre trabalhou nos mostrando que era necessário apenas desenhar o modelo para cada tipo de comunidade. O nosso princípio era trabalhar em parceria com as prefeituras municipais. Num dos 38 municípios do projeto-piloto, em Mata Grande, Alagoas, o prefeito não quis apoiar, não havia condições, e mesmo assim ela não desistiu, insistia que devíamos achar um jeito. Esse era o desafio. Acabamos fazendo parceria com a associação comunitária. Foi tudo tão benfeito que depois o prefeito acabou assumindo. Podemos não ter as condições ideais para o trabalho, mas temos os ideais, ela sempre repetia”.

Os alfabetizadores sempre foram jovens locais que tinham ido fazer estágio numa capital e voltavam com a cabeça cheia de imagens e novidades. Ela dizia: “Ofereçam algo sólido e todos crescem”. Ruth quebrou a ideia de professor e aluno. Cada um, em diferentes situações, pode ser educador ou educando. Os alfabetizadores se educavam e transmitiam, enriqueciam suas comunidades, alargavam horizontes. A troca de experiências era rica. A UniSol nasceu de uma ideia simples: a troca de conhecimentos. Todas as atividades valorizam o envolvimento da comunidade na busca de soluções locais, ampliando as possibilidades municipais de parcerias inovadoras.

As prefeituras tinham a chance de reciclar seus servidores, professores e agentes comunitários e de ver o cotidiano transformado em atividades educativas e culturais. No município baiano de Araci, os universitários conseguiram reduzir a taxa de mortalidade infantil a partir da descoberta de uma tradição: as parteiras cicatrizavam os umbigos dos recém-nascidos utilizando estrume de galinha e de cabra. Extinta a prática, mudou-se a situação. São detalhes que transformam um lugar. Multiplicados, transformam regiões. Ou o mundo, se quisermos. Em muitos municípios, a simples criação de uma escola reduziu a migração de moradores que buscavam outras localidades, desejando dar ensino aos filhos. Os universitários alfabetizadores eram (e são) criativos, de acordo com a necessidade. Em Acauã, no Piauí,

por exemplo, construíram um sistema que puxava água de uma localidade a dois quilômetros de distância.

Recusa-se a questão assistencial e isso é explicado em reuniões, seminários, publicações. Aquela história antiga de os jovens chegarem e extraírem dentes não existe mais, é outro departamento. O Comunidade Solidária não atua, nunca, sob este ângulo. Muitos universitários, uma vez formados, acabaram indo trabalhar nas regiões onde estiveram com a UniSol. Outros pediam para ser monitores de novas equipes. A ideia de Ruth sempre foi, no futuro, a formação de uma grande rede de troca de informações.

Com o programa Universidade Solidária conseguiu-se mexer com a cabeça dos estudantes, contribuir para sua formação pessoal e profissional, como acentua Elisabeth Vargas, uma de suas coordenadoras: “As universidades descobriram que podiam fazer diferença, participando de uma ação conjunta e coordenada, podiam ser parceiras do desenvolvimento. Estava sendo cumprido o papel da universidade, que é o de disseminar conhecimentos e informações. Ou seja, uma ação educativa que semeava para o futuro e levaria ao desenvolvimento sustentável”.

Miguel Darcy sustenta que “as equipes do Universidade Solidária foram as maiores beneficiárias do programa, talvez mais que as próprias comunidades. Muita coisa se levou, muita se aprendeu. A UniSol levou a modernidade às comunidades”.

No meio de uma reunião formal do Comunidade Solidária, estivesse presente quem estivesse, de repente Ruth se inclinava para Regina Esteves e anunciava:

— Vou sair por dez minutos.

— Logo agora? E se entrar algum assunto importante na pauta?

— Dez minutos, segura aí.

— Mas, Ruth...

— Nem mais, nem menos. Combinei com o Pedrinho, meu neto, filho da Bia, e ele vai me mandar um fax em cinco minutos.

E saía. Aqueles compromissos com os netos eram sagrados, ela não abria mão deles de modo algum. Inúmeras vezes desmarcava tudo porque havia prometido a Bia ficar com os filhos dela no Rio de Janeiro. Ela não era muito ligada a horários e a equipe à sua volta dava um jeito de manter a pontualidade, raras vezes conseguida. Quando viajavam, o problema era diferente. Ao chegar a uma comunidade, cumpria as inevitáveis formalidades com prefeitos, empresários etc., mas sabia que havia encontros reservados com pessoas da comunidade, todo tipo de gente, e era a hora da conversinha, de onde ela tirava farto material e via o andamento dos projetos. Ali estava a resposta de tudo. Os atrasos muitas vezes eram motivados por essas conversas. Ela se deixava levar deliciada e esquecia o tempo, o relógio, as obrigações. José Gregori tem uma explicação curiosa: “Ruth nunca aprendeu a entrada do político. Este chega a um lugar, cumprimenta um por um, aperta a mão de todos, diz uma frase, segue. Feito o *tour*, então ele seleciona com quem vai se demorar. Ruth, não. Entrava e ia se enroscando em papos que se eternizavam”. Havia muito de Araraquara nisso. Para Regina Esteves, ela trazia a cultura de sua terra natal em tudo o que fazia, daí sua empatia com o povo do interior. “Sei como as coisas funcionam nessas cidades, sou de Araraquara”, enfatizava Ruth.

Era uma mulher de fácil manejo, mas que ninguém chegasse bajulando. Odiava isso, cortava logo,

desviava o assunto. Que ninguém viesse tentando usá-la como intermediária para chegar ao presidente. Para vê-la irritada, bastava mudar algum programa do Comunidade Solidária inserindo no meio de uma agenda previamente estabelecida algum encontro de cunho político que nada tinha a ver com o Comunidade. Exclamava, irada: “Faço outra viagem só para isso, mas não posso gastar meu tempo em prejuízo do programa que vim cumprir”.

Há um programa pelo qual Ruth tinha muito interesse, o voluntariado. Foi algo muito discutido, eram pessoas que vinham do mundo acadêmico, das ongs, da sociedade civil. O voluntariado é uma ação bastante antiga, principalmente entre senhoras da alta sociedade dispostas à prática da caridade. É uma coisa entranhada na raiz brasileira, surge nas associações religiosas, nos bairros, nas escolas, nas associações esportivas ou culturais, nos comitês políticos, até numa quadra entre amigos. Nos Estados Unidos o voluntariado é algo diferente, é um componente fundamental da ação cidadã. Assim, o Comunidade Solidária decidiu ressignificar o sentido de voluntariado, sem desqualificar as formas generosas de ação inspiradas no desejo de ajudar os outros. Decidiu-se fazer um casamento entre a noção de solidariedade e a de cidadania. A cidadania sozinha é coisa abstrata, a solidariedade sozinha é apenas um ato generoso. “Vamos juntar esses dois mundos”, disse Ruth. Montou-se um projeto, financiado pelo bid, para estimular a criação de centros de voluntariado em várias cidades, a fim de formar gente e desenvolver tecnologias de ação de voluntários — e isso explodiu no Brasil inteiro.

O que faziam esses voluntários? Tudo o que quisessem. Tudo o que fosse necessário. Foi uma coisa inovadora, porque se quebraram as hierarquias. Perguntava-se às pessoas o que elas tinham a oferecer, que bem elas poderiam fazer a alguém com alguma carência — Ler para um cego? Trabalhar numa creche? Tudo bem, ainda que se saiba que uma coisa não é melhor ou mais nobre do que a outra. Quer então trabalhar com causas “maiores”, mais contemporâneas? Com o meio ambiente? Cada qual é voluntário ao seu jeito e maneira, e não existem fórmulas ou modelos. O Programa Voluntários sabia que mobilizar adeptos não era tarefa difícil, as pessoas estão sempre dispostas a ajudar, a participar. Fundamental é oferecer a elas um leque amplo de oportunidades. O que cada um precisava saber e disso se imbuir é que voluntariado é escolha, é ação, é compromisso.

Quando se estruturou o programa, em 1996, havia no Brasil uma ausência de infraestrutura de apoio, devido ao desgaste da palavra “voluntariado”, significando apenas ação de cunho assistencial. Havia isolamento. Faltava diálogo, dominava a ausência de um esforço sistemático de produção de conhecimento, de metodologia de trabalho, portanto, perda de eficiência. E existia, principalmente, desinteresse das empresas pelo voluntariado como componente da responsabilidade social do empresariado.

O desafio era este: como se organiza uma coisa que é espontânea? Uma das ideias foi montar um programa de incentivo, com Regina Duarte como garota-propaganda. Agências de publicidade produziram comerciais e *spots*, valorizando a ideia de participação. Logo se formaram Centros de Voluntariado nas principais cidades brasileiras. Em seguida cuidou-se da elaboração de uma metodologia para a melhoria das ações voluntárias, com seminários, publicações, intercâmbios. Foram elencadas as prioridades: pessoas portadoras de deficiências, segmento de aposentados e idosos, jovens e crianças. A publicação do manual *Como as empresas podem implementar programas de voluntariado*, a parceria com a Rede Globo na divulgação e o aporte financeiro do bndes deram uma estatura física forte ao

programa. Os Centros de Voluntariado nasciam de uma demanda local.

A publicação *Fortalecendo a sociedade, promovendo o desenvolvimento* assinala que “uma pessoa de terceira idade, que tem tempo, vontade de trabalhar e de ajudar os outros, pode se engajar num trabalho voluntário. Isso é ótimo para a saúde psíquica dessa pessoa, ela se sente útil, vive experiências com outros grupos sociais. Os deficientes, os idosos e os jovens são três grupos muito importantes e não podem ser vistos apenas como beneficiários da ação voluntária. Nós queremos vê-los também como sujeitos dessa ação voluntária”. Ou então, “quanto mais uma escola se abre à participação dos pais de alunos e da comunidade, melhor ela é. E a participação dos pais é uma ação voluntária. A entrada da comunidade na escola é uma ação voluntária”.

Ruth Cardoso era intransigente quanto a compromisso: “A partir do momento em que a pessoa diz ‘sim, serei voluntário’, assume o compromisso de fazer, de ter horários e tarefas. Não é aparecer quando dá na veneta, quando tem um tempinho livre. Se você dispõe de quatro horas por semana e oferece essas quatro horas, que seja responsável, sério, porque é uma relação com os outros, haverá pessoas esperando, instituições que precisam de sua presença. Não é só você doando, é você também recebendo, abrindo-se a novas experiências e vivências, se enriquecendo”. Se alguma coisa a tirava do sério era o fato de não se cumprirem compromissos.

Foi criada uma lei para defender as organizações nas quais os voluntários trabalhavam. Muitas vezes um sujeito se apresentava, trabalhava três ou seis meses como voluntário, se desinteressava e saía, ou se desentendia e ia embora e então acionava a Justiça do Trabalho, requerendo direitos. A Justiça sempre dava ganho de causa a eles. Daí as organizações terem medo de receber voluntários. A lei visava proteger os parceiros desses abusos.

Nos anos 1970, viajando pelo interior de Minas Gerais, na cidade de Boa Esperança fui levado à casa da velha Dula, noventa anos, dita a última tecelã da região. Dula tecia colchas, toalhas de mesa e edredons a partir da lã que escolhíamos e comprávamos no próprio carneiro. Ela tosquiava, tingia e tecia. Seu tear era de madeira centenária, abrigado num telheiro ao lado da casa. Dula me confessou: “Este ofício acaba comigo”. Por quê?, indaguei. E ela foi realista: “As meninas não querem aprender, acham as coisas das Casas Pernambucanas mais bonitas e fáceis. O povo também tem ido para as lojas”. Estava chegando ao fim uma época de beleza. Dula morreu em seguida, seu tear apodreceu.

Quando a seca assolou o sertão nordestino em 1998 e se criou o Projeto de Capacitação e Geração de Renda, percebeu-se que o artesanato poderia se tornar uma atividade geradora de renda, já que profundamente ligado ao modo de vida de centenas de comunidades e forte expressão de sua identidade cultural. Mas o que estava ocorrendo, com a modernidade do mundo e as tecnologias se disseminando? Do mesmo modo que as filhas de Dula — aliás, mulheres na casa dos setenta anos — tinham se recusado a aprender a arte da mãe, a maioria dos jovens não se interessava por herdar dos pais e avós aquele conhecimento cultural. Não valia a pena, consideravam. Não se ganha quase nada. Com obras espalhadas por museus do Brasil e do mundo, todavia a vida dos artistas populares continuava inalterada, à beira da miséria.

Um dos problemas que se apresentavam era o escoamento da produção. No Nordeste, ou em Minas Gerais — para citar apenas dois centros mais difundidos —, era difícil um canal para se chegar às

capitais, portanto o ritmo era de pouca demanda e os preços, aviltados. Havia, e este foi um fator complicador, os intermediários, aqueles lojistas de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte etc., que iam buscar esse artesanato, pagavam uma ninharia por ele e o revendiam a preço de peça de *design*.

Quando a grande seca devastou o Nordeste, uma das primeiras perguntas de Ruth à sua equipe foi: “O que podemos fazer, de imediato? Mandar cestas básicas? Tudo bem, precisa. Mas só eu vou mandar? Cestas básicas, não! Isso vai ser feito pelo Ministério de Assistência Social”. Ela tinha uma ojeriza a isso. Mesmo sabendo que em certas horas é preciso dar de comer, ela oferecia resistência à cesta básica, preferia encontrar algo novo, que não fosse assistencialismo. Então foi feita uma pesquisa, no Nordeste e no vale do Jequitinhonha, e vieram as respostas às perguntas: o artesanato estava sobrevivendo com dificuldade, à beira da extinção. O que fazer? Quem são os artesãos? Do que eles precisam? Treinamento? Comercialização?

Novas perguntas se sucederam, equipes foram enviadas para várias regiões, gente com experiência de cidade, para ver como se poderia comercializar melhor os produtos, como aprimorar a técnica dos artistas. Um ângulo que parece pequeno, mas que aposta na capacidade das pessoas, por isso tende a durar, não está condenado a ficar pequeno. Quem ia para o Jequitinhonha era uma pessoa diferenciada, não ia para intervir na criatividade, castrar a imaginação, não ia fazer a cabeça de ninguém, ia compartilhar, auxiliar. Nenhum agente do artesanato foi ensinar a fazer diferente, essas coisas vêm passando de geração para geração e a intenção era fortalecer isso. Recuperar o que estava sendo perdido e aprimorar o trabalho. Aquelas bonecas feita com bucha, ou com pano, ou papel, eram lindas, mas como avançar, valorizar mais o material? A questão sempre foi a potencialidade, era esse o ponto no qual Ruth Cardoso batia. Identificar e fortalecer potencialidades, desenvolver quem executa, quem cria. Desse modo, foi montada uma central de vendas para quebrar o intermediário e canalizar o máximo de rendimento para o artista local. Quebrar o intermediário mas sem criar atritos, procurando encontrar outros tipos de canais.

Parcerias funcionaram com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Funarte, com seus pesquisadores selecionando municípios e orientando artesãos que passaram a integrar o Artesanato Solidário. O projeto foi iniciado com os trabalhos em Candeal (mg), onde se montou o Galpão dos Oleiros, e rapidamente a cerâmica começou a ser revitalizada em outras localidades mineiras, como Campo Alegre de Minas e Coqueiro do Campo, em São Mateus, no Espírito Santo, em Tracunhaém, em Pernambuco, Rio Real e Irará, na Bahia, em São João da Varjota, no Piauí. Os brinquedos da Paraíba, cuja produção era desorganizada e escassamente comercializada, começaram a ser disseminados pelo Brasil. A renda irlandesa, feita pelas sergipanas de Divina Pastora, passaram a fazer parte da alta moda — foram vistas até nas passarelas da Fashion Week. O labirinto, trabalho difícilíssimo, complexo, mistura de renda e bordado do Rio Grande do Norte, foi redescoberto. Em cada lugar, os consultores do Artesanato orientavam as artesãs a procurar revitalizar técnicas e aprendizados do tempos das avós e bisavós, e assim se recuperou muita técnica desaparecida. O programa, em alguns anos, atingiu 66 localidades de treze estados brasileiros. Muitas questões foram tratadas, como as relações interpessoais, o uso sustentável dos recursos naturais, o aproveitamento do lixo, saúde, educação, cidadania e autoestima.

Na onu, no Banco Mundial, no bid, eles viam em Ruth a possibilidade de falar com uma pessoa que

estava seriamente interessada em problemas sociais, em como investir aqui, como ajudar, mesmo quando não davam dinheiro. Eles a ouviam com respeito. A certa altura, a União Europeia decidiu dar dinheiro para o Artesanato Solidário, mas impuseram tantas condições, mudaram tanto o projeto, que Ruth recusou a oferta. Malak El Chichini, que transitava à vontade nesses meios, tinha dito a eles que não interferissem. Houve bons resultados quando o bid ajudou o Capacitação Solidária.

Muitas vezes Ruth fez questão de acompanhar seus agentes, e passava horas em cada localidade, sentada ao lado daquelas senhoras de mãos habilíssimas (85% delas praticam o artesanato), conversando, perguntando, às vezes tentando fazer, aprendendo. Os que a conheciam, os que estavam próximos, íntimos mesmo, não sabiam, no entanto, daquela Ruth, criança em Araraquara, na casa da Vó Vizinha, fascinada enquanto a velha senhora “entiotava” rendas. Se soubessem, entenderiam melhor Ruth. Uma bela definição do que Ruth fazia com o artesanato foi expressada por Celso Lafer: “Ela conseguia trazer o sujeito lá do Piauí, ou de onde quer que fosse, para uma dimensão mais ampla do que sua localização”.

## Mulher, a promotora da mudança no mundo

No ano de 1995, Ruth chefiou a delegação brasileira à iv Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, em Pequim, na China. Ela foi acompanhada pela embaixadora Thereza Quintella e por Rosiska Darcy. Na China, iriam se reunir com mais 180 delegações de todo o mundo e representantes de 2.500 ongs, e Ruth então divulgaria o Plano Estratégico de Ação no Brasil. Mais de quinhentas mulheres brasileiras embarcaram para Pequim às próprias custas.

A viagem foi uma aventura. O discurso foi sendo preparado no meio do caminho. Como não havia tempo para nada, tudo era feito correndo. Fizeram escala em Zurique, foram para o hotel e trabalharam por horas no texto. Ruth e Rosiska se relacionavam mal com o computador, de maneira que chamaram Vilmar Faria e Miguel Darcy, que formataram tudo. Na releitura, Ruth reclamou de um trecho acrescentado por Rosiska entre duas vírgulas: “Não vou ler isto! Quem fala assim é você. Não eu!”. “Leia, Ruth! Para empolgar a plateia. Não pode ficar lendo uma coisa acadêmica, monótona. Tem de dar força.”

Põe, não põe, põe, tira, põe, afinal o trecho ficou, Rosiska venceu a parada, talvez pelo cansaço — se Ruth firmasse o pé, o trecho não entraria. De qualquer maneira, ela não gostou muito. Terminado o discurso, mortos de fome, decidiram sair para jantar. Ruth ficou, estava preocupada, ia falar no dia seguinte. Rosiska, Miguel e Vilmar foram em busca de um restaurante e avisaram a Ruth que não mexesse no computador, o texto estava na agulha, afinado. Ao voltar, deram com Ruth lívida: “Fui mexer, sumiu tudo. Desapareceu”.

Miguel e Vilmar sentaram, levaram horas, recuperaram o texto já na madrugada. Ela ficou acordada, cara de criança culpada: “Eu só queria ajeitar para ficar mais bonitinho”. No dia seguinte, Ruth subiu à tribuna e começou a ler. Quando chegou ao tal trecho entre vírgulas que Rosiska tinha escrito, a plateia ergueu-se em aplausos. Ela localizou Rosiska, desviou o olhar e começou a rir, não parava de rir, ninguém entendia, precisou tomar fôlego e retomar sua fala, evitando olhar para a amiga, e foi assim até o fim do discurso. Ela sabia ter humor.

Inquieta, certo dia sem programação, ela começou: “E o que vamos fazer? Ficar paradas aqui?”. Decidiram ir para Xi’an conhecer o Exército do Imperador Oin, também conhecido como os Guerreiros de Terracota. A embaixadora Thereza Quintella fez as conexões. Ruth pediu uma viagem sem rituais oficiais, sigilosa, e lá se foram. Ruth se vestiu informalmente, de tênis e camiseta branca, bem à vontade. Lá chegando, quando pôs o pé no primeiro degrau da escada para descer até as escavações, teve um ataque de riso — um tapete vermelho, autoridades perfiladas e dezenas de bastidores de prontidão.

Rosiska recuou: “O que é isso?”. E Ruth: “Para mim, claro. Para quem vai ser?”. Respirou fundo e, impávida, percorreu o tapete vermelho, de tênis e camiseta. Essa impossibilidade de um minuto de privacidade às vezes a incomodava, ainda que soubesse que fazia parte do cargo que ocupava.

Falando à tv Globo no dia 9 de setembro de 1995, Ruth Cardoso avaliou que “uma vez mais ficou constatado que a pobreza atinge mais as mulheres do que os homens no mundo contemporâneo. Ela afeta diferentemente as mulheres porque elas são chefes de família, e vejam que aumentou o número de mulheres chefes de família e, principalmente, porque os salários das mulheres, em todos os países do mundo, continuam sendo menores do que os dos homens. Estou vendo emergir dessa conferência, e disse no meu discurso, uma nova consciência de que a questão da mulher é uma questão da humanidade toda, e que a mulher não é só uma vítima da discriminação, mas ela é a promotora da mudança no mundo. Essa nova visão do feminismo faz uma ligação muito mais articulada entre combate à pobreza e igualdade das mulheres. Este é um enriquecimento da agenda feminista, que vamos levar para o Brasil, onde já estamos, de certa maneira, trabalhando conjuntamente a questão da pobreza e a questão da mulher. Vamos ter de avançar mais nessa direção”.

Cinco anos mais tarde ela presidiria o Comitê Nacional Pequim +5, uma conferência realizada em Nova York.

Numa das primeiras entrevistas coletivas que deu, Ruth tentou fazer um acordo: “Vamos ter de discutir até onde vocês vão. Porque só vou falar com vocês quando tiver o que falar”. Ficou uma saia justa, uma situação delicada, criou-se certa animosidade. Mas aos poucos ela foi ganhando a imprensa, que passou a ter outra postura. Até a revista *Caras* ficava o tempo todo atrás dela, ali na cola, tentando pegá-la numa situação assim ou assado. Ruth em Brasília nunca abriu mão das coisas dela.

O grande problema com a imprensa, com o fato de ser primeira-dama, foi a exposição pública da vida pessoal; ela pensava nas consequências que isso teria para os filhos e para os netos. Era a invasão de uma vida que ela preservou por tantos anos, uma agressão à independência dela. Ruth sempre foi *low profile* e, de repente, essa invasão tornou-se permanente, cotidiana.

Uma vez, em São Paulo, precisava fazer compras — havia um casamento, ou o aniversário de alguma criança. E os jornalistas ali, diante do prédio, dia e noite. Ela desceu, olhou para aquele paredão de fotógrafos, sorriu e pensou algo que repetia para os íntimos: “Ninguém sabe quanto sou capaz de ser teimosa”. Saiu tranquilamente, o batalhão atrás. Foi para os Jardins, em seguida para os shoppings. Caminhava, entrava em todas as lojas — ficava um pouco, saía, entrava em outra. Não comprava nada, apenas conversava. Entrava e saía, entrava e saía, dando canseira neles todos. Então os jornalistas começaram a desistir, um a um foi desertando. Quando viu que não tinha mais ninguém, ela começou realmente a fazer as suas compras.

Ruth não ficava na defensiva com a imprensa por mero acaso ou picuinha, na terminologia araraquarense. Precisava estar sempre alerta. Certa vez, durante uma coletiva, um repórter avançou com o microfone na mão, até se postar diante dela. Rosiska percebeu a manobra, escreveu num papel “cuidado, aborto”, e colocou-o na frente dela. Era um momento delicado, tenso, nas discussões sobre a descriminalização do aborto, tudo conduzido com cautela por causa das posições da Igreja e do Congresso. Não deu outra, o repórter jogou o microfone e fez a pergunta. Era sobre o aborto mesmo.

Rosiska levantou-se, deu por encerrada a entrevista, o jornalista ficou furioso, Ruth agradeceu e saiu.

Complicado, no entanto, foi durante a visita do papa João Paulo ii ao Brasil em outubro de 1997. Corria no Congresso a discussão sobre o aborto e Ruth Cardoso foi visitar uma obra na Rocinha, no Rio de Janeiro. No momento em que entrou no carro para ir embora, um repórter enfiou o microfone pela janela do carro:

— Qual a influência do papa na votação do Congresso?

— A influência do papa na votação do Congresso é zero.

No dia seguinte a declaração estava na primeira página dos jornais, logo na chegada de João Paulo ii. No Rio de Janeiro haveria um encontro entre Fernando Henrique, Ruth e o papa. No grupo de brasileiros foram incluídos Rosiska e Miguel Darcy. Os casais, para estarem junto ao papa, deviam ser casados, e os únicos casados da *entourage* eram Rosiska e Miguel. Tensão no ar, afinal Rosiska era do Conselho da Mulher, que se batia pelo aborto. Aqueles cardeais todos e o grupo se aproximando. Um deles, ao olhar para Miguel, comentou: “O senhor parece muito com uma pessoa que conheço”. Miguel deixou escapar: “Em geral dizem que me pareço com Fidel Castro”. Pronto, aborto de um lado, Fidel Castro do outro. Estavam bem-arranjados em matéria de saia justa. Todos riram nervosamente, para aliviar o clima, e se lembraram do dia em que, na onu, o papa tinha interpelado Maria de Lourdes Pintassilgo, a mulher que ocupou o cargo de primeiro-ministro em Portugal. Portanto, já havia um precedente de provável animosidade pública. A cada passo, a ansiedade aumentava. Finalmente viram-se frente a frente com Sua Santidade. João Paulo ii foi simpático, deu presentes, tirou fotos. Ele era um homem grande, com muito carisma. Bonito, mesmo aos 88 anos, impressionou como personagem, concluíram todos. Elegâncias de parte a parte, nada foi mencionado, sorrisos, Igreja e Estado reconciliados. No dia seguinte, os jornais estamparam uma foto de Ruth que ela detestou, de óculos escuros e os cabelos revoltos pelo vento. Logo ela, que jamais perdeu a postura e sempre aparecia bem penteada, impecável.

Foram inúmeras as viagens internacionais protocolares. No voo, as malas privadas do presidente e da primeira-dama vão dentro do avião, porque eles desembarcam já vestidos para a cerimônia de recepção. No início, fhc e Ruth viajavam num avião da fab, depois se alugava um avião da tam adaptado — tinham nos voos uma cabine com cama e chuveiro. Para cada lugar que iam havia as exigências formais. O que vestir, os presentes a levar, como agir. A viagem à Inglaterra, em 1995, ficou célebre, por ser um país cheio de tradições e ornamentos. Precisa-se usar chapéu, luva, o comprimento do vestido é determinado, a cor é especificada, a reverência diante da rainha, o modo de estender a mão, a distância de cada pessoa, os rituais fossilizados. Apesar de toda a rigidez, Ruth comentou com Gilda Portugal Gouvêa que enfrentava tudo com naturalidade, porque tinha colocado na cabeça “que era como o enredo de uma escola de samba. Não te dão o enredo, não existe um papel para você, tudo o que há a fazer é colocar a fantasia, entrar na ala e sambar. Não é você que decide a cor, a fantasia foi desenhada por outro que não te conhece, ela está pronta, você entra nela. Então, é assim que vejo, entrei no enredo, vou fazer tudo o que me mandarem, vou entrar na avenida”.

Um problema foi a questão dos chapéus — ela deveria levar ao menos três, para ter opções. Assim, indo a Nova York por uma semana, para resolver questões do Comunidade Solidária, aproveitou a

oportunidade. Mas o que a incomodava era que vinham as mulheres dos diplomatas, os secretários, gente do cerimonial, a assistente de não se sabe quem, e ela ficava rodeada por uma corte que a acompanhava, e dava palpites. Queriam ajudar, compre um Armani, compre um Dior, desconhecendo a natureza de Ruth e sua independência. Numa loja, certa tarde, quando viu que tinha em volta dela cinco mulheres dando palpites, ela disse: “Por hoje, chega”. Voltou no dia seguinte, acompanhada da amiga Maria do Carmo Sodré, de quem gostava e em quem confiava, e escolheu o chapéu.

No final, a viagem à Inglaterra foi simpática. Quando viram os filmes e os noticiários na volta, acharam curioso e divertido perceber que quando Ruth chegou, a rainha olhou-a de alto a baixo, medindo-a, curiosa com o fato de ela ser uma intelectual de nomeada. Ruth apenas não fez a reverência protocolar por causa de um problema no joelho — se o joelho dela fosse, não voltava. Para os jantares em Buckingham, ela usou um modelo de Lino Villaventura, em que entravam rendas do Nordeste, e um de Marie Toscano, que durante toda a Presidência fez para ela vestidos muito elegantes. Quando não eram presentes, porque todos eram amigos pessoais, Ruth fazia questão de pagar de sua conta pessoal.

Em Londres, circularam em carruagens, Fernando Henrique ao lado do príncipe Philip, Ruth junto à rainha. Conto de fadas para a mulher de Araraquara, a quem o mundo se inclinava. Em Buckingham, onde ficaram hospedados, se divertiram com as peculiaridades que revelavam os bastidores da nobreza. Por exemplo, o vaso sanitário era tão camuflado, tão escondido, que custaram a encontrar. Era oculto num pequeno móvel. Os seguranças ficavam num andar diferente, mas se revezavam de tantas em tantas horas. Foram avisados de que os cachorros da rainha ficavam soltos e costumavam seguir as pessoas. Que tomassem cuidado. Toda a noite se viu segurança fugindo de cachorro e procurando porta para se esconder.

Ruth tinha convidado Regina Meyer para fazer parte da comitiva, porém a amiga não foi. Na volta, só para espicaçar, Ruth passava horas descrevendo a corte inglesa, as roupas de cada um, os detalhes, o dourado de tudo, parecendo escola de samba. Observadora, descreveu até mesmo a arrumação das toalhas nos banheiros. Ela adorou a Rainha Mãe, velhinha simpática, pareceu-lhe a pessoa mais interessante dali, viva. Referiu-se igualmente de maneira positiva à irmã de Elizabeth, a princesa Margareth, que viveu sempre em conflito com a Casa Real, primeiro ao se apaixonar por um plebeu, Peter Townsend, da Real Força Aérea, ligação que foi cortada pelo palácio. Mais tarde, Margareth acabou se casando com Tony Armstrong Jones, um fotógrafo de moda que recebeu um título de nobreza, Lord Snowdon, porém o casamento naufragou. Margareth era uma mulher liberada, célebre pelos muitos *affairs*.

Um banquete em Pequim adquiriu contornos surrealistas e Ruth descreveu-o aos amigos nos mínimos detalhes. Eram pratos chineses, claro, mas não negociados com o cerimonial brasileiro. Serviram primeiro pintinhos que vinham com os pés para cima dentro de um consômê; eles eram recheados por barbatanas de tubarão. As luzes do salão se apagaram e entraram trezentos garçons carregando, cada um, um leitãozinho frito numa bandeja. Cada leitão tinha luz no lugar dos olhos, alimentada por baterias velhas que lhes davam um ar lânguido.[\[129\]](#)

Ao chegar ao Japão, foram recebidos no aeroporto pelos imperadores. A imperatriz, toda de amarelo,

aproximou-se de Ruth e disse: “Escolhi o amarelo porque é a cor do ipê, a flor nacional do Brasil”.

Foi uma revelação para Ruth e a comitiva. O presente para a imperatriz teve a mão de Ruth: uma plaquinha de jacarandá com aplicações de pau-brasil, café, ouro e rubis. O café era referência aos imigrantes japoneses que vieram para o Brasil e foram trabalhar nas lavouras.

Por anos, fhc e Ruth se lembraram do banquete no palácio imperial. O chefe de cerimonial alertou o presidente: “Vão tocar os hinos de cada país. Quando o senhor levantar o copo, o senhor se levanta também e então ouve o hino nacional. Mas não pode beber. O senhor deixa o copo na mesa e só bebe no fim, porque tem o outro hino, de novo o copo, levanta, espera”. Começada a cerimônia, o presidente se levantou, ergueu o copo, começou o hino, ele bebeu. O hino parou. Começou de novo, ele se levantou, ergueu o copo, bebeu. O hino parou. Só deu certo o ritual na terceira tentativa. Um dos problemas é que havia cerca de trinta copos à frente de Fernando Henrique na mesa. Ruth ficava cutucando o embaixador Fred Araújo: “Fala para ele, explica”. Pequenas nuances que suavizam com humor o formalismo às vezes rígido.

Istambul, em 1996, foi uma viagem que Ruth relatou em incontáveis encontros com as amigas. Ela foi convidada por Boutros-Ghali para integrar o grupo mais do que seletivo de doze personalidades nomeadas assessoras especiais do secretário-geral da onu, durante o evento em que foram entregues os prêmios aos responsáveis pelas doze melhores práticas urbanas. Nesse encontro, Ruth presidiu a mesa cujo tema era “Diálogo sobre a democracia e a solidariedade”.

Em 1998 estavam em Madri e houve um banquete só para brasileiros na embaixada. Naquele momento ligaram de Brasília para comunicar o falecimento do senador Luís Eduardo Magalhães, filho de acm. Fernando Henrique telefonou, conseguiu falar com acm, avisou que estava interrompendo uma visita de Estado para acompanhar o sepultamento. Ele tinha especial apreço por Luís Eduardo, altamente cotado para ser presidente em 2002. O funeral foi atrasado, esperando o presidente. A ligação com Luís Eduardo era tão forte que o próprio acm parecia sentir ciúme dessa amizade.

A cada viagem, Ruth chamava logo Fred Araújo. Davam-se bem, tinham o mesmo tipo de humor, a maneira de ser: “O que vamos presentear agora?”.

Os presentes para os chefes de Estado tinham sempre um dedo de fhc ou de Ruth. Eles preferiam livros raros, documentos, gravuras, e contavam para isso com a assessoria de Pedro Corrêa do Lago. O presidente da Itália recebeu um original com anotações do barão de Rio Branco, que escrevia artigos para o *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, e que eram traduzidos na Itália. Menem, da Argentina, ganhou um manuscrito de San Martín atestando que ele tinha nascido em Yapeyú, desfazendo dúvidas históricas.

A rainha da Inglaterra deveria receber uma coleção das aquarelas de Margaret Mee, mas pertenciam ao Banco Real e o custo era altíssimo. Então foram dadas gravuras e aquarelas sobre botânica, pintadas por Dulce Nascimento, que tinha estudado em Kew Gardens. Portanto, havia uma relação com a Inglaterra.

Para a visita à Bélgica, as joias que Ruth usou tinham sido de dona Mary, mulher de Epiácio Pessoa, e pertenciam ainda à família. Quanto à Holanda, depois de consultas ficou acordado — porque tudo é negociado — que a rainha ia receber Ruth sem chapéu. As histórias que o embaixador Fred Araújo tem

são uma vasta antologia. Na hora em que desembarcou, Ruth olha e o que vê? A rainha com o maior chapéu. “Estão vendo, me disseram para vir sem chapéu e a rainha está com o dela. E agora?”

Ninguém se esqueceu da visita a Bruges, histórica cidade medieval belga, chamada a joia de Flandres. Houve um banquete na prefeitura que durou três horas e meia. Interminável. Assim que acabou, as portas se abriram e os convidados saíram para a praça principal da cidade. Todos se despediram, um ônibus parou, abriu a porta, Ruth olhou e, tão ansiosa para voltar ao hotel, correu até ele e entrou. A porta foi fechada e o ônibus partiu. Acontece que aquele era um circular da cidade, transporte público comum. Num ônibus, assim que se entra, ou pouco depois, se paga a passagem. O motorista olhou para ela, esperou o dinheiro, ela olhou para o motorista, e de repente entendeu a situação — caiu na gargalhada. Nesse momento os seguranças já tinham rodeado o ônibus. Resgataram Ruth.

Celso Lafer serviu em Genebra como embaixador do Brasil durante anos e ali era um lugar que Ruth gostava de chegar, ficava relaxada. “Aqui estou à vontade, faço o que quero, ninguém me impõe nada, não estou presa por esta armadura que o cerimonial coloca. Em Genebra, faço o que quero, sento-me e converso horas com Mary, despreocupada de horários. Sento-me na varanda e leio, ninguém preocupado em me providenciar uma atividade, ninguém fica me mostrando o que sabe, o que conhece, como tal lugar é sofisticado.” Ruth ficava ouvindo repetidas vezes um disco de Eliete Negreiros, decorou todas as letras, cantava junto. “Foram deliciosos esses momentos que ela passava com a gente, permanecia três ou quatro dias.”[\[130\]](#)Ruth cantando é uma imagem que também Rosiska Darcy recuperou. Uma vez, quando Rosiska fez 55 anos, recebeu amigos em sua casa no Rio de Janeiro. Depois do jantar, Ruth sentou-se na varanda a cantar “Lua branca”. Era afinada, cantava bem.

Em Genebra, Mary e Ruth entraram numa galeria onde havia uma loja com coisas bonitas e divertidas. Ruth deu uma bolsa de presente a Mary. A vendedora, ao ouvi-las falando português, se apresentou, era também brasileira.

— Sou de São Paulo. E as senhoras?

— Somos também de São Paulo, mas moramos em Brasília.

— Brasília? Mas por que moram lá? É um lugar horrível.

— Moramos lá porque nossos maridos trabalham lá. Fazer o quê?

No final, tiveram de se identificar e Mary acrescentou:

— O marido dela é o presidente Fernando Henrique Cardoso.

— Não sei, sabe? Estou fora há muito tempo.

Houve duas visitas que Fernando Henrique e Ruth adoraram nesse período em Genebra. Uma delas foi ao Museu Voltaire, a outra, à Fundação Martin Bodmer, em Cologny. Bodmer, um ex-presidente da Cruz Vermelha, possuía uma coleção fantástica de obras raras que iam de plaquetas cuneiformes a papiros egípcios, manuscritos medievais, a *Bíblia* de Gutenberg e outros, e para preservar os 150 mil documentos criou uma fundação. Sobre o túmulo de Bodmer, no cemitério de Cologny, há uma frase de Sêneca, que está nas *Cartas a Lucílio*: “Aquilo que terás feito de tua vida, veremos no momento em que a perderás”. Ao sair da Fundação, viram-se todos diante de uma coletiva de imprensa. A certa altura, fhc,

com humor, declarou: “Ruth e Celso só gostaram da Fundação porque descobriram um manuscrito raríssimo — ou um livro, me parece —, em que há uma referência a Araraquara. Porque os dois ficam o tempo todo falando de Araraquara e puderam verificar como essa Fundação é da maior qualidade, tanto que tem referências àquela cidade”. Os suíços procuram entender o que ele disse até hoje.

Malak El Chichini Poppovic, por sua experiência internacional, fez uma série de viagens com Ruth Cardoso. Ela fez parte da un Foundation e teve vários encontros com Ted Turner, um homem fissurado no relógio. Começa às oito? Às oito ele estava sentado à mesa. Aos poucos ele se acostumou com Ruth, que jamais chegava na hora, mas nada exagerado, cinco, dez minutos de atraso. Apesar disso, tinham boa relação os dois, ele gostava muito dela. Quando havia discussões em que não estavam chegando a lugar nenhum, ele dizia: “Agora, vamos ouvir a Ruth”. Os debates eram principalmente sobre para quem iam dar dinheiro, de que maneira, como seria o monitoramento. Havia grupos que só queriam para o meio ambiente, mudanças climáticas, enquanto Ruth pendia para os problemas sociais, direitos humanos, crianças. Ted dizia que era mais fácil dar dinheiro do que bens.

Ruth odiava quando marcavam reuniões cedo, logo às oito da manhã. Mesmo às nove ela resmungava. Quanto à questão dos atrasos, o pessoal que trabalhou com ela diz que o problema é que Ruth nunca sabia como acabar uma reunião, deixava as conversas se estenderam, não dizia fim, acabou, não tem mais, fechando a pasta, levantando-se da mesa e seguindo para a reunião seguinte.

Ninguém em Brasília comentou a ausência de Ruth no início de 2000. Ela sumiu de Brasília e somente uns poucos souberam de seu paradeiro. Foi para Berkeley, Califórnia. Fez questão de ir sozinha e de morar num pequeno apartamento bonitinho, mas simples. Caminhava diariamente até a universidade. Raramente pegava um táxi, só quando chovia, hábito que surpreendeu enormemente o então embaixador Rubens Barbosa e sua mulher, Maria Ignez. Na verdade, era um grande problema, uma vez que ela era uma primeira-dama e não podia dispensar a segurança e todo o aparato oficial em torno dela.

Ruth não deu curso. Fez o que planejava há muito tempo, na solitude e sem formalismos. Sempre repetiu a Bibia Gregori que “precisamos, de tempos em tempos, de um período de solidão, essencial para uma reciclagem, um repensar, ou testar se conseguimos viver sozinhos conosco”. Leu, pesquisou, escreveu artigos de antropologia, sua grande fonte de prazer, encontrou colegas das ciências sociais, e, sobretudo, fez palestras sobre o Comunidade Solidária, com grande entusiasmo. Lourdes Sola, que se encontrava lá na mesma época, juntou-se a ela muitas vezes em jantares, em compras em San Francisco, em visitas aos museus. San Francisco lembrava-lhe o filme de Alfred Hitchcock, *Um corpo que cai* (*Vertigo*), com James Stewart e Kim Novak, um de seus trabalhos mais complexos. Divertiu-se e ficou fascinada com o documentário *Buena Vista*, de Wim Wenders, que acabou sendo um sucesso mundial, ao recuperar a música de um dos grupos musicais mais instigantes de Cuba. Quando descobriram que o Buena Vista ia se apresentar em San Francisco, correram para lá e conseguiram os ingressos. Diz Lourdes que o difícil foi se conterem para não dançar junto com a plateia, que estava a toda.

Houve, na época, um grande seminário internacional sobre o Brasil, com um mix no mínimo curioso: Ruth Cardoso, Marina Silva, Raul Jungmann, os sindicalistas Marinho e Medeiros, Antônio Barros de Castro, Jorge Wilhelm, Vilmar Faria e Lourdes Sola. Pelo lado brasileiro. Pelo lado americano, além de

Líderes sindicais, o que ficou na memória de Lourdes Sola foi a intervenção da democrata Nancy Pelosi, a atual *speaker* da Câmara dos Representantes, que acaba de liderar a reforma da saúde no Congresso dos Estados Unidos.

Ver filmes sempre foi um dos divertimentos no Palácio da Alvorada. Eventualmente produtores e diretores brasileiros levavam suas produções em *avant-première* e então havia convidados especiais, a sala se enchia. Uma dessas estreias foi *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, com a presença do escritor Paulo Lins, autor do livro. No dia a dia, todavia, reuniam-se a família e alguns empregados mais chegados. Pedro Paulo Poppovic, que estava em Brasília, ia muito ao palácio. Vilmar Faria também, e Pedro Malan, que já era amigo de antes, Luiz Felipe Lampreia, Mary e Celso Lafer. Ruth recebia um catálogo de filmes e indicava os que desejava. Em geral, era Luciana quem ia buscar nas locadoras um lote que durava dias. Tudo com a nota fiscal e o dinheiro do próprio bolso. Não se usava o dinheiro público. Luciana confessa que aprendeu a gostar de musicais acompanhando a mãe, desde criança. As duas adoravam, iam muito ao cinema. Muitas e muitas vezes, quando os netos estavam em Brasília, em algum feriado, ou em férias escolares, Ruth pegava a *troupe* e ia por sua conta — entrava na fila e recusava qualquer mordomia.

Tanto em viagem quanto em São Paulo, quando amigos a visitavam ou jantavam, Ruth de repente se levantava e perguntava: “Agora vamos ficar parados? O que vamos fazer?”.

Se estavam em viagem, saíam para museus, eventualmente para lojas. Durante o governo, Rosiska Darcy ia para Brasília e ficava até a quinta-feira, e então regressava ao Rio de Janeiro. Todos os dias, ao sair do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, ela ia para o Comunidade Solidária e faziam um balanço do dia. Uma noite, cansada, depois de um dia cheio de problemas, Rosiska comunicou: “Está ficando pesado, Ruth! Vou voltar para o Rio de Janeiro. Brasília é muito chata, além de tudo”.

Ruth ouviu um rosário de queixas com um leve sorriso nos lábios. Quando Rosiska terminou, ela disse apenas isto: “Engraçado! E eu que pensava que esta era a aventura da nossa geração. Você vai voltar lá, ficar quieta e aguentar este negócio até o fim”.

Ela trabalhava muito. Uma noite, terminado o expediente do Comunidade, as duas saíram e Ruth bateu a mão na testa: “Tem uma recepção para as embaixatrizes de todos os países. Vamos correr”. Era uma recepção anual comandada pela primeira-dama. Chegaram ao palácio, entraram por uma porta dos fundos, Ruth subiu, trocou de roupa, se arrumou toda e desceu, fresca e lépida, para receber as embaixatrizes, como se nada tivesse acontecido. E tinha sido um dia puxado, desde a manhã.

Havia, de tempos em tempos, um café com as embaixatrizes. Regina Meyer acompanhou Ruth algumas vezes e conta que era um encontro de um tédio mortal, uma coisa sem graça e que isso fazia parte, sempre tinha sido assim e continuaria a ser. Nessa tarde, havia um café para as embaixatrizes do mundo árabe. Lá estavam todas aquelas mulheres, muito quietas, as mãos cruzadas sobre os joelhos, a conversa não saía, não fluía, silêncios longos. Somente uma delas falava inglês, algumas arranhavam uma palavra de português, ainda que houvesse intérpretes para um socorro. Uma coisa encrencada. Eram vinte pessoas no máximo, sentadas em poltronas, um sofá maior, banquinhos, enquanto funcionárias do palácio serviam canapés. “Então, está gostando de Brasília? Muito seca a cidade, não?” E pronto, a conversa parava. De repente, a dona de casa que havia em Ruth emergiu: “Tenho muita curiosidade de saber uma

coisa. Vocês todas são de países onde se toma muito café. E me contem, quero muito saber como é que cada uma prepara o seu”.

Foi um alvoroço. De um minuto para o outro, todas elas destravaram, se tornaram faladeiras, começaram a dar depoimentos, riam, se animaram, foi preciso organizar a conversa e acabou sendo muito interessante. Ela se demorou relatando a maneira de fazer café em Araraquara, como a mãe e as tias faziam, o café para um ou para dois, na medida exata. Ruth tinha essa capacidade, diz Regina, de sacar, levantar um assunto pelo qual todos se interessariam, era a inteligência ligada à visão prática de mundo. Tirava leite da pedra.

Quando Hillary Clinton veio ao Brasil, Ruth, que gostava dela, convidou-a para um encontro reservado. As duas se davam bem porque ambas tinham projetos em defesa da mulher. Era uma coisa fechada e Hillary chegou com quatro acompanhantes. Do lado brasileiro estavam Ruth, Rosiska, Malak, Marina Silva e Teresa Caldeira. Falaram dos trabalhos do Comunidade Solidária, do Conselho dos Direitos da Mulher e então Marina Silva começou a contar a sua história. Falava em português com tradução e as americanas ficaram fascinadas. Uma trajetória que pareceu uma epopeia, rara. Hillary, impressionada, perguntava e perguntava. Havia naquela sala uma corrente de verdade que permeava todos e emocionava. Uma das assessoras de Hillary não se conteve: “É uma coisa fantástica”. Rosiska acentuou: “Pois sem o movimento feminista não teria sido possível. Ou seja, vinte anos atrás não teria acontecido, seria um chazinho com bolachas, não uma conversa densa sobre dificuldades”.

Certo dia, Ruth sumiu no Alvorada, desapareceu das vistas dos seguranças, foi andar, andar, andar. Só para mostrar que eles não tinham controle sobre ela. Também para fazer picuinha, como boa araraquarense, aquela coisa de “vocês não são tão bons assim!”. Ela saiu caminhando e eles a perderam, foi um desespero. Em outro dia, ela e Luciana saíram caminhando e também desapareceram. De repente, ela apareceu e foi um auê: “Viu? Viu só? Vocês não viram que eu saí?”. Tipo transgressão, sabe? “O negócio do palácio era assim: você estava no banheiro, entrava um cidadão para colocar papel higiênico, era público! Por quê? Porque quem manda é o Itamaraty, o Serviço Secreto de não sei o quê.”

Uma noite, em São Paulo, ela telefonou para Regina e foram ao teatro. A segurança em volta, atenta. Mas era uma peça em que havia nudez, nu frontal, e ela subitamente percebeu o constrangimento das moças que faziam a segurança. Levantou-se e liberou-as: “Se quiserem, me esperem ali fora”. Elas saíram rapidamente, aliviadas.

Por algum tempo, havia as visitas à fazenda de Goiás. Nos anos 1980, fhc vendeu a casa de Picinguaba e, estimulado por Severo Gomes e Sergio Motta, comprou uma fazenda a oitenta quilômetros de Brasília. Eram terras baratas, o hectare custava um par de sapatos na época. Mas ele não tinha dinheiro para tocar a fazenda, e então indagou de Sergio Motta se ele não queria ser seu sócio. Motta aceitou, *fifty-fifty*, US\$ 25 mil para cada um. Com o tempo Fernando Henrique foi investindo lá dinheiro de senador, “a época em que eu tive mais dinheiro”, mais os minguados vencimentos da aposentadoria, juntando com parte do salário da Ruth. Quando Sergio morreu, Fernando Henrique tinha apenas 28% da fazenda, porque não tivera fôlego para acompanhar os investimentos do amigo. Foi então que Jovelino Mineiro, que era

fazendeiro, comprou a parte do Sergio, porque a Wilma, mulher de Sergio Motta, disse: “Não vou tocar fazenda”. Logo em seguida vendeu-se a fazenda para um plantador de soja.

“Bom, a Ruth não era muito favorável à fazenda, por quê? Porque Ibiúna era dela, ela mandava, era dela e de mais ninguém. Em Goiás tinha o Sergião, que mandava também, então, como é que faz? Ruth nunca incorporou a fazenda, porque ela era uma pessoa que mandava. Em Ibiúna ela mandava, ela gostava, ela adorava o jardim, a horta, as plantas. Luciana, por sua vez, diz que as viagens até a fazenda eram complicadas, em geral iam de helicóptero, havia a eterna questão da segurança, imagine o presidente ficar sozinho no sertãozão? Isabel, filha de Luciana, adorava, porque, curtindo cavalos e praticando hipismo, a fazenda era o paraíso.”[\[131\]](#)

Tanto fhc quanto Ruth refletiam sobre o fato de um presidente ser um prisioneiro de luxo. “Às vezes, aos sábados, andávamos a pé pelo parque, mas era complicado; a não sei cada quantos metros, passávamos por um guarda com fuzil. Era uma vida aborrecida também pra eles, rapazes jovens e pobres da periferia, houve o caso de dois que se suicidaram, espremidos pelo tédio. Não tinha graça nenhuma passear e dar com aqueles jovens, e ainda perceber a segurança que nos seguia a uma distância prudente. Não havia privacidade, era a sensação constante de estarmos vigiados. Para variar, outras vezes, íamos ao jardim da frente, e então éramos observados pelo povo, pelos turistas, pela imprensa que ficava esperando não se sabe o quê. Se você decide ser simpático e se aproximar do povo, os seguranças ficam nervosíssimos. Saíamos com os netos, eles gostavam de assistir à cerimônia de hasteamento da bandeira, com os toques de clarins. A vida era isso, enfim, curiosamente doméstica, porque você não pode sair, não tem para onde ir em Brasília, a imprensa não deixa, vai atrás. Nunca fomos a um clube comer fora, era complicado, cinco minutos depois que você se sentava chegavam os fotógrafos avisados pelo dono. Ou o próprio dono cheio de rapapés.”

Sobre a estrutura e o poder, com sua mordacidade, um dia Ruth deu exemplo do que isso significava: “Você entra num espaço, cheio de figuras do primeiro ao último escalão, olha para o teto e comenta como quem não quer nada: puxa, não tem uma vaca neste teto? No dia seguinte, ao entrar no salão, vai descobrir que alguém colocou uma vaca no teto”.

No Cebrap, Ruth trabalhava numa sala ao lado da escada, e Bibia Gregori e Rodrigo Naves gostavam de passar para prostrar, coisa a que ela não resistia. Os dois sabiam que estavam atrapalhando, mas adoravam os casos de Ruth. Certo dia, Bibia deu com Rodrigo Naves do lado de fora da sala de Ruth, a observá-la. Fez um gesto a ela, disse “Veja que beleza”, e Bibia se aproximou. Ficaram por uns minutos observando Ruth mergulhada num livro, tão concentrada que nem percebeu os dois. “Ela lia de um jeito especial”, confessou Bibia. “Cruzava a perna muito professoralmente, um tanto pudica, o livro sobre a mesa, a cabeça levemente inclinada, uma expressão de prazer. ‘Uma imagem linda’, comentou Rodrigo, que a admirava demais.” Rodrigo esteve no Cebrap entre 1987 e 1996, convidado a reformular a revista *Estudos Cebrap*, que se transformou em *Novos Estudos*.

Contei um dia a Regina Meyer que os boletins de Ruth no ginásio mostravam que suas notas em português eram mais baixas que as notas em trabalhos manuais e canto orfeônico. E ela acrescentou: “Ela não era boa de português porque escrever não era o pedaço de Ruth, mesmo. Já ler! Como lia!”. Fernando Henrique reforça Regina: “Como a Ruth mais lia do que escrevia, ela escrevia com dificuldade e pouco. Agora, lia muito, e eu sempre dizia: ah, você lê muito e não consegue escrever, as ideias dos outros atrapalham as nossas. Leio bastante, mas escrevo mais do que leio, o que também não é bom. A Ruth não, a Ruth lia, lia, lia sem parar, e nunca deixou de ler, até o fim. Ela lia à noite. Ou, então, no fim de semana. Como dormia tarde, gostava de dormir ali pela uma, duas da madrugada, ficava lendo. Nunca acordou cedo. Ruth despertava por ela mesma às oito e meia. Até o fim da vida, quando íamos para Ibiúna, a primeira noite ali, com aquele silêncio, o cheiro da natureza, Ruth dormia dez horas direto. Em Ibiúna líamos bastante também, aquele recanto foi muito bom desse ponto de vista. Porque se isola e se lê muito”.

Ela tinha uma relação torturada com a escrita, escrevia pouco, rabiscava tudo e nunca publicava, porque achava que nunca estava bom, era perfeccionista e achava que faltava sempre alguma coisa, e ela se recriminava: “Ah! Nunca consigo acabar esses artigos, não tenho parágrafo final”, e as pessoas à volta diziam: “Ruth, está pronto, manda o texto para publicar, para com isso”. A maior parte das coisas que ela publicou é da época em que ela estava no Cebrap, porque a pressão para publicar era muito grande, todo mundo forçando: “Imagine, Ruth, publica, põe aí e publica”.

Lourdes Sola, falando a respeito da divisão do tempo em Ruth, que mantinha inúmeras atividades paralelas, comentou que “algumas vezes ela deixou escapar: ‘Tive de me dividir e, portanto, não escrevi tanto como gostaria’. É claro que se ela se comparava com o Fernando Henrique, ou com a minha geração, que produziu muito em escrita, ela produziu menos, mas ela virou a antropologia”.

“Ela tinha uma relação singular com o que escrevia. É que ela enjoava da coisa assim que acabava de escrever, então achava que não precisava publicar”, na visão de Bibia Gregori. “Pode ser que outras pessoas tenham outra interpretação, certamente terão, o que eu acho engraçado, o que a gente via, era que ela adorava discutir e ter ideias e propor essas ideias para a gente produzir ideias vivas. Ela tinha imenso apego à ideia viva, quando a ideia passava a ficar enrijecida pelo texto, ela se desinteressava. Então, por exemplo, os textos que ela publicou, tem textos que são absolutamente pioneiros, mas sempre tem alguma coisa que ela não burilava, porque ela se desinteressava. Não sei se era um desinteresse, se

uma insegurança, não sei, mas ela produzia a ideia e não tinha interesse em publicar. Então, para publicar, a gente sempre tinha de fazer certo esforço, dizer que a gente revia, porque ela não tinha esse interesse.”

Conversei sobre isso com a professora Lourdes Sola e a posição dela é que “não é que Ruth não escrevia, mas escrevia muito menos do que sabia e do que doava”. E comentou: “Escrever é um ato muito solitário. Escrever com a intenção de fazer algum tipo de ciência, só faz piorar as coisas, pois você tem uma interlocução direta e imaginária (pode ser fantasiosa) com os autores, mestres, adversários, concorrentes etc. Seus fantasmas são acionados toda vez que surgem dúvidas. Sua insegurança também. Imagine se tiver ao seu lado uma pletera de intelectuais extremamente confiantes e competitivos, que conviviam regularmente com ela e Fernando Henrique Cardoso. Conheço poucas mulheres da geração dela — nenhuma da geração que a antecedeu, Gioconda Mussolini é um caso paradigmático — que tenham produzido por escrito o que sabiam — e o que doaram. Mas isso tem a ver com duas ou três coisas. A meu ver, sempre a meu ver. Uma: o contexto acadêmico, nos anos 1950-1970, era totalmente outro, não exigiu produção regular na escala que passamos a ter depois, a partir da instauração do sistema nacional de pós-graduação, que exigia mestrado e doutorado reconhecidos pelo mec para os docentes. O Florestan, ao obrigar os assistentes, como fhc e outros, a fazer várias teses, não era o padrão. Nesse contexto, o golpe de 1964 acelerou muito a disposição do Florestan de nos obrigar — aos mais jovens assistentes, como eu — a fazer imediatamente um mestrado para garantir a nossa inserção formal na universidade. E a sobrevivência da cátedra de Sociologia. Fizemos, com o que tínhamos e sem a orientação dela. A Ruth estava em outra cátedra, a de Antropologia. Duas, questão de geração. A dela era muito menos competitiva, quase nenhuma pressão ‘demográfica’: eram poucos os pares, e poucos os jovens a pressionar por critérios competitivos. O que dispensou a preocupação com títulos, reforçando as limitações inerentes à dupla ou tripla jornada das mulheres profissionais. Hoje, para ser livre-docente ou disputar a condição de titular, são necessárias duas teses mais, além do mestrado e doutorado. Uma vez escritas, viram livros ou artigos em série. Três, hesito um pouco em dizer, mas a autoconfiança foi adquirida com o tempo, bem mais tarde, num ambiente que era, e é ainda, machista, e que tendia a ‘ignorar’ o que ela de fato era — em benefício dos pares homens. A imagem que se tem hoje, de enorme deferência para com a Ruth intelectual e iniciadora das Redes Solidárias, foi construída e isso levou tempo. Portanto, a terceira razão resume-se à timidez”.

Jorge Caldeira fecha o quadro: “Como dizia o Murilo Mendes, existia o menino experimental, que toca fogo no circo para testar a eficiência dos bombeiros. Ruth era o menino experimental. O que ela gostava mesmo era de estar na ponta. Respeitava as instituições políticas no sentido de que achava que tudo em política tinha de ser institucionalizado, fazer direito, etcétera e tal, mas as ideias dela, ela não se deixava institucionalizar. Desenvolvia uma ideia nova, testava. Se tudo estivesse certo, apresentava os conhecimentos. Em geral em *paper* para um pequeno grupo de especialistas. Esses leitores muito capazes apresentavam alternativas, sugeriam caminhos – e, claro, faziam os elogios. A imensa maioria dos intelectuais

guardaria os elogios e publicaria. A Ruth, menina experimental, guardava as críticas que ajudavam a ir adiante, jogava os elogios na conta das bobagens formais, quase não perdia tempo com publicação. Simplesmente incorporava as boas ideias da crítica, fazia um projeto ainda mais ousado e ia adiante. Seu

projeto intelectual não parava, não ganhava a forma fixa do reconhecimento público. Em vez de livros, ela produzia inovações permanentes. Com a Presidência do marido, ela viu a oportunidade de mudar de escala. Tudo aquilo que ela dominava em laboratório foi aplicado ao país como um todo, com o nome de Comunidade Solidária. Esses resultados são conhecidos, embora quase ninguém saiba como tudo foi construído. Do meu modesto ponto de vista, acho que superaram até os sonhos que ela e o Fernando Henrique alimentaram sobre políticas sociais”.

## A volta ao cotidiano

Entregue o cargo em 1o de janeiro de 2003, Ruth e Fernando Henrique não perderam um minuto. Acompanhados por Luciana e pela neta Isabel, foram direto para o aeroporto. Aguardando o voo na sala vip, Ruth chorou bastante. Embarcaram acompanhados do embaixador Fred Araújo, fizeram escala em São Paulo, rumo a Paris. Na viagem, Fernando Henrique disse que lhe daria um presente. “O que você quer?” Ela não hesitou: “Um telão para meu *home theater*”. Avião de carreira, Fernando Henrique e Ruth avisaram, categóricos: “Não queremos ninguém à nossa volta, nenhum assessor, segurança, nada”. Mas no avião tinha um jornalista do jornal *O Estado de S. Paulo*, Ruth não queria que fnc falasse com ele, porém o marido foi veloz e discreto, e sugeriu: “Vou ali, digo uma coisa rápida para ele não amolar mais”. Quando desceram em Paris, foram recebidos pelos dois embaixadores do Brasil, um junto ao governo francês, outro junto à Unesco, Marcos Azambuja e José Vargas. Um carro estava à espera. Fernando Henrique pegou o volante e, quando procurava as placas da rodovia que os levaria a um antigo castelo, hoje hotel, percebeu a polícia, os batedores, o ritual. Eles sorriram e comentaram: “Agora chega, não precisamos mais”. No hotel, chamaram a segurança, quase implorando: “Muito obrigado! Os senhores são perfeitos, gentis, mas não precisamos, não queremos mais, a função de vocês está terminada”.

Dormiram no hotel e no dia seguinte foram à igreja. Pela primeira vez, em oito anos, estavam sozinhos, sem estar cercados por seguranças e jornalistas. Ao voltar a Paris, foram para o apartamento da mãe de Maria do Carmo Sodré, dona Maria, viúva de Abreu Sodré, ex-ministro das Relações Exteriores, na *avenue Foch*. Dali para frente foi um tal de caminhar, de pegar metrô, de assombrar brasileiros que olhavam para os dois: “Nossa! É o presidente, andando de metrô”. Voltaram à planície, ao convívio dos mortais, não tinham empregada, a Ruth fazia as coisas e saíam para compras caseiras. “Foi uma maravilha, passamos três meses em Paris e estávamos entre amigos. A única vez que houve aparato foi no dia que fomos almoçar com Jacques Chirac, pessoa educada, gentil, muito amiga nossa, homem simples”, diz Fernando Henrique.

“Fomos às velhas livrarias no boulevard Saint-Germain, aos cinemas nos Champs-Élysée, líamos muito, fazíamos um pouco de ginástica, rpg, tinha uma senhora que ia lá e judiava muito de mim.” Ao lado havia um prédio que era do irmão da dona Maria do Carmo, com piscina, e ele conseguiu autorização para nadarem, mas “era um frio desgraçado, um inverno danado”. “A Ruth sempre fez exercícios, ela sempre foi mais ativa que eu, ela não gostava de nadar. Lá em Brasília, nadava, mas não gostava, ela andava e fazia esteira. Como tinha problemas de coração, ela fazia muito esteira”, confessa fnc. “Ruth sempre cuidou mais do corpo, da saúde, do que eu. Na França, que eu me lembre, ela não fazia

exercício, eu é que fazia, por pressão dela.” Quase no final, Bia Cardoso apareceu para alguns dias com os filhos, depois voltaram todos para o Brasil.

A volta foi para o novo apartamento na rua Rio de Janeiro, um imóvel encontrado por Regina Meyer e que foi inteiro reformado sob as ordens de Regina e Ruth. O imóvel tinha sido comprado detonado, demorou para que terminassem as obras. O piso era todo de mármore, havia lambri de madeira em todas as paredes, era um tanto soturno, foi preciso remodelar, ganhar atmosfera. Terminada a reforma, entraram os móveis, muitos assinados por Carlos Motta ou Sergio Rodrigues, muita coisa anos 1950, uma cadeira de balanço que lembra Araraquara, cadeiras trazidas do Uruguai por Maria Ignez Barbosa. “Os tapetes sempre foram comigo”, ressalva Fernando Henrique. “No resto tem as mãos dos dois. Há quadros que estão há cinquenta anos conosco”, e um breve *tour* mostra Vieira da Costa, Amilcar de Castro, um Miró comprado nos anos 1970, um Tàpies, Rebolo, Yamandu, Potero, Milton da Costa, Renina Katz, a amiga, um Portinari, Cenize, uma foto assinada de Mario Cravo Neto, Poti, Di Cavalcanti, Carlos Lemos, Bonadei, Gracimar.

O Comunidade Solidária tinha sido extinto pelo novo governo. Na verdade, afirma Miguel Darcy, foi extinto do ponto de vista formal, porque morreu de inanição. No entanto, sobreviveram ações e ele se prolongou de duas maneiras. A mais visível é através dos programas e instituições criados pela Ruth. O mais abrangente e bem-sucedido é o Alfabetização Solidária. A eles se somam a Comunitas (que deu seus próprios desdobramentos: Solidaritas, Rede Jovem, Portal do Voluntário <V2V.net>, Artesanato Solidário, Capacitação Solidária. E, mais recentemente, o Centro Ruth Cardoso. Substantivamente, o Comunidade — e as ideias da Ruth — se prolongam através de seu exemplo e de seus valores, ponto de referência e fonte de inspiração para inúmeros projetos de organizações da sociedade civil: investimento nas parcerias entre múltiplos atores, abertura para o mundo empresarial, valorização do capital social de pessoas e comunidades.

Em uma palavra, a busca de uma síntese entre liberdade e solidariedade como fermento de uma sociedade mais justa. Ruth e sua equipe abriram algumas ongs, continuaram o trabalho. Ruth retomou as funções dela no Comunidade Solidária, arranhou um prédio na avenida Angélica, onde funcionava um dos programas, continuou muito ativa e voltou a ter contato com antigos alunos, contatos que na verdade nunca perdeu, e continuou a vida. De 2004 a 2008, durante cinco semanas por ano ia à Brown University, onde era pesquisadora associada e conduzia seminários. Fernando Henrique foi montar o ifhc — Instituto Fernando Henrique Cardoso. A vida permaneceu por um tempo em suspenso, porque suas coisas ainda não tinham chegado de Brasília.

“Quando voltamos de Brasília, a Ruth se empenhou muito em retomar Ibiúna. Se você for lá hoje, deve estar igual. Está conservada, pintada, a empregada é a mesma, o caseiro morreu, mas tem outro, as coisas funcionam. Ela fez muito empenho. Fizemos uma pequena sala para o meu pôquer com os amigos, ela comprou uma mesa de jogo que nunca usei e comprou outros móveis para mim, ela mesma desenhou a mesa que está na varanda, escolhemos também cadeiras para a varanda”, relata Fernando Henrique.<sup>[132]</sup>

Assim que a Presidência terminou, Luciana entrou no palácio e encaixotou todos os pertences pessoais dos pais, quadros, móveis, presentes, enviando para São Paulo em três caminhões. De certa maneira, a

presença de Luciana em Brasília era gratificante, dado o sentido gregário que o casal tinha em relação à família. Era Luciana, por exemplo, quem cuidava das compras pessoais, fazia os pagamentos, controlava contas e cheques. “Eu tinha um compromisso com eles. Tudo o que comprasse do ponto de vista pessoal, com nosso dinheiro, devia ter nota. Os dois nunca aceitaram presentes, não adiantava um estilista querer dar um vestido para mamãe, ela não aceitava. Nas viagens pelo Comunidade Solidária, recebia, sim, alguma peça de artesanato, porque eram coisas dadas com amor, como homenagem, e seria grosseiro não aceitar. Mas também comprava. Fora disso, de uma agulha a um aluguel de filmes, tudo vinha com nota. Eles conheciam o mundo brasileiro, eram pessoas vividas. A mínima coisa ia para a imprensa, com escândalo”, reitera Luciana. Depois de oito anos em Brasília, vivendo uma vida atípica, a volta a São Paulo, para os dois, foi um período de adaptação um pouco difícil.

“Retomamos as idas a Ibiúna, que era a paixão dela, voltamos a uma vida, digamos, de estilo de professor universitário, que é o que ela gostava. E que estilo é esse? Basicamente é o seguinte: você trabalha intelectualmente, vai ao cinema, vai ao teatro, tem muitas discussões com os amigos, se apaixona por coisas abstratas e sem exibicionismo, vida comum, comum na classe média alta, no nosso caso, não é? Nem todo professor universitário vive a classe média alta que vivemos, nós tínhamos algum recurso... Claro que a vida de um ex-presidente não é mais a normal, mas a gente foi procurando ser o mais comum possível dentro das limitações e daí retornam os problemas da rotina, quer dizer, ex-presidente tem segurança, e este sempre foi ponto de atrito com a Ruth, ela jamais gostou muito de ter segurança.”

Normalmente, Ruth só usava um motorista, o Gilberto, que por instância dela foi estudar e acabou se formando em Direito. Depois que terminou o curso de advogado, Gilberto saiu. “Com ele, Ruth se entendia bem, ela gostava dele, e ele era uma pessoa que tomava conta de um mundo de coisas como pagamento de contas, ou fazer certas compras, já que muitos anos lhe deram a visão do que era o mundo dela”, confessa Fernando Henrique.

“Ruth nunca tinha muita noção de tempo e de valor de tempo, quer dizer, quanto tempo custa fazer uma coisa, sempre levava mais tempo do que ela imaginava. Então estava sempre um pouco atrapalhada, porque não dava tempo para fazer o que tinha planejado. Ela se organizava, mas depois a organização era maior do que ela podia cumprir, então confundia, ela queria ser minuciosa e na minúcia se perdia, mas tentava organizar...! No armário de remédios, sempre houve caixinhas com remédios separados para cada tipo de doença. Nas contas dela lá, tem várias caixinhas também com contas disso, contas daquilo e tal... As bijuterias também, todas em caixinhas e tal, sempre teve a vontade de ter tudo em ordem, e não conseguiu. Quem chegasse na cozinha, daria com prateleiras e os livros de gastronomia. Porque ela gostava de cozinhar, tinha receitas à mão que guardava para os filhos, para dar para os amigos, algumas eram dela, outras de coisas que ela achava boas. Mas depois começou a se cansar, já não aguentava mais a rotina de tomar conta da casa e se queixava, queria que eu tomasse também, o que é difícil, não fui treinado para isso! Mas ela cansava até mesmo de escolher comida, o que ia fazer, salvo quando tinha algum amigo... Os dois últimos anos tiveram a ver também com a diminuição da capacidade física dela, não é? Mas, ainda assim, se tivesse um jantar de pessoas que ela gostasse, ela se interessava. Ruth sempre gostou muito de tomar vinho e sempre achou que eu era pão-duro com os vinhos. Depois, reconheceu que agora, pelo menos nos últimos anos, comecei a ser mais aberto em matéria de vinho.

Nunca vi, nunca se preocupou muito com quanto custa um vinho, porque vinho aqui não custa nada, porque o que eu tenho, quase tudo é presente que ganhei, ganho até hoje muito vinho de presente. Nossa adega deve ter mil garrafas.”

Ruth Cardoso tinha razão quanto a querer se distanciar da política como ela é feita no Brasil e em certos setores de Brasília. Ela, que sempre foi uma pessoa célebre pela integridade e pelo cuidado com a coisa pública, se viu ameaçada pela então chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, com um escândalo em torno de um dossiê sobre os gastos corporativos da Presidência, em que se alegava que Ruth havia despendido milhares de reais ou dólares em compras fúteis, inúteis e banais, em vinhos e comidas. Caiu mal no mundo político, no qual Ruth sempre foi respeitada até mesmo pelos adversários mais ferrenhos. O jornalista Augusto Nunes, que tem um blog dos mais visitados, não resistiu e comentou: “Dilma foi a primeira a agredir uma mulher gentil, suave, e também por isso tratada com respeito até por ferozes inimigos do marido”. Pegaram pesado e Ruth sentiu o baque, logo ela que sempre teve o cuidado de separar o privado do público, até mesmo no aluguel de filmes exibidos no palácio. O dossiê teria sido preparado pela secretária executiva da Casa Civil, Erenice Guerra. As reações contra o dossiê foram imediatas e a chefe da Casa Civil se desculpou, voltou atrás. Ruth, elegantemente, ainda que magoadíssima, aceitou as desculpas, porém o círculo íntimo sabe quanto isso a feriu e atingiu um coração já afetado.

retalhos da vida cotidiana ix: Quero fazer só o que gosto

Laura Bush, mulher do ex-presidente Bush, em 2005 e 2006 assumiu a liderança das políticas de alfabetização da Unesco. Foram eleitas as nove principais experiências de alfabetização no mundo e elas seriam proclamadas em Nova York, numa reunião formal com Laura Bush e todos os governos. Quem deveria estar presente seria Ruth Cardoso, todavia surgiu um impedimento formal. Ela não era mais governo, e tratava-se de uma iniciativa do governo americano. Portanto, deveria ser de governo para governo. Ou seja, o governo brasileiro deveria se envolver, porém o Comunidade Solidária não existia mais, e aquilo significou um desafio. No entanto, a representante da AlfaSol poderia estar presente. Para qualquer outra pessoa, interessada em estrelismos, honrarias, isso seria problema. Ruth nem se alterou, e chamou Regina Esteves:

— Pois vá você.

— Eu? Estou com uma filha de 25 dias.

— Veja com seu pediatra se a menina pode ir, e leve. O que importa é que a AlfaSol compareça. Ela não é governo, portanto não vai provocar polêmicas nem incidentes. A AlfaSol agora é uma ong. O prêmio não é meu, não é da Ruth, é da AlfaSol.

Regina foi e levou a filha, que era amamentada nos intervalos. A história teve um desdobramento no ano de 2007, quando Laura Bush veio ao Brasil em visita oficial e manifestou vontade de visitar a AlfaSol. O primeiro problema que apareceu foi com relação ao prédio na rua Pamplona. Não era adequado para receber com segurança a primeira-dama americana. Essa foi a análise dos americanos. Segundo entrave: a primeira-dama norte-

-americana não tinha escolhido um programa social do governo brasileiro, e sim um da ex-primeira-dama brasileira. Formalmente, havia constrangimentos. Caso Ruth Cardoso não comparecesse, o problema estava contornado, seria a AlfaSol, uma ong, a receber a visita em caráter não oficial. Ruth nem pestanejou. “Não vou”, disse. “Que venha Laura Bush.” Acompanhou todos os preparativos para a visita, participou de cada movimento, ligava de manhã e à noite, vibrava. A americana veio e se foi, a imprensa cobriu, nenhum arranhão no mundo burocrático.

Em janeiro de 2008, Ruth convidou Regina Esteves para um almoço na rua Rio de Janeiro. Era um encontro há muito marcado entre as duas, não para discutirem projetos, andamento de programas, e sim um bate-papo entre duas amigas sobre tudo e sobre nada. Fernando Henrique abriu um vinho, conversou um pouco, e deixou as duas à vontade. Nesse dia, Ruth disse:

— Tenho pensado muito e daqui para frente quero ser mais seletiva.

— O que significa mesmo isso?

— Quero priorizar os assuntos a que vou me dedicar.

— De trabalho ou da vida pessoal?

— De tudo. Quero ser mais firme em relação a coisas que quero e que não quero fazer.

Há algum tempo Regina vinha sentindo uma Ruth diferente. Não era mais aquela Ruth que nunca se cansava. Começara sutilmente a limitar seu tempo, suas atividades. Diminuíra o ritmo, não o entusiasmo. Ao se despedirem nessa tarde, Ruth reiterou:

— Decidi. Vou começar a fazer só aquilo que gosto.[\[133\]](#)

## Nunca se viu tanta unanimidade

Ruth e Fernando Henrique tinham voltado de uma viagem à China, ela estava entusiasmada, sentia-se tão bem que ele, em seguida, fez uma rápida viagem de três dias a Paris, cidade que ela planejava visitar com a neta Isabel, filha de Luciana. Isabel morava em Brasília, era a única neta que ainda não tinha viajado com Ruth, o que tornava a viagem um sonho que a deixava feliz, só falava nisso. Estava com passagens compradas e programava museus, passeios, queria mostrar a cidade em detalhes, refazer os itinerários de sua vida em Paris. Na noite de 20 de junho de 2008, uma sexta-feira, Ruth e fhc tinham um programa oficial: ele, como presidente do Conselho Administrativo da Fundação Osesp, receberia o príncipe Naruhito do Japão na Sala São Paulo, onde haveria um concerto da Orquestra Sinfônica de São Paulo, em comemoração aos cem anos da imigração japonesa. Lembremos que a tese de doutorado de Ruth foi sobre a imigração japonesa no Brasil.

Ela passara a tarde no Hospital Sírio Libanês, onde Maria Helena Gregori, sua amiga de juventude, estava internada desde o dia 11 e tinha passado por uma cirurgia delicada. Conversaram muito e Ruth foi embora junto com Bibia, filha de Maria Helena. Quando fhc chegou em casa, no início da noite, conhecendo a mulher e seus atrasos, encontrou-a no computador. Vivia recebendo e respondendo e-mails ou escrevendo seus textos, às vezes até duas da manhã.

— Ruth, não está pronta?

— Não, mas espere, me apronto num minuto.

Fechou o computador, levantou-se, apalpou a mandíbula.

— Parece que estou com uma nevralgia. Fui abrir uma janela, acho que levei um golpe de ar, me deu uma dor incômoda.

— Talvez seja melhor você não ir.

— Não, nada disso! Tomo um banho rápido e vamos.

No banho, fez uma leve massagem com a água quente, melhorou. Meio atrasados, cortando caminhos, conseguiram chegar antes do príncipe, e aguardaram a chegada da comitiva. Ruth passou por Pedro Moreira Salles e nem olhou para ele. Pedro estranhou, segurou-a pelo braço, e brincou:

— Ruth, não me conhece mais? Foi alguma coisa que fiz?

— Pedro, me desculpe. Mil desculpas. Não estou bem hoje, fiz mal em vir aqui, estou aérea, estranha.

“Ela parecia um tanto transtornada”, confessou depois Moreira Salles.

Cumpridas as formalidades, foram todos para o camarote oficial, cercados por japoneses. O concerto começou e fhc ficou de olho nela. Para ele, Ruth não parecia normal, tinha uma feição esquisita,

via-se que estava com dor. Ele pegou a mão dela, estava fria. Mais tarde, ele diria que ao olhar as fotografias daquela noite, pode-se perceber que havia uma expressão nebulosa no rosto dela, como se estivesse em outro lugar. No intervalo, Ruth cochichou: “Vou embora, a nevralgia está me incomodando. Você fique, por favor!”.

Fernando Henrique e Pedro Moreira Salles a acompanharam até o elevador. Assim que o concerto terminou, fhc voou para casa e encontrou-a tomando sopa: “Melhorei. Não se preocupe, estou bem”.

Na hora de deitar-se, tomou um remédio e dormiu. Acordou às duas da manhã, com muita dor no peito. Fernando Henrique, imaginando que fosse um infarto, preocupadíssimo, ligou para o celular do cardiologista dela, o doutor Artur Ribeiro, que estava em Berlim, e descreveu os sintomas. Ribeiro diagnosticou: “Dor também na mandíbula? Sintoma de angina, leve-a rápido para o Hospital Sírío Libanês”.[\[134\]](#)

De Berlim, onde eram seis da manhã, Ribeiro ligou para o cardiologista Edson Stefanini, de quem Ruth gostava, e recomendou que fosse para o hospital, a recebesse, fizesse os procedimentos, enquanto ele acelerava o retorno ao Brasil. Em casa, fhc chamou o filho Paulo e levaram Ruth para o Sírío Libanês. Feito o eletro, constatou-se que era realmente angina, não um infarto, ela tomou Isordil, a dor foi atenuada. “Ela estava muito bonita nessa noite, mostrava-se serena, conversou um pouco e dormiu”, lembrou-se Fernando Henrique. Às cinco da manhã, ele e o filho voltaram para casa, descansaram e, ao retornarem ao hospital, Ruth já tinha saído da semi-intensiva e estava no apartamento, mostrando-se preocupada com Maria Helena Gregori, internada no andar de cima.

“Estou boa, posso voltar para casa”, dizia, inquieta.

Aquele coração vinha preocupando a família há alguns anos, não era um processo recente. Em fevereiro de 1988, ao voltar de um seminário sobre “La participación de la mujer em programas de salud de la comunidad”, em Santiago de Cuba, ela começou a sentir seguidas indisposições. Por volta de maio, além da indisposição vieram fortes dores de cabeça, e Ruth Cardoso, com quase 58 anos, conversando com sua sobrinha, a médica Fernanda Boueri, filha de sua tia Circe, descobriu-se hipertensa. Em seguida, veio a consulta com o médico Artur Ribeiro, que confirmou a hipertensão, normal em mulheres de sua idade, e medicou-a.

Ribeiro estava ligado à família Cardoso desde 1983, quando, por intermédio de José Arthur Giannotti, que tinha conhecido e tratado em Nova York, tornou-se o cardiologista de dona Nayde, mãe de Fernando Henrique, que até a morte dela, em 1984, passou a tratá-lo como a um filho. O processo da doença de dona Nayde não foi simples, obrigava-a a contínuos exames, e Ruth estava sempre ao lado dela, presente, acompanhava a sogra em tudo, unidíssimas.

A relação, que até então tinha sido de amizade, dali em diante passou a ser também de médico e paciente. Naquele ano, na primeira consulta, depois de ouvir sobre sintomas e consequências, permeados por termos técnicos herméticos aos leigos, Ruth foi objetiva:

— Artur, não me venha enganar com papo de médico! A minha mãe sempre foi entendida nisso e me passou algum conhecimento. Você só vai me dar coisas que eu aceitar. Nossa conversa será negociada. Você propõe, questiono, aceito ou não, e vamos ver como isso anda!

— É um direito seu, está bem.

Na hora da receita, ele indicou Higo-ton, um diurético.

— Diurético? Não, senhor.

— Por que não?

— Diuréticos estragam a pele.[\[135\]](#)

Ruth era assim, discutia, dava sua opinião, colocava na mesa — o que, vez ou outra, gerou problemas no governo. O remédio foi trocado. Naqueles primeiros exames, descobriu-se que Ruth não tinha condições arteriais muito boas, o coração estava um pouco crescido, e o colesterol era elevado. Remédios contra o colesterol, em geral, provocam dores musculares. Ruth ficou atenta e, se a ponta do dedo doía, ela reclamava: “É o teu remédio!”.

Foi uma pequena novela, às vezes com certa comicidade da parte dela, para controlar a pressão alta e o colesterol. A cada medicamento, ela abria, lia a bula, fazia uma sabatina. Certo dia, quando Artur associou dois remédios, ela leu as bulas e deu um pito: “Artur, estes dois remédios não podem ser associados”. Falava com firmeza, nunca agressivamente. Todos que trabalharam com ela conheceram os pitos de Ruth, até José Serra, conhecido pela sua franqueza.

Veio a explicação científica, ela aceitou. Com ela era assim, “na linha”, outra expressão araraquarense. No entanto, nunca fez nada sem ouvir o médico. A amiga Regina Meyer revela outra faceta, ao contar como a sua dermatologista ponderava: “Por que você não é como a dona Ruth Cardoso, que obedece todas as recomendações, usa direitinho todos os medicamentos e pomadas e cremes, é disciplinada?”. Aquela oposição a remédios que traziam efeitos colaterais era uma defesa, ao mesmo tempo em que “revelava um aspecto juvenil dela, uma rebeldia”. Ruth foi uma cardíaca que evoluiu sob controle, sem nenhum problema maior, sem restrições e sem preocupações de porte.

Estava bem quando, em setembro de 1988, partiu para os Estados Unidos, a fim de fazer estudos para o pós-doutorado em Nova York, na Universidade Columbia e também na Universidade de Nova York. Permaneceu lá três meses e, segundo as amigas, curtiu a “solidão”, longe de tudo, do cotidiano brasileiro. Ela gostava, eventualmente, desses espaços abertos dentro de uma rotina de casa, academia, orientadora de teses, pesquisadora, participação em comissões, como o do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, cnpq, do Instituto de Saúde do Estado de São Paulo, da Fundação Nacional para Apoio a Projetos, Finep. Eram momentos de respiro. E Nova York significava também muito cinema, musicais, muito teatro, livrarias e museus.

Ela era consciente de sua situação cardíaca e sempre se mostrou atenta à alimentação, o que de certo modo exigia aqui e ali sacrifícios, uma vez que a cozinha era um de seus reinos. “Tenho esta saúde porque como frutas, gosto de frutas. Não exagero, não sou como Fernando Henrique, que come de tudo, devora o que está à sua frente.”

Ribeiro acentua que ela sempre foi afetuosa, sem dispensar, jamais, a posição crítica. Quando o médico começava a explicar demasiadamente sintomas e consequências, ela rebatia: “Ai, quanta besteira, Artur”. No tom da voz havia um certo carinho. A expressão é igualmente típica de Araraquara, de pessoas mais velhas. Ruth, já primeira-dama, sempre preferiu vir a São Paulo para check-ups, daí algumas viagens feitas em sigilo. Não era desconfiança da medicina em Brasília, era muito mais uma questão de preservar a intimidade. Na capital, se ela se internasse, teria na porta do hospital uma bateria de jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos o tempo todo, e ela temia que isso perturbasse a tranquilidade

dos outros, além da invasão ao seu espaço pessoal, com os infalíveis boletins médicos diários. Quanto ao problema cardíaco, mesmo as amigas chegadas souberam muito depois, ela era absolutamente reservada.

Já com o Comunidade Solidária correndo, Ruth costumava convocar Ribeiro de tempos em tempos, com relação a ajuda quanto a problemas médicos: “Tenho aqui umas coisinhas em que você pode me ajudar”.

Eram cartas que vinham de todo o Brasil pedindo coisas. Uma delas sensibilizou Ruth, que a repassou ao médico: “Veja como resolver”. Era uma mãe de Salvador cuja filha tinha ausência de hormônios de crescimento, um problema que pode ser resolvido. Só que é um tratamento muito caro. Mas foram movidos os pauzinhos e se conseguiu o medicamento por meio do Programa de Saúde do Estado de São Paulo. A menina cresceu. Agradecida, a mãe escreveu de novo dizendo que não tinha dinheiro, porém oferecia sua casa como pagamento. Ruth se comoveu com tanta simplicidade e desprendimento.

Ruth continuou a ser avaliada periodicamente e os médicos estavam seguros de que os distúrbios que ela apresentava eram normais em 10% da humanidade, sem matar ninguém, devido à baixa frequência. Ela se sentia bem e dava pitos:

— Vocês estão inventando, não tenho nada no coração.

— Não inventamos nada, lemos os exames, diagnosticamos.

Ela lia atentamente, pedia explicações de tudo, queria ver os dvds do exame, ganhava cópias, exibia para a família. Em abril de 2004, morando na rua Rio de Janeiro, costumava fazer caminhadas pelas ruas do bairro de Higienópolis. Um dia, depois de subir uma escada que leva de uma rua a outra, ela parou no alto e ligou para Artur Ribeiro pelo celular:

— Olha, estou sentindo um formigamento no peito.

— Não gosto nada disso. Para um médico, é um sinal ruim. Vamos fazer um cateterismo, não podemos brincar. Você está com um problema e temos de diagnosticar.

— Cateterismo? Ah! Vocês são sempre assim, querem um procedimento agressivo, querem me passar um cano por dentro do corpo, e não sei o que mais...

— Ruth, por favor, venha já!

Ela foi para o Hospital da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp, também conhecido como Hospital do Rim, onde Ribeiro sempre a atendia, e, feita uma cinecoronariografia, apareceu um problema e os cardiologistas decidiram implantar dois *stents*, espécie de pequenas molas que regularizam o fluxo sanguíneo. Nem precisou anestesia, a Ruth foi dado apenas um calmante, porque Artur a conhecia bem. Fernando Henrique e Paulo assistiram à colocação, ela dormiu uma noite no hospital, no dia seguinte teve alta. “Dormiu no hospital por precaução e um tanto por insistência das enfermeiras, que a conheciam e a adoravam”, ressaltou Ribeiro, completando: “Dali em diante, tínhamos uma paciente coronariana, que é uma das grandes causas de morte no mundo, conseqüente à hipertensão”. Vez ou outra, Ruth sofria breves tonturas, ligeiros cansaços, mas ainda que com o coração fibrilando, não teve maiores problemas, continuava a tomar um betabloqueador, que faz o coração bater em ritmo mais baixo, e deu-se bem.

Certo dia, Ruth deu outro pito em Ribeiro: “Você é muito organicista, ou coisa semelhante, não sei bem, você só pensa em remédio. A vida é mais do que isso. Sabe o que vou fazer? Dieta! Vou procurar uma médica *light*, natural”.

Mas, devido a um problema de coluna, um bico de papagaio que apareceu, ela passou a se tratar com

um fisioterapeuta especialista em naturopatia, a medicina natural. Fazia ginástica, gostava, caminhava, cuidava-

-se. Assim, a situação foi mantida sob controle, até que, no início de 2008, Ruth, bastante apreensiva, ligou para o cardiologista.

“Meu coração está batendo esquisito!”

Feito o eletrocardiograma, verificou-se que a fibrilação atrial dela, que era de frequência baixa, estava alta. O médico se viu numa situação de alerta, pois significava que ela poderia sofrer um AVC a qualquer momento. Chamou outros dois cardiologistas. Angelo de Paola, especialista em eletrofisiologia do coração, e Valter Correia Lima, avaliaram e decidiram que o caminho, naquele momento, seria anticoagular Ruth como prevenção. Ou seja, deixá-la com o sangue menos coagulável. Decidir é fácil, colocar em prática já é mais difícil — é preciso experimentar até chegar à dose certa, ao índice ideal rezado pela medicina, a fim de evitar o AVC que estava sendo sinalizado. O que significou que, a partir daquele dia, uma vez por semana ela estava no consultório para colher sangue, verificar a coagulabilidade e ajustar a dose do medicamento. Isso a incomodava tremendamente. Acrescentou-se outro problema que ela vinha apresentando há algum tempo, o de sangramentos esporádicos pelo nariz. Quando morava em Brasília, onde o clima é árido, ela começou a apresentar dificuldades respiratórias e sofreu uma laringotraqueobronquite, que se manifestava por meio de tosses secas e intolerância ao ar condicionado. Ruth sofria nos meses secos.

Os sangramentos continuaram, sempre observados pelos otorrinos e pelos cardiologistas, estes cautelosos por causa da medicação anticoagulante e o medo do AVC. Por duas vezes ela foi internada, ainda que rapidamente, uma delas às pressas, em plena madrugada, tendo sofrido microcirurgias para conter o sangramento. A partir daí, Ruth passou a demonstrar certa insegurança, ficava intranquila quando precisava viajar, consultava sempre os médicos: “Preciso ir a Salvador, tenho uma reunião. Acha que posso?”. Vacilava antes de assumir compromissos, embora do ponto de vista cardíaco estivesse bem, fazia ginástica, comia com gosto, tinha até engordado um pouco, a família chegou a brincar com o médico, chamar sua atenção. Porém ele se justificava: “Nunca fui adepto da medicina castrativa”.

Vieram então as viagens à China e a Mendoza. O roteiro para a Argentina previa uma escala na Bolívia, porém os médicos pensaram nos problemas de altitude e recomendaram que não fizessem a escala, que fossem diretamente. Ruth, ao regressar da China, contou que tinha adorado a viagem, visitara o deserto de Gobi, andara de camelo, fora ver a Grande Muralha, que Fernando Henrique, sempre competitivo, tinha subido mais rápido do que ela. “Rimos muito”, confessou.

Logo depois da viagem à China, no começo de agosto, Ruth, Fernando Henrique e Lourdes Sola tinham jantado na casa de Anna Verônica Mautner, amiga de longos anos. Lourdes tem a imagem desse jantar bem viva: “O casal estava ‘tomado pela China’, este foi o assunto principal. Depois, falamos muito sobre Obama, o que significava, não significava, se ganharia ou não. Foi antes mesmo de sua indicação pelos democratas. Acho que nós duas fomos as únicas de nosso meio a ver o que acontecia com Obama. Ruth tinha muita sintonia, era uma coisa intuitiva, instintiva com as mudanças sociais, sempre teve. ‘Ele vai ganhar’, dizia. ‘Quer apostar?’ ‘Eu não, também acho. Por que não aposta com Fernando Henrique?’ Outro tema no jantar foi antropologia, misturada com mercado financeiro, e se alguém nos ouvisse ia achar estranho, ela começava uma frase, um pensamento, eu continuava na mesma hora, e o mesmo da

parte dela, eu começava, ela prosseguia, sem intermediação. Produto de uma intimidade profunda, de uma ligação de anos e anos. Disse a ela que se alguém nos ouvisse ia achar que éramos loucas”.

No dia 18 de junho, aniversário de Fernando Henrique, Bia, Paulo Henrique e Van Van decidiram comemorar com um jantar fora e Ruth, que gostava de variar, lembrou-se da cozinha espanhola e foram para o Eñe, na rua Mário Ferraz. Restaurante novo, tinha acabado de sair uma matéria sobre ele. fhc levou uma garrafa de Vega Sicilia e todos brindaram. Paulo Henrique estava preocupado nesse jantar, porque ela viajaria com a neta Isabel para Paris, depois seguiria para Washington. Em determinado momento, ele pediu à mãe: “Não viaje agora, não. Vou ficar em São Paulo, tomando conta de você”.

Sempre houve entre os dois uma ligação profunda, ela adorava o filho. Se alguém quisesse irritá-la era dizer que o Paulo era a cara do Fernando Henrique. Ela retrucava na hora, brava: “Não é não, ele se parece comigo, é a minha cara!”. Nesse jantar, ela sorriu ao responder: “Vou viajar e vou viver o que tenho para viver. Vou fazer tudo, não adianta você vir me dizer que não, porque vou. Não se esqueça disso”.

E foi dormir feliz da vida, acordou serelepe, recordou-se Van Van.[\[136\]](#)

Ruth teve suas atividades normais até a noite de 20 de junho de 2008, quando deixou o concerto da Osesp e voltou sozinha para casa.

No sábado, dia 21, Ruth foi para o apartamento após os exames e Maria Helena Gregori foi visitá-la na companhia da filha Bibia. Conversaram, logo entraram Fernando Henrique, Paulo e Van Van e, como começou a chegar mais gente, Maria Helena voltou ao seu apartamento. Fernando Henrique telefonou para casa, a empregada Terezinha Barbosa de Moraes atendeu, e ele indagou:

— Você não gostaria de fazer companhia à Ruth hoje?

— Seria um presente para mim.

— Pode vir já? Quando pode vir?

— Vou congrega, vou de mala e de lá sigo para o hospital.[\[137\]](#)

“Congregar” significava participar da cerimônia na Congregação Cristã no Brasil, da qual ela fazia parte há 25 anos. Ruth sabia e incentivava, era preciso ter uma crença, fé em algo. Os encontros eram na Congregação da rua Heitor Penteado. Terminado seu culto, Terezinha partiu para o Sírío Libanês. Aproveitou que ainda havia visitas no quarto e subiu para ver Maria Helena Gregori. Quando desceu, Ruth estava cochilando.

“Estranhei, ela nunca dormia cedo, era uma coisa com a qual eu estava acostumada. Muitas vezes, tarde da noite, em casa, ia olhar e encontrava dona Ruth ao computador, mandando e-mails ou trabalhando em algum projeto. Ali no hospital fiquei de vigília, quase não dormi, atenta, mas vi que ela dormiu profundamente, parecia tranquila”, relata Terezinha.[\[138\]](#)

No domingo, Maria Helena e José Gregori desceram antes do almoço, ficaram mais de duas horas conversando, até que o médico Artur Ribeiro chegou da viagem e comunicou que fariam um cateterismo. Na mesma hora, segundo Maria Helena, Ruth disse: “Quero fazer no seu hospital!”. O hospital era o do Rim. “Pois bem, faremos lá, na segunda-feira.”

Em seguida, Ruth ligou para Anna Verônica Mautner e ficaram conversando um largo tempo. Ruth desligou e sugeriu: “Vamos marcar um jantar de poesia, o Zé tem de declamar isto e aquilo”. E citou

alguns poetas que José Gregori interpreta bem.

Logo depois Teresa Caldeira ligou, tinha chegado dos Estados Unidos.

— Não sabia que você estava no hospital, Terezinha acabou de me contar. Vou para aí.

— Nem pensar. Imagina! Estou aqui, não sinto nada, esses médicos é que não me deixam ir para casa. Nos vemos esta semana.

Tinha se tornado uma frase recorrente dela, como um mantra — “esses médicos não me deixam ir para casa”.

“Estou indo para Portugal, tenho uma conferência, vou abrir um congresso de sociologia. Na volta, marcamos, nos encontramos.”

No domingo, Regina e Luiz Meyer fizeram uma visita. Ao sair, Regina brincou:

— Agora você vai ficar sozinha, não é?

— Não, olha aqui.

Bateu com a mão num livro, era de uma autora africana com quem ela teria um encontro naquela semana.

No final da tarde, Fernando Henrique ligou outra vez para Terezinha:

— Pode repetir a dose...?

— Quer dizer, ficar com dona Ruth?

— Sim.

— Vou congregiar e sigo para aí, como ontem.

Terezinha conta que, quando chegou, Ruth sorriu:

— Estou com tanta saudade da minha sopinha.

Nessa noite as duas dormiram bem, só acordaram com as enfermeiras entrando no quarto. Tomaram o café e, por volta das nove horas, o doutor Artur Ribeiro foi buscar Ruth, enquanto Terezinha apanhava um táxi e voltava para casa, levando algumas flores e uns presentes que tinham chegado. De domingo para segunda, Maria Helena comeu alguma coisa que não caiu bem, passou malíssimo, não visitou Ruth, soube que ela havia sido transferida para o Hospital do Rim. No cateterismo, foi detectada uma obstrução numa artéria muito pequena, todavia os médicos decidiram não mexer, não era o caso. Maria Helena, por causa da indisposição, não teve alta na segunda-feira, os médicos preferiram esperar.

Quando Ruth voltou para casa, felicíssima, começou a contatar amigos, enviando e-mails para todos os lados. Um destes e-mails foi para Regina Esteves que, nos Estados Unidos, preparava um projeto muito querido para Ruth, o lançamento do Alfabetização Solidária no mercado americano, em parceria com a iniciativa privada. Pessoas físicas poderiam adotar um aluno brasileiro no processo de educação. Foram longas as negociações e Regina convenceu Ruth a fazer um evento na Organização dos Estados Americanos — oea. Faltavam detalhes finais, Regina embarcou com o marido e os filhos, deu-se umas feriazinhas.

No dia 24 de agosto de 2008, uma terça-feira, dia frio, Ruth levantou cedo, foi tomar banho, olhou o corpo em busca da marca de entrada do cateter, mal conseguiu localizá-lo, e fez um curativo com a ajuda do marido.[\[139\]](#)

— Agora vou fazer uns exercícios — comunicou.

— Está louca? Nem pense nisso. Acabou de sair do hospital, não tem cabimento.

Ela sentou-se na cama, deu uma organizada nas pilhas de livros sobre o criado-mudo: *Tocquevilleanas: notícias da América*, de Roberto DaMatta, *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, o *Caderno de Literatura* do Instituto Moreira Salles dedicado a Guimarães Rosa, *O salão de beleza de Cabul*. *O mundo secreto das mulheres afegãs*, de Deborah Rodriguez, os originais de *Os sonhos que alimentam a vida*, autobiografia de José Gregori, inteiramente anotado para a orelha que ela escreveu, *O banqueiro dos pobres*, de Muhammad Yunus (que admirava Ruth, tornara-se amigo dela), *A cabeça do brasileiro*, de Alberto Carlos de Almeida, *Tigre de papel*, de Olivier Rolin, um programa do Cirque de Soleil, ao qual levou todas as netas, uma caixa de bombons semivazia, que a fez sorrir, pensando no regime, uma pasta com originais de artigos de fhc,<sup>[140]</sup> um livro sobre o d.o.m., de Alex Atala, um de seus restaurante favoritos — adorava ler sobre gastronomia.

Durante o almoço, ela e Fernando Henrique conversaram, programando a semana. Haveria um jantar com Roberto Schwarz, ela queria saber quem viria, para equilibrar os casais. Tinha essas preocupações. Às três da tarde Fernando Henrique se foi, tranquilo, ela estava com excelente disposição. O filho Paulo Henrique passou por lá, conversaram, e, de repente, uma vez mais, ela criticou os cariocas. “Veza ou outra, lembrava-se de que tinha essa ojeriza, era um trauma.”

— Mas, mãe, você não pode falar isso, moro no Rio há trinta anos, seus netos moram no Rio, setenta por cento de sua família está lá.

Nesse momento, ela o surpreendeu, revelando:

— Você nunca foi esnobado como eu fui. Diziam que eu era branca, muito branca, que eu era caipira. Nessa conversa, de repente, assim sem mais, ela disse onde queria ser enterrada.

— Mãe, que é isso? Que papo é esse?

Ela falou onde Mariquita e José estavam sepultados, queria estar ao lado deles, queria juntar toda a família.

“Ah, mãe! Fique tranquila, deixe que eu faço isso, um dia coloco todo mundo junto!”

Ruth estava particularmente bem nessa tarde, sentia-se contente. Paulo Henrique partiu, logo depois Van Van chegou, encontrou-a feliz, dizendo: “Vamos arrumar essas flores”. Começaram a distribuir pela casa as dezenas de buquês e ramalhetes de flores vindos de amigos, colaboradores e organizações que enchem a casa. Entre um arranjo e outro, um e outro cafezinho (sempre na quantia exata, duas xícaras), Ruth lembrava-se de alguém, corria ao computador, enviava um e-mail. Até o final da tarde teria mandado mais de vinte. Cheios de júbilo, confessam os amigos. Feliz por estar bem, de volta a sua casa, detestava hospital. Van Van contou em minúcias a exposição *Espelhos: reflexos e reflexões*, na Galeria Marília Razuk, da qual era a curadora, reunindo artistas contemporâneos que usaram espelhos em suas obras. Ruth quis saber tudo, trocaram ideias. Pouco antes de sair, Van Van notou que Ruth tinha desaparecido, procurou-a, e a encontrou no quarto, empurrando uma mesinha de televisão que não era leve. Pediu que deixasse aquilo, depois ela e o Paulo mudariam o móvel de lugar. Ruth continuou empurrando: “Veja como é fácil, tem rodinhas”, e ria. Ao se despedirem, ela prometeu à nora: “Por mim, iria hoje. Os médicos me proibiram de sair. Fico, contra a minha vontade. Amanhã vou, pode esperar. Esse tema, o dos espelhos, me interessa, é uma coisa de Jorge Luis Borges. Deve ser linda a exposição”.

E Van Van se foi. Ruth chamou Terezinha e avisou: “Olha, Fernando Henrique tem um compromisso à noite, vai jantar fora, então você bem que podia fazer aquela sopinha nossa”.

Era uma sopa simples, ou com ossobuco ou com frango sem pele. Extraía-se um caldo espesso, sem gordura, misturava-se com legumes bem picados, e Ruth adorava que acrescentassem também aveia. No final da tarde, depois de telefonar à mulher e certificar-se, uma vez mais, de que ela se sentia bem, Fernando Henrique Cardoso, tranquilo com a recuperação de Ruth, deixou o Instituto que leva seu nome, no Anhangabaú, e se dirigiu ao Hotel Golden Tulip Plaza, na alameda Santos. A convite do Instituto de Estudos Empresariais, ia fazer uma palestra sobre o tema “O Brasil num mundo em transformação: desafios e perspectivas”.

Ruth ligou para Rosiska Darcy no Rio de Janeiro, alegre, avisando que tinha deixado o hospital e que estava perfeita, tinha sido apenas um susto. Rosiska prometeu vir a São Paulo quando descobrisse uma brecha. No meio da tarde, Celso Lafer telefonou, disse que gostaria de lhe fazer uma visita, ela repetiu que estava bem, mas que adoraria que ele aparecesse no fim de semana.

— Quer que leve uma cachaça das boas? Tem a do meu primo, Armando Klabin. Vem da fazenda dele em Minas, você experimenta, me diz.

— Pois me traga essa!

Quase ao mesmo tempo, Paulo Henrique Cardoso tomou um táxi na cidade, decidido a passar em casa para tomar um banho e trocar de roupa, a fim de chegar em tempo ao *vernissage* de Van Van.

Quando o táxi parou em frente ao prédio da rua Rio de Janeiro, o motorista não tinha troco e Paulo subiu para apanhar dinheiro. Ele entrou, procurou pela mãe, encontrou-a no escritório ao telefone:

— Você tem troco para eu pagar o táxi?

Ela fez um sinal, espere, e disse seca e rapidamente:

— Não vê que estou falando com meu fisioterapeuta?

Paulo virou as costas, foi à procura de Terezinha, não a encontrou, voltou, viu a bolsa da mãe, tirou a carteira, apanhou quinze reais e desceu. Ao subir, deu com Ruth na porta, esperando. Inquieta, achava que o filho tinha ido embora, bravo com a maneira como ela dera um “corte” nele. Às vezes, quando ela se mostrava rígida, severa, para dar um “corte” nela, Paulo sumia. Quase um jogo entre os dois.

— Filho, você sumiu, saiu correndo...

— Tudo bem, mãe, precisava do dinheiro, apanhei eu mesmo, foram quinze reais.

— O que veio fazer?

— Tomar um banho, me aprontar, vou para a galeria encontrar Van Van. Antes, vou comer alguma coisa, estou com fome.

— Vamos para a cozinha, conversamos um pouco.

Era o que gostava de fazer, conversar, contar histórias, tinha sempre assunto.

“Naquela tarde, ela estava particularmente radiante, feliz por ter deixado o hospital, o cateterismo tinha sido tranquilo, o médico estava satisfeito. Os dias anteriores tinham sido tensos, mamãe tinha ficado assustada”, disse Paulo. Nem chegaram a sentar-se, Paulo abriu a geladeira, pegou um pedaço de queijo e virou-se para Terezinha:

— Tem banana?

Ruth aconselhou:

— Coma uma pera, é muito melhor.

Terezinha apontou para uma fruteira cheia de bananas vindas de Iguape, trazidas por amigos dela.

— Purinhas, das boas, experimente.

A empregada saiu, Paulo apanhou uma e viu a mãe oferecendo:

— Olhe este figozinho seco, trouxe da China, delicioso.

Passou a contar histórias da viagem recente. Então, levou a mão ao peito e deu um suspiro abafado:

— Ui.

Nada mais, como se fosse um sopro provocado por uma dor intensa.

— Mãe...!

Ao ver que ela cambaleou, Paulo largou tudo, segurou-a por trás, porém um corpo desmaiado pesa, e os dois foram ao chão. Ele acomodou a cabeça de Ruth, começou a ver pulso, temperatura, saiu correndo em busca de Isordil, um remédio que ele também toma depois de ter colocado dois *stents*. Completamente transtornado, desesperado, sem saber que atitude tomar, o que fazer, tentava massagear o coração. Chegaram as empregadas, Terezinha e Rose, e começaram a chorar.

— O que fazemos? O que fazemos?

— Não sei, rezem.

Terezinha abaixou-se, amparou a cabeça de Ruth. Atordoado, Paulo correu ao telefone e ligou para o Hospital Samaritano, a duas quadras dali, pedindo ambulância e uma equipe médica. Esperou, andando para lá e para cá, olhando a mãe no chão da cozinha. Ligou de novo, pedindo urgência. Nada. Acabou ligando cinco vezes, inclusive dizendo “É a primeira-dama!”. Aí Terezinha telefonou para Sandra, uma vizinha do nono andar, cuja irmã pertence à mesma Congregação Cristã. A amiga desceu e, mais calma, viu que Ruth estava morta. Chamaram o Corpo de Bombeiros, o resgate chegou em minutos, fez os primeiros procedimentos. Veio uma segunda equipe e, enfim, o pessoal do Samaritano.

O médico Artur Ribeiro entrou, inclinou-se sobre Ruth, avaliou e comunicou:

— Perdemos a guerra!

Moveu a cabeça, abalado. Paulo sentou-se na sala para tomar fôlego, o apartamento estava cheio de gente, devia haver lá umas quinze pessoas agitadas. “Olhei para o chão e vi um brilho. Abaixei-me e era uma estrelinha simples. E brilhava. O que será isso? Apanhei e guardei. De onde surgiu essa estrelinha? Imediatamente vi que precisava avisar meu pai e minhas irmãs.” Ligou para o celular do segurança, o homem levou o aparelho para Fernando Henrique, que estava começando a palestra. fhc estranhou, atendeu e ouviu: “Pai, venha para cá que a mãe está passando mal, não precisa vir depressa”. Não disse mais nada.

Fernando Henrique, quando ouviu o “não precisa vir depressa”, compreendeu tudo. Apanhou o carro, enfrentou o trânsito do início da noite. Os minutos pareceram séculos. Ele entrou em casa profundamente transtornado, Ruth já estava acomodada no quarto de hóspedes, Paulo o acompanhou até lá, viu quando ele caiu de joelhos e abraçou sua mulher. Paulo deixou-

-o sozinho, ele ficou um tempo e saiu em lágrimas. “Porém, ele tem uma capacidade incrível de recuperar-se, as pessoas o rodearam.” As outras ligações foram para as filhas dele, Helena e Joana, as gêmeas de 23 anos, e para a irmã Luciana, que mora em Brasília. Helena chorava: “Pai, uma amiga minha que trabalha na Globo me ligou e disse que vovó morreu, verdade?”. Ele confirmou e então percebeu que a imprensa já sabia. Vizinhos do bairro, ao verem a movimentação de ambulâncias, tinham avisado jornais e televisão, e em minutos a rua Rio de Janeiro e adjacências ficaram bloqueadas.

Estabeleceu-se rapidamente uma corrente de informações, os celulares congestionaram. Nessa rede, funcionaram os rádios dos seguranças dos prédios e das casas da rua, porque eles têm canal aberto com a polícia e os bombeiros e foram captando e transmitindo mensagens. Uma amiga de Gilda Portugal Gouvêa, assessora do secretário de Educação e amiga de Ruth, que passeava com o cachorro pela rua, ao ver ambulância, resgate e imprensa aproximou-se, soube da morte e comunicou a Gilda, que ligou para o Palácio dos Bandeirantes avisando o governador. José Serra comunicou ao presidente Lula. Amigos que moravam perto, quase vizinhos, como Luiz Meyer e Regina, Fátima e Fernando Pacheco Jordão, Malak e Pedro Paulo Poppovic, Maria Adelaide Amaral, todos logo se inteiraram da situação e passaram a comunicar aos amigos.

O grande problema foi avisar Bia, que estava em Barcelona, na Espanha, com o celular desligado, era madrugada lá. José Safra, que acabara de chegar, ofereceu um Learjet para buscá-la. No entanto, um avião de carreira seria mais rápido, até preparar o jatinho, obter autorização de voo, atravessar o oceano, regressar, demoraria mais. Embaixada e consulados entraram no circuito, Bia foi avisada, embarcou de volta.

Outra ligação foi para a galeria de arte onde estava Van Van, porém o coquetel tinha começado e ela desligara o telefone. E a cada um que perguntava pela sogra, sorria e comentava: “Está ótima”. A certa altura, Van Van percebeu Amanda, filha dela, fazendo sinais desesperados. Van Van, rodeada de gente, acenava: “Espere um pouco, o que há?”. A filha insistia: “Mãe, venha aqui, preciso falar com você”. Van Van imaginou que era um problema menor, uma roupa rasgada. Amanda insistiu: “Liga para o Paulo Henrique, liga já!”. Bateu uma preocupação, afinal o Paulo Henrique tinha, também, colocado dois *stents* há pouco tempo. Van Van, ressabiada, indagou: “Aconteceu alguma coisa com ele?”. Quando a filha respondeu “Não, ele está bem, é a Ruth”, caiu a ficha. Na mesma hora Van Van ligou o celular, havia dezenas de mensagens. Ela correu a Jorge Caldeira, que estava na galeria, avisou-o, saíram juntos, voando, não disseram nada a ninguém, não quiseram alarmar nem estragar o coquetel. Partiram, chegando ao apartamento cerca de 20h30.

O telefone de Jorge Caldeira tocou, era sua irmã Teresa completamente fora de si, sem compreender o que se passava, totalmente bloqueada. Era tarde da noite em Lisboa, ela estava lendo os e-mails, havia um de Ruth dizendo: “Já estou em casa, foi só para dar um susto nos médicos. Confirmando nosso encontro semana que vem”. Pouco depois, Jim, marido de Teresa, telefonou a ela dos Estados Unidos contando que Ruth tinha morrido.

Na porta, um mar de jornalistas, carros de televisão e rádio, populares, curiosos. Van Van entrou no elevador, errou o andar, subiu, desceu, errou de novo, até acertar o oitavo andar: “Havia um mundo de gente, um tumulto, todos atarantados. Ruth já estava numa cama do quarto de hóspedes. As amigas confabulando como vesti-la. Acabamos escolhendo um vestido discreto, bege, uma cor que ficava bem nela, apanhamos um xale, ela gostava de xales”. Os amigos de Paulo, Jorge Caldeira e Carlos Eduardo Régis Bittencourt, estavam pensando no velório, providenciando o necessário. Chegou Andrea Matarazzo e ajudou fazendo contatos. O Palácio dos Bandeirantes e a Assembleia Legislativa foram descartados, não tinham o perfil de Ruth, e assim chegou-se à Sala São Paulo, “lugar que ela amava”, completa Van Van.<sup>[141]</sup>

No começo da noite, no Rio de Janeiro, Miguel entrou no escritório de Rosiska pálido, abalado:

— Ruth morreu.

— Como morreu? Acabamos de nos falar, estava bem.

Nesse momento, o celular tocou, ela atendeu e ouviu: “Aqui é fulana de tal, da Globo News, meus sentimentos”. Rosiska correu para o escritório de Miguel, a notícia estava na internet viajando. Chovia muito no Rio. Uma amiga ligou, havia um helicóptero pronto para decolar. Rosiska, que tem horror a avião, agradeceu, disse que ainda estavam decidindo. Helicóptero, e numa chuva daquelas! Outro telefonema, de Eduardo Eugênio Vieira, presidente da Firjan, a Fiesp do Rio, oferecendo-se para levá-los num jatinho. Aceitaram, decolaram, meia hora de voo e uma pane no avião, tiveram de voltar em meio à tempestade. Nessa altura, os aeroportos do Rio estavam fechados, já era tarde. Na manhã seguinte partiram no primeiro avião de carreira, e somente ali Rosiska se lembrou do medo que tinha de avião.

No Hospital Sírio Libanês, Maria Helena Gregori percebeu uma movimentação estranha, funcionários entraram no apartamento, desligaram a televisão, começaram a retirar o aparelho.

— O que está acontecendo? Vão levar minha tevê?

— Deu um problema com a tevê a cabo, estamos desligando tudo, até que façam os reparos. Vamos trocar sua tevê, logo traremos outra.[\[142\]](#)

Não trouxeram. E assim Maria Helena não viu os telejornais da noite. Os médicos tinham se prevenido, ela estava frágil, convalescendo. Depois, ela viu suas três filhas, Maria Stella, Maria Cecília (Ticha) e Bibia, chegarem juntas e estranhou. De repente, as três desabaram e Maria Helena ficou sabendo. José Arthur Giannotti tinha acabado de chegar do cemitério, sua mãe tinha falecido no dia anterior. Ele telefonou para fhc, que pediu: “Não venha, não é justo, você não vai suportar duas dores dessas seguidas”. Quando José Gregori entrou, deu com o governador Serra, abismado: “Você acabou de perder a sua parceira de dança, Gregori”. E lágrimas correram pelo rosto dos dois. Pedro Moreira Salles chegou ao apartamento da rua Rio de Janeiro cerca de uma da madrugada e encontrou um Fernando Henrique desolado, atônito: “O que fazer sem ela? Olhe esta casa, ela está inteira aqui, fez tudo, a gente respira Ruth neste lugar”.

Regina Esteves, em Nova York, recebeu a notícia e não pensou duas vezes — falou com o marido, apanhou bolsa e passaporte e foi para o aeroporto, conseguiu um voo para o Brasil. Ficou até a missa de sétimo dia — que provocou polêmicas, Ruth nunca teve essa religiosidade de missas e igreja. Terminada a missa, quando Regina saía da igreja, o celular avisou que havia uma mensagem. Ela abriu: “Regina, muito obrigada pela sua solidariedade e pela sua fidelidade. Ruth”. A mensagem tinha ficado retida no espaço por sete dias.

A essa altura, a notícia corria o Brasil em edições extras. Por instantes a nação paralisou, percorrida por uma profunda emoção. Todos os jornais do país, no dia seguinte, falariam dessa mulher. Como disse Eva Blay, “poucas vezes se viu tanta unanimidade”. Desapareceram partidarismos, ideologias, rivalidades, ressentimentos, idiosincrasias. Roberto Pompeu de Toledo, na revista *Veja*, sintetizou que ela uniu, “na mesma louvação e na mesma tristeza, pessoas de diferentes áreas e posições políticas opostas. A admiração e o respeito que despertava faziam dela uma unanimidade”. Gaudêncio Torquato definiu-a com exatidão: “Ela nunca transigiu com a integridade”. Manuel Castells telegrafou de Barcelona: “Ruth foi uma das maiores antropólogas urbanas do mundo”.

No dia seguinte, José Arthur Giannotti foi o primeiro a chegar, encontrou Fernando Henrique

desmoronado, o ar perdido. A casa estava silenciosa, enormemente vazia. Giannotti disse que iria à Sala São Paulo, o corpo de Ruth já tinha sido preparado para o velório. fhc tomou um banho, vestiu-se. “Ao entrar na sala, estava recomposto, a postura de presidente reassumida”, acentuou Giannotti.

Em Lisboa, Teresa chegou para sua conferência, estava completamente atordoada. Pediu desculpas, comunicou que leria rapidamente seu texto, não teria tempo para debater, nem ânimo, acrescentou. Já tinha passagem marcada na tap para regressar ao Brasil. E disse o porquê. Na plateia, dezenas de pessoas começaram a chorar.[\[143\]](#)

O falecimento foi notícia de primeira página em todos os jornais brasileiros, nas rádios, nas tevês. Os grandes jornais do mundo deram destaque. O Brasil continuava incrédulo, atônito. As filas começaram a se formar diante da Sala São Paulo. O presidente Lula, rodeado por sete ministros, entrou, e o abraço entre ele e Fernando Henrique, ambos em lágrimas, emocionou todos os presentes. No avião da comitiva presidencial veio uma pessoa simples, ligadíssima a Ruth, seu braço direito no Palácio da Alvorada. Era Dalina, uma de suas assessoras diretas mais queridas. Ela fincou pé, fez porque fez, embarcou com Lula e Marisa. De pé, magro e ereto, aos 91 anos, ali estava o professor Antonio Candido, o único que ainda chamava Ruth de Ruthinha. Coroas e coroas chegavam a cada minuto. Nenhuma celebridade, nenhum estadista brasileiro, nenhum ídolo recebeu tantas flores, o espaço na Sala São Paulo quase desapareceu. O velório estendeu-se por toda a quarta-feira, à espera de Bia Cardoso, já no avião, de volta.

Ruth foi levada às dez horas do dia 26 ao Cemitério da Consolação, a essa altura já tomado por uma multidão. Difícil entrar, impossível se locomover. Terezinha, a empregada, estava esperando amigas que não chegavam, tentou sair, um segurança avisou-a: “Se sair, não terá mais como entrar. Aliás, não vai encontrar ninguém no meio dessa multidão”. A bandeira de Araraquara surgiu sobre o caixão. Fazia sol, o símbolo da terra natal dela.

Na noite seguinte seria lua minguante.

## *Posfácio*

### Ruth Leite Cardoso, minha mestra, minha colega, minha amiga

Ruth irradiava serenidade nos seus olhos café que iluminavam um rosto eternamente jovem, embelezado por seu sorriso tranquilo. Conversar com ela sobre qualquer coisa, da política brasileira às alegrias e dores da vida, sempre me transmitia uma profunda calma. Os temas mais espinhosos, as questões mais complicadas se simplificavam, se tornavam razoáveis e se transformavam em possibilidades de entender, de fazer, de trabalhar para as pessoas e com as pessoas, de se sentir à vontade com os entes queridos. Mas Ruth, a dona Ruth, a professora Ruth Leite Cardoso, era muito mais do que um ser dileto e uma mulher inteligente e sensível. Era uma pesquisadora de primeiro nível, uma acadêmica respeitada no mundo todo, uma líder de mulheres, uma ativista política comprometida e apaixonada e, chegada a ocasião, uma primeira-dama que rompeu com os moldes tradicionais e também com os novos modelos que outras primeiras-damas quiseram introduzir. E, para mim, foi minha mestra e amiga.

Ruth foi minha mestra. Ensinou-me muitas coisas desde os nossos primeiros encontros na Paris de 1968 e, em seguida, em novembro do mesmo ano, no mês que morei em sua casa no Morumbi, com sua família. Conduziu-me pela São Paulo que só uma antropóloga urbana como ela sabe decifrar. Permitiu que lesse sua tese sobre as comunidades japonesas de São Paulo, levou-me aos mercados onde eles vendiam suas verduras e me explicou os circuitos comerciais e familiares a partir dos quais cresceram em riqueza e influência, com base no duplo processo de integração ao país e de conservação de sua identidade. Um tema que hoje é central no mundo e que Ruth me ensinou a pensar quatro décadas atrás. Mas o tema em torno do qual desenvolvemos nossa mais profunda colaboração de pesquisa foi o dos movimentos sociais urbanos. Juntos, identificamos a importância das comunidades locais na mudança social a partir da luta cotidiana pela satisfação das necessidades básicas das pessoas e o papel decisivo das mulheres como organizadoras da comunidade. Procuramos encontrar uma perspectiva de pesquisa que superasse o dogmatismo marxista de fazer das organizações comunitárias um apêndice da classe operária, ao mesmo tempo em que nos distanciávamos do enfoque funcionalista da cultura da pobreza, montagem ideológica a serviço dos interesses das Igrejas.

Com a Ruth, procuramos, e acho que conseguimos, identificar um novo sujeito de transformação, a cidade dos cidadãos, um movimento cidadão e de vizinhos que, para resolver seus problemas, tinha de transformar a cidade e, portanto, a sociedade, o que constitui a essência de um movimento social. Ruth era radicalmente crítica do populismo e encontrou na análise concreta do povo concreto a forma de desmistificar a ideologia e de identificar as vias de mudança social que se adaptassem a uma realidade latino-americana, em que a classe operária foi mais frequentemente fonte de privilégios corporativos do que agente de transformação social. Ruth me ajudou, sem dizer nada, a superar o dogmatismo ideológico

que em parte impregnava meu primeiro livro, *A questão urbana*. Sem dizer nada porque, em vez de entrar numa discussão textual (frequente nos círculos talmúdico-marxistas da América Latina da época), abriu meus olhos para o novo significado dos movimentos sociais urbanos que eu tinha identificado no Chile e na França, mas que procurava entender com categorias que não se adaptavam à sua problemática. Desse compartilhamento de experiências urbanas com a Ruth saiu um novo olhar meu para os movimentos sociais urbanos na Espanha e, a partir dessa nova pesquisa, meu livro *La ciudad y las masas*, que rompeu explicitamente com a teorização marxista estruturalista para tentar situar a prática de transformação urbana em seu contexto, partindo do que os sujeitos eram e diziam ser ao invés de codificá-

-los conforme os interesses ideológicos do analista. Essa conversa sobre as comunidades locais e os movimentos sociais urbanos nunca se interrompeu. Prosseguiu nos seminários que Ruth ministrou no Departamento de Planejamento Urbano e Regional em Berkeley, em 1982, e no Centro de Estudos Latino-Americanos de Berkeley, em 1999. E se articulou em reuniões locais e internacionais nas quais continuamos a redefinir a análise dos movimentos sociais segundo sua evolução na prática. Um dos momentos mais reveladores de sua capacidade analítica, exercida com a descrição da pesquisadora atenta à observação, foi sua intervenção no seminário sobre globalização e mudança social na América Latina no ano de 2002, em Cochabamba. Num momento da animada discussão nesse seminário fechado, de alto nível acadêmico, Ruth sintetizou em uma frase o que estávamos descrevendo sem realmente entender: “O povo desunido jamais será vencido”. Simples, brilhante, profundo. Porque o que ela estava dizendo era que as vias de transformação em nossas sociedades segmentadas e multiculturais não surgem de uma centralidade do sujeito, seja ele qual for, em torno do qual se aglutinem os protestos sociais e os projetos políticos. É a multiplicidade de fontes da mudança social, sua não articulação em aparelhos políticos instrumentais, seu trabalho intersticial nas mentes das pessoas numa série de práticas diversas que vai solapando as raízes da dominação. Porque a dominação tende a se exercer centralmente, no Estado, no capital, no oligopólio da informação, já que resulta de alianças entre interesses e valores dominantes. Ao passo que a resistência é multiforme, cada pessoa, cada grupo, cada fonte de valores alternativos tem suas próprias causas para defender contra a dominação encarnada nos aparelhos da sociedade. Fundir essa diversidade de resistências e projetos alternativos sob uma bandeira comum pode ajudar a ganhar eleições ou tomar o poder. Mas à custa de sacrificar a capacidade transformadora dos movimentos sociais, ações coletivas que procuram, antes, mudar os valores da sociedade do que empoleirar-se nas instituições.

Esse debate com a Ruth e essa fórmula sintética, que agora figura no frontispício de minha análise sobre os movimentos sociais, forneceu-me a pedra angular que me faltava para entender a descentralização do processo de transformação social em nossos tempos.

Mas Ruth não concebia os movimentos sociais como gestas heroicas, desvinculadas das reivindicações cotidianas. Ao contrário, via-os brotar da luta diária para satisfazer as necessidades das pessoas e da organização comunitária dessas lutas.

E via o processo político relativo ao Estado como uma instância necessária para uma melhora da sociedade, mas uma instância na qual um projeto de reforma só poderia triunfar caso se enraizasse na dinâmica dos movimentos sociais, sem por isso segui-los em seu deslocamento utópico. Sempre

desconfiada da ideologia, que tanta dor causou na América Latina, alertava contra o voluntarismo político das vanguardas. Ao mesmo tempo, insistia na necessidade de manter os valores de transformação social que surgiam da base da sociedade como referentes últimos da gestão política, obrigatoriamente prudente e limitada pelo contexto institucional. Diferentemente dos líderes políticos, porém, ela e eu sempre consideramos que a essência da mudança provinha do que sucedesse nas comunidades locais e nos movimentos sociais múltiplos que surgem em todas as esferas da vida social. Não creio que seja trair um segredo de Estado recordar conversas semiprivadas nas quais, cada vez que num círculo íntimo lembravam

ao então presidente Cardoso a importância dos movimentos sociais e comunitários, ele costumava dizer, concentrado que estava nas grandes decisões políticas do Estado, que “desses temas” (ou seja, sociedade civil, movimentos sociais e outros) já se ocupavam Ruth e Manolo. Não era um comentário pejorativo, muito pelo contrário: sabia que ali estava a raiz de tudo, mas suas tarefas e responsabilidades de gestão eram inadiáveis. Esperava que de Ruth saíssem ideias para o restante. E saíam. Mas Ruth nunca interferiu nas decisões do presidente. Diferentemente de outras

-damas, que consideraram ter direito a copresidir, Ruth soube definir um papel autônomo de primeira-dama, utilizando o prestígio de sua função para tomar iniciativas próprias, como o desenvolvimento da rede de programas sociais das Comunidades Solidárias, financiados e patrocinados por recursos privados. Foi uma decisão amadurecida e consciente, que a transformou em agente de ação na sociedade, à margem de sua função de representação como primeira-dama, que assumiu dentro de parâmetros estritamente protocolares.

A coerência da visão de Ruth sobre a distância e a relação entre sociedade civil e Estado se manifestou com clareza exemplar em sua prática e análise do feminismo. Dela aprendi o que foi e é atualmente minha visão do movimento de mulheres e do feminismo. Ruth não se dizia feminista, apesar de ser uma mulher plenamente autônoma e já defender os direitos da mulher antes de o termo *feminismo* ser utilizado no Brasil. No entanto, ela não qualificava a si mesma como tal para se distanciar do feminismo ideológico da classe média alta que, na América Latina, importava modelos de feminismo norte-americano ou europeu e os aplicava a um contexto completamente diferente. O que interessava a Ruth era a emancipação das mulheres populares na sociedade mediante a assunção da liderança da família, do bairro, das associações civis, mudando, assim, as relações de poder dentro e fora da família. Ela distinguia movimento de mulheres, direitos da mulher e feminismo ideológico. Interessou-se pelos dois primeiros e ignorou (sem se opor) a dimensão ideológica, que sempre lhe pareceu artificial e elitista no contexto do Brasil. Assim, entendi o que em seguida denominei (e Ruth considerou apropriado) “feminismo prático”, isto é, uma prática de afirmação cotidiana da autonomia da mulher sem ter de revesti-

-la com a roupagem conceitual da crítica do patriarcado. Essa perspectiva é essencial para a transformação da condição feminina no mundo, porque é somente por meio desse feminismo prático que se solapa o patriarcado na maior parte do planeta. Sem essa perspectiva, não é possível entender o feminismo prático de mulheres islâmicas, mesmo o das integristas, para quem usar o véu não as impede de decidir sobre suas vidas e escolher suas próprias batalhas, dentro de sua cultura. Ruth não interveio diretamente nesses debates, deixou-os simplesmente de lado, porque para ela o

essencial era a igualdade legal, as condições de vida das famílias, a defesa do direito ao aborto e a proteção das mulheres contra a violência doméstica. Quando teve de defender esses direitos, não hesitou, de forma tranquila, em enfrentar as mais altas instâncias do poder, ganhando batalhas decisivas e contrariando todos os prognósticos.

A Ruth acadêmica educou, na sua cátedra da Universidade de São Paulo e em algumas das mais prestigiosas universidades do mundo, gerações de jovens cientistas sociais, para os quais abria novas perspectivas partindo de observações minuciosas de realidades no Brasil e na América Latina. Lembro como, no Centro de Estudos Latino-Americanos de Berkeley, estudantes de vários países, frequentemente imbuídos de juízos preconcebidos sobre a realidade da América Latina, alcançavam de repente a compreensão de seu mundo real. Passavam a ver, por exemplo, na realidade das crianças de rua, não pobres criaturas abandonadas, mas trabalhadores precoces explorados por seus próprios pais para trazer dinheiro para casa, estando proibidas de voltar enquanto não conseguissem o suficiente. E, de repente, nos dávamos conta da conexão entre uma análise colada na realidade e a possibilidade de transformar essa realidade. Por exemplo, oferecendo um subsídio suficiente aos pais em troca de mandarem os filhos para a escola, programa este que teve um impacto decisivo na redução do número de crianças de rua no Brasil. Ou a análise de Ruth sobre a possibilidade de controlar a aids mediante o fortalecimento do poder das mulheres para poderem dizer não e, assim, evitar a contaminação. Esse fortalecimento só podia provir da capacidade de organização comunitária e, portanto, da sociedade. Só depois é que as instituições do Estado podiam apoiar as mulheres para reduzir a violência doméstica resultante de sua negativa ao sexo perigoso. Essa análise, que também esteve na base do desenvolvimento de comunidades de mulheres contra a aids no Brasil, foi decisiva para frear a disseminação da doença, em contraste com a África do Sul, onde a incapacidade da sociedade civil para organizar a resistência das mulheres contra o abuso sexual dos homens tornou quase inúteis os programas institucionais de informação.

Ruth foi uma grande pesquisadora e sua obra será compilada de forma sistemática nos anos vindouros. Mas foi sobretudo uma extraordinária inovadora social, que utilizou sua pesquisa e sua mente para inventar processos de mudança social em benefício de uma multidão de pessoas. E extraiu permanentemente ensinamentos dessas experiências a fim de refinar a análise e colocá-la em prática em novas iniciativas que contribuíram para mudar a sociedade, de baixo para cima. Influenciou agentes políticos, empresariais, líderes sociais, que viram em suas ideias a resposta para muitos dos problemas práticos que eles se colocavam. Durante muito tempo veremos seus conselhos e suas ideias nas práticas de políticas reformadoras no Brasil, no Chile e em toda a América Latina. Muitos jamais saberão que, na origem dessas práticas, estão suas ideias. Ruth não se importará com isso. Ela desfiava ideias com paixão tranquila em torno de uma xícara de café, no transcurso de uma viagem, na sala de um seminário ou numa reunião de um centro comunitário. Semeava. Semeava as sementes do que aprendeu como pesquisadora, esperando que a colheita fosse algo mais além de artigos científicos: que fosse uma colheita de humanizar as vidas de pessoas que ninguém via. Foi uma antropóloga para quem as comunidades observadas eram comunidades vivas e não culturas dissecadas para consumo das elites.

Compartilhei momentos de vida com a Ruth. Muitos momentos. Na sua casa do Morumbi, no meu

apartamento de Paris, no apartamento dela em São Paulo, na minha casa de Berkeley, nas aldeias da Amazônia, nos bairros de Barcelona, nos seminários do Cebrap, nos seminários em São Paulo, no Chile, no México e na Bolívia, nos seminários de Berkeley e Stanford, em movimentos comunitários e em palácios presidenciais, em universidades censuradas e em acadêmicas torres de marfim, em jantares preparados por ela e em churrascos feitos por mim, em viagens longas e curtas, em entardeceres e amanheceres, em esperanças e desesperos. Cada um desses vários momentos foi intenso e tranquilo, falávamos de tudo e projetávamos tudo, mas sem angústia, com tempo pela frente. Tínhamos toda a vida pela frente para analisar o mundo, senti-lo, mudá-lo. E, de repente, a música parou. Durante muito tempo não pude aceitá-lo, não conseguia imaginá-

-lo, o mundo não podia prosseguir sem a Ruth, porque não achava o rumo sem essa bússola escondida fundamental que, periodicamente, ela era para mim. Inicialmente, reagi como intelectual, escrevendo um artigo sobre ela no jornal da minha aldeia local (*La Vanguardia*, de Barcelona), como se o testemunho e a análise pudessem aliviar a ausência. Não podem. E não o fizeram e continuei com esse espaço vazio na minha vida, um vazio ao mesmo tempo pessoal, intelectual e político. Até que entendi que a Ruth está viva, viva em mim, como tenho certeza de que está viva em muitas outras pessoas. Não só como memória e lembrança. Mas no que pensamos, no que pesquisamos, no que fazemos. Sem pensar nela. Sendo ela na realidade. E quando reconheci sua presença em tantos gestos de meu trabalho e de minha vivência, recuperei a calma, a calma que ela transmitia. E por isso pude agora, só agora, escrever este texto.

Manuel Castells  
Catedrático emérito da Universidade da Califórnia, Berkeley

*Barcelona e Los Angeles, dezembro de 2009*

Traduzido do espanhol por Claudia Berliner

# Lista de depoentes

## Entrevistas e depoimentos concedidos ao autor

Albertina de Oliveira Costa

Anna Verônica Mautner

Antonio Candido

Artur Ribeiro

Augusto de Franco

Beatriz Cardoso, Bia

Bibia Gregori

Biluca Machado

Celso Lafer

Circe Boueri

Clélia Bolaffi

Danielle Ardaillon

Darcy Dantas

Dora Medina

Eda Lombardi

Ernesto Lia

Eunice Ribeiro Durham

Eva Blay

Evangelina Seiler, Van Van

Fátima Pacheco Jordão

Fausto Castilho

Fernanda Boueri

Fernando Henrique Cardoso

Fernando Pacheco Jordão

Flávio Módolo

Fred de Araújo, embaixador

Gabriel Bolaffi

Gilda Portugal Gouvêa

Hugo Fernando Salinas Fortes

Iara Prado

Inayá Bittencourt e Silva

Ivo Dal'Acqua  
Joaquim Adolfo Mendonça  
Jorge Caldeira  
José Arthur Giannotti  
José Edgar Machado, Zé Baiano  
José Gregori  
José Serra  
Leôncio Martins Rodrigues  
Lourdes Sola  
Luciana Cardoso  
Luiz Felipe Cabral Mauro  
Malak El Chichini Poppovic  
Manuel Castells  
Margarida Troncon Busatto  
Maria Adelaide Amaral  
Maria da Penha Villalobos  
Maria Helena Gregori  
Mary Lafer  
Miguel Darcy de Oliveira  
Nelson Gullo  
Paulo Henrique Cardoso  
Paulo Paiva  
Pedro Moreira Salles  
Regina Duarte  
Regina Esteves  
Regina Meyer  
Renato Corrêa Rocha  
Rosiska Darcy de Oliveira  
Teresa Caldeira  
Terezinha Barbosa de Moraes  
Wilma Motta

Ruth Cardoso, no início do segundo mandato de Fernando Henrique, concedeu uma longa entrevista ao autor em seu apartamento da rua Maranhão, publicada na revista *Vogue* e republicada em seu romance *A altura e a largura do nada* (São Paulo: Editora Jaboticaba, 2006).

Entrevistas e depoimentos recolhidos de outras fontes

Alessandra El Far

Andrea Ciacchi

Carmem Guedes

Célia de Ávila

Fernando Henrique Cardoso

Helena Sampaio

José Goldemberg

José Serra

Margarida Cintra Gordinho

Maria Alice Lia Tedde

Paulo Eduardo Arantes

Ruth Cardoso

Tessy Hantzschel

## Referências bibliográficas

- Arantes, Paulo Eduardo. “O bonde da Filosofia”. In Santos, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). *Maria Antonia, uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.
- Blay, Eva. “Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres”, *Revista da usp*, São Paulo, n. 49, março-abril-maio de 2001.
- Cardoso, Fernando Henrique. *A arte da política – a história que vivi*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Cardoso, Fernando Henrique. “Memórias da Maria Antonia”. In Santos, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). *Maria Antonia, uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.
- Cardoso, Ruth. “Apresentação”. *Comunidade Solidária: fortalecendo a sociedade, promovendo o desenvolvimento*. In Cardoso, Ruth; Franco, Augusto de; Oliveira, Miguel Darcy de; Lobo, Thereza (orgs.). Rio de Janeiro: Comunitas, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.
- Ciacchi, Andrea. “Gioconda Mussolini”. *Revista de Antropologia*, vol. 50, jan.-jun. 2007.
- Fausto, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.
- Fortes, Luiz Roberto Salinas. *Sartre no Brasil – A Conferência de Araraquara*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Unesp/Paz e Terra, 1987.
- Gama, Lucia Helena. *Nos bares da vida*. São Paulo: Editora Senac, 1998.
- Goldemberg, José. “Depoimento sobre memórias da rua Maria Antonia”. In Santos, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). *Maria Antonia, uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.
- Gordinho, Margarida Cintra. *O livro de Ruth*. São Paulo: fecap/Imprensa Oficial do Estado, 2009.
- Jornal *O Imparcial*, Araraquara, São Paulo, 11 de setembro de 1994.
- Leme, Maria Carolina da Silva e Avelino, George. “A atualidade de Vilmar Faria”. In Moura, Flavio e Montero, Paula (orgs.). *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- Mello e Souza, Gilda de e Candido, Antonio. *Pio & Mário, diálogo da vida inteira*. São Paulo/Rio de Janeiro: sesc sp/Ouro Sobre Azul, 2009.
- Moura, Flavio e Montero, Paula (orgs.). *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- Revista de Antropologia*, vol. 50, jan.-jun. 2007.
- Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 67, n. 2, pp. 49-54, mar. 1973.
- Sampaio, Helena. “Ruth Cardoso and the Comunidade Solidária (Solidary Community): coherence and innovation. Universidade Columbia, Nova York, 9 de abril de 2009 (paper).
- Santos, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). *Maria Antonia, uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.
- Tedde, Maria Alice Lia. *Jornal O Imparcial*, Araraquara, São Paulo, 11 de setembro de 1994.

# Índice Onomástico

Abreu, Dener Pamplona de,  
Acetoza, José  
acm *ver* Magalhães, Antonio Carlos  
Affonso, Almino  
Aguilas, Nido de  
Alambert, Zuleika  
Albuquerque, José Augusto Guilhon  
Alessandri, Jorge  
Alimonda, Altéa  
Alimonda, Heitor  
Allende, Isabel  
Allende, Salvador  
Almeida, Abílio Pereira de  
Almeida, Alberto Carlos de  
Almeida, Luciano Mendes de, dom  
Almeida, Maria do Carmo Corrêa de  
Almeida, Maria Hermínia Tavares de  
Amaral, Ricardo  
Amaral, Zózimo Barrozo do  
Amarante, Paulo  
Andrade, Carlos Drummond de  
Andrade, Jáder de  
Andrade, José Aluysio Reis de  
Andrade, Regis de Castro  
Antunes, Arnaldo  
Arantes, Paulo Eduardo  
Araújo, Emanuel  
Araújo, Fred  
Araújo, Octávio  
Ardaillon, Danielle  
Arns, Paulo Evaristo, dom  
Aron, Raymond  
Arruda, José Jobson  
Astaire, Fred  
Atala, Alex  
Athayde, Tristão de  
Aufiero Sobrinho, dr.  
Ávila, Célia de  
Azambuja, Marcos  
Azevedo, Fernando de  
Azevedo, Ramos de  
Azzi, Rodolfo

Barbosa, Carlos Alberto Leite  
Barbosa, Maria Ignez  
Barbosa, Rubens

Bardi, Pietro Maria  
Bardot, Brigitte  
Barra, Mário  
Barreto, Lima  
Barros, Adhemar de  
Barros, Alberto Rocha  
Bastide, Roger  
Beauvoir, Simone de  
Becker, Cacilda  
Bell, Peter  
Benedict, Ruth  
Bernardes, Sergio  
Berquó, Elza  
Bertazzo, Ivaldo  
Bethânia, Maria  
Betinho  
Bicudo, Hélio  
“Binoca” *ver* Zerbina, Noêmia  
Bittencourt, Álvaro  
Bittencourt, Carlos Eduardo Régis  
Blay, Eva  
Boas, Franz  
Bodmer  
Bolaffi, Gabriel  
Bonadei  
Borges, Jorge Luis  
Bornay, Clóvis  
Boueri, Circe  
Boutros-Ghali, Boutros  
Bowes-Lyon, Elizabeth (Rainha Mãe)  
Braga, Sonia  
Brecheret, Victor  
Bresser-Pereira, Luiz Carlos  
Brito, Manoel de  
Brito, Rosendo de  
Buarque, Chico, 46  
Bueno, Eduardo  
Busatto, Margarida Troncon  
Bush, George  
Bush, Laura  
Buzaid, Alfredo

Caldeira, Jorge  
Caldeira, Teresa  
Camargo, Cândido Procópio Ferreira de  
Camargo, Joracy  
Camargo, José  
Campos, Maria Malta  
Canabrava, Alice  
Candido, Antonio  
Cantoni, Wilson  
Cardoso, Antonio Geraldo  
Cardoso, Augusto Ignácio do Espírito Santo  
Cardoso, Beatriz (filha de Fernando Henrique e Ruth Cardoso)  
Cardoso, Fernando Henrique  
Cardoso, Gilda  
Cardoso, Helena (neta de Ruth Cardoso)

Cardoso, Joana (neta de Ruth Cardoso)  
Cardoso, Joaquim Ignácio Batista  
Cardoso, Leônidas  
Cardoso, Luciana (filha de Fernando Henrique e Ruth Cardoso)  
Cardoso, Nayde (mãe de Fernando Henrique Cardoso)  
Cardoso, Paulo Henrique (filho de Fernando Henrique e Ruth Cardoso)  
Cardoso, Sergio  
Carradine, David  
Caruso, Enrico  
Carvalho, Ada Zerbini de  
Carvalho, Antonio J.  
Carvalho, Aracy de  
Carvalho, Flávio de  
Carvalho, Maria da Penha *ver* Villalobos, Maria da Penha  
Carvalho, Maria Ernestina de  
Carvalho, Plínio de  
Carvalhosa, Luis Perestrello  
Castello Branco, Humberto de Alencar  
Castells, Manuel  
Castilho, Fausto  
Castilho, Lindomar  
Castro, Amílcar de  
Castro, Antônio Barros de  
Castro, Carmelita de  
Castro, Fidel  
Castro, Maria Helena Guimarães de  
Catunda, Leda  
Cavalcanti, Duda  
Celiberto, Isidoro  
Cesarino, Antonio  
Chaves Neto, Elias  
Chaves, Anésia Pacheco  
Clélia, Bolaffi  
Clinton, Hillary  
Coelho, Nelson  
Coelho, Ruy  
Coelho, Simone  
Cohn, Gabriel  
Corrêa Leite, José *ver* Leite, José Corrêa (pai de Ruth Cardoso)  
Corrêa Leite, Maria Villaça *ver* Leite, Maria Villaça Corrêa (mãe de Ruth Cardoso)  
Corrêa, José Celso Martinez  
Corrêa, Pio Lourenço  
Costa e Silva, Artur da  
Costa, Albertina de Oliveira  
Costa, João Cruz  
Costa, Milton da  
Covas, Mario  
Crozier, Michel  
Cunha, Sebastião Advíncula da

Dal'Acqua, Ivo  
Dalina (empregada)  
Dallari, Dalmo  
DaMatta, Roberto  
Daniel Filho  
Dantas, Mauro  
De Sica, Vittorio

Debert, Guíta Grin  
Debrun, Michel  
Delfa (empregada)  
Descartes, René,  
Di Cavalcanti  
Diniz, Ângela  
Diniz, Leila  
Duarte, Anselmo  
Duarte, Regina  
Dubugras, Victor  
Dulcineia (secretária)  
Durham, Eunice Ribeiro  
Dutra, Eurico Gaspar

Edson Luís *ver* Souto, Edson Luís de Lima  
El Chichini, Malak  
Elizabeth ii, rainha da Inglaterra  
Eluf, Maria Luisa  
Emmanuelle, Madame  
Epinghaus, Djalma  
Erundina, Luiza  
Escobar, Ruth  
Esteves, Regina  
Etcheverry, Jean

Falcão, Armando  
Faletto, Enzo  
Faria, Vilmar  
Fausto, Boris  
Fausto, Cynira  
Fausto, Ruy  
Fawcett, Farrah  
Fellini, Federico  
Fernandes, Florestan  
Ferreira, Márcia  
Ferri, Mário Guimarães  
fhc *ver* Cardoso, Fernando Henrique  
Figueiredo, João  
Fiore, Ottaviano de  
Fomm, Joana  
Fonda, Jane  
Fonseca, Maria Helena *ver* Gregori, Maria Helena  
Fortes, José Benevenuto  
Fortes, Luiz Roberto Salinas  
Franco, Augusto de  
Franco, Itamar  
Franco, Maria Sylvia de Carvalho  
Franco, Roberto Carvalho  
Frei, Eduardo  
Freyer, Hans  
Freyre, Gilberto  
Frota, Lélia Coelho  
Furtado, Celso

Gabeira, Fernando  
Galvão, Ângela  
Galvão, Célia

Galvão, Maria Lúcia  
Galvão, Valnice  
Galvão, Vera  
Garbo, Greta  
Gasparian, Dalva  
Gasparian, Fernando  
Geertz, Clifford  
Geisel, Ernesto  
Geller, Marjorie  
Geralda (empregada)  
Giannotti, José Arthur  
Gil, Gilberto  
Gilberto (motorista)  
Ginsberg, Allen  
Goldemberg, José  
Goldmann, Lucien  
Gomes, Eduardo  
Gomes, Severo  
Goulart, João  
Gouvêa, Gilda Portugal  
Gracimar  
Graeff, Eduardo  
Grammont, Eliane de  
Granato, Mário  
Granger, Gilles-Gaston  
Gréco, Juliette  
Gregori, Bibia  
Gregori, José  
Gregori, Maria Helena  
Gruber, Mário  
Guarnieri, Cristina  
Guarnieri, Gianfrancesco  
Guedes, Carmem  
Guérout, Martial  
Guião, Edite  
Guilhon, José Augusto  
Guimarães, Ulysses  
Gullo, Nelson  
Gurgel, Amaral  
Gurgel, Sebastiana

Haak, Eduardo  
Hamburger, Esther  
Harrazin, Dorrit  
Hemingway, Margaux  
Hernandes, Clodovil  
Herzog, Vladimir  
Hirschman, Albert Otto  
Hirschmann, Leon  
Hitchcock, Alfred  
Hoggart, Richard  
Holanda, Sérgio Buarque de  
Hugon, Paul  
Huxley, Aldous

Ianni, Octavio  
Ignez, Helena

Jango *ver* Goulart, João  
João Paulo ii, papa  
Jofre (líder de Santa Fé do Sul)  
Johannpeter, Jorge Gerda  
Jordão, Fátima Pacheco  
Jordão, Fernando Pacheco  
Jordão, Maria da Gloria  
Julião, Francisco  
Jungmann, Raul

Kant, Immanuel  
Katz, Renina  
Kelly, Gene  
Kerouac, Jack  
Kéti, Zé  
Keynes, John Maynard  
Kirchner, Néstor  
Klabin, Armando  
Kowarick, Lúcio  
Kubitschek, Juscelino

Lacerda, Carlos  
Lafer, Celso  
Lafer, Mary  
Lago, Pedro Corrêa do  
Lamounier, Bolívar  
Lampreia, Luiz Felipe  
Lange, Jessica  
Lastiri, Chico  
Leal, Vanda Rodrigues  
Leal, Wallace  
Leão, Danuza  
Leary, Timothy  
Leclerc, Alice, madre  
Lee, Rita  
Lefebvre, Henri  
Leite, Antonio Corrêa (tio de Ruth Cardoso)  
Leite, Dante Moreira  
Leite, José Corrêa (pai de Ruth Cardoso)  
Leite, Luiz Corrêa (avô paterno de Ruth Cardoso)  
Leite, Maria Augusta Corrêa (avó paterna de Ruth Cardoso)  
Leite, Maria Villaça Corrêa (mãe de Ruth Cardoso)  
Leite, Miriam Moreira  
Lemos, Carlos  
Lemos, Fernando  
LeRoy, Mervyn  
Lévi-Strauss, Claude  
Lia, Ernesto  
Lia, Maria Alice  
Libuti, Florestano  
Lima, Beth  
Lima, Mariângela Alves de  
Lima, Valter Correia  
Lins, Paulo  
Lispector, Clarice  
Lobo, Haroldo

Lombardi, Bruna  
Lombardi, Giovaninna  
Lopes, Juarez Brandão  
Losacco, Salvador Romano  
Lovelace, Linda  
Löwy, Michael  
Lula *ver* Silva, Luiz Inácio Lula da

Machado, Joaquim Pinto  
Machado, José Edgar  
Machado, Lourival Gomes  
Madalena, Elisa  
Magalhães, Antonio Carlos  
Magalhães, Luís Eduardo  
Mainardi, Enio  
Mannheim, Karl  
Mao Tsé-tung  
Margareth, princesa da Inglaterra  
Marinho (sindicalista)  
Marinho, João Carlos  
“Mariquita”, dona *ver* Leite, Maria Villaça Corrêa (mãe de Ruth Cardoso)  
Martins, Carlos Estevam  
Martins, Luciano  
Martins, Maria  
Marx, Karl  
Más, Daniel  
Mascaro, Cristiano  
Matarazzo, Andrea  
Matarazzo, Francisco  
Mauro, Luiz Felipe Cabral  
Mauro, Walter Medeiros  
Mautner, Anna Verônica  
Medeiros (sindicalista)  
Médici, Emílio Garrastazu  
Medina, Adriana  
Medina, Dora  
Medina, Rafael  
Medina, Valéria  
Mee, Margaret  
Meirelles, Fernando  
Mello, Beth  
Mello, Ennes Silveira de  
Mello, Fernando Collor de  
Melo Neto, João Cabral de  
Melo, Tiago de  
Mendes, Antonio Teixeira  
Mendes, Chico  
Mendes, José Guilherme  
Mendes, Murilo  
Mendonça, Adolfo Amaral  
Mendonça, Casemiro  
Mendonça, Joaquim Adolfo  
Meneghel, Xuxa  
Merussi, Clarí Corrêa de Almeida  
Merussi, Lourival  
Mesquita Filho, Julio de  
Mesquita, Alfredo

Meyer, Luiz  
Meyer, Regina  
Michiko, imperatriz do Japão  
Millet, Heloísa  
Milliet, Sérgio  
Mindlin, José  
Mineiro, Jovelino  
Minnelli, Liza  
Miranda, Marlui  
Miró, Joan  
Moema, Lucíola  
Moisés, José Álvaro  
Monbeig, Pierre  
Monteiro, Adolfo Casais  
Montoro, André Franco  
Moraes, Antônio Ermírio de  
Moraes, Terezinha Barbosa de  
Moraes, Vinicius de  
Morais, Fernando  
Motta, Carlos  
Motta, Sergio  
Motta, Wilma  
Muniz, Sergio  
Muniz, Sérgio  
Mussolini, Gioconda

Nagel, Conrad  
Nagle, Jorge  
Naruhito, príncipe do Japão  
Nascimento, Dulce  
Nascimento, Milton  
Nascimento, Renata de Camargo  
Naves, Rodrigo  
Negreiros, Eliete  
Neruda, Pablo  
Neto, Mario Cravo  
Netto, Delfim  
Neves, Tancredo  
Niemeyer, Ana Maria  
Niemeyer, Oscar  
Nishikawa, Eunice  
Novais, Fernando  
Novais, Orieta  
Novak, Kim  
Nun, José “Pepe”  
Nutzler, Renata

Obama, Barack  
Odebrecht, Emilio  
Oelmayer, Celso  
Oliveira, Francisco de  
Oliveira, Hélio Lourenço de  
Oliveira, Herculano de  
Oliveira, Miguel Darcy de  
Oliveira, Rosiska de  
Ópice, Iolanda  
Ópice, Renato

Osborne, John

Paglia, Ernesto

Palamone, Arnaldo

Palmeira, Vladimir

Paola, Angelo de

Parente, Agenor Barreto

Peçanha, José Américo

Pedreira, Fernando

Pedro Fourier, são

Pedrosa, Mário

Pedrosa, Vera

Pedroso, Bráulio

Pelacani, Dante

Pelé

Pelosi, Nancy

Pennelli, Luís

Pereira, Jesus Soares

Peres, Hilda

Pessoa, Epitácio

Pierucci, Antônio Flávio

Pimentel, Sílvia

Pinheiro, Joaquim de Souza

Pintassilgo, Maria de Lourdes

Pinto, Ana Lúcia Magalhães

Pinto, Aníbal

Pinto, Marino

Pinto, Paulo Alves

Piva, Horácio Lafer

Piza, Toledo

Poppovic, Ana Maria

Poppovic, André

Poppovic, Pedro Paulo

Poppovic, Sílvia

Portinari, Candido

Potero

Poti

Prado Júnior, Bento

Prado Júnior, Caio

Prado, Danda

Prado, Décio de Almeida

Prado, Iara

Prado, Lúcia

Presley, Elvis

Prieto, Adriana

Primo, Rose di

Quadros, Jânio

Quintella, Thereza

Rainha Mãe (Inglaterra) *ver* Bowes-Lyon, Elizabeth

Ramalho, Roberto

Rebolo

Regina, Elis

Regina, Meyer

Resende, Eliseu

Reze, Sérgio

Ribeiro, Artur  
Riccelli, Carlos Alberto  
Rocha, Cândido Corrêa  
Rocha, Glauber  
Rocha, Renato Corrêa  
Rodarte, João  
Rodrigues, Aracy  
Rodrigues, Esther  
Rodrigues, Leôncio Martins  
Rodrigues, Sergio  
Rodrigues, Vera Martins  
Rodriguez, Deborah  
Rolin, Olivier  
Rosa, Guimarães  
Rose (empregada)  
Rossellini, Roberto  
Rossi, Luiz Rodovil  
Rouanet, Sergio Paulo  
Rousseff, Dilma

Saffioti, Heleieth  
Safra, José  
Sakurai, Célia  
Salles, Pedro Moreira  
Sampaio, Edgar  
Sampaio, Helena  
Sampaio, Maria Cândida  
Sampaio, Plínio de Arruda  
Santoro, Claudio  
Santos, Quirino dos  
Santos, Silvio  
Sarah, Hirschman  
Sardenberg, Célia  
Sardenberg, Ronaldo Mota  
Sarney, José  
Saroyan, William  
Sarti, Cynthia  
Sartre, Jean-Paul  
Scalzo, Nilo  
Schaden, Egon  
Schenberg, Mário  
Schic, Anna Stella  
Schilling, Voltaire  
Schwarcz, Luiz  
Schwarz, Roberto  
Segall, Beatriz  
Segall, Maurício  
Seiler, Evangelina  
Seixas, Raul  
Sêneca  
Serra, José  
Serra, Mônica  
Setubal, Daisy  
Setubal, Olavo  
Sfat, Dina  
Shields, Brooke  
Silva, Antonio de Pádua Ferreira da

Silva, Inayá Bittencourt da  
Silva, Luís Antônio da Gama e  
Silva, Luis Inácio Lula da  
Silva, Maria Salomé da  
Silva, Marina  
Silva, Marisa Letícia Lula da  
Simão, Azis  
Simmel, Georg  
Simone, Primina Bianchini  
Singer, Paul  
Singer, Paulo  
Snowdon, Lord  
Sodré, Abreu  
Sodré, Maria do Carmo  
Sola, Lourdes  
Solari, Malucha  
Sombart, Werner  
Souto, Edson Luís de Lima  
Souza, Benedito Brasileiro de  
Souza, Gilda de Mello e  
Souza, Maria do Carmo Campello de  
Souza, Paulo Renato,  
Stefanini, Fúlvio  
Stefano, Brasilino  
Stewart, James  
Street, Doca  
Sudbrack, Roberta  
Suplicy, Marta  
Suyara

Tàpies, Antoni  
Tavares, Miguel Urbano  
Tedde Netto, Miguel  
Teixeira, Lívio  
Terezinha (empregada) *ver* Moraes, Terezinha Barbosa de  
Tescari, José  
Tess, Eduardo  
Todescan, Marisa  
Toledo, Roberto Pompeu de  
Toquinho  
Torquato, Gaudêncio  
Toscano, Marie  
“Totó” *ver* Leite, Antonio Corrêa (tio de Ruth Cardoso)  
Touraine, Alain  
Travassos, Luís  
Travolta, John  
Tringalli, Dante  
Troncon, Celisa  
Turner, Ted  
“Tuta” *ver* Castro, Carmelita de

Uesato, Eichim

Vale, João do  
“Van Van” *ver* Seiler, Evangelina  
Vargas, Elisabeth  
Vargas, Getúlio

Vaz, Chiquinho  
Vaz, Getúlio  
Vaz, Isabel (neta de Ruth Cardoso)  
Velho, Gilberto  
Velo, Caetano  
Ventura, Luiz  
Ventura, Zuenir  
Verucci, Florisa  
Vian, Boris  
Vianna, Luiz Werneck  
Vieira, Eduardo Eugênio  
Villaça, Antonio Ferraz (avô materno de Ruth Cardoso)  
Villaça, Celso (tio de Ruth Cardoso)  
Villaça, Maria Petrina (avó materna de Ruth Cardoso)  
Villalobos, Maria da Penha  
Villaventura, Lino  
Villela, Milú  
Visconti, Luchino  
“Vó Vizinha” *ver* Simone, Primina Bianchini  
Von Stroheim, Erich

Wagner, José  
Watanabe, Amélia  
Weber, Max  
Weffort, Francisco  
Wenders, Wim  
Wilhelm, Jorge  
Witter, José Sebastião

Xuxa *ver* Meneghel, Xuxa

Yamandu  
Yourcenar, Marguerite  
Yunus, Muhammad

Zampari, Franco  
Zavattini, Cesare  
“Zé Baiano” *ver* Machado, José Edgar  
“Zé Corrêa” *ver* Leite, José Corrêa (pai de Ruth Cardoso)  
Zerbina, Noêmia  
Zylbersztajn, David  
Zylbersztajn, Júlia (neta de Ruth Cardoso)  
Zylbersztajn, Pedro (neto de Ruth Cardoso)



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Mariquita em foto dedicada à filha no tempo em que lecionava ciências naturais no Colégio Estadual e na Faculdade de Farmácia, em Araraquara.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Mariquita e José com Ruth aos três meses, em foto do dia 8 de dezembro de 1930.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

A menina rechonchuda posou para Cantarelli, o fotógrafo das famílias araraquenses, no dia de seu primeiro aniversário.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Uma Ruth absorta (esquerda), em foto tirada entre 1933 e 1934. Ela morava na rua Osório, em casa cujo quintal ia até a outra quadra. Boa parte da infância foi vivida ali e a lembrança mais forte era a da Vó Vizinha, velha muito pobre que “entiotava” rendas. Décadas mais tarde, Ruth diria: “Vivi uma situação curiosíssima, uma vez que conheci duas bisavós e nenhuma avó. Eu chamava todas as tias de avó [...]. Por isso, ser avó mexe comigo”.



Ruth aos oito anos, no centro da primeira da fila. O “batizado das bonecas” era uma das boas brincadeiras e os meninos tomavam parte. Alguns até de paletó e gravata.



Aos doze anos, na fantasia de baleira que a mãe confeccionou.

Abaixo, Ruth em fantasias dos carnavais de 1934 (chinesa), 1937 (balalaica), 1943 (cigana) e 1940 (baiana). Todas feitas pela mãe.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso



© Acervo Pr. F. H. Cardoso



© Acervo Pr. F. H. Cardoso



© Acervo Pr. F. H. Cardoso



© Acervo Pr. F. H. Cardoso  
Ruth com seis anos



© Acervo Pr. F. H. Cardoso  
Como anjo de procissão, aos dois



© Acervo Pr. F. H. Cardoso  
Com sete anos, com o inevitável laço de fita na cabeça



© Acervo Pr. F. H. Cardoso  
Em 1945, pouco antes de deixar a cidade natal.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Ruth vestida para a primeira comunhão, em 1938. Apesar de não ser “igrejeira”, Mariquita cedia à tradição católica da família e cumpria certos rituais.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Aos nove anos (e o indefectível laço), com os bem definidos traços da jovem e da mulher que a distinguiam no futuro.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Certos dias, Ruth descia a rua Três e, na esquina da avenida Espanha, acenava para o interior de um banco onde Brasilino Stefano trabalhava. Minutos depois, iam para a piscina. Ruth aprendeu a nadar em uma das primeiras piscinas da cidade, a dos funcionários públicos. O verso destas fotos assinala 1947, portanto ela já morava em São Paulo e retornava nas férias.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

A pose na porteira, no centro da página, pode ter sido tirada na fazenda Santa Isabel, de Candido Rocha, pai de Gilda de Mello e Souza.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Os últimos dias de Araraquara na juventude, em 1945. A foto guarda um mistério. Os contemporâneos não conseguem decifrar a faixa: “oc.a.s.v.á s.a.ruth”.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Em vestido de formatura, feito por Mariquita ao mesmo tempo em que preparava o enxoval para a filha, que estudaria em São Paulo, no Des Oiseaux.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara, 1967. Mariquita defende sua tese, em episódio que mostra sua determinação. Logo depois, aposentou-se. Na foto, dona Nayde (segunda, a partir da direita), mãe de Fernando Henrique Cardoso, José Correia Leite, Ruth, Mariquita e duas amigas não identificadas. Hoje a faculdade está integrada à Unesp.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

O golpe militar de 1964 forçou Ruth e FHC a se exilarem. Nesta foto o casal posa na neve, no Chile, em 1965.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Ruth Cardoso e Fernando Henrique desembarcam no Chile com as filhas (1973).



© Arquivo/Ag. O Globo

Visita do então primeiro-ministro de Portugal Mário Soares ao Brasil, em 1984. A partir da esquerda, em pé: Ruth Cardoso, Carlos Alberto Riccelli, John Herbert, Leylah Assumpção, Fafá de Belém, Nélida Pinõn, Mário Soares e FHC. Sentadas: Bruna Lombardi, Bibi Ferreira, Regina Duarte, Lygia Fagundes Telles, Ruth Escobar, Irene Ravache e Dina Sfat.



© Ary Brandi

Em 1985, FHC, então no pmdb, concorreu à prefeitura de São Paulo. Ruth participou da campanha, mobilizando as mulheres. Foi seu primeiro grande contato com os meandros melífluos de uma campanha eleitoral.



© Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu

Posse de Fernando Henrique Cardoso, em 1º de janeiro de 1995. O ritual que Ruth definiu como uma cena de musical da Metro:



© Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu

Encontro com representantes do Movimento Viva Rio, em janeiro de 1995. Na foto, Ruth Cardoso abraça Betinho, líder do movimento social contra a miséria. Engajado no início, Betinho acabou por se afastar do Comunidade Solidária.



© Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu

Ruth Cardoso com Tonia Carrero e Marina Colasanti na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em janeiro de 1995.



© Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu

Em setembro de 1995, Ruth Cardoso (centro) e FHC (direita) passeiam num barco pelos canais de Bruges, Bélgica, cidade que encantou Ruth e a levou a uma situação cômica ao embarcar num circular pensando que o ônibus fosse da comitiva.



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Ruth e José Gregori, seu inseparável par na dança, em meados dos anos 1990.



© Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu

Ruth Cardoso, em visita oficial ao Vaticano, e João Paulo ii, em fevereiro de 1997. Quando o papa esteve no Brasil, em outubro daquele ano, houve certa tensão. E se ele inquirisse sobre o aborto? Seria uma saia justa. Mas tudo correu tranquilamente.



© Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu

Jantar no Palácio da Alvorada para receber o casal Bill e Hillary Clinton, em outubro de 1997.



© Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu

Foto da família no Palácio da Alvorada, em 2002. A partir da esquerda, Ruth, Luciana e Paulo Henrique (de pé), Fernando Henrique, Julia, Pedro, Beatriz, Joana, Helena e Isabel.



© Henrique Santos / Photo H

Em 2002, Ruth voltou a Araraquara, cidade que levou consigo a vida inteira. Quando presenciava uma situação na qual a boa educação e a ética eram agredidas, ou melhor, estavam ausentes, Ruth dizia: “Isso não está de acordo com os nossos padrões araraquarenses”. Foto da família no Palácio da Alvorada, em 2002. A partir da esquerda, Ruth, Luciana e Paulo Henrique (de pé), Fernando Henrique, Julia, Pedro, Beatriz, Joana, Helena e Isabel. © Getúlio Gurgel e Domingos Tadeu



© Acervo Pr. F. H. Cardoso

Na China, em 2008, uma Ruth especialmente descontraída, em sua última viagem.

- [1] Ruth foi registrada no Primeiro Cartório de Registro Civil, no Livro a-85, folha 220v, sob número 1.035. A menina nasceu na avenida Dom Pedro ii, 51-a, casa que desapareceu. Pais: Maria Villaça Corrêa Leite e José Corrêa Leite. Avós paternos: Luiz Corrêa Leite e Maria Augusta Corrêa Leite. Avós maternos: Antonio Ferraz Villaça e Maria Petrina Villaça.
2. A relação entre Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade acaba de ser revelada por extenso no livro *Pio & Mário, diálogo da vida inteira*, trabalho primoroso realizado por Gilda de Mello e Souza e Antonio Candido. São Paulo/Rio de Janeiro: sesc sp/Ouro sobre Azul, 2009.
- [2] A relação entre Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade acaba de ser revelada por extenso no livro *Pio & Mário, diálogo da vida inteira*, trabalho primoroso realizado por Gilda de Mello e Souza e Antonio Candido. São Paulo/Rio de Janeiro: sesc sp/Ouro sobre Azul, 2009.
- [3] No início do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso concedeu a mim longo e proustiano depoimento sobre sua vida em Araraquara, relações familiares e de amizade. Foi publicado primeiro como um especial da revista *Vogue*, em seguida como um dos capítulos do meu livro *A altura e a largura do nada*. São Paulo: Editora Jaboticaba, 2006.
- [4] A palavra *entiotar* usada por Ruth foi repetida por todas as pessoas em Araraquara. Todavia, não está registrada nem no Aurélio, nem no Houaiss, nem no Caldas Aulete.
- [5] Em 1942 a escola passou a chamar-se Colégio Santa Terezinha, depois Externato Santa Terezinha, e finalmente Escola de Primeiro Grau do Externato Santa Terezinha. Mas o nome “Coleginho” permanece imutável na cidade.
- [6] A próxima denominação foi Ginásio Estadual Bento de Abreu, depois Instituto Estadual Bento de Abreu, ieiba, hoje é Escola Estadual Bento de Abreu, eeiba. O antigo prédio está conservado no centro da cidade. Quando o ieiba mudou-se, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Unesp ocupou o prédio. Hoje é a Casa da Cultura Luiz Antonio Martinez Corrêa.
- [7] Entrevista com Circe Boueri, irmã de Mariquita por parte de pai.
- [8] (retalhos i) Entrevista de Ruth Cardoso ao jornal *O Imparcial*, de Araraquara, 11 de setembro de 1994. A fazenda a que ela se refere tem hoje 171 hectares de mata nativa, mais de 26% do total da propriedade, uma joia rara no interior do estado de São Paulo. O título destes segmentos vem da revista *Seleções do Reader's Digest*, imensamente popular nas décadas de 1940 e 1950 entre homens maduros. José Corrêa Leite apanhava seu exemplar — era assinante —, levava para o jornal e ficava lendo, à espera de serviço. A seção que ele me dizia preferir era “Retalhos do drama cotidiano”, aqui em uma releitura.
- [9] Depoimento de Maria Helena Gregori.
- [10] Depoimento de Maria Helena Gregori.
- [11] Depoimento de Tessy Hantzschel, citado no livro de Margarida Cintra Gordinho, *O livro de Ruth*. São Paulo: fecap/Imprensa Oficial, 2009.
- [12] Depoimento de Ruth para a revista *Vogue*, 1999.
- [13] Depoimento de Joaquim Adolfo Mendonça, 2009.
- [14] Depoimento de Ruth para a revista *Vogue*, 1999.
- [15] Depoimento de fhc.
- [16] Depoimento de Maria da Penha Villalobos.
- [17] Conversa com o gravador desligado, na cozinha do apartamento da rua Maranhão, enquanto Ruth Cardoso fazia um café para dois, na tarde em que a entrevistei para a revista *Vogue*, 1995.
- [18] Depoimento de Carmem Guedes a Lucia Helena Gama, no livro *Nos bares da vida*. São Paulo: Editora Senac, 1998.
- [19] Depoimento de José Goldemberg em “Memórias da rua Maria Antonia”, no livro *Maria Antonia, uma rua na contramão* (Maria Cecília Loschiavo dos Santos, org.) São Paulo: Nobel, 1988.
- [20] Depoimento de fhc e citação de seu artigo no livro *Maria Antonia, uma rua na contramão*, op. cit.
- [21] fhc no livro *Maria Antonia, uma rua na contramão*, op. cit.
- [22] Depoimento de Antonio Candido.
- [23] Depoimento de Ruth para a revista *Vogue*, 1999.
- [24] Depoimento de Leôncio Martins Rodrigues, junho de 2009.
- [25] Depoimento de Gabriel Bolaffi, 17 de agosto de 2009.
- [26] Somente depois da morte de dona Ritinha, uma pessoa muito estimada, é que se soube que, na verdade, ela se chamava Josefa, nome que odiava e eclipsou. Talvez traumatizada por nomes tenha escolhido um completamente diferente para sua filha, Leatrice — dos mitos e lendas de uma cidade.
- [27] Depoimento de fhc, 26 de fevereiro de 2009. O dançarino a que ele se refere é o Brasilino, já citado.
- [28] Depoimento de Ruth para a revista *Vogue*, 1999.
- [29] (retalhos ii) Depoimento de Ruth para a revista *Vogue*, 1999.
- [30] Entrevista concedida a Alessandra El Far et al. para a revista *Cadernos de Campo* e mencionada em *O livro de Ruth*, de Margarida Cintra Gordinho, op. cit.
- [31] Foi o primeiro *slogan*, ou bordão, do telejornal, aliado a outro: “o primeiro a dar as últimas”.
- [32] Segundo Dora Medina, em depoimento concedido em setembro de 2009, há uma versão de que Mariquita mandou fazer o vestido de noiva em Araraquara, desenhado por Wallace Leal, jovem diretor de teatro, cenógrafo e figurinista, fundador do Teatro Experimental de Comédias de Araraquara — teca. A confecção ficou por conta de Vanda Rodrigues Leal, da Camisaria Nino. Por outro lado, na cidade se comentou que o vestido era para um casamento civil, já que Fernando Henrique “era comunista”. Lendas e mitos do interior.
- [33] Entrevista concedida a Alessandra El Far et al. para a revista *Cadernos de Campo* e mencionada em *O livro de Ruth*, de Margarida Cintra Gordinho, op. cit.
- [34] Depoimento de Leôncio Martins Rodrigues, 25 de junho de 2009.
- [35] Lembrança de Antonio Candido em depoimento, 23 de setembro de 2009.
- [36] Afirmção de fhc ao autor, 26 de fevereiro de 2009.
- [37] Depoimento de fhc, 26 de fevereiro de 2009.

- [38] Lembrança de Antonio Candido em depoimento, 23 de setembro de 2009.
- [39] Lembrança, dita entre sorrisos, sem gravador, quando me concedeu o depoimento para a revista *Vogue* em 1999.
- [40] Depoimento de Regina Meyer, agosto de 2009.
- [41] Gioconda Mussolini tornou-se um nome fundamental, segundo artigo de Andrea Ciacchi na *Revista de Antropologia*, vol. 50, jan.-jun. 2007, “primeiro, por ela ter protagonizado os primórdios do ensino da Antropologia, em uma instituição pioneira como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da usp, concorrendo para a formação de muitos cientistas sociais, alguns dos quais ativos até hoje e, segundo, pelas novidades teóricas, metodológicas e epistemológicas que ela tentou introduzir na sua produção acadêmica, a despeito da sua reduzida dimensão e da dispersão a que ela foi submetida”. Na Faculdade, Gioconda foi colega de classe de nomes como Gilda de Mello e Souza, Ruy Coelho, Décio de Almeida Prado e do próprio Egon Schaden.
- [42] Depoimento de Eunice Ribeiro Durham, 29 de setembro de 2009.
- [43] Entrevista de José Arthur Giannotti no livro *Retrato de grupo — 40 anos do Cebrap* (Flavio Moura e Paula Montero, orgs.). São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- [44] Paul Singer e Roberto Schwarz liam em alemão.
- [45] Conforme o filósofo Paulo Eduardo Arantes em “O bonde da Filosofia”, no livro *Maria Antonia: uma rua na contramão*, op. cit.
- [46] Depoimento de fhc, 4 de abril de 2009.
- [47] Depoimento de Eunice Ribeiro Durham, 29 de setembro de 2009.
- [48] Em 1955, a Editora Brasiliense, de Caio Prado Júnior, lançou a *Revista Brasiliense*. Dirigida por Elias Chaves Neto, a revista foi um veículo de expressão e discussão para filósofos, historiadores, sociólogos e para as diretrizes do pcb.
- [49] Depoimento de Paulo Henrique Cardoso, 18 de agosto de 2009.
- [50] Revelação feita por Ruth Cardoso no depoimento para a revista *Vogue* em 1999. A igreja, histórica, foi demolida em meados dos anos 1950. O riacho, chamado córrego da Servidão, foi canalizado.
- [51] Depoimento de Dora Medina, setembro de 2009. Dora é casada com Clodoaldo Medina, prefeito de Araraquara por duas vezes.
- [52] No jornal *Última Hora*, eram tantos os candidatos a fazer a cobertura da revolução cubana que foi necessário um sorteio. Ganhou o jornalista José Guilherme Mendes.
- [53] Na redação havia uma mesa enorme, cabiam vinte pessoas. Entre os sindicalistas estavam Dante Pelacani e Salvador Romano Losacco, dois líderes exponenciais na época. A tradução foi de Jean Etcheverry, um dos diretores do jornal, homem culto. Zé Celso, o teatrólogo, ficou fascinando com Simone de Beauvoir. Ela não abriu a boca, olhou tudo com enfado e mexeu, o tempo todo, na casca de uma ferida no braço.
- [54] Quando Sartre, cercado por intelectuais, se dirigia à Faculdade, misturou-se a um grupo de torcedores que descia a rua, cercado Pelé. Por momentos, na esquina da rua Três com a avenida Duque de Caxias, intelectuais e torcedores se juntaram, depois seguiram seus caminhos. Por algum tempo, o lugar ficou conhecido como a Esquina de Sartre e Pelé. Eu estava junto, fazia a cobertura para o *Última Hora*, ajudado na tradução por Albertina de Oliveira Costa. O Santos, mesmo com Pelé, perdeu de 4 × 0.
- [55] Quando se anunciou a presença de Sartre no Recife, para falar de literatura, o professor Adolfo Casais Monteiro, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (hoje um setor da Unesp, criada em 1976), partiu com uma pergunta de Fausto Castilho, então do Departamento de Filosofia. Era pedido a Sartre que falasse da relação entre *O ser e o nada*, *Crítica da razão dialética* e o marxismo. Casais Monteiro entregou a pergunta ao francês e viu-o abrir, ler e guardar no bolso. Quando Sartre chegou a São Paulo, por meio de Luiz Roberto Salinas Fortes, Dedeto, e Miguel Urbano Tavares, do jornal *O Estado de S. Paulo*, Fausto Castilho conseguiu ligar para Sartre no hotel e perguntar sobre a questão. “Recebi, mas é uma coisa que demanda uma palestra inteira.” “Então por que não vem a Araraquara fazê-la? É uma faculdade nova, mas aberta, moderna.” Sartre concordou, o esquema foi organizado rapidamente, Simone e Sartre partiram no sábado e pararam em Louveira, na fazenda dos Mesquitas, onde o doutor Ruy ofereceu um grande jantar *à la* brasileira. Até o velho Julio de Mesquita Filho esteve presente. Na manhã seguinte foram para Araraquara. Ao chegar, Sartre disse que precisava dos dois livros e de uma hora sozinho, fechado. No apartamento de Castilho, ao lado do Teatro Municipal, ele encontrou os livros e o sossego para preparar a palestra de duas horas que faria em francês, com tradução, para uma plateia selecionada de 50 ou 60 pessoas.
- [56] Criador em Pernambuco das Ligas Camponesas, em que Jofre se inspirava e com quem Sartre desejava conversar, principalmente por ter chegado de Cuba. Fiz para o *Última Hora* uma série de reportagens a respeito de Jofre e seu movimento. Na ocasião, ele estava preso em Santa Fé do Sul.
- [57] Depoimento de Antonio Candido, 23 de setembro de 2009.
- [58] Comentário de Ruth na conversa de 1999, para a revista *Vogue*.
- [59] A fala foi publicada no livro *Sartre no Brasil — A Conferência de Araraquara*, com tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Unesp/Paz e Terra, 1987. Salinas é o autor de *Retrato calado*, um depoimento forte contra a ditadura e a tortura. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- [60] (retalhos iii) Ruth Cardoso em seu perfil na revista *Vogue*, edição especial de 1999, reproduzido no meu livro *A altura e a largura do nada*, op. cit.
- [61] (retalhos iii) Depoimento de Teresa Caldeira, julho de 2009.
- [62] Depoimento de José Arthur Giannotti, dezembro de 2009.
- [63] Ruth foi a grande incentivadora para que sua mãe fizesse sua tese de doutorado. Mariquita estava para se aposentar no Colégio São Bento de Araraquara quando defendeu a tese na Faculdade de Farmácia e Odontologia. O tema foi a planta buchinha (*Luffa operculata*), usada como descongestionante nasal.
- [64] Depoimento de Albertina de Oliveira Costa, 6 de maio de 2009.
- [65] Depoimento de fhc, 4 de abril de 2009.
- [66] Em junho de 1963, o governador Adhemar de Barros nomeou Luís Antônio da Gama e Silva como Reitor. Em 1964, Gama e Silva assumiu como ministro da Justiça, passando a Reitoria para seus vice-reitores Mário Guimarães Ferri, Hélio Lourenço de Oliveira e Alfredo Buzaid.
- [67] O Brasil saiu-se vencedor nos campeonatos mundiais da Suécia e do Chile.
- [68] Malucha Solari, casada com Anibal Pinto, era uma das grandes bailarinas chilenas, participou do Ballet Nacional do Chile e fundou o

grupo Ballet de Câmara. Morava na mesma rua de fhc. José Serra foi ser assistente de Aníbal na Cepal e em uma festa conheceu Mônica, também bailarina, por quem se apaixonou e com quem se casou.

[69]fhc lembrou uma entrevista de Faletto em que Enzo relatou o trabalho em parceria para *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, entre 1966 e 1967, quando se juntavam à noite em Santiago: “Era fácil escrever o livro: davam-me duas garrafas de vinho para que eu falasse, ou seja, como brincava a Ruth: Faletto fala e Fernando pensa...”.

[70] Este perfil de Ruth se fecha com um texto de Manuel Castells que é pura poesia em prosa, escrito especialmente para este livro.

[71] Depoimento de fhc, 30 de junho de 2009.

[72] (retalhos iv) Depoimentos de Luiz Felipe Cabral Mauro e Flávio Módolo, da Uniara, abril de 2009.

[73] Fernando Henrique Cardoso, em *A arte da política — a história que vivi*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 79.

[74] Depoimento de Rosiska Darcy de Oliveira, outubro de 2009.

[75]*Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 67, n. 2, pp. 49-54, março de 1973.

[76] Consórcio de Estudos Urbanos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

[77] Depoimento de Eunice Ribeiro Durham, 29 de setembro de 2009.

[78] (retalhos v) Depoimento de Fátima e Fernando Pacheco Jordão, 31 de agosto de 2009.

[79] “*O caneco de prata*, de João Carlos Marinho, é um livro ímpar, singularíssimo. Lançado em 1971 [pela Editora Obelisco, hoje da Global Editora], tem um humor *nonsense* e surrealista muito próximo ao daqueles deliciosos filmes da série de tv dos Monkees”, define o escritor Eduardo Haak em seu blog. E prossegue: “As gags verbais e situações delirantes — tudo primorosamente bem escrito — de *O caneco de prata* acontecem à medida que um campeonato de futebol entre colégios se desenrola. O enredo em si é o menos importante da coisa: o pai do Gordo manda o mordomo encher a piscina com gasolina, põe um calção cor de laranja, deita-se em uma placa de isopor gigante e põe-se a recitar poesia concreta. A mãe decide se casar com um automóvel e o padre que celebra o matrimônio tira-a para dançar rock’n’roll — sobre o capô do ‘noivo’. É uma prosa radical e inventiva que, coisa rara em se tratando de prosa radical e inventiva, não torra o saco do leitor — muito pelo contrário.” Acrescento: o que deve ter incomodado o pai da estudante é a menção ao Esquadrão da Morte, que devastava vidas naquela época e era acobertado pela ditadura militar, e finas ironias em relação ao Exército, um crime na época. Era comum pais denunciarem professores quando consideravam as indicações subversivas ou imorais. Ainda hoje esse tipo de atitude persiste.

[80] Cynira Fausto, recentemente falecida, responsável pela criação do ise — Instituto Superior de Educação Vera Cruz, foi na verdade orientadora educacional no Rainha da Paz, por três anos, no início da década de 1970. A tia-avó de Bia, Circe Boueri, é que nessa época foi assessora da coordenação pedagógica, junto a Alice Cavalcanti.

[81] Depoimento de Jorge Caldeira, 9 de abril de 2010.

[82] José Gregori, dos amigos mais próximos e fiéis de Ruth e Fernando Henrique, foi ministro da Justiça e embaixador em Portugal no governo fhc.

[83]*Opinião* era um jornal da chamada imprensa nanica, ou alternativa, aquela que, não aceitando a censura, desafiava o Estado totalitário pregando a resistência, a oposição à mordada, publicando os assuntos proibidos, fossem políticos, drogas, sexo, religião etc. Entre os jornais mais notáveis estiveram *O Pasquim*, *Movimento*, *Opinião*, *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres* e *Beijo*.

[84] Depoimento de José Gregori, 17 de janeiro de 2010.

[85] Entrevista com Regina Duarte, setembro de 2009.

[86] Entrevista de Ruth Cardoso a Danielle Ardaillon, Conselho Estadual da Condição Feminina, São Paulo, junho de 1988.

[87] Entrevista com Iara Prado, 11 de novembro de 2009.

[88] Entrevista de Ruth Cardoso a Danielle Ardaillon, Conselho Estadual da Condição Feminina, São Paulo, junho de 1988.

[89] Depoimento de Lourdes Sola, 6 de agosto de 2009. O Teatro Ruth Escobar, na rua dos Ingleses, Bela Vista, foi um dos pontos de resistência na época da ditadura. Ali, inclusive, foi promovida uma “Noite Contra a Censura”, em que todos os que tiveram livros, peças, canções e filmes censurados protestaram publicamente, o que, na época, era absolutamente proibido.

[90] Entrevista com Fátima e Fernando Pacheco Jordão, 31 de agosto de 2009.

[91] Entrevista de Ruth Cardoso a Danielle Ardaillon, Conselho Estadual da Condição Feminina, São Paulo, junho de 1988.

[92] Eva Blay em “Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres”, *Revista da USP*, São Paulo, n. 49, março-abril-maio de 2001.

[93] Depoimento de Danielle Ardaillon.

[94] Por outro lado, o então governador José Serra me assegurou, certa noite no Palácio dos Bandeirantes, diante de um prato de frutas frescas, que esse título “Conselho Especial da Condição Feminina” foi sugerido por ele a Ruth.

[95] Depoimento de Eva Blay, 5 de outubro de 2009.

[96] Depoimento de Rosiska Darcy de Oliveira, outubro de 2009.

[97] Severo Gomes tinha comprado uma casa de pescador em Picinguaba e Ruth e Fernando Henrique pediram: “Veja se arranja uma para nós”. Picinguaba era primitiva, não tinha luz. Foi comprada a casa de pescador, que era vizinha à de Severo. Difícil chegar lá, caminhava-se sobre pedras e a vantagem era a prainha, praticamente privada. Um grande personagem era o Ovídio, um negro que fazia gaiolas bonitas. Na varanda do sítio que os Cardoso montaram em Ibiúna tem uma gaiola que Ovídio fez.

[98] Há amigos que discordam — quem cozinhava bem, dizem, era Terezinha, fiel empregada de Ruth desde 1978. Mas, registro, estes foram depoimentos isolados.

[99] Costume antigo na família em noites frias ou não, Paulo Henrique se lembraria das sopas quentíssimas tomadas todas as noites em Araraquara, na casa de José e Mariquita.

[100] Pedro Paulo, sociólogo, criou a tv Escola, as séries de fascículos da Editora Abril e as coleções Os Pensadores e Os Economistas, dois megas sucessos. Depois, junto com Rodrigo Naves, participou da reformulação da revista *Novos Estudos*, do Cebrap, nos anos 1970. O filho dele, André, morou com os Cardoso em Paris e namorou Bia, certa época.

[101] Evangelina Seiler, Van Van, segunda mulher de Paulo Henrique, contou em Brasília, em 1998, que na noite em que foi conhecer os sogros, sentou-se à mesa, o vinho foi servido, ela tomou logo, era um primor. Fernando Henrique perguntou: “Gostou?”. E ela: “Ótimo, tem mais?”. A família inteira caiu na gargalhada, e ela só entendeu mais tarde, com o convívio.

- [102] Anos mais tarde, quando convidou José Gregori para seu ministério, Fernando Henrique Cardoso perguntou a ele pelo telefone: “Você está sentado ou em pé?”. Diante da surpresa de Gregori, fhc explicou: “Pelo seguinte: o Itamar, quando me convidou para ministro, disse que ministro é um convite que se faz para a pessoa que tem de estar em pé”.
- [103] Depoimento de fhc, 11 de agosto de 2009.
- [104] “O pai de Celisa, o tio Carlos, era tio de meu avô, pai do meu pai. Meus avós morreram cedo e então cada tio, cada padrinho, ficou com um dos pequenos órfãos.” Explicação de Ruth Cardoso no depoimento que concedeu para a revista *Vogue*, 1999.
- [105] A Nosso Sorvete permaneceu aberta durante 64 anos. Fechou as portas recentemente. Com a decadência do centro da cidade, o movimento migrou para os shoppings. Creme Suíço é um sorvete de leite com açúcar queimado que só existe em Araraquara.
- [106] Bia casou-se aos 21 anos com o artista plástico Fábio Cardoso, mas separou-se aos 24 anos.
- [107] Fernando Henrique Cardoso, em *A arte da política — a história que vivi*, op. cit., p. 217.
- [108] Em um depoimento feito a mim em sua casa, Fernando Henrique confessou-se mais do que surpreso, assombrado com a imensa repercussão nacional, mais do que isso, global, não só da morte como da profundidade do trabalho de Ruth. O depoimento de Celso Lafer foi colhido em 20 de julho de 2009.
- [109] Depoimento de José Gregori, 10 de janeiro de 2010. Quanto à cena de musical: na entrevista que fiz com Ruth para a revista *Vogue* em 1999, a certa altura, ao ouvir que ela adorava os filmes musicais, que em Araraquara eram exibidos aos domingos, confessei que eu não só adorava, como via duas ou três vezes e sonhava, principalmente, em ser Gene Kelly. Ela contrapôs: “Por que não Fred Astaire, tão mais leve, elegante, melhor dançarino?”.
- [110] Fernando Henrique Cardoso na faap, em tarde de homenagens a Ruth Cardoso, 24 de setembro de 2009.
- [111] Paulo Paiva, presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, em depoimento na faap, 24 de setembro de 2009.
- [112] Depoimento de Regina Meyer, 27 de agosto de 2009.
- [113] Depoimento de Celso Lafer, 20 de julho de 2009.
- [114] Ler também o perfil “A atualidade de Vilmar Faria”, por Maria Carolina da Silva Leme e George Avelino, no livro *Retrato de grupo — 40 anos do Cebrap*, op. cit.
- [115] Depoimento de Regina Meyer, 27 de agosto de 2009.
- [116] Depoimento de BÍbia Gregori, outubro de 2009.
- [117] Depoimento de Regina Duarte, outubro de 2009.
- [118] Helena Sampaio, no *paper* “Ruth Cardoso and the Comunidade Solidária (Solidary Community): coherence and innovation”, Universidade Columbia, Nova York, 9 de abril de 2009.
- [119] Depoimento de Malak El Chichini Poppovic, 31 de julho de 2009.
- [120] Depoimento de Teresa Caldeira, 31 de julho de 2009.
- [121] Depoimento de Miguel Darcy de Oliveira, 21 de setembro de 2009.
- [122] Depoimento de Regina Esteves, 2 de julho de 2009.
- [123] Depoimento de Pedro Moreira Salles, 14 de dezembro de 2009.
- [124] Ruth Cardoso, na apresentação do livro *Comunidade Solidária: fortalecendo a sociedade, promovendo o desenvolvimento*, organizado por ela, Augusto de Franco, Miguel Darcy de Oliveira e Thereza Lobo. Rio de Janeiro: Comunitas, 2002.
- [125] Depoimentos de Augusto de Franco e Miguel Darcy de Oliveira na faap, 24 de setembro de 2009.
- [126] Informações extraídas do livro *Comunidade Solidária*, op. cit.
- [127] Depoimento de Célia de Ávila para o livro *Comunidade Solidária*, op. cit.
- [128] Em entrevista concedida em outubro de 2009, BÍbia Gregori, sua aluna, orientanda e amiga, afirmou que “Ruth era profundamente correta, a relação dela com dinheiro era maluca a ponto de ser rígida, criteriosa ao extremo. Se a gente tinha um projeto de pesquisa de 120 mil reais, e raros eram os projetos que ofereciam mais que isso na época, anos 1980, Ruth dava um jeito de ser econômica, quase chegando ao pão-durismo. Então vamos contratar um bolsista, dizíamos. E ela: ‘Só três meses, olhe lá’. Ruth, três meses só não dá, devolvíamos, mas ela tinha uma coisa de ir fazendo despesas na medida da necessidade, sempre guardando um pouquinho, porque ‘a gente deve ser previdente na vida’. Ela tinha essa mentalidade, era assim que lidava com o dinheiro, tinha uma coisa da correção, do bom gosto. Tinha muita clareza e para ela Brasília era o oposto, então, quando se viu na iminência de ser primeira-dama, primeiro resistiu muito, ela brigou mesmo, ela disse que não ia topar...”.
- [129] Embaixador Fred de Araújo, em depoimento lícido e bem-humorado, 10 de agosto de 2009.
- [130] Depoimento de Mary e Celso Lafer, 20 de julho de 2009.
- [131] Depoimento de fhc, 7 de agosto de 2009.
- [132] Depoimento de fhc, 7 de agosto de 2009.
- [133] Depoimento de Regina Esteves, 2 de julho de 2009.
- [134] Entrevista com fhc.
- [135] Entrevista com Artur Ribeiro.
- [136] Depoimento de Evangelina Seiler, Van Van, 1º de outubro de 2009.
- [137] Entrevista com fhc.
- [138] Depoimento de Terezinha Barbosa de Moraes.
- [139] Entrevista com fhc.
- [140] Entrevista com fhc, 30 de junho de 2009. Fernando Henrique Cardoso comentou que aqueles originais eram artigos que ele escrevia para os jornais, Ruth lia e devolvia tudo com anotações precisas do que não gostava. Nesse dia, as pilhas de livros estavam ainda intocadas e a caixa de bombons continuava lá.
- [141] Entrevista com Evangelina Seiler, Van Van.
- [142] Entrevista com Maria Helena Gregori.
- [143] Foram quase quarenta anos de amizade, convívio próximo, Ruth era professora, amiga, quase mãe e madrinha de casamento de Teresa Caldeira. Morando nos Estados Unidos (ela leciona em Bekerley, nas últimas décadas), acostumaram-se a intensa correspondência, e-mails

disparados de todos os lados, incessantemente.